

**CRISTIANE CECCHIN**

**LITERATURA PARA UMA VIDA EM MATRIMÔNIO**  
***A construção das sensibilidades conjugais em***  
***manuals de civilidade***

**Mestrado em História**

**UFSC**

**2010**



Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas - CFH  
Programa de Pós - Graduação em História - PPGH

*CRISTIANE CECCHIN*

*LITERATURA PARA UMA VIDA EM MATRIMÔNIO*  
*A construção das sensibilidades conjugais em*  
*manuais de civilidade*

Texto apresentado ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do grau de Mestre em História, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Bernardete Ramos Flores, e co-orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Roselane Neckel.

Florianópolis, 2010.

## **BANCA EXAMINADORA**

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para  
obtenção do título de

### **MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL**

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Bernardete Ramos Flores (Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Roselane Neckel - PPGH/UFSC (Co-orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Izilda Santos de Matos - PUC/SP (Membro)

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Teresa Santos Cunha - PPGH/UDESC (Membro)

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Ana Lize Brancher (Suplente)

Florianópolis, 2010.

## RESUMO

Intentou-se, neste trabalho, discutir a construção das sensibilidades conjugais como um processo de subjetivação vinculado a um projeto Biopolítico, cujas finalidades se dirigem aos procedimentos de (auto) gestão da vida, através de sua politização incluída em um processo civilizador. Os manuais de civildade - interpretados assim por divulgarem preceitos e códigos de conduta - são aqui analisados como "guias matrimoniais" que, empregados como dispositivos de subjetivação, acionam seus discursos de normalização através da leitura, na construção das subjetividades agenciadas pelo conceito de felicidade individual. Frente aos imperativos da educação sexual e da informação, por meio da vulgarização de preceitos científicos à população leiga, é ativada a reflexão individual que leva ao autoconhecimento e à constituição das verdades e dos cuidados sobre si. Deste modo, a intervenção dos discursos na composição subjetiva opera, com ênfase, no investimento sobre noções como a regulação da vida sexual (nos problemas da procriação e do uso dos prazeres) e conjugal (em sua moralização pelo amor romântico no matrimônio), bem como as funções de gênero na insensificação das percepções sobre o casamento (pela realização da vida afetiva e sexual).

Como obras de autoria de médicos e cientistas europeus, em sua maioria publicadas na primeira metade do século XX, pretendeu-se atentar para o investimento editorial brasileiro na publicação das traduções e reedições deste tipo de material nas décadas de 1940 e 1950 no Brasil. Ao considerar a existência de uma gama de intelectuais brasileiros nas mais diversas áreas, dedicados ao tratamento do mesmo tema, objetivou-se aqui investigar os discursos recorrentes em um contexto internacional diversificado, em sua circularidade nos diferentes momentos e espaços sociais, por meio de traduções e reedições, dada a sua inserção no cenário brasileiro. Desta maneira, diante de uma teia de discursos heterogêneos em sua diversidade de posicionamentos científicos, morais e religiosos na composição da vida conjugal, interpretou-se a divulgação destes guias para o matrimônio como conduzida a um mesmo propósito central: a gestão do casal e das famílias medicalizadas como pressuposto da gestão da população, através da (auto) gestão da vida politizada e incluída no processo civilizador.

**Palavras – Chave:** Manuais de Civildade; Subjetividades; Sensibilidades conjugais; Matrimônio.

## ABSTRACT

We tried on this work, to discuss the construction of the marriage sensitivities as a process of subjectivity linked to a Biopolitical project, whose purposes are directed to the procedures of (self) management of life, through its politicization included in a civilizing process. The manuals of civility - as interpreted by disclosing precepts and codes of conduct - are examined here as "marriage guides," which employed as subjectivity devices, trigger their normalization speeches through reading, on the construction of subjectivities agencied by the concept of individual happiness . In face with the imperatives of sex education and information through the popularization of scientific principles to the lay population, is activated the individual reflection that leads to self-knowledge and the establishment of truth and selfcare. Thus, the intervention of the speeches in the subjective composition operates, with emphasis on investment in concepts such as sexual life (the problems of procreation and the use of pleasure) and marital (in its moralizing role by romantic love in marriage) and as gender roles in enhancing perceptions of the marriage (for the realization of their emotional and sexual life).

As works written by European scientists and doctors, mostly published in the first half of this century, we intended to be attentive to the editorial investment in the publication of translations and reprints of this type of material in the 1940s and 1950s in Brazil. In considering the existence of a range of Brazilian intellectuals in several areas, dedicated to the treatment of the same theme, our objective was to investigate the recurring discourses in international context, diverse in its circularity in different times and social spaces, through translations and reissues, given its inclusion in the Brazilian scenario. Thus, on a net of heterogeneous discourses in their diversity of scientific positionings, moral, and religious composition of married life, we interpreted the disclosure of these guides for marriage as being conducted with the same core purpose: the management of the couple and the families medicalized as condition for population management, through the (self) management of politicized life and included in the civilizing process.

**Keywords:** Manuals of Civility; Subjectivities; Marriage Sensitivities; Marriage.

## AGRADECIMENTOS

Em tudo o que realizamos, a tudo o que dedicamos tempo, atenção e empenho, nenhum resultado é fruto de trabalho exclusivo ou isolado. Nas “redes de sociabilidade” que construímos, há sempre alguém, ou muita gente por perto, fazendo com que o que buscamos seja possível - diretamente ou nos menores detalhes mais altruístas.. nas inspirações, nos conselhos, no apoio incondicional. Nesta minha realização, há muito o que agradecer a todas as presenças que de uma maneira ou de outra me ampararam neste intenso caminho. Alguns reconhecimentos são indispensáveis e devem ser partilhados.

Começo com um eterno obrigada aos meus amados pais – Augusto e Sizinha - a quem meu amor é dedicado para além dos laços de sangue ou da condição de família, construído nas simples lições diárias de que é impossível deixar o afeto se perder nas distâncias que surgem. Agradeço à minha mãe pelo suporte, pelo carinho, confiança e compreensão. Aquela mulher cujo colo de socorro nas horas difíceis é sempre garantido, que segura firme e me arremessa pra frente quando quero travar. Minha maior ouvinte e minha melhor conselheira. Ao meu pai devo a oportunidade de construir minha personalidade e defender minhas opiniões, aprendendo e ensinando a viver. Foi ele quem me ensinou a pensar, a apontar, criticar, e até mesmo hoje, quando discordamos na maioria das discussões, nossas conversas são inspiradoras e me fazem refletir sobre as possibilidades antes não consideradas.

Ao meu amor de todos os momentos, aquele que me acompanhou desde o dia em que aqui cheguei, para estudar. Kurt, meu marido, meu companheiro, amigo de existência. Não tenho palavras para agradecer ao apoio indispensável em todos os aspectos da minha vida. Ele foi minha família, meu exemplo de profissional, minha ajuda nas dúvidas mais elementares, ele me fez entender e aprender muito do que o mundo tem a mostrar. Nesta dissertação, desde a busca pelas fontes, a realização e o tratamento das imagens, os cuidados com os *softwares* no computador, as conversas e as discussões que perturbam e fazem refletir, escrever... tudo tem a mão dele. Não sei como teriam sido os meus oito últimos anos sem você, mas sem dúvida, seriam muito menos produtivos e interessantes. Amo-o demais!

Agradeço muito à minha orientadora, Maria Bernardete Ramos Flores, por toda a base que tornou possível a realização deste trabalho. A competência, o cuidado, a dedicação, as excelentes reflexões inspiradoras às minhas dúvidas e angústias. O apontamento franco do que não era pertinente, o elogio motivador quando era adequado, são exemplos de profissionalismo que me fizeram confiar no aprimoramento constante do trabalho. Obrigada pela compreensão nos

diversos prazos não cumpridos, e pela confiança demonstrada nos momentos em que precisei.

Também tenho a agradecer à Roselane Neckel, minha co-orientadora, pelas excelentes sugestões de leitura que inspiraram muitas das reflexões sobre o tema geral desta pesquisa. Foi ela quem tornou possível a realização de meu exame de qualificação.

À Maria Teresa Santos Cunha, minha primeira orientadora no TCC, por ter-me iniciado no meio acadêmico, e proporcionado as bases da minha atuação profissional nas diversas oportunidades de trabalho que me ofereceu. É importante lembrar que as idéias iniciais de meu projeto de mestrado surgiram nos primeiros contatos com os manuais de civilidade, em seu projeto de pesquisa “Tenha Modos!”, no qual atuei entre 2005 e 2007 como bolsista de iniciação científica. Obrigada também pelas primorosas dicas que, na qualificação, entre sugestões de bibliografia e utilizações de termos, permitiram repensar os vários problemas que dificultavam o desenvolvimento deste trabalho.

À Sílvia Arend, que foi minha co-orientadora do TCC, obrigada igualmente pelas excelentes sugestões que ajudaram a repensar e a reestruturar a abordagem teórica das fontes aqui discutidas. Agradeço pelas sugestões de leitura e pela atenção que dedicou ao meu texto na qualificação.

Aos meus irmãos – Tati e André – por fazerem parte da minha vida e torná-la mais feliz, pelo simples fato de existirem. Ao André, por sua alegria e espontaneidade que me fazem rir e relaxar, criando momentos leves em todas as vezes em que volto pra casa. À Tati, por me ensinar que é possível amar e sentir falta de alguém mesmo quando as divergências nos fazem, por momentos, acreditar no oposto. A ela também devo a ajuda na cata das bibliografias que estavam na biblioteca da UDESC.

Quero agradecer muitíssimo à minha eterna amiga Michelle, por sua presença constante na minha vida acadêmica, que, em meio a bares, cafés, cinemas, fofocas e risadas, ajudou a abstrair os problemas quando eles pareciam pesados demais. Obrigada pelo apoio em todos os momentos, e pelo ouvido sempre disposto a atender minhas angústias e me aconselhar em todos os sentidos, sem exceção. Não posso esquecer da querida Daniela, que, apesar da distância nestes últimos dois anos de tarefas dissertativas, não deixou de me acudir quando precisei, e me proporcionou bibliografias importantíssimas para a finalização do meu trabalho.

Nestes agradecimentos, não posso esquecer da melhor avó do mundo, a amada dona Universina, que está sempre presente, nos conselhos e no conforto espiritual indispensável para recarregar as energias, sempre que retorno pra casa.

Devo agradecimentos especialíssimos também aos meus sogros – pai e mãe número dois: René e Tita, pelo apoio incondicional em todas as decisões e projetos que realizamos aqui. A preocupação, os conselhos, a presença

constante, são atitudes que mantêm o carinho e o afeto sempre vivos nos laços de família que construímos ao longo do tempo.

A todos os meus colegas e professores do curso de mestrado, fundamentalmente aos meus amigos de estudos e trabalhos do Labharte, de quem tive o prazer de me aproximar nestes últimos dois anos. Às professoras Ana Lize Brancher e Maria F. Piazza, pelas conversas e aulas inspiradoras, pelas orientações não oficiais e pelas oportunidades de exercício acadêmico. Aos queridos amigos Clarice, Fabio, Éverton, Augusto, Fernando e Lucécia, que, na parceria dos trabalhos e das obrigações acadêmicas, proporcionaram momentos de alegria e descontração nas aulas e nos bares que circundam a UFSC.

Obrigada novamente à querida Profa. Maria Teresa Santos Cunha, por ter aceitado compor a banca de defesa deste trabalho. E finalmente, um obrigada especial à Profa. Maria Izilda Santos de Matos, por sua disponibilidade e seu aceite ao convite para compor esta banca, em meio à sua infinidade de viagens e compromissos acadêmicos.

Por final, agradeço à Coodenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo auxílio financeiro que, por intermédio do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, financiou em período integral o desenvolvimento desta pesquisa.

E apesar de todos os agradecimentos específicos que aqui realizei, sem dúvida inumeráveis amigos e familiares não foram mencionados. Pessoas que, entre uma conversa e outra, uma atitude, uma palavra de inspiração, fazem a diferença e nos impulsionam para a continuação do que às vezes parece bastante complicado. Muito obrigada a todos que participaram deste processo, e que de várias maneiras, ofereceram momentos de alívio, amizade e compreensão.



*A vida brota a partir de milhares de fontes vibrantes, entrega-se a todos que a agarram, recusa-se a ser expressa em frases tediosas, aceita apenas ações transparentes, palavras verdadeiras e o prazer do amor (...)*

*Wilhelm Reich. Beyond Psychology, 1939.*

## SUMÁRIO

Lista de figuras.....	11
Introdução .....	13
Relação das fontes .....	36
<b>O PROBLEMA DO CASAMENTO. DISCURSOS BIOPOLÍTICOS NOS MANUAIS .....</b>	<b>37</b>
<i>A preparação para o casamento.....</i>	<i>41</i>
<i>Procriação e planejamento familiar.....</i>	<i>51</i>
<i>Sangue burguês e as teorias da hereditariedade.....</i>	<i>57</i>
<i>Uma ciência para intervenção no corpo físico .....</i>	<i>62</i>
<i>Por uma construção das sensibilidades conjugais .....</i>	<i>74</i>
<i>O amor na família: técnicas de subjetivação .....</i>	<i>78</i>
<i>Preceitos religiosos e os discursos da ciência.....</i>	<i>86</i>
<b>MULHERES ESPOSAS, HOMENS MARIDOS. SEUS ESPAÇOS NA FAMÍLIA .....</b>	<b>99</b>
<i>Família e trabalho, educação e autonomia feminina.....</i>	<i>101</i>
<i>Leituras direcionadas e as vozes autorizadas .....</i>	<i>110</i>
<i>Mulheres esposas, mães e amantes. O casamento é seu .....</i>	<i>113</i>
<i>Prazer sexual como direito de mulher.....</i>	<i>116</i>
<i>Maternidade como alvo do prazer .....</i>	<i>121</i>
<i>Pudor virginal e moral feminina.....</i>	<i>124</i>
<i>Homens maridos... homens amantes. O dever do júbilo sexual.....</i>	<i>127</i>
<i>Reprovações da libertinagem masculina .....</i>	<i>133</i>
<b>Quadro comparativo das fontes .....</b>	<b>138</b>
<b>ALÉM DO DISCURSO. LIVROS E EDITORES, AUTORES E REFERÊNCIAS .....</b>	<b>140</b>
<i>Breves observações sobre uma “perenidade” das publicações.....</i>	<i>143</i>
<i>Os problemas do casamento no mercado editorial brasileiro.....</i>	<i>151</i>
<i>De autores, tradutores e referências. Enunciados recorrentes entre estrangeiros e brasileiros.....</i>	<i>159</i>
<i>Dispositivos textuais. “O texto entre o autor e o editor”.....</i>	<i>167</i>
<i>Um público leitor como “alvo” dos discursos .....</i>	<i>178</i>
<i>Objetos que comunicam. Livros como suporte dos discursos.....</i>	<i>181</i>
<b>NORMAS PELA LEITURA. GUIAS MATRIMONIAIS COMO DISPOSITIVOS DE SUBJETIVAÇÃO (À guisa de considerações finais) .....</b>	<b>197</b>
<b>Referências .....</b>	<b>217</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>Fig. 01</b>	Ciência conjugal - KAHN, F. <i>Amor e felicidade no casamento</i> . [s.d].....	43
<b>Fig. 02</b>	As doenças venéreas - CARNOT, E. <i>A Serviço do Amor</i> . [s.d].....	63
<b>Fig. 03</b>	Descrição das doenças - CARNOT, Edith, <i>A Serviço do Amor</i> . [s.d].....	65
<b>Fig. 04</b>	Descrição das doenças - CARNOT, Edith, <i>A Serviço do Amor</i> . [s.d].....	65
<b>Fig. 05</b>	Descrição das doenças - CARNOT, Edith, <i>A Serviço do Amor</i> . [s.d].....	66
<b>Fig. 06</b>	Controle da gravidez - CARNOT, E. <i>A Serviço do Amor</i> . [s.d].....	67
<b>Fig. 07</b>	Profilaxia - CARNOT, E. <i>A Serviço do Amor</i> . [s.d].....	70
<b>Fig. 08</b>	Gráfico I demonstrativo das variações hormonais femininas. STOPES, M. <i>Amor e casamento</i> , 1928.....	119
<b>Fig. 09</b>	Gráfico II demonstrativo das variações hormonais femininas. STOPES, M. <i>Amor e casamento</i> , 1928.....	119
<b>Fig.10</b>	Exemplos de citações no texto - KAHN, F. <i>Amor e Felicidade no casamento</i> , [s.d].....	163-164
<b>Fig. 11</b>	Advertência - STOPES, M. <i>Amor e casamento</i> , 1929.....	172
<b>Fig. 12</b>	Advertência - CARNOT, E. <i>A Serviço do Amor</i> . [s.d].....	172
<b>Fig. 13</b>	Advertência - DESMARAIS, M. <i>O Amor na Era Atômica</i> , 1953.....	172
<b>Fig. 14</b>	Advertência - CARNOT, E. <i>A Serviço do Amor</i> . [s.d].....	173
<b>Fig. 15</b>	Notas de rodapé - KAHN, F. <i>Amor e felicidade no casamento</i> . [s.d].....	173
<b>Fig. 16</b>	Nota - CARNOT, E. <i>A Serviço do Amor</i> . [s.d].....	174
<b>Fig. 17</b>	Nota - CARNOT, E. <i>A Serviço do Amor</i> . [s.d].....	174
<b>Fig. 18</b>	Índice - CARNOT, E. <i>A Serviço do Amor</i> [s.d].....	175
<b>Fig. 19</b>	Índice - VELDE, T. <i>Capaz ou Incapaz para o casamento?</i> 1953.....	175
<b>Fig. 20</b>	Parte do índice - KAHN, F. <i>Amor e Felicidade no casamento</i> . [s.d].....	176-177
<b>Fig. 21</b>	Capa e lombada - STOPES, M. <i>Amor e casamento</i> , 1929.....	186
<b>Fig. 22</b>	Capa - VELDE, T. <i>Capaz ou incapaz para o casamento?</i> 1953.....	186
<b>Fig. 23</b>	Capa - ANDRÉE. <i>A mulher e a vida conjugal</i> , 1958.....	186

<b>Fig. 24</b>	Capa - DESMARAIS, M. <i>O Amor na Era Atômica</i> , 1952.....	187
<b>Fig. 25</b>	Capa - CARNOT E. <i>A Serviço do Amor</i> , [s.d].....	187
<b>Fig. 26</b>	Capa e lombada - HILLIARD, M. <i>A mulher diante da Vida e do Amor</i> , 1960.....	187
<b>Fig. 27</b>	Capa e lombada - KAHN, F. <i>Amor e Felicidade no casamento</i> , [s.d].....	187
<b>Fig. 28</b>	Lombadas, 03 Volumes - KAHN, F. <i>Amor e Felicidade no Casamento</i> [s.d].....	188
<b>Fig. 29</b>	Contracapa - ANDRÉE. <i>A mulher e a vida conjugal</i> , 1958.....	199
<b>Fig. 30</b>	Contracapa - DESMARAIS, M. <i>O Amor na Era Atômica</i> , 1952.....	189
<b>Fig. 31</b>	Contracapa - CARNOT, E. <i>A Serviço do Amor</i> , [s.d].....	189
<b>Fig. 32</b>	Contracapa - VELDE, T. <i>Capaz ou incapaz para o casamento?</i> 1953.....	189
<b>Fig. 33</b>	Orelhas - DESMARAIS, M. <i>O Amor na Era Atômica</i> , 1952.....	190
<b>Fig. 34</b>	Orelhas - VELDE, T. <i>Capaz ou Incapaz para o casamento?</i> 1953....	190
<b>Fig. 35</b>	Capas de rosto.....	191
<b>Fig. 36</b>	Exemplos de ilustrações / gravuras - KAHN, F. <i>Amor e Felicidade no casamento</i> . [s.d].....	195-196
<b>Fig. 37</b>	Coluna Evangelho das Mães, <i>Revista Jornal das Moças</i> , Outubro de 1949.....	208
<b>Fig. 38</b>	Coluna Fatos, Idéias e Opiniões <i>Revista O Cruzeiro</i> , Abril de 1949.....	209
<b>Fig. 39</b>	Segmento de crônica da <i>Revista Jornal das Moças</i> Outubro de 1942.....	209
<b>Fig. 40</b>	Segmento de crônica da <i>Revista Jornal das Moças</i> , Outubro de 1942.....	209
<b>Fig. 41</b>	Segmento de crônica da <i>Revista Jornal das Moças</i> , Outubro de 1942.....	210
<b>Fig. 42</b>	Anúncio publicitário na <i>Revista O Cruzeiro</i> , Abril de 1932.....	210
<b>Fig. 43</b>	Anúncio publicitário na <i>Revista O Cruzeiro</i> , Junho de 1949.....	210

## **INTRODUÇÃO**

Hoje, mais de que em tempo algum, é necessário que haja lares felizes. Espero que este livro seja útil ao meu paiz, augmentando o numero d'aquelles. Seu intuito é tornar mais intensa a ventura do estado conjugal e mostrar como póde evitar-se o sofrimento dos consortes. A única base bem solida para uma nação hodierna é a fusão em casaes das unidades isoladas de seu povo; mas abalam-se perigosamente os alicerces da mesma se é avultado o numero de seus casamentos infelizes. [...]¹

Pelo prefácio da Dra. Marie Carmichael Stopes em sua obra *Amor e casamento - Nova contribuição para a solução do problema sexual*, é possível aludir à construção de uma normalização da família - através dos conselhos ao bom andamento da vida conjugal, legitimada pelo casamento - na conformação das funções do matrimônio a novas problematizações sociais. Marie C. Stopes foi uma respeitável cientista e prolífica escritora, proponente ativa da educação sexual e discussões públicas acerca dos problemas sentimentais e sexuais do casamento no

---

¹ STOPES, Marie Charmichael. *Amor e casamento: Nova contribuição para a solução do problema sexual*. 1º Ed. Tradução de Godofredo Rangel. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929. Prefacio.

início do século XX.<sup>2</sup> Após a anulação de seu primeiro casamento em 1916, Stopes voltou-se à investigação científica para escrever e refletir sobre tais questões. *Married Love* apresenta-se como sua primeira publicação em 1918, tendo sido sucedida por outros escritos no ramo, e traduzida para o português em 1929 - data de sua primeira edição no Brasil. O livro obteve grande êxito e circulação na Grã Bretanha, sendo considerado como um “manual para o casamento” por seu formato instrutivo com aconselhamentos, utilizando linguagem simples e acessível a uma vasta audiência leiga, ao buscar a educação dos casais por seu contato direto com o assunto.<sup>3</sup>

Frente às afirmações da autora no trecho exposto acima, indagamos sobre o imperativo da multiplicação no número de lares felizes no momento em que é lançado o livro. Por que entende como indispensável a felicidade no casamento? O que direciona uma cientista à produção de um material impresso cujo intuito seja auxiliar os casais no aperfeiçoamento e na manutenção da felicidade conjugal? O que justifica uma afirmativa sobre a construção da nação contemporânea pela consolidação do matrimônio em bases sólidas e bem alinhadas? Estas são as indagações fundamentais que norteiam as investigações deste estudo. Perceber na produção discursiva de obras como esta, a construção das sensibilidades conjugais em uma ‘literatura de civilidade’ disposta à criação das “verdades” matrimoniais no período considerado.

Pretende-se, assim, investigar a construção de práticas culturais que serviram de sustento a uma problemática social que procurava viabilizar um ‘processo civilizatório’ no Brasil. Neste caminho, a introdução de uma ‘norma familiar burguesa’<sup>4</sup> associada à gestão de uma população que se procura forjar pela eminência da modernidade,

---

<sup>2</sup> Cf. breve biografia em <http://www.answers.com/topic/marie-stopes>

<sup>3</sup> Consideração do contexto inglês. Sobre a publicação em português, a discussão integrará a proposta de reflexão deste trabalho.

<sup>4</sup> A norma familiar burguesa surge inicialmente como plano para as elites e camadas médias no Brasil, e caracteriza-se por conjuntos de práticas e valores indicados principalmente pela presença de representações sociais que conformam o chamado amor romântico entre os cônjuges - sinalizado pela sexualidade do casal, que deveria ser pautada pelas práticas de monogamia e heteroerotismo. Nesta norma, à mulher caberia a administração do mundo doméstico; e ao *homem provedor*, a atuação no mundo público. As relações de consanguinidade e afetividade são as que marcam as definições de parentesco entre os membros da família, reforçadas pelos direcionamentos do amor paterno e, fundamentalmente, o materno em relação aos filhos. Sobre o assunto ver AREND, Silvia. *De exposto a menor abandonado: uma trajetória jurídico social (Brasil, 1828 – 1927)*. In: VENANCIO, Renato P. *Filhos da Piedade. Uma história dos expostos no Brasil e em Portugal*. No prelo.

pode pressupor a compreensão de preceitos para a demarcação do espaço da família e da atuação dos pais e filhos no ambiente privado – nas representações da intimidade e da privacidade no âmbito familiar. A sinalização do espaço privado pode ser compreendida, assim, como o ‘eixo possibilitador’ das noções de civilidade que se investem de sentidos no espaço público – o das sociabilidades.<sup>5</sup>

Identificadas como Manuais de Civilidade<sup>6</sup>, por sua elaboração apresentada como de caráter prescritivo / normativo, estas obras podem ser apontadas como importantes elementos auxiliares na difusão das normas de comportamento adequadas à nova percepção de sociabilidade que se instaura no desejo de uma nova sociedade. A investigação de exemplares assim definidos pode identificá-los como textos legitimadores da transformação nas posturas emergentes em cada época e aos espaços a que eram destinadas suas leituras. Os manuais de civilidade ganharam tal definição por se apresentarem como *guias*, que escritos em linguagem clara e direta para facilitar a leitura, surgiram com a finalidade de orientar o bom desempenho da vida social, ao ensinar, pela prescrição, um conjunto de normas necessárias a este propósito - baseadas na construção das aparências e nas formas de “apresentação de si aos olhos de seus iguais”.<sup>7</sup> Neste sentido, Schwarcz denota que, paralelamente à conformação dos padrões de comportamento socialmente aceitáveis, definidos por sua distinção na classe que o deliberava, tomava força “um novo gênero literário dedicado às boas maneiras e comportamentos”.<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> Caracterizadas por Norbert Elias como uma rede de relações de reciprocidade entre os indivíduos em suas diferentes formas de interdependência social. O grau desta interdependência entre os indivíduos determinará a forma da estrutura social de cada grupo, a qual definirá, na exigência da diferenciação social de cada um, a modificação do comportamento humano e a organização dos padrões de conduta e de sensibilidade exigidos para sua inclusão no grupo estruturado. Cf. ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização*. Vol 02. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

<sup>6</sup> Vale ressaltar que nem sempre (ou quase nunca) as obras são assim referidas por seus autores. Porém, são neste estudo interpretadas como tais pela inserção de seus discursos e intenções prescritivas voltadas à conformação de um projeto ‘civilizador’ para o Brasil – frequentemente elaborado pelas vias da atuação / constituição do espaço familiar no núcleo íntimo burguês.

<sup>7</sup> RAINHO *apud* PECHMAN, Robert Moses. *Cidades estreitamente vigiadas: o detective e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002. Pg 83

<sup>8</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. Pg.197



A observância de uma ordem prescritiva num material desenvolvido como manual não possui a intenção, contudo, de definir as normas ou regras exibidas como leituras obrigatórias de caráter compulsório ou repressivo dos desvios resistentes. Justo contrário, as leituras dos manuais, embora prescritivas, demonstram caráter internalizador, de propósito normativo e persuasivo, no intuito de substanciar uma lógica participativa e abrangente dos preceitos de civilidade. O designar de uma normalização<sup>9</sup> da sociedade se mostra, desta forma, no esforço dos ensinamentos para a adequação do comportamento a uma existência civilizada, ao oferecer como preceitos da civilidade o autocontrole e a *boa educação* – determinados como normais e socialmente aceitáveis.<sup>10</sup> O caráter normativo e persuasivo destas obras procura auxiliar na construção das sensibilidades, que só são possíveis diante dos processos de subjetivação que as prescrições deste tipo de literatura procura programar. A construção das sensibilidades conjugais é vinculada, deste modo, a um projeto Biopolítico cujos procedimentos são desenvolvidos através de dispositivos de subjetivação, dos quais a literatura, incluindo os manuais de civilidade, é parte integrante.

O conceito de Biopolítica foi elaborado por Michel Foucault com a finalidade de designar a entrada da vida e do corpo humano, em todos os seus atributos, no domínio político de regulação da sociedade.<sup>11</sup> Apesar de Foucault ter criado o conceito de Biopoder para indicar as preocupações com um "racismo de Estado" cujo auge de expressão se compôs no início do século XX, não é este o enfoque que abrange a situação dos guias matrimoniais. A Biopolítica foucaultiana é aqui enfrentada como a otimização do poder em prol da organização das condutas individuais que, através do estabelecimento dos cuidados de si, podem culminar no processo conjunto de uma população inserida nas táticas deste poder. Neste aspecto, a ampliação de Agamben para a

---

<sup>9</sup> No sentido de tornar normal, regularizar, pela criação de conceitos que definem o socialmente aceitável como contrário ao anormal - fora dos padrões estabelecidos na ordem de uma Norma.

<sup>10</sup> A análise da construção das civilidades aqui se volta aos pressupostos teóricos de Norbert Elias, em seu *Processo Civilizador*. Cf. ELIAS, Op. Cit.

<sup>11</sup> A partir do século XVIII, a vida dos indivíduos passa a ser "politizada" por meio de procedimentos dedicados a garantir a reprodução e a sobrevivência da espécie, além de diversas tecnologias de poder, como as instituições disciplinares (a escola, a fábrica, a prisão e o hospital) focadas na administração dos processos biológicos dos corpos humanos, cada vez mais esquadrihados e inseridos na regulação social. Cf. FOUCAULT, Michel. "Aula de 17 de março de 1976". In: *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005; "O nascimento da biopolítica". In: *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

politização da vida, numa afirmação da arte de viver e "dar forma à vida de um povo", pode indicar as estratégias de um Biopoder nos dispositivos de normalização. Estes, como mecanismos de "regulação da vida", são inscritos em uma racionalidade política que irá motivar, de uma maneira micropolítica e até mesmo socialmente promovida, a gestão das condutas individuais no grupo social.

Contudo, a mecanização do poder nos processos de gestão da vida não se implementa de forma compulsória, vertical ou exclusiva de um grupo definido que o possa deter. De acordo com Foucault, o poder em suas manifestações Biopolíticas é exercido em diferentes técnicas de que procuram alcançar toda a sociedade de maneira horizontalmente disseminada. Nas diversas estratégias políticas, portanto, deve-se perceber a atuação dos guias matrimoniais como dispositivos de subjetivação para além das ações específicas do Estado, que não devem ser consideradas como responsáveis exclusivas pela produção destes aparelhos políticos. Posto que as iniciativas individuais da sociedade civil caminham de forma constante e paralela nestes investimentos de (auto) gestão da vida, porém, atendendo sempre a perspectivas sociais e políticas contemporâneas em seus anseios, nos modos horizontais de constituição do poder.

Uma constituição das sensibilidades deve ser percebida, portanto, em um processo dinâmico de subjetivação cuja complexidade será articulada às ofertas culturais e sociais que auxiliam no agenciamento dos valores, desejos e afetos experimentados de múltiplas maneiras, de acordo com os sujeitos, os espaços e os momentos de sua atuação social.<sup>12</sup> Desta maneira, de acordo com Maria Izilda Santos de Matos, os dispositivos que oferecem a matéria prima para a expressão das sensibilidades devem ser apreendidos na flexibilidade das diversas subjetividades, sempre abertas a redefinições da individualidade, de acordo com as percepções e a configuração social do momento em que se encontra o sujeito. Problematizar a universalidade dos sentimentos e das práticas sociais, repensar a neutralidade dos sujeitos em relação à construção dos discursos sobre sua vida. Estes seriam os objetivos de uma história que propõe a subjetividade e as sensibilidades em seu percurso. Discursos que agem na formação dos corpos, cuja

---

<sup>12</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de Emoções. Corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

subjetivação será responsável pelo agenciamento das sensibilidades que poderão, somente, efetivar tal constituição.

A maioria dos manuais observados em circulação em meados do século XX<sup>13</sup> contém um capítulo ou parte dedicada aos aconselhamentos sobre como construir a *vida em família*. Nessas notas, existem conceitos instrutivos sobre como a dona de casa deverá organizar o lar para manter a família unida e estável, bem sobre como deverá proceder na educação das crianças para que aprendam a se tornar adultos respeitáveis e aptos ao bom convívio em sociedade. Cabe ressaltar que o modelo de família aludido é sempre o vinculado à norma burguesa, percebido como padrão universal e idealizado de organização da vida privada, com poucas considerações sobre outras realidades familiares existentes. Nos exemplares eleitos para esta pesquisa, considerados como "guias matrimoniais", a tônica discursiva se elabora na divulgação de códigos que busquem integralmente a construção da vida em família, ao se apresentarem como de providencial importância para a instrução dos casais aos objetivos do casamento. Deste modo, o 'papel civilizador' destes guias matrimoniais é compreendido pela ênfase dos assuntos abordados na constituição de uma população urbanizada, inserida nas preocupações médicas, nos trâmites da civilização e das boas condutas sociais. Na descrição, pelos autores, de alguns exemplares como "livro claro, asseado, decente"<sup>14</sup>, pode-se indicar o empenho dos textos nesta constituição dos casamentos sanitarizados e *A Serviço do Amor*<sup>15</sup>.

Diante da observação de que grande parte dos autores destes manuais dedicados ao amor conjugal eram médicos e cientistas, é possível constatar o caráter sanitarista das obras, que procuravam divulgar seus discursos através de uma vulgarização dos preceitos científicos à população leiga em geral. Neste âmbito de discussões, insere-se a problematização do discurso médico - higienista no Brasil, que desde meados do século XIX, e principalmente no início do século

---

<sup>13</sup> Alguns destes manuais já começam a ser editados e divulgados no Brasil no final do século XIX, direcionados para a elite que começava a se urbanizar, introduzindo "regras de como comportar-se em festas, eventos da sociedade, artes de bem viver, inspirados em manuais franceses." Cf. CUNHA, Maria Teresa Santos. *Tenha Modos! Manuais de Civilidade e Etiqueta na Escola Normal. (1920-1960)*. In: Comunicação Coordenada: De cor e salteado para ver e viver: lições em manuais do século XIX e XX. VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Uberlândia – MG. 17 – 20 de Abril de 2006.

<sup>14</sup> Cf. CARNOT, Edith; CARNOT, Dr. J. *A Serviço do Amor*. 2ª Edição feminina. Tradução Prof. José Warken. São Paulo: Livraria Catedral, [s.d].

<sup>15</sup> *Idem*.

XX<sup>16</sup>, procurou, através de um discurso científico e autorizado, delinear as regras do comportamento social com o intuito de desenvolver uma sociedade – além de civilizada e urbanizada, também medicalizada e sanitizada - inserida nos padrões do progresso e do desenvolvimento internacionais.

Nas concepções de Jurandir Freire Costa, através do dispositivo médico como saber autorizado e prescritivo, os investimentos estatais do final do século XIX procuraram incidir sobre a organização da vida em família pela intervenção normativa, com a finalidade de adequar a organização familiar às exigências disciplinares da nova sociedade. O saber médico como linha de frente dos interesses estatais, conjugaria os dispositivos de persuasão para defender a saúde física e moral das famílias, e a ação médica interventora e mediadora autorizada entre a família e o Estado, possibilitaria a divulgação das normas que buscavam uma ordenação dos indivíduos livres e independentes. No Brasil, a conexão do discurso médico para a normalização do comportamento da família operou conjuntamente com a transformação do cenário urbano na criação do Estado Nacional.<sup>17</sup> Um impulso de urbanização da família seria voltado, desde então, para a normalização dos indivíduos através da ordem do discurso médico, frente à dificuldade do Estado em ordenar a vida privada, sempre imune à repressão e aos comandos da lei.

Seria justamente o que Maria Stella Bresciani define como uma ‘consagração da ciência’ ao discutir sobre a construção do nacionalismo entre o final do século XIX e início do século XX no Brasil<sup>18</sup>, na exaltação do cientificismo e da objetividade como alvo da edificação de um caráter nacional nas estratégias políticas e intelectuais do momento. De forma semelhante, a também historiadora Maria Bernardete Ramos Flores reflete sobre as propostas científicas que intentavam a constituição nacional pela formação da “raça brasileira” nas estratégias

---

<sup>16</sup> A este respeito, conferir os trabalhos: COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983; e STEPHANOU, Maria. *Saúde, Higiene e Civilidade em Manuais*. In: Comunicação Coordenada: Leituras de sociabilidade: manuais de civilidade. Séculos XVIII a XX. Congresso Nacional Sociedade Brasileira de História da Educação - 2004.

<sup>17</sup> A chegada da Corte na cidade do Rio de Janeiro marca o início deste processo. Cf. COSTA, 1983. *Op. Cit.* Pg. 52

<sup>18</sup> BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil*. São Paulo: EdUNESP, 2005.

eugênicas da gestão da população.<sup>19</sup> As duas autoras dirigem suas investigações a uma gama de “intérpretes” da situação nacional no momento, pensando sobre a configuração de uma *intelligentsia* brasileira constituída por médicos, sexólogos, sociólogos, antropólogos, entre outros intelectuais inclinados à resolução dos estigmas nacionais pelo domínio do saber habilitado e autorizado da ciência. Além disso, atentam para as apropriações profundas entre os escritores brasileiros e estrangeiros, afirmando que o campo conceitual europeu formulado na segunda metade do século XIX e primeira do século XX foi bastante percorrido pelos intelectuais brasileiros no intuito de interpretar a cultura brasileira, diagnosticá-la e indicar os caminhos de sua restauração. Certa reverberação entre as formulações intelectuais brasileiras e européias pode ser percebida, portanto, nas apropriações dos autores europeus pelas intenções civilizatórias dos estudiosos brasileiros do momento.

Neste caminho, são diversos os trabalhos acadêmicos dedicados à reflexão sobre a constituição de um campo intelectual brasileiro com discursos destinados à gestão da população, principalmente no período compreendido entre as décadas de 1910 e 1930 no Brasil. No que concerne aos discursos dirigidos à civilização da família, o investimento da maioria dos estudiosos da área se dirige à investigação dos intelectuais brasileiros que se dedicaram a formular propostas de moralização sexual e familiar em suas apropriações de um campo intelectual europeu, como podemos perceber no trabalho já citado da historiadora Maria Bernardete Ramos Flores. Em sua obra *Tecnologia e Estética do Racismo*, a incidência de nomes como Dr. Afrânio Peixoto, Dr. Renato Kehl, Dr. Hernani de Irajá, Dr. José de Albuquerque, além de Oliveira Vianna, Monteiro Lobato e Adalzira Bitencourt, demonstra um circuito de cientistas e médicos brasileiros que propunham discursos de normalização sexual segundo propostas científicas eugênicas para o aperfeiçoamento étnico da população nas décadas de 1920 e 1930.<sup>20</sup> Entre as obras publicadas por estes autores sobre o assunto, destacam-se *A sexologia forense* de Afrânio Peixoto [s.d]; *Hygiene Sexual* de José Albuquerque em 1929; *Como escolher um bom marido* e *Como escolher*

---

<sup>19</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Tecnologia e Estética do Racismo: Ciência e Arte na política da Beleza*. Chapecó: Argos, 2007.

<sup>20</sup> FLORES, 2007. Op. Cit.

*uma boa esposa*, de Renato Kehl em 1935 e 1923, respectivamente; além de *Sexo e beleza* de Hernani de Irajá em 1938.<sup>21</sup>

Outra historiadora que investigou a atuação de intelectuais brasileiros na proposição de discursos à família foi Ana Maria Magaldi em suas *Lições de Casa*, ao destacar principalmente a ação do campo médico desenvolvido no Brasil através dos textos do psicanalista Júlio Porto-Carreiro.<sup>22</sup> Na reflexão sobre assuntos como "Educação sexual e caráter", "Instrução e educação sexuais", "Profilaxia dos males da emoção", entre outros temas, o médico brasileiro procurava estabelecer propostas para a "modelação" da saúde da família brasileira em obras como *Ensaio de Psicanálise* publicada em 1934 e *Grandezas e misérias do sexo*, em 1940.

Entretanto, é quase inexistente o investimento de estudos na historiografia brasileira sobre a publicação das traduções brasileiras de autores que se dedicavam aos mesmos propósitos. Quando estão presentes nos trabalhos acadêmicos, raramente são cogitados como objeto de pesquisa, sendo representados pelos nomes mais proeminentes nas referências dos autores brasileiros, como o psicanalista Augusto Forel e o sexólogo britânico Havelock Ellis, mais frequentemente. Não obstante a imensidade de traduções brasileiras com autorias de cientistas europeus presentes nas prateleiras de sebos de livros usados em todo Brasil<sup>23</sup>, a maioria dos nomes é muito pouco conhecida ou citada pela historiografia da família e da medicina no país. Através da investigação das edições brasileiras dos guias europeus, é possível notar a tradução de publicações oriundas de diversos países, como França, Alemanha, Portugal, Inglaterra, em seus distintos posicionamentos científicos com as mais diversificadas propostas para a moralização sexual da família em ambientes bem diversificados.

---

<sup>21</sup> Todos citados e analisados por Maria. B. R. Flores, ao discutir sobre a questão sexual na primeira metade do século XX. Idem.

<sup>22</sup> Mais especificamente no capítulo 04: Modelando a saúde da família. Cf. MAGALDI, Ana Maria B. M. *Lições de Casa. Discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007.

<sup>23</sup> É necessário ressaltar que a maior parte dos exemplares adquiridos para este estudo foi encontrada à venda em sebos de livros usados de todo o país. Como parte da metodologia da pesquisa, foi consultado um *site* hospedeiro de sebos virtuais que disponibilizam a venda *on line* destas obras. Muitos dos exemplares estudados foram, também, gentilmente emprestados pelas professoras Maria Bernardete Ramos Flores e – PPGH/UFSC Maria Teresa Santos Cunha – PPGH/UDESC.

Longe de serem analisadas em uma perspectiva homogênea ou consensual nas propostas e nos discursos que divulgam, estas obras são aqui pensadas na complexidade das dissonâncias e dos diálogos que apresentam entre si, por terem sido publicadas em diferentes momentos, e lançadas, principalmente, a partir da década de 1940 no Brasil. Através das aproximações e distanciamentos dos aspectos científicos dos autores em seus discursos, observa-se o desenvolvimento de uma rede de preceitos com uma mesma finalidade central civilizadora para a família. Apesar de publicados em diferentes países da Europa e organizados segundo as expectativas políticas de cada localidade de publicação original, é necessário atentar aqui para os entrecruzamentos entre estas propostas estrangeiras e as organizações políticas brasileiras em suas amplas estratégias de administração social, dadas as suas traduções. Devido à complexidade destas diferenças e aproximações entre as características discursivas das obras analisadas, não foi possível tratar estes assuntos em sua totalidade no trabalho. Para tanto, foi elaborado um quadro comparativo das fontes que, disposto no corpo deste estudo, procura expor de forma muito sintetizada o tratamento dos principais tópicos abordados pelos autores nos seus investimentos sobre a vida matrimonial. Tal procedimento foi utilizado para demonstrar de maneira mais clara as especificidades de cada exemplar, considerando-se sua datação e a procedência da sua tradução publicada no Brasil.

Entre alguns exemplos presentes nas traduções analisadas nesta pesquisa, podemos citar certos títulos elucidativos destas questões. *Capaz ou incapaz para o casamento*, de autoria do médico alemão Dr. TH. H. Van de Velde<sup>24</sup>, procura desenvolver seu conteúdo informativo ao tentar responder eficazmente às perguntas: “Posso, quero, ousar, devo casar-me?”. Sua apresentação na contra-capla da obra como “ex-diretor da Clínica de Ginecologia de Harlem” pressupõe a exposição substancial do livro como amparado pelas resoluções do discurso científico, evidenciado pelo estatuto da palavra autorizada, verdadeira e hábil para as considerações da ordem higienista a que se dispõe.

Já na organização do índice é possível observar a articulação das propostas de constituição matrimonial no intento científico de sua elaboração. As respostas sob o ponto de vista biológico são direcionadas à pergunta “posso?”, através da discussão sobre as aptidões físicas para o casamento, as capacidades procriadoras, as cotações etárias,

---

<sup>24</sup> VELDE, Th. H. Van de. *Capaz ou incapaz para o casamento?* Coleção Biblioteca de Educação Sexual. Tradução de Matheos Lima. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1953.

constituições corporais, produções hormonais, entre outros determinantes anatómicos que possam estabelecer as possibilidades ou os limites para a constituição física do matrimônio. Na reflexão sobre as questões psicológicas da união conjugal, dirigem-se as repostas para a pergunta “quero?”, através de ponderações acerca dos conflitos entre razão e sentimento, dos desejos da procriação envoltos nas forças latentes do matrimônio, assim como dos desvios do impulso sexual. Finalmente, na terceira parte do manual, discussões sob o ponto de vista social do casamento são desenvolvidas nas respostas à pergunta “ousar?”, em cogitações sobre os problemas sociais e morais, de religião e educação, assim como de questões materiais, profissionais, nas avaliações sobre o vínculo existente entre lei, família, raça e questões de hereditariedade. Deste modo, fechando as indagações do manual com a conclusão “devo?”, o Dr. Velde procura, com seu ‘discurso civilizador’ para a família, estreitar o foco de normalização matrimonial através das prescrições às licenças médicas: a constituição do matrimônio pelo ponto de vista da biologia, da psicologia e da sociedade como estabelecida na capacitação do discurso científico.

Outro exemplo das publicações médico – higienistas do período pode ser apresentado na trilogia *Amor e Felicidade no Casamento*<sup>25</sup>, de autoria do médico fisiologista alemão, Dr. Fritz Kahn. Compendio publicado em três volumes: I – O Matrimônio, II – A Vida Sexual e III - Problemas Conjugais, foi publicado a partir da década de 1950 no Brasil<sup>26</sup>. Nesta obra, o Dr. Kahn discute sobre assuntos como a conceituação do matrimônio como prática universal e sua evolução para a forma em que é apresentado na sociedade moderna; as diferenças físicas e psicológicas entre o homem e a mulher; a importância da educação para uma eficaz constituição matrimonial, e ainda, as características que podem autorizar ou limitar o desejo dos indivíduos em contrair matrimônio.

Assim como a maioria dos manuais analisados, a “questão sexual” nas proposições do Dr. Kahn liga-se à perspectiva discursiva dos médicos escritores. Para além dos aspectos sócio-psicológicos dos nubentes, o caráter informativo da educação sexual cruza a linha mestra

---

<sup>25</sup> KAHN, Fritz. *Amor e felicidade no casamento*. Tradutor Guttorm Hanssen. São Paulo: Boa Leitura Editora, [s.d].

<sup>26</sup> Chegou-se a esta conclusão devido à maior parte dos exemplares encontrados nos sebos virtuais possuírem datação ao longo da década de 1950.



do encaminhamento dos noivos à construção do casamento feliz. Tais objetivos se expressam como uma motivação central para a circulação da literatura disposta à educação das sensibilidades conjugais em meio aos projetos políticos que investiam na regulação do amor e do sexo no casal disciplinado. Além da finalidade de dirigir o casamento aos objetivos fundamentais da procriação, o investimento na educação sexual e psicologização da felicidade conjugal se pautavam com entusiasmo nas problematizações da moralização social através da estabilização da família. Um emergente imperativo da felicidade que deveria se resolver na família, através de uma completa, feliz e sadia vida conjugal plena na desenvoltura do amor e da sexualidade. A felicidade na vida sexual segue, assim, a definição do prazer como catalizador das intimidades no núcleo conjugal para a manutenção da abastança em todos os aspectos do enlace matrimonial:

[...] O matrimonio é a forma de vida que permite ao casal humano de nossa ordem social satisfazer o cio a cada vez que lhe vem o ímpeto de fazê-lo. À mesa é satisfeita em comum a fome corporal; na cama satisfaz-se a fome sexual. [...] A vida sexual vivida redime o homem das preocupações sexuais e eleva-o, liberto, às alturas da verdadeira e pura qualidade de homem.<sup>27</sup>

Através do amadurecimento das relações sexuais sadias e bem resolvidas entre o casal, subtraem-se, portanto, os perigos de frustrações nos desejos pessoais que possam culminar na infidelidade conjugal - acarretando a desmoralização do sexo e da família e pondo em cheque a estabilidade do casamento como um todo. Percebe-se, assim, a valorização do prazer sexual como estratégia de manutenção da felicidade e da estabilidade dos laços matrimoniais.

Cabe aqui lembrar que, já a partir da década de 1930, o psiquiatra austríaco Wilhelm Reich (1896 - 1957) publicava obras como *A Revolução Sexual*, *A função do orgasmo*, *Psicopatologia e Sociologia da Vida Sexual*, *O combate sexual da juventude*, entre outras, cujos argumentos afirmavam a necessidade de "abolição de qualquer 'regulamentação moral' rigorosa para liberação sem entraves da energia

---

<sup>27</sup> KAHN, *Op. Cit.* Pg. 385

sexual natural dos indivíduos (...)"<sup>28</sup> Para que o indivíduo alcançasse o máximo prazer através do livre desenvolvimento de sua "libido genital", o cientista europeu defendia a total destruição da moral burguesa responsável pela repressão sexual, principalmente da sexualidade feminina, nas relações conjugais entre os esposos no casamento burguês. Ao tratar sobre o "fiasco da moral sexual" como um dos tópicos de sua Revolução Sexual - apropriada nos movimentos de reivindicação pela liberação sexual dos anos de 1960, o psiquiatra discípulo de Freud insistia na afirmação de que a repressão da energia sexual e a inexistência "orgasmo" seriam fatais para a saúde física e mental dos indivíduos. A perturbação moral que este tipo de discussão causaria na sociedade burguesa do momento, deu vazão a uma série de propostas que buscariam conciliar, a partir de então, a realização sexual dos sujeitos e o reforço da moralização sexual do casamento como forma de preservar certos valores como a virgindade e a indissolubilidade do matrimônio.

Assim, já entre as décadas de 1940 e 1950 é publicada nos Estados Unidos uma pesquisa coordenada pelo médico Alfred Kinsey (1894 - 1956) com o objetivo de investigar os desajustes sexuais entre os esposos no casamento. Com base na opinião pública da época, o "Relatório Kinsey" realizou entrevistas para descobrir quais eram as práticas sexuais exercitadas no cotidiano das relações conjugais, no intuito de instituir uma transformação das intimidades pelo fim da repressão e da culpabilização da sexualidade dos indivíduos.<sup>29</sup> Ao normalizar certas práticas consideradas até então como pervertidas pela medicina da época, a pesquisa traz discussões bastante inovadoras sobre a legitimação de alguns exercícios da sexualidade, como por exemplo: a importância da masturbação feminina, o orgasmo clitoriano, o sexo oral, o sexo anal, e até mesmo o coito pré-conjugal.

Diante disto, podemos perceber as discussões sobre a sexualidade em um período de intensos investimentos científicos para descobrir ou construir suas verdades, entre discursos polifônicos, heterogêneos e conflitantes, porém com um projeto central bem

---

<sup>28</sup> Cf. NECKEL, Roselane. *Pública Vida Íntima. A sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969 - 1979)*. Tese de Doutorado em História. Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 2004. Pg. 147

<sup>29</sup> Idem. Vale destacar que as referidas obras obtiveram longa vida editorial, com o auge de publicações evidenciado nas décadas de 1970 e 1980.

demarcado: a vida sexual dos indivíduos na sociedade. A atuação discursiva dos guias matrimoniais aqui analisados se insere, assim, como parte de um imperativo social bastante divulgado e debatido no momento estudado. Através de posturas científicas e estratégias de subjetivação bastante diversas das pesquisas médicas recém citadas, procuravam reforçar a estabilidade conjugal, utilizando-se da mesma tática implementada pelos dois autores acima: a valorização da satisfação sexual e afetiva individual.

Da mesma forma, a ênfase nas linguagens que legitimam a valorização e o conhecimento do 'verdadeiro amor' como a possibilidade única na manutenção da felicidade conjugal, pode ser apurada como ponto fundamental nos discursos aqui analisados. Observada como categoria histórica e prática cultural construída através de sociabilidades esperadas, a constituição das sensibilidades amorosas<sup>30</sup> em tais obras parece intentar as proposições que uma época incita na delimitação das suscetibilidades conjugais. Pois "amar é querer, não a sua própria satisfação... nem mesmo o prazer e a satisfação de outro... É querer o bem do ser que amamos, sem renuncia à reciprocidade".<sup>31</sup> Perante tais convicções, Jurandir Freire Costa reflete sobre a íntima associação do amor romântico "com a vida privada burguesa [que] o transformou em um elemento de equilíbrio indispensável entre o desejo de felicidade individual e o compromisso com os ideais coletivos."<sup>32</sup>

Deste modo, inicia-se o período das análises a partir de 1940, estendendo-se até o final da década de 1950, por compreender um período de plena afirmação dos valores da família nuclear burguesa, primordialmente nos primeiros cinco anos, com a vigência do Estado Novo - lembrando a forte proposição dos valores burgueses para a família em todo o período varguista<sup>33</sup>. A expansão da industrialização no período Pós – Guerra, a ampliação e difusão da imprensa brasileira como consequência das investidas estadonovistas na educação pelas campanhas políticas de saneamento da população com foco direcionado

---

<sup>30</sup> DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

<sup>31</sup> CARNOT, Op. Cit. Pg. 14

<sup>32</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. Pg. 19

<sup>33</sup> A maior parte dos manuais dispostos à conformação de preceitos para a construção familiar compreende este período. O aparecimento também de grande número de manuais após este momento, pode representar um processo de permanência de tais preceitos, na medida em que se podem observar continuidades de tais modelos percebidos como ideais para a formação das características das compreensões familiares.

à família e à infância - especificamente na década de 1940 - são pontos de reflexão que auxiliam na percepção de um período profícuo à configuração de um padrão de família burguesa no Brasil. A posse e o encontro da datação do material auxiliam igualmente na demarcação do recorte temporal, e reforçam a suposição da vigência de um discurso maior voltado neste momento aos problemas da legitimidade do amor burguês pelo casamento.

As propostas divulgadas pelos manuais, destinadas à gestão da população pela moralização da família, organizam um contexto abrangente a partir já do final do século XIX e início do século XX no Brasil. Muitos dos exemplares encontrados, datados entre as décadas de 1940 e 1950, são publicações de 2ª edição ou mais recentes, sem esquecer que suas edições originais foram lançadas em um período ainda anterior nos países europeus de onde foram importados. Tal situação evidencia a perenidade da produção e circulação destes materiais, que se configura em um investimento com apreensões eminentemente republicanas, ao romper com o ideal de família patriarcal e inaugurar uma nova compreensão de família, pelas bases da norma familiar burguesa. A crise moral por que passa o mundo ocidental após a Primeira Guerra Mundial é igualmente uma das motivações que instituem a moralização dirigida à vida cotidiana bombardeada pelas novidades que fervilhavam nos "Anos Loucos".<sup>34</sup> As modificações da moda feminina, das relações sociais entre os jovens, "invocadoras da sexualidade", incitadas pelas transformações culturais e a modernização tecnológica trazidas à nova vida urbana dos grandes centros, apareciam como verdadeiros "escândalos" da desordem social aos olhos dos grupos mais conservadores.

Ao pensar no período Pós Segunda Guerra Mundial como um momento de intensificação das experiências de urbanização e modernização do país, as preocupações com os perigos da "perversão social" - causada pelas ameaças da promiscuidade no comportamento dos jovens que desejam ser modernos - pode auxiliar na compreensão da contínua produção destes materiais e da insistência em um discurso moralizador para família no momento discutido. A valorização dos bens de consumo, a incitação à vaidade feminina e à mudança de postura das mulheres frente às novidades que construíam o mundo moderno de um

---

<sup>34</sup> Cf. DEL PRIORE, M. Op. Cit.

"*American way of life*"<sup>35</sup>, podem ser entendidas como algumas das urgências que promoveram a continuidade destas obras no mercado editorial brasileiro do momento estudado. Por este motivo, as publicações deste gênero datadas em um período anterior ao aqui proposto não foi rejeitada, dada a circularidade e a recorrência destes discursos em diversos momentos - tomando-se o cuidado de considerar as diferentes interpretações do material no contexto sociocultural de sua impressão. A consideração neste trabalho de traduções publicadas também nas décadas de 1920 e 1930 no país, adéqua-se, portanto, a esta ressalva.<sup>36</sup>

Assim sendo, esta análise dos guias matrimoniais procura ressaltar que, na circularidade deste tipo de material para um período posterior a 1930, as publicações ou reedições, embora utilizassem discursos e propostas semelhantes aos anteriores, serviam para o tratamento de questões e propósitos diferenciados, segundo as preocupações compartilhadas de seu tempo sobre o tema da organização familiar. Por este motivo, é relevante evitar a desconsideração da existência de propostas que, mesmo não sendo tão mais essenciais às inquietações sociais do momento - como preocupações eugênicas, ainda que difundidas nas discussões sobre hereditariedade, ou mesmo o encorajamento da procriação quantitativa - estão presentes nos discursos das obras, e servem no mínimo como sinalização de uma seqüência discursiva que não apresenta cortes abruptos ou periodizações grosseiras nos diferentes contextos em que é produzida.

---

<sup>35</sup> O estilo de vida americano procurou se estabelecer no mundo ocidental através da fabricação de ideologias que ditariam o americanismo como paradigma composto por elementos importantes de persuasão social. Entre eles, as idéias de liberdade, direitos individuais e busca pela felicidade, aliados à noção de um mundo de abundância e à capacidade criativa na livre concorrência de mercado são alguns dos direitos inalienáveis dos cidadãos americanos. Construído como modelo de sociedade para uma "americanização" de todas Américas a partir da segunda metade do século XX, no Brasil foi estabelecido principalmente nas vantagens de mercado a serem exploradas pelo governo e pela população, com a importação em massa de produtos e com a modernização cultural e econômica que constituía o "sonho americano" de viver. Cf. TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor. A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>36</sup> Segundo Ana Maria Magaldi, a circulação dos discursos de moralização da família é com frequência vinculada aos investimentos varguistas de gestão da população, no qual as práticas de intervenção social se estenderam em "múltiplas ramificações até a esfera privada dos indivíduos". Contudo, a historiadora procura ressaltar, em seu trabalho com os discursos pedagógicos destinados à família no Brasil, que a produção dos dispositivos de "modelação social", incluindo os textos que aborda, já se manifestavam em um período anterior a 1930. MAGALDI, Op. Cit. Pg. 23

De outro lado, a inclusão nesta análise de exemplares publicados sem datação fica pautada na observação de uma prática editorial freqüente, em num período em que determinadas apreensões editoriais não se faziam presentes, o que evidenciava uma necessidade mais recente na demonstração de informações relativas ao contexto de publicação das obras como parte de métodos e resoluções acadêmicas e científicas contemporâneas. Nesta concepção, os critérios para a consideração destes textos não datados como participantes do contexto no recorte temporal indicado, vinculam-se à recorrência de linguagens e idiomas em determinados dispositivos textuais que representam tendências e conexões entre os pensamentos presentes em momentos específicos das reverberações intelectuais. Tal compreensão metodológica se insere nas propostas do historiador John Pocock, ao sugerir a observação de um contextualismo lingüístico através da pontuação de momentos históricos em que determinados discursos são contemplados em constante recorrência.<sup>37</sup> O confronto sincrônico de idiomas no contexto lingüístico teorizado por Pocock convém tanto nas aproximações discursivas de um ideário contextual, quanto nas incoerências entre as elocuições transmitidas no momento em questão. Neste caminho, a apreciação das fontes pode se inclinar à recorrência dos dispositivos textuais contidos nas obras, inclusas ou imediatamente anteriores ao período analisado - não obstante as sempre existentes incongruências em momentos de expressões mais freqüentes.

Dado o suporte e a materialidade das fontes aqui demarcadas, é pertinente apontar ainda para a forma de comunicação do conteúdo da obra configurada como Manual - por se perceber a presença dos discursos de civilidade também em outros materiais, como revistas, jornais, romances, cujas representações se desenvolvem de formas diferenciadas em cada um dos casos. Na percepção de Chartier, “é fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor.”<sup>38</sup> Sendo assim, vale ressaltar a importância de tecer indicações também sobre seu suporte - o objeto que comunica o texto - e, portanto, dos

---

<sup>37</sup> POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Edusp, 2003.

<sup>38</sup> CHARTIER, Roger. *Textos, Impressão, Leituras*. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Tradução de Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Pp. 211 - 238.

processos de produção operados pelo editor / impressor, tão significativos à leitura e à construção das 'vontades doutrinantes' quanto o próprio conteúdo: o texto propriamente dito.

A estrutura do trabalho foi distribuída em quatro capítulos ou partes, interligados pela discussão central das fontes e pelo desenvolvimento da problemática abordada. O primeiro capítulo trata sobre as imagens textuais e os discursos da Biopolítica como forma de organização social proposta pelo material impresso analisado. Para o desenvolvimento das "artes de viver", são observadas as proposições sobre uma moralização da família moderna brasileira, através de enunciados estrangeiros que sugerem a estabilização do matrimônio pela edificação do prazer sexual, da harmonia e do amor conjugal - ajustados pela configuração de um Biopoder que se deseja transformador da sociedade. Os imperativos da educação sexual e da moralização do sexo dão o mote que induz e dilata a produção destes discursos.

Na segunda parte do texto, ficarão as considerações sobre os discursos de gênero presentes na elaboração textual das obras. A pretensão de um investimento na organização social pela diferenciação das "funções" de cada membro do núcleo familiar pressupõe a família como célula fundamental da sociedade, que deverá ser arranjada pelas subjetividades criadoras de figuras de gênero diretamente da família para o meio público e social.

Um estudo sobre as atuações sociais dos autores, ao voltar-se para o nomes recorrentes nas publicações observadas consiste em um dos objetivos da segunda parte do trabalho. No intuito de contextualizar os lançamentos e a produção do material impresso, pretende-se neste espaço discutir sobre os possíveis interesses sociais dos intelectuais brasileiros da época na publicação destas traduções. Entre outras abordagens importantes, uma reflexão sobre as obras como suportes que comunicam os textos será elaborada, para além do discurso, na análise das diversas dimensões da produção destes materiais, considerando os autores, os editores, capistas, diagramadores, entre outros, como os diversos agentes responsáveis pelas decisões na confecção das obras aqui estudadas.

O quarto e último capítulo terá como objetivo ponderar sobre a construção da civilidade e suas relações em meio às prescrições das "literaturas de civilidade" nas apropriações subjetivas destes dispositivos, observando as possibilidades de uma internalização das leituras propostas através de considerações conceituais sobre a lei e a norma no meio social. Por meio de uma abordagem fundamentalmente

teórica, com formato de um ensaio dissertativo, serão trabalhados os conceitos de normalização, repressão, subjetivação, em suas diferenciações no tratamento de uma constituição civilizatória em determinada sociedade. Sobre interações entre discurso e práticas de leitura, pretende-se discutir estes conceitos essencialmente a partir de leituras de autores como Michel Foucault, Norbert Elias e Giorgio Agamben, Sueli Rolnik, entre outros que auxiliarão nas considerações dos guias matrimoniais como dispositivos de subjetivação nos procedimentos biopolíticos de organização das condutas sociais.

As problematizações teóricas da História Cultural - abarcadas pelas discussões de Peter Burke como uma 'História das Práticas' - incluem em suas abordagens também a "cultura cotidiana, ou seja, costumes, valores e modos de vida"<sup>39</sup>. A leitura, compreendida pela apropriação e interpretação ligada a seleções singulares, deve ser percebida então como prática simbólica, cultural e cotidiana, adentrando o espaço de discussões da História Cultural. Neste caso, a intenção de uma produção discursiva nos textos de civilidade pode ser entendida como sinalizadora de uma construção das práticas que se ligam a uma observação histórica das artes de fazer.<sup>40</sup> Mesmo que não seja abordada neste trabalho a interpretação dos gestos produzidos pela leitura, e sim unicamente o estudo do material impresso, é preciso ressaltar que tais dispositivos não servem como mera manipulação da criação das subjetividades, mas como um ponto de partida que possibilita uma gama de invenções e apropriações sobre o que é proposto no material. Como nos lembra Rainho, não é possível encararmos a literatura de civilidade como "espelho" dos modos da sociedade em questão, mas como uma produção que demonstra a representação dos modelos de civilidade e os comportamentos esperados dos que compõem tal grupo<sup>41</sup>.

Vejam, na literatura, a descrição de uma personagem que, prestes a se casar, põe-se a ler as explícitas informações sobre a vida sexual no casamento em guias matrimoniais dedicados às noivas. Ian McEwan, em seu romance *Na Praia* ambientado na Inglaterra dos

---

<sup>39</sup> BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

<sup>40</sup> Cf. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.

<sup>41</sup> RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A distinção e suas normas: leituras e leitores dos manuais de etiqueta e civilidade – Rio de Janeiro, século XIX*. In: Acervo: Revista do Arquivo Nacional. Vol. 8. Nº 01/02. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça, Janeiro/ Dezembro 1995. Pp. 139 – 152.



finais da década de 1950, narra assim o desconforto e a angústia da jovem Florence:

"Num manual moderno e antecipatório, supostamente útil para noivas, escrito em tom estimulante, com pontos de exclamação e ilustrações numeradas, ela deparou com frases ou palavras que por pouco não lhe deram ânsia de vômito: *membrana mucosa*, e a sinistra e cintilante glândula. Outras frases ofenderam sua inteligência, em particular aquelas que diziam respeito a entradas: *Não muito antes de ele ter entrado nela... ou agora, por fim, ele entra nela e felizmente, logo depois de ter entrado nela..* Será que precisava servir de portal para Edward na noite de núpcias? Ou se ver transformada em ante-sala através da qual ele pudesse evoluir? Quase tão freqüentemente era uma para que não lhe sugeria nada além de dor, de carne cortada por faca: *penetração*.<sup>42</sup>

No mesmo propósito, são diversos os exemplos de leitores, reais ou fictícios, que não se dobram totalmente aos imperativos da educação sexual pela moralização e informação dos indivíduos, na medida em que discordam, satirizam, repelem e rejeitam suas leituras, cada um de acordo com suas referências pessoais e intelectuais. Cláudio DeNipoti, ao discutir sobre as visões da sexualidade através da leitura no início do século XX, apresenta uma série de leitores que freqüentavam a Biblioteca Pública do Paraná e deixavam suas impressões de leitura em escritos que publicavam na cena intelectual de Curitiba no momento.<sup>43</sup> Ao terem acesso a diversas leituras sobre sexualidade e amor romântico, desde os guias matrimoniais moralizadores até leituras eróticas e pornografia, o historiador comenta sobre as divergentes visões de cada leitor/escritor sobre os assuntos em que se interessavam. Ao passo que alguns acolhiam a idealização do amor conjugal e da moralidade sexual no casamento como atributo da

---

<sup>42</sup> MCEWAN, Ian. *Na Praia*. Trad. de Bernardo C. Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Pg. 11. Grifos do autor.

<sup>43</sup> Cf. DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de prazer. A sexualidade através da leitura no início do século*. Campinas: Editora Unicamp, 1999.

felicidade individual e social, outros satirizavam as restrições ao livre exercício do amor, afirmando que a felicidade alcançada por meio da satisfação sexual e aprofundamento afetivo do amor só poderia se concretizar na distância das bases do casamento burguês como legitimador da união conjugal.

Diante da afirmação de que a literatura pode expressar a compreensão de um momento histórico através de seus preceitos divulgados, Michel de Certeau atesta que o contrário não pode ocorrer. Jamais se poderão afirmar os gestos e os sinais de uma organização social pelos dispositivos idealizados em uma obra analisada. A ideologia da “informação” pelo livro, por muito tempo admitiu a possibilidade de formar seguidores fiéis e conformados pelas exposições textuais de uma obra. A idéia de um “público passivo, ‘informado’, tratado, marcado, e sem papel histórico”<sup>44</sup>, intenta a existência de uma produção eficaz que implica a inércia do consumo, recebido e assimilado sem a invenção criativa ou a arritmia do leitor.

No caminho contrário, afirma Certeau que no momento em que se admite a existência de uma leitura plural e codificada pelos leitores não mais percebidos como receptores passivos e controlados pela informação imposta, “o texto se torna uma arma cultural, uma reserva de caça”<sup>45</sup> que proporciona a reconfiguração dos sentidos pela codificação do leitor na sua interpretação secreta, inventiva, criadora. Ademais, existem outros dispositivos de normalização operando conjuntamente com a leitura. Todo um conjunto de práticas e exercícios provindos das mais variadas instituições e áreas de saber, como a medicina, a pedagogia, o direito e a psicanálise.<sup>46</sup> No caso do período de circulação dos materiais aqui analisados, mais especificamente, não podemos desconsiderar a coexistência de outros canais de divulgação de códigos de conduta, como o rádio, o cinema e a televisão, que deflagravam em popularidade e em competitividade com a literatura em geral.

A leitura das fontes neste trabalho se configura igualmente nesta gama de invenções e apropriações, ao se desencadearem as investigações através de perguntas realizadas por motivações do tempo

---

<sup>44</sup> CERTEAU, *Op. Cit.* Pg. 262

<sup>45</sup> *Idem.* Pg. 267

<sup>46</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de Saber*. 18ª Ed. Tradução de Maria Thereza C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

presente, sempre contemporâneas e vinculadas às inquietações que cada momento impõe ao passado e aos vestígios deixados por ele. Assim, mesmo que os objetivos de uma pesquisa sejam sempre encontrar compreensões para as indagações que surgem, o que nos aparece são, com frequência, mais dúvidas que nos impulsionam à reflexão e abrem caminhos a outras possibilidades de pesquisa.

Diante disto, portanto, a construção de uma 'pedagogia matrimonial' evidencia a demarcação das conformidades sociais em tempos e espaços que se entrecruzam segundo exigências e expectativas particulares, na promoção de padrões que permitiam apropriações do mundo por leitores e leituras deslizantes nas suas mais diversas linguagens. No mundo dos textos lidos e apreendidos, as apropriações podem reverberar em resignificações e compreensões que autorizam diferentes sentidos e acepções culturais. No caso destas literaturas: um discurso que possa legitimar os códigos socialmente aceitos numa existência própria da civilização.

## Relação das fontes

## Quadro expositivo dos dados técnicos das obras

<b>Título</b>	<b>Autor (a)</b>	<b>Editora</b>	<b>Edição</b>	<b>Data de Publicação</b>	<b>Ano da 1ª Edição Brasileira</b>	<b>País de procedência</b>
<i>A mulher e a vida conjugal</i>	Dra. J.Andrée	Civilização Brasileira	2ª Ed.	1958	-	França
<i>A Serviço do Amor</i>	Dr. J. Carnot ; Edith Carnot	Livraria Catedral	2ª Ed.	S.D.	-	França
<i>O amor na Era Atômica</i>	Pe.Marcel-Marie Desmarais	José Olympio	1ª Ed.	1952	1952	França
<i>Nós dois e o sexo</i>	Dr. Charles Fouqué	Civilização Brasileira	1ª Ed.	1951	1951	França
<i>A mulher diante da Vida e do Amor</i>	Dra. Marion Hilliard	Cultrix	2ª Ed.	1960	-	Canadá
<i>Amor e Felicidade no casamento</i>	Dr. Fritz Kahn	Boa Leitura	n/c	S.D.	-	Alemanha
<i>Amor e casamento</i>	Dra. Marie C. Stopes	Cia. Editora Nacional	1ª Ed.	1929	1929	Inglaterra
<i>Capaz ou incapaz para o casamento?</i>	Dr. Theodor Van de Velde	Civilização Brasileira	n/c	1953	-	Alemanha
<i>O Problema do Casamento</i>	Dr. Paulo Mantegazza	Empresa Literária Fluminense (Lisboa)	5ª Ed.	1925	-	Itália
<i>O amor</i>	Dr. Paulo Mantegazza	Empresa Literária Fluminense (Lisboa)	n/c	1912	-	Itália

## CAPÍTULO 1

### **“O PROBLEMA DO CASAMENTO” DISCURSOS BIOPOLÍTICOS NOS MANUAIS**

*"Eram jovens, educados e ambos virgens nesta noite, sua noite de núpcias, e viviam num tempo em que conversar sobre as dificuldades sexuais era completamente impossível."*

*Ian McEwan, Na praia.*

À maneira de um *leit-motiv*, volta-lhe à mente, sem cessar, uma frase: “É isso o casamento?”. Sua vida lhe parece irremediavelmente perdida. Então, dia após dia, terá de se submeter à posse ultrajante, aviltante desse homem, só pelo fato de ele se intitular seu marido... Ah, se ela soubesse, e se, ao menos, ainda estivesse em tempo...<sup>47</sup>

Declinemos do impulso primeiro que se formaria diante deste excerto: o de notar criticamente as explícitas relações de gênero dispostas - para que outras oportunidades de análise possam emergir desta leitura inicial. Na narrativa construída pela Dra. Andrée, em um volume da coleção Estudos Psico-sexuais<sup>48</sup> intitulado ‘*A mulher e a vida conjugal*’, é descrita trajetória nupcial de uma jovem que vivencia sua estupidez nos assuntos conjugais em meio às primeiras experiências sexuais. Sem o necessário preparo com instruções sobre o cotidiano do casamento, Françoise contrai matrimônio na mais ingênua mocidade, e as experiências vividas em meio ao seu despreparo introduzem sua vida de casada em um fim nem um pouco venturoso. O próprio conceito de ‘fim’ neste caso, já quer supor algo de desafortunado e infeliz.

---

<sup>47</sup> ANDRÉE, J. *A mulher e a vida conjugal*. 2ª Ed. Tradução de Ferdinanda Monteiro. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958. Pg. 17

<sup>48</sup> Coleção de obras de educação sexual coordenada pelo médico francês, Dr. Charles Fouqué.

A historieta imaginada pela Dra. Andrée no início da obra citada admite uma preocupação que procura evidenciar nos seus posteriores comentários sobre os experimentos nupciais de Françoise, e que se dirige às emergentes necessidades acerca do comportamento dos futuros cônjuges ao manifestarem interesse no casamento: conhecer para ser feliz! Atestar os imperativos da instrução, da educação sexual e matrimonial, para que a desinformação não domine a direção dos nubentes aos caminhos que conduzem à tragédia, aos infortúnios, à infelicidade de recém casados, tão ameaçadores à estabilidade das famílias. Afinal, "em tôda catástrofe, existe uma causa. Quase sempre, na base de um infortúnio, há um êrro inicial... ou uma omissão. Qual foi o de Françoise? O de haver enfrentado o casamento, na ignorância do seu papel de esposa... e dos direitos e obrigações que êle comporta".<sup>49</sup>

A felicidade conjugal torna-se, nesta conjunção, algo de indispensável, forçosa injunção para que se possibilite a permanência do equilíbrio matrimonial - fonte de segurança e sustentação do casal moderno que se converte agora no pilar fundamental da família: ponto central na formação da sociedade, já que, como garante Edith Carnot, "o conjunto de todos êsses lares forma a Pátria; as pátrias tôdas juntas, a grande família humana".<sup>50</sup>

No Brasil, as décadas de 1940 e 1950 marcaram um período de intensas modificações na estrutura social. A industrialização e a urbanização da sociedade, a efervescência cultural gerada pela irrupção das artes seguida pelo progresso da imprensa escrita e falada. Este seria o panorama geral da situação política e cultural no período pós Segunda Guerra Mundial no país. Aliada a isto, a orientação populista dos governos e do campo intelectual, numa ruptura com as administrações aristocráticas dominantes das primeiras três décadas do século XX<sup>51</sup> promoveu uma ascensão da classe média brasileira - que surgia já no período varguista - ambiente por excelência dos valores da norma familiar burguesa.

A redemocratização do país, que marcou uma abertura da economia ao capital estrangeiro para promover o desenvolvimento econômico e romper com os autoritarismos nacionalistas Estadonovistas, viabilizaria a modernização por meio de alianças com as

---

<sup>49</sup> ANDRÉE, Op. Cit. Pg. 44

<sup>50</sup> CARNOT, Op. Cit. Pg. 76.

<sup>51</sup> Cf. VIEIRA, Renato Luiz. *Consagrados e Malditos. Os intelectuais e a Editora Civilização Brasileira*. Brasília: Thesaurus, 1998.

grandes potências econômicas do momento. A mais proeminente: os Estados Unidos da América, grande pólo de comando ocidental no mundo "bipolarizado" da Guerra Fria, investiria na construção do americanismo como paradigma de modernidade e progresso, para efetivar sua política de avanço econômico e cultural em todas as Américas. A americanização da sociedade brasileira não se construiria, no entanto, sem resistências. Como afirma Antônio Pedro Tota, a fabricação do americanismo não foi totalmente acomodada pelos brasileiros, de forma passiva ou indiferente aos novos padrões apontados. Para muitos, o paradigma de civilização europeu não poderia ser facilmente substituído pela "bárbara" cultura de massa americana, vulgarizada e banalizada, e jamais comparada aos padrões culturais da Europa como "berço da civilização".<sup>52</sup>

No entanto, o avanço da urbanização, do acesso à informação, ao lazer e ao consumo seriam as conseqüências mais visíveis desta modernização da sociedade, cuja consolidação se verificava na vontade de ser moderno dos indivíduos, provocando furor nos setores mais conservadores da sociedade. Estes temiam a quebra dos valores morais com as mudanças ocorridas nas relações sociais, principalmente pela proximidade crescente entre homens e mulheres nas novas práticas sociais do namoro e da intimidade nas relações amorosas. Tais observações promoveram o surgimento de um movimento geral de moralização social, cujas finalidades se dirigiam à busca pelo retorno dos valores morais da família tradicional, garantindo a permanência das funções essenciais entre homens e mulheres nas relações conjugais. Contudo, o cuidado para evitar o excesso de moralismo não mais eficiente, empenhava-se em afastar os indivíduos da ignorância sobre os temas da vida conjugal, que promovia a frustração e o fracasso individual e dificultava a consolidação da estrutura matrimonial - percebida como o ponto central da moralização social agenciada no momento.

Reconhecer as necessidades humanas e não mais reprimi-las, mas educá-las para a atuação correta no meio social. A urgência agora seria canalizar as informações disponíveis aos indivíduos para a promoção de uma educação moralizadora, na construção das sensibilidades que garantiriam sua satisfação e a realização de sua

---

<sup>52</sup> Cf. TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor. A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.



existência no mundo como sujeito. Conhecer para ser feliz! Pois, como afirmou Peter Gay sobre a moral sexual burguesa que insistia em abafar a sexualidade no discurso médico até o início do século XX, “só alguém já predisposto a ser convencido podia ceder a argumentos tão caducos. E, além de sua falência intelectual, esse debate também veio a se mostrar remoto e abstrato à medida que o mundo real deixava pra trás seus contendores”.<sup>53</sup> Assim é que se percebia a importância da divulgação científica, em materiais que possibilitavam a vulgarização dos conhecimentos da ciência à população leiga, cuja atuação social deveria ser conduzida à luz dos esclarecimentos que só a informação adequada poderia proporcionar.

### **A preparação para o casamento**

Os embasamentos da instrução, da informação, da educação sexual que possibilitam o conhecimento e o autoconhecimento dos cônjuges, servem de alicerce às apreensões de numa “governamentalidade”, ao operar em processos de subjetivação que podem prover “o governo de si por si na sua articulação com o outro”<sup>54</sup>. Segundo Mary Del Priore, as primeiras décadas do século XX presenciaram o crescimento, entre as preocupações médicas, da percepção da necessidade de educação sexual entre os jovens. Afinal, “essa é a época de ouro dos higienistas, os especialistas em sanitarismo”<sup>55</sup> sempre atentos à resolução dos problemas sociais através de técnicas de intervenção subjetiva nos indivíduos isolados (Fig. 01). Entre os procedimentos que permitem uma gestão dos indivíduos na organização social, incluem-se os dispositivos textuais encontrados nas literaturas que fornecem as prescrições de conduta em uma educação sexual tão necessária à perfeita adaptação dos cônjuges nas relações matrimoniais.

Procurando auxiliar os jovens casais no afastamento da ignorância causadora das maiores infelicidades conjugais, a Dra Marie

---

<sup>53</sup> GAY, Peter. *A Experiência Burguesa da rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. Tradução Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Pg. 124

<sup>54</sup> FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Tradução de Andrea Daher. Rio de Janeiro: Horge Zahar Editora, 1997. Pg. 111

<sup>55</sup> PRIORE, Mary Del. *História do Amor no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006. Pg. 255

Stopes dedica seu livro às discussões “sobre os problemas geraes das relações sexuaes entre jovens que, muito verosimilmente, se conhecem muito pouco, uns aos outros, sob o ponto de vista physiologico”<sup>56</sup>. Neste sentido, as recomendações aos jovens maridos propõem o esclarecimento sobre questões praticas e cotidianas que possam evitar o sofrimento mútuo gerado pelo desconhecimento confuso e obscuro. Ao discorrer sobre os principais fatores que podem gerar atritos causadores de angústias na vida conjugal, a Dra. Stopes afirma que as divergências culturais, sociais, políticas e religiosas podem ser sanadas de maneira simples, “havendo boa vontade, paciencia e comprehensividade dos interessados”. E tais assuntos além de constituírem graves preocupações, já foram alvo de muitas discussões e “tem sido debatida no decurso de longa série de gerações”<sup>57</sup>. Contudo,

“sobre os problemas sexuaes, que são mais vitais e relevantes, há um abysmo de desconhecimento tão profundo e tão universal, que as suas densas névoas dificultaram o labor dos poucos que nos procuraram guiar nesse terreno e que sobre o mesmo assumpto ainda prosseguem em suas investigações. E os dois jovens recém casados começam a sofrer em virtude dessas divergencias fundamentaes, antes mesmo de têrem accôrdo que ellas existam e com muito poucas probabilidades de que lhes deem, sobre as mesmas, explicações racionaes”<sup>58</sup>

Já no final do século XIX, o higienista italiano Paulo Mantegazza fazia alusões à necessidade quase obrigatória da informação na preparação para o casamento, ao comparar os guias matrimoniais a “bússolas” que norteariam o caminho da união conjugal, no impedimento da ignorância que acarreta a perdição dos nubentes na vida a dois. Afirma, assim, que “realmente aqueles que tomam espôsa sem meditar profundamente, demoradamente, no obscuro problema do

---

<sup>56</sup> STOPES, Op. Cit. Pg. 15

<sup>57</sup> STOPES, Op. Cit. Pg. 30

<sup>58</sup> Idem. Pp. 30-31.

casamento, produzem-me o efeito dêsses capitães ébrios que se aventuram sem bússola a mares encapelados."<sup>59</sup>

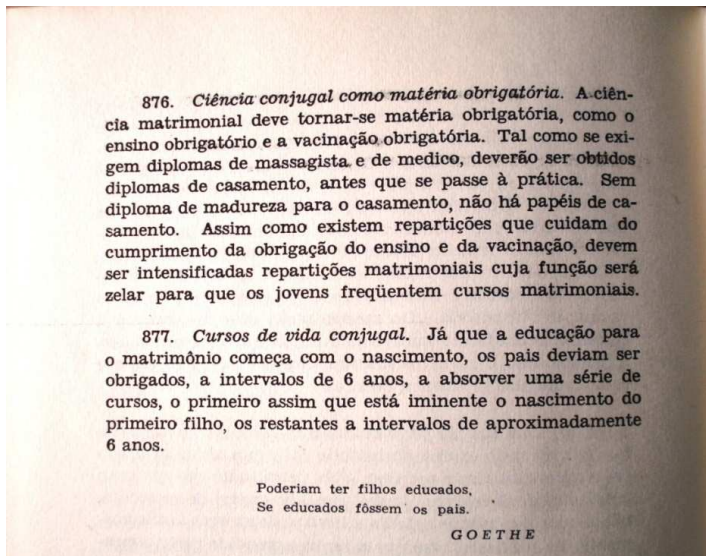


Fig. 01: Ciência Conjugal - KAHN, F. *Amor e felicidade no casamento.* [s.d]

Na vida de casados, a escolha dos amores, a atuação dos indivíduos no meio conjugal e por implicação, na sociedade, conduzem os agenciamentos das “aptidões” para o matrimônio sob o ponto de vista individual, mas também, “sob outro prisma, sobreposto ao próprio individuo, isto é, do ponto de vista social”.<sup>60</sup> Como ressalta o manual do Dr. TH. H. Van de Velde, em relação ao problema do casamento existem duas concepções “que estão entre si em profunda contradição,

<sup>59</sup> MANTEGAZZA, Paulo. *O Problema do Casamento.* 5ª Edição. Tradução por Cândido Figueiredo. Lisboa: Empresa Literária Fluminense Ltda, 1925. Pg. 15

<sup>60</sup> VELDE, Th. H. Van de. *Capaz ou incapaz para o casamento?* Coleção Biblioteca de Educação Sexual. Tradução de Matheos Lima. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1953. Pg. 297

conquanto tenham ambas as suas justificativas”.<sup>61</sup> As dedicações individuais à união conjugal devem buscar um estado de equilíbrio frente às compreensões imediatamente opostas: as coletivistas. Ambas são percebidas particularmente como conceituações extremadas e, arranjadas de forma independente, têm efeitos destrutivos e pouco favoráveis à construção da vida conjugal. Uma perfeita atuação dos indivíduos na sociedade organizada de forma coesa e racional deve, portanto, pressupor a interação entre a vida individual e as obrigações sociais dos sujeitos no grupo maior.

Num momento de plenas valorizações e afirmações do individualismo ocidental como pressuposto das liberdades singulares - base crítica dos autoritarismos socialistas - não seria possível estabelecer de outra forma uma legitimação dos valores sociais coletivos, pontos de apoio nas expressões da organização matrimonial. Assim, a saída muito sagaz encontrada pelo Dr. Van de Velde visa instituir as vantagens do encontro entre as preocupações individuais e coletivas no investimento das alianças conjugais. Deste modo é que se constitui uma governamentalidade destinada à direção dos homens e das coisas, voltada primordialmente à gestão da população<sup>62</sup> e seus fenômenos específicos:

“*Individualidade e totalidade* são os dois pólos em torno dos quais giram as observações que se seguem, tendo como ponto de partida a união do indivíduo ao todo, e o seu determinismo através de fatores sociais; a interpretação e valorização do indivíduo como membro de uma comunidade.”<sup>63</sup>

A inscrição da vida singular na sociedade pode racionalizar a atuação individual para os objetivos que visam à máxima integridade social, como um corpo constituído de pequenas partes coerentemente organizadas à finalidade última da otimização coletiva. Uma compleição

---

<sup>61</sup> Idem. Pg. 298

<sup>62</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III: O Cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985

<sup>63</sup> VELDE. *Op. Cit.* Pg. 298

do sujeito pelas técnicas do cuidado de si<sup>64</sup> incita um comprometimento ao autoconhecimento, que é gerado também pelo conhecimento direto das coisas do mundo. Conhecer-se, portanto, equipara-se à interiorização da autodisciplina – indispensável às artes do bem viver.

A razão própria como preceito de civilidade, sugere a promoção de técnicas para arquitetar a verdade subjetiva. Estabelecer o domínio de si em perfeita sintonia com as exigências do mundo social. Vigiar seus impulsos, avaliar, selecionar suas vontades. Um completo equilíbrio entre anseios pessoais e exigências sociais. Isto é o que Agamben denominaria como a inscrição das liberdades singulares na ordem da sociedade e do Estado.<sup>65</sup> E deste modo se congregariam os investimentos em um discurso que pretende traduzir a felicidade pessoal como resolvida na união conjugal: o matrimônio como ato inaugural da felicidade - entendida como a realização afetiva individual, que só pode se concretizar no âmbito da família.

Pela constituição dos estados modernos ocidentais como “Estados de população”<sup>66</sup>, a emergência de um saber político concentra os mecanismos voltados à regulação de um povo, com estratégias viabilizadoras da conduta de seus indivíduos. Por uma nova tecnologia das forças estatais, o problema político da população exige concepções que expressem este novo objeto como pertencente à ordem da vida, a um regime de seres vivos que dizem respeito à espécie humana - um novo conceito que exige mecanismos de intervenção renovados para promover sua regulação.

Em meio a estas discussões, Agamben define como Política a arte de dar forma à vida de um povo<sup>67</sup>, ou seja, um emprego de métodos para a caracterização política da vida nua<sup>68</sup>, biológica, vivente. A transformação da política em espaço de discussões e intervenções na vida nua institui uma “politização da vida”, na emergência de uma Biopolítica, que Foucault caracteriza como uma tecnologia de especialização dos saberes sobre uma população. Para que seja possível gerir este conjunto, é necessária, entre outros dispositivos de regulação e

---

<sup>64</sup> FOUCAULT, 1997. *Op. Cit.* Pg. 120

<sup>65</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. Pg. 127

<sup>66</sup> FOUCAULT, 1997. *Op. Cit.* Pg. 81

<sup>67</sup> AGAMBEN. *Op. Cit.* Pg. 151

<sup>68</sup> Do conceito grego clássico: *zoé*, ou seja, vida opaca, anônima, não qualificada politicamente. Por oposição à *bíos*: vida política, caráter de cidadania, de civilidade e cultura. Cf. AGAMBEN, 2002. *Op. Cit.*

controle, a organização de uma política de saúde, de intervenção nas condições de vida, diminuindo riscos de perda e otimizando o bem-estar dos indivíduos pela implantação de normas que possam sancionar estes saberes. As técnicas que visam à normalização dos indivíduos objetivam o cultivo de uma população útil, numerosa e ativa, pela resolução de seus problemas específicos: saúde, natalidade, higiene, entre outros importantes campos de intervenção. No saber político que organiza o campo biológico pelo saber médico, o corpo é o ponto de acesso à introdução da vida nos cálculos dos poder e do saber instituídos pela Biopolítica.

A constituição dos saberes sobre a vida racionaliza as manobras de poder num dispositivo de sexualidade que se deve dobrar precisamente a uma matriz do biológico - numa passagem à dimensão da vida. A partir daí, tudo o que se referir à verdade sobre a vida vivente, fisiológica, obterá amparo sob uma Lógica do sexo<sup>69</sup> que, como cita Foucault, determinará o homem como o “filho de um sexo imperioso e inteligível. O sexo, [como] razão de tudo”.<sup>70</sup> Uma insinuação de ‘consonância de idéias’ poderia explanar a sintonia existente entre tais propostas teóricas e as recomendações práticas do Dr. Van de Velde ao tratar sobre a importância da “capacidade criadora” dos aspirantes ao matrimônio nos inícios do século XX:

A incapacidade de praticar o coito, tanto no homem, como na mulher, deve ser qualificada como um grave obstáculo para o matrimônio. Por felicidade, essa inabilidade só é inalterável em poucos casos, relativamente, a ciência médica atacou por todos os lados a remoção de tais anomalias e os resultados não tem sido pequenos.<sup>71</sup>

Estes saberes científicos sobre o sexo ajustam, portanto, a circulação dos investimentos discursivos e não discursivos sobre a

---

<sup>69</sup> FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de Saber*. 18ª Ed. Tradução de Maria Thereza C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. Pg. 88

<sup>70</sup> Idem. Pg. 89

<sup>71</sup> VELDE. *Op. Cit.* Pg. 117

problemática da vida, suas funções biológicas e sociais, além das reprodutivas. Deste modo, a perpetuação da espécie e a garantia da vivência humana são igualmente determinantes na qualificação do casal heterossexual<sup>72</sup>, ainda que a sexualidade no momento estudado atente para os imperativos da felicidade sexual aprimorada pela preparação a que os conhecimentos sobre o sexo podem conduzir.

Nesta direção, torna-se primordial investir em discursos que promovam uma normalização da sexualidade, com o emprego de métodos de persuasão e incitação legitimados pelos estudos da sexologia. Através das estratégias discursivas do Dr. Charles Fouqué, em sua obra intitulada “*Nós dois e o sexo*”, suas estimas sobre o “Coito perfeito”<sup>73</sup> são capitais para dilatar a valorização do orgasmo, do prazer sexual como fundamental na harmonia conjugal em sua totalidade. Para isto, conselhos sobre como conquistar o equilíbrio sexual na relação a dois, aliados a uma completa descrição das condutas exigidas para um perfeito estímulo dos sentidos no ato – a descoberta das zonas erógenas, as táticas de excitação, a freqüência perfeita das relações e todas as indicações para que a iniciação do casal instaure uma exitosa vida sexual. Que os cônjuges possam alcançar sempre “o orgasmo completo, simultâneo, [que] constitui o mais belo resultado que se possa encontrar entre os esposos”.<sup>74</sup> Conjuntamente, uma completa tabela contendo as classificações dos tipos sexuais e suas combinações fisiológicas expõe as hipóteses científicas das reações obtidas entre as diferentes personalidades ao se assentarem em pares - para verificar as possibilidades de alcance do coito completo:

- A. Índice de apetência normal,  
Índice orgásmico normal.
- B. Índice de apetência normal,  
Índice orgásmico diminuído.

---

<sup>72</sup> Vale ressaltar a escassez de comentários sobre a homossexualidade nos materiais estudados. Em uma das raras ocorrências sobre o assunto, a homossexualidade feminina é representada em uma narrativa ficcional da Dra. Andrée como basicamente inofensiva à sexualidade da mulher. O único perigo que a "amiga lésbica" representava para o casamento consistia na perversão de suas opiniões sobre o matrimônio, ao convencer Francoise a realizar um aborto, o qual provocou o fim de seu casamento. Cf. ANDRÉE, Op. Cit.

<sup>73</sup> FOUQUÉ, Charles. *Nós dois e o sexo. Estudo sobre a higiene conjugal e a procriação voluntária*. Tradução de Julio Fraga. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1951. Pg. 07

<sup>74</sup> FOUQUÉ. *Op. Cit.* Pg. 60

- C. Índice de apetência diminuído,  
Índice orgásmico normal.
- D. Índice de apetência deficiente,  
Índice orgásmico deficiente.

Cada letra representa uma personalidade componente da dupla sexual, classificada segundo seus índices de apetência e orgásmico. Na seqüência, o Dr. Fouqué estabelece uma análise clínica de todas as “combinações produzidas pela conjunção de tais índices entre os casais.”<sup>75</sup> O coito completo a que se deve atingir é designado como o que abrange a finalidade primordial do ato sexual: a gestação, que encaminha à exigência essencial da procriação, da perpetuação da espécie. “Que o coito seja, sobretudo, completo. Jamais deve haver ejaculação à porta, pois, canso-me de dizer, a gravidez dá equilíbrio à iniciada. Trabalhar, para a Pátria, desde o começo do casamento, é, muitas vezes, trabalhar para si mesmo.”<sup>76</sup> Aí é que se elucidam as motivações de uma premência do saber, do conhecimento sobre si mesmo, sobre seu sexo e suas funções efetivas no meio social - como indivíduo integrante e integrador de uma sociedade à qual dá sentido e da qual extrai sua própria significação. Deste modo é que se podem compreender os imperativos da informação, do aviso, da educação sexual que se encarrega de auxiliar o sujeito na constituição de seu cultivo próprio e dos cuidados com sua existência no mundo.

Ainda que a finalidade mais nobre do ato sexual envolva essencialmente a gestação perfeita e saudável na função reprodutiva no casamento, o investimento na harmonização orgástica e seus benefícios na vida conjugal apontam para intuítos que vão um tanto além. A preocupação do Dr. Fouqué em investigar as situações mais favoráveis para a adaptação sexual do casal se inscreve numa posição que autoriza o prazer sexual como elemento constituinte das sensibilidades conjugais - ao admitir um emprego dos prazeres que permite a preservação de certos valores morais, como a indissolubilidade da vida matrimonial, pela estabilidade da união e o fortalecimento dos laços familiares.

A regulação da sexualidade, sempre vinculada à problematização da procriação e da formação da família burguesa,

---

<sup>75</sup> Idem. Pg. 68

<sup>76</sup> Idem Pg. 69



dirige-se aqui igualmente a uma valorização do prazer sexual e seus usos como fonte de satisfação pessoal, garantindo assim a aglutinação dos valores morais no casamento burguês. O investimento na experimentação da vida conjugal é incorporado pela moralização das práticas conjugais através do amor romântico como prelúdio indispensável para a concretização da felicidade matrimonial. Assim, a elaboração das funções de gênero instituídas pelo casal civilizado no matrimônio feliz, são acionadas pela realização da vida sexual e afetiva dos indivíduos, no cumprimento das requisições essenciais de cada um na performance conjugal da vida a dois. Consonante a este objetivo, clamava o Dr. Mantegazza em sua defesa do casamento como prática moralizadora do amor e aglutinadora do desejo sexual tão indispensável e indomável, cuja domesticação deveria se realizar na legitimada união conjugal: "Casai-vos! O casamento ainda é, e será sempre, a forma mais sã e mais ideal do amor."<sup>77</sup>

Nesta acepção, a Dra. Stopes igualmente se pronuncia sobre a importância, entre as finalidades do ato sexual, do "mais intenso prazer physico que póde o corpo experimentar, redundando também em benefício para a saúde; esse prazer e benefícios não são egoístas e sim recíprocos; e d'elles resulta indizível affecto e comprehensividade para os dois consortes."<sup>78</sup> No entanto, a valorização do prazer na atividade sexual não deixou de estar em consonância com as finalidades da procriação - interpretada ela mesma como exercício essencial da moralização do ato sexual em sua "realização orgásmica".<sup>79</sup>

Nesta chave de textos, o registro da satisfação física pela atividade sexual exclusiva no casamento, articula o sexo e a experiência individual em sua correlação "entre campos de saber, tipos de

---

<sup>77</sup> MANTEGAZZA. Op. Cit. Pg.13

<sup>78</sup> STOPES, Op. Cit. Pg. 95.

<sup>79</sup> Cabe destacar que em outros materiais impressos - como as revistas femininas e masculinas - a discussão sobre o orgasmo como catalizador das experiências sexuais na vida conjugal só vai aparecer nos discursos de uma ciência médica popularizada, a partir da década de 1960 no Brasil. Segundo a historiadora Roselane Neckel, neste momento "o essencial para a felicidade do casal não era apenas o sentimento do 'amor' mas o prazer sexual". Porém, o investimento discursivo nas revistas sobre o prazer sexual na vida conjugal constrói diferentemente dos guias matrimoniais das décadas de 1940 e 1950, uma dissociação cada vez mais crescente entre a satisfação sexual do casal e a procriação como determinação conjugal da sexualidade plenamente experimentada. Cf. NECKEL, Roselane. *Pública Vida Íntima. A sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969 - 1979)*. Tese de Doutorado em História. Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 2004. Pg. 73

normatividades e formas de subjetividade."<sup>80</sup> De tal modo, a ordem normalizadora ficaria indefinida, no mundo dos sujeitos, sem as construções subjetivas pelas quais os indivíduos são levados a se reconhecerem como sujeitos do desejo nos "jogos discursivos da verdade"<sup>81</sup>. As tecnologias de uma Biopolítica se situariam, assim, na conjunção entre os mecanismos de subjetivação e os dispositivos de saber que propõem as "formas da vida" como a potência do viver humano - orientado à felicidade pessoal pela busca da única possibilidade de viver bem: "a forma-de-vida como vida política".<sup>82</sup>

A vida como potência e como capacidade de existência política deve ser compreendida por meio de uma ética moral e individual que permite a consciência particular do todo sem desconsiderar a importância da satisfação pessoal e privada. Para tanto, a circulação de dispositivos que proponham exemplos de conduta individual no meio público são fundamentais para que esta passagem à politização, ou à civilização, seja possível. Não pelos mecanismos da coerção ou do árduo enquadramento das ações humanas, mas através da internalização dos preceitos de forma auto perceptiva, sensível e subjetiva. Assim é que se abrangem os mecanismos da informação, através de manuais prescritivos ou de qualquer outro dispositivo cuja finalidade seja guiar as "consciências individuais" para uma finalidade maior.

Entre informar e conhecer, portanto, é o saber médico que avalia, adverte, ensina o leigo, que buscará a instrução proferida sempre pelo posicionamento científico. É preciso conhecer, estar noticiado, mas através dos meios válidos, numa caça às fontes legítimas que possam efetivamente enunciar a verdade. A introdução do discurso médico - higienista procura, através de um saber científico e autorizado, delinear as regras do comportamento social com o intuito de uma medicalizar e sanitizar os corpos a serem geridos. A exigência de um saber científico na higienização dos corpos aponta para a fundamentação da verdade através de normas médicas, num momento de demandas pela manutenção do vigor físico e da pureza moral da sociedade

---

<sup>80</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

<sup>81</sup> *Ibidem*.

<sup>82</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Moyens sans fins*. Notes sur la politique. Paris: Rivages, 1995. Apud DUARTE, André. *Sobre a biopolítica: de Foucault ao século*. In: Revista Cinética, v. 1, p. 1-16, 2008. Pg.13. Disponível em: <http://www.revistacinetica.com.br/cep/ensaioscriticos.html>

São os privilégios de um saber científico que inventa e ao mesmo tempo confere legitimidade ao sexo e à sexualidade dos corpos, e requer uma insistência que exige espaço para alastrar a sua verdade. “É preciso dizer essas coisas, é preciso gritá-las bem alto”.<sup>83</sup> A inquietação de um saber médico em sua obrigação de compartilhá-las, sente a necessidade do mundo em conhecer suas informações, concebe ser urgente a difusão de seus conhecimentos, e imagina irromper um momento em que isto é possível – libertar a população da ignorância fadada ao fracasso, e iluminá-la com as preciosas informações sobre uma sexualidade esclarecedora. Suspender o silêncio! Como lembra Foucault, é a obra de um mecanismo para induzir a ascensão do dispositivo que nos faz falar sobre o sexo<sup>84</sup>, que nos faz ouvir sobre ele, que nos incita e nos obriga ao desejo de extrair cada vez mais a sua verdade, e lhe dedicar a nossa atenção e a nossa crença em sua soberania. A soberania de uma sexualidade pronta para a sua própria redenção, na conquista dos objetivos de toda uma nação materializada no corpo dos indivíduos, que precisam ouvir estas coisas, ditas o tempo todo, e gritadas bem alto!

### **Procriação e planejamento familiar**

Um saber sobre o sexo supõe sua regulação. E se o sexo é matriz da reprodução que permite a transmissão da vida, todos os esforços de uma ciência sexual que se ocupa do homem biológico serão investidos contra o que possa macular os objetivos da procriação. O “gôzo” no ato sexual tem a função automática de tornar a união completa, “o prazer sexual foi dado pela natureza, a fim de encorajar os esposos a transmitir a vida”<sup>85</sup>. Nas palavras de Edith Carnot, “encorajar a geração”, este é o alvo central do prazer, e diante disto, todo desvio ameaçador da ordem reprodutiva está desqualificado por uma sexologia que se empenha em sanar os “erros perniciosos” tão perigosos à natureza das relações conjugais. “O gôzo é pois, um meio de que se

---

<sup>83</sup> CARNOT. *Op. cit.* Pg. 227

<sup>84</sup> FOUCAULT, 1988. *Op. Cit.* Pg. 173

<sup>85</sup> CARNOT. *Op. cit.* Pg. 136.

serve a natureza para convidar o homem e a mulher para a procriação”<sup>86</sup>, e qualquer desvio desordenado na utilização deste “instrumento da criação” será enquadrado nos rigores da norma.

Maria Bernardete Ramos Flores, ao tratar sobre a medicalização do sexo no início do século XX pelos projetos políticos nacionais do Brasil<sup>87</sup>, infere que todos os elementos vistos como desviantes das práticas sexuais ao seu fim primordial, estariam fadados à condenação pelas leis higienistas. Para disciplinar higienicamente o casamento, os comportamentos sexuais vistos como não "conformes à natureza", estariam classificados à como patológicos. O “sexo natural” estaria vinculado diretamente à procriação pelo contato íntimo ao amor matrimonial. Os desvios que propiciavam as doenças sexuais se ligavam às manifestações do *onanismo*, da homossexualidade, do prazer gratuito – evidenciado no perigo da prostituição. Tudo o que não atendesse às necessidades da família reprodutora equivaleria a um desvio da normalidade, condenado ao signo da doença, do patológico, dos distúrbios da procriação.

A contracepção, a masturbação, ao lado da infidelidade conjugal e do aborto como a prática mais censurada, estão fadados aos embates discursivos da normalização científica. Nas considerações de Carnot sobre a masturbação, a autora se mostra categórica: “Êsse modo de proceder é, evidentemente, contra a natureza.”<sup>88</sup> E para os que recorrem a pretextos que insinuam a necessidade fisiológica do onanismo, “acrescentarei que nenhum argumento científico pode legitimá-lo. Pelo contrário, a ciência prova que a *continência*, isto é, a ausência de toda atividade sexual antes do casamento e fora dele, é coisa *normal* que, em caso algum, pode prejudicar a saúde.”<sup>89</sup>

Do mesmo modo, acerca do onanismo conjugal - método contraceptivo também denominado “coito interrompido” – desqualifica-o como “anti-natural e repugnante; aliás, pode-se dizer que a prática do onanismo conjugal é, em certo sentido, comparável à masturbação (...): num e noutro caso a substância seminal é derramada fora e pratica-se a

---

<sup>86</sup> Idem. Pg. 135

<sup>87</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A medicalização do sexo ou o amor perfeito*. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. (Orgs) *Falhas de Gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1999.

<sup>88</sup> CARNOT. *Op. cit.* Pg. 137

<sup>89</sup> Idem. Pg. 137. Grifos do autor.

ação sem levar em conta a ordem natural preestabelecida.”<sup>90</sup> Para substanciar o descrédito destes estágios de prazer gratuito, o comentário é finalizado com a advertência dos sérios inconvenientes tanto físicos quanto psíquicos que tais “fraudes” podem acarretar, além de constituírem um “atentado contra a qualidade do amor” e muitas vezes, fazê-lo “soçobrar”.

Em meio a esta conclamação da natureza para autenticar as naturalizações da ciência, o Dr. Fouqué se posiciona igualmente em relação ao que designa como “o flagelo anticoncepcional”, que “empobrece a raça, despoeva os lares. Quer de modo ativo, quer passivo, arruína a saúde. E conclui: “Nosso dever é, evidentemente, lutar contra semelhante estado de coisas, através de conselhos, raciocínios ou por todos os meios de persuasão de que possamos dispor”.<sup>91</sup> O aborto, neste quadro de demonização das fraudes que assolam os desígnios procriadores, é acometido pela mais rigorosa reprovação, sendo perseguido não somente pelos médicos e sexólogos, mas também por religiosos e outros encarregados da moralização social e da família moderna. Percebido como um método curativo, necessário para ajustar as coisas depois de já realizadas (uma gravidez fora do casamento, indesejada ou na solteirice), é mais um “problema social” que deve ser sanado através da instrução médica, da informação fornecida ao jovem como procedimento profilático, para prevenir ações ingênuas que induzam a tão lamentável gesto. Assim, protesta o doutor: “Mas pior ainda – gritemo-lo, brademo-lo – é o procedimento curativo: o aborto, chaga da nossa sociedade moderna, que Moloch insaciável devora, em seu germe, nossos filhos”.<sup>92</sup>

Reconhecendo os casos em que o planejamento familiar é necessário, e os "espaçamentos" entre as gestações são importantes, seja para preservar a saúde da mulher, ou por razões financeiras que impedem a elaboração de uma família prolífica e numerosa, o Dr. Fouqué fornece explicações sobre um método alternativo, denominado "*Ogino-Knauss*". Tal método, diferentemente dos atos degradantes do coito interrompido e do aborto, "evitará desequilibrar seu organismo com práticas sexuais anormais (...) não diminuindo as suas possibilidades de fecundação, no dia em que resolver escutar o apelo da

---

<sup>90</sup> Ibidem. Pp. 137 - 138

<sup>91</sup> FOUQUÉ. *Op. Cit.* Pg. 84

<sup>92</sup> Idem. Pg. 90

raça.<sup>93</sup> Consiste em estudar o ciclo menstrual da mulher, e suspender as relações sexuais no período em que a fertilidade feminina estiver em seu ápice hormonal. Para tanto, um breve curso de fisiologia sexual é apresentado na obra, com a descrição dos processos que levam à fecundação do óvulo, estabelecendo a forma correta de proceder nos cálculos para determinar com precisão a movimentação da fertilidade do organismo. Diferentemente, portanto, do texto de Edith Carnot, que investe de maneira rigorosa em um completo curso de fisiologia animal, nas mais minuciosas exemplificações do ato reprodutivo, sem porém, sequer tocar em métodos alternativos de planejamento familiar, salvo quando se dirige à condenação do coito interrompido e do aborto.

Já a Dra. Marie Stopes, em 1918, se pronuncia a respeito da "racionalidade da procriação", defendendo um programa de gestação voluntária como medida que pode conduzir a humanidade à perfeição, deitando críticas sobre as hipócritas leis e posicionamentos religiosos que encaminham o precioso dever da procriação ao fracasso social pela ignorância na biologia. No ataque direto aos entendimentos de qualquer ato de restrição da natalidade como imorais pelos que argumentam sobre a "destruição da vida em potencial", a autora condena a ignorância dos que

Tendo em vista apenas um ou dois d'essas myriades de espermatozoários que natural e inevitavelmente são fadados á morte, incentivam a gestação de petizes em rápida sucessão, tornados mais fracos pelos pequenos intervallos de tempo entre os nascimentos e que poderiam ser robustos e sadios se houvesse entre as concepções sucessivas medeado maior espaço de tempo. (...) Salvo quando a mulher é de excepcional robustez, cada filho que succede com pouco trajecto de tempo ao filho precedente abala-lhe a saude, seccionando-lhe a força que seria de utilidade á sua descendencia. Por isso as creanças vão nascendo cada vez mais fracas e fatalmente, embora pouco a pouco, podem matar a mulher que os concebe.<sup>94</sup>

---

<sup>93</sup> Idem. Pg. 92

<sup>94</sup> STOPES, Op. Cit. Pg. 155.

Em suas recomendações sobre a escolha do momento mais favorável à adequação da procriação, justifica sua posição atestando que "é um dever sagrado de todos os que se atrevem a transmitir a outrem a maravilhosa centelha da vida, deposital-a em um recipiente o mais adequado e perfeito, de modo que o corpo seja o mais forte e o mais bello instrumento possível"<sup>95</sup> para que a existência humana possa atingir a perfeição futura a que tanto se refere. O dever da procriação fica assim, totalmente vinculado à racionalização que pode impedir a vida para garantir seu perfeito desenvolvimento.

Do mesmo modo, porém, quase meio século mais tarde, o Dr. Fritz Kahn, ao refletir sobre o controle da natalidade e sua ação ao longo do tempo, profere que "foi neste século que se alcançou o nível de civilização em que, em vez de se eliminarem crianças já nascidas, tenta-se evitar que nasçam novas. O controle da natalidade é uma realização ética"<sup>96</sup>. E continua sua defesa alegando que "não é desejável engravidar a esposa imediatamente após o casamento", pois "o casamento ideal é aquele em que os jovens esposos durante dois anos vivem um para o outro e quando seu matrimônio tiver resistido á prova, selam a união por meio de filhos."<sup>97</sup>

Há que se considerar aqui o momento e os ambientes em que os autores se expressam. O final da década de 1950 compreende um período em que as reflexões sobre o controle da natalidade já encontravam um espaço maior de circulação na comunidade científica e na sociedade ocidental em geral. A francesa Edith Carnot, porém, pronuncia-se durante a Segunda Guerra Mundial, momento em que quase toda a Europa, incluindo a França, encontrava-se devastada, e as políticas de incentivo à natalidade eram necessárias para a revitalização do corpo social. Já Marie Stopes publica seu texto no final da Primeira Guerra Mundial, período em que a Inglaterra ainda permanecia como uma das maiores potências econômicas mundiais, sem enfrentar problemas graves que necessitassem de políticas evidentes na promoção da natalidade, embora sua obra tenha sido constantemente agredida pelos setores mais conservadores da sociedade em todo o mundo. No entanto, o que se considera aqui é a circulação destes diferentes

---

<sup>95</sup> Idem. Pg. 159

<sup>96</sup> KAHN, Op. Cit. Pg. 502

<sup>97</sup> Ibidem.

discursos e posições científicas em momentos bem próximos na sociedade brasileira.

Nestes debates se corrobora, portanto, a consagração de uma biologia reprodutiva, através de uma “socialização das condutas de procriação”,<sup>98</sup> por táticas cuja finalidade principal consista na perfectibilidade da reprodução humana, seja por incitações quantitativas ou qualitativas à difusão da vida. Tal socialização das condutas reprodutivas se efetiva de forma eficaz e dinâmica por uma responsabilização dos casais no emprego de técnicas e procedimentos que chamem o indivíduo à sua percepção como elemento constituinte do corpo social, ao convencê-lo sobre o valor de sua contribuição. Apoiar a Pátria, portanto, na gestão e otimização das suas forças, de sua população, com o reforço direto do cidadão que a compõe e a ajuda a se arquitetar.

O casal medicalizado não deveria se contentar apenas em procriar. Deveria sim, rejubilar-se em ver crescer e desenvolver-se a prole. A educação da descendência incidia na aliança entre o Estado Moderno e a estrutura familiar, a célula fundamental da sociedade virtuosa, harmônica e organizada. O núcleo familiar tem primordial importância, na medida em que o Estado vê “a alma da nação como ampliação de um indivíduo participante dessa mesma nação. Sem a ligadura da afetividade, o coletivo estaria sob ameaça de desagregação e dissolução.”<sup>99</sup> A coesão e a estrutura do casal conjugal deve conduzir o pleno desenvolvimento físico e moral de suas crianças, numa injunção que marca não somente a procriação, mas também a manutenção e o cuidados com os filhos, a fim de garantir sua permanência e fazê-la perpetuar em sua existência física e moral nas mais perfeitas condições para o benefício da sociedade.

As recomendações sobre a educação dos filhos, que ensinam sobre como se “fazer um homem”, desde o seu nascimento até o momento da educação de suas vontades, contribuindo para a formação de sua personalidade, são exemplos de uma série de sugestões que transformam a família no espaço próprio à constituição do caráter dos

---

<sup>98</sup> FOUCAULT, 1988. *Op. Cit.* Pg. 116

<sup>99</sup> LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1986. Pg. 46. Ao discorrer sobre as intenções das autoridades do Estado Novo no que tange à sociedade brasileira, o autor afirma que a família é observada como o “microcosmos do Estado autoritário”, sua “célula reacionária central”, como se servisse de “modelo” à organização de uma sociedade unificada na justa equivalência entre Pátria e Família.



futuros cidadãos. “Orientar a inteligência para o verdadeiro e para o belo” é o caminho que norteia a estética de um momento cujas bases se encontram na atuação dos pais como tutores dos indivíduos em desenvolvimento. Deste modo, como adverte Edith Carnot, “à medida que a pequenina razão for acordando, estai continuamente de espreita e não tereis nenhum descanso até que vossa obra, - *um homem*, - esteja acaba”.<sup>100</sup> Para viver e sobreviver! Para reviver e renascer! Pois somente “(...) através deles, tereis vivido e sobrevivereis a vós próprios, pois os versos do poeta permanecem eternamente verdadeiros. A criança... ‘*É a única coisa, aqui em baixo, que persiste. De tudo aquilo que se sonha*’.”<sup>101</sup>

## Sangue burguês e as teorias da hereditariedade

Frente a uma higiene matrimonial que prescreve todas as atitudes consonantes à vida dos esposos para que se mantenham sadios e prolíficos, estão igualmente as causas da hereditariedade, as inquietações com o legado genético que determinará a saúde dos filhos, além das preocupações com o meio que influenciará as disposições hereditárias latentes no organismo. Estas urgências é que legitimam todas as manobras de normalização da sexualidade inscrita no matrimônio, como as consultas matrimoniais, os exames pré-nupciais e todos os cuidados com a saúde e com a vida para a obtenção das condições que abonam a ideal capacidade para o casamento.

O horror aos perigos da degenerescência auxiliaria na construção das tecnologias em favor da vida, do aperfeiçoamento dos corpos para a edificação da “boa raça”, que confere o maior legado transmitido pelas gerações: a saúde que promove a expansão da força e da vida. Nesta direção, o dispositivo de sexualidade irá atribuir à moderna família burguesa uma transferência das preocupações com a ascendência que garante nobreza ao nome, para uma requisição da descendência que avaliza a saúde do seu organismo. Desta maneira, “o ‘sangue’ da burguesia [se transforma] no seu próprio corpo”, e abona os

<sup>100</sup> CARNOT. *Op. cit.* Pg. 80. Grifos do autor.

<sup>101</sup> FOUQUÉ. *Op. Cit.* Pg. 104. Poeta não identificado na obra. Grifos do autor.

processos eugênicos para melhorar a descendência humana, transversalizando uma “arte da longevidade, dos métodos para ter filhos de boa saúde e para mantê-los em vida durante o maior tempo possível (...)”.<sup>102</sup> Por este caminho, sobre o casamento entre primos irmãos, Edith Carnot revela a razão médica da sua não recomendação:

Sabe-se, de forma positiva, que nos casamentos consanguíneos (entre parentes próximos) os defeitos físicos hereditários, bem como as qualidades, não somente se adicionam na pessoa dos filhos que nascerão, como *neles se multiplicam*. Por outra, certas taras hereditárias dos avós (taras de cuja existência talvez nem se sonhava), aparecerão fortemente ampliadas, a ponto de se constituírem verdadeira enfermidade na nova descendência.<sup>103</sup>

Tais motivações tornam extremamente necessários os cuidados com a escolha do parceiro, na verificação exata de todas as condições decretadas para a aptidão ao casamento, pois “o casamento é, como de todos se deve esperar, não só a maneira do individuo assegurar a felicidade para si mesmo, como também para a sua descendência.”<sup>104</sup> Assim, a maturidade necessária para o estudo das qualidades sócio genéticas do cônjuge é fundamental no momento de sua escolha. E para garantir a exatidão dos conselhos que previnem da degeneração futura, Carnot avisa que “quando se pergunta aos diretores de escolas de surdos-mudos e cegos, ficam-se admirado do numero de seus protegidos que filhos de primo-irmãos”.<sup>105</sup>

Em meio às incitações sobre o aperfeiçoamento dos filhos de um povo, porém, o Dr. Fouqué tem o cuidado de ressaltar sua alusão ao tipo sadio, normal, ao tratar sobre a perfectibilidade da descendência. Numa negação explícita ao "tipo puro", heróico, cujos estigmas do período pós-guerra condenam os autoritarismos estatais redutores da atuação dos corpos aos estúpidos objetivos de uma "raça superior", o

---

<sup>102</sup> FOUCAULT, 1988. *Op. Cit.* Pg. 137

<sup>103</sup> CARNOT. *Op. cit.* Pg. 148

<sup>104</sup> VELDE. *Op. Cit.* Pg. 316

<sup>105</sup> CARNOT. *Op. cit.* Pg. 148

que propõe parece se mostrar bem diferente nas exposições sobre a higiene que possibilita a constituição da boa raça, da saúde, da perfectibilidade dos corpos e da vida humana. Numa quase evidente preocupação em não se comprometer com os racismos criminalizados dos fascismos europeus, tão recentes e tão fracassados, ele expõe a fraqueza de seus "elevados" e puros heróis, possuidores de uma biologia isolada e fadada ao definhamento pela estreiteza que a ausência da biodiversidade (natural) proporciona. “Quanto mais, num indivíduo, o tipo heróico se apresentar puro – estatura elevada, cabelos loiros, crespos, olhos azuis, pele clara – tanto mais tal indivíduo poderá ser presa da grande ceifadora de jovens, que é a tuberculose”.<sup>106</sup> O exemplo da doença serve para aludir ao seu filho que sucumbiu à mesma. Mas podemos imaginar sua advertência a todos os males da modernidade que assolam a saúde dos jovens enfraquecidos pela aspiração dos pais ao tipo heróico e superior, puro e fraco, fadado ao fracasso biológico.

As reflexões científicas que embasavam as teorias eugênicas da França podem contextualizar a posição do médico francês na condenação dos extremismos na purificação racial de um povo com vistas à perfectibilidade física e social. O movimento eugênico deste país, com o qual o Brasil estabeleceu conexões científicas de longa data, refletia o estilo social alternativo de investimento nas noções lamarckistas da hereditariedade.<sup>107</sup> Segundo Nancy Stepan, os debates promovidos por estas correntes de pensamento motivaram as discussões sobre a degeneração racial pelas ciências do saneamento de forma mais inovadora e "mais suave" que as concepções mendelianas da eugenia anglo-saxã. As políticas de reprodução e da sexualidade, no caso do Brasil, seguiam por tais motivos acalorados debates sobre a resolução dos problemas sociais em meio aos dados da miscigenação e da alta variedade étnica que compunha a sociedade brasileira.<sup>108</sup>

Do mesmo modo, o Dr. Van de Velde, ao tratar sobre os cuidados na escolha do futuro companheiro - com as preocupações

---

<sup>106</sup> FOUQUÉ. *Op. Cit.* Pg. 79

<sup>107</sup> STEPAN. Nancy Leys. *A Hora da Eugenia. Raça, Gênero e Nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. Pg. 14

<sup>108</sup> *Idem*. Pg. 15. A autora discorre sobre a diversidade das posições intelectuais e das discussões interpretativas dos diversos grupos que disputavam distintos projetos políticos no Brasil. Atenta, assim, para o perigo de abordagem da eugenia como um projeto discursivo homogêneo e monolítico, considerando sua extrema heterogeneidade e variação teórica em seu desenvolvimento nacional e internacional. Porém, discussões mais detalhadas não serão desenvolvidas aqui por não se tratar disto o foco analítico deste trabalho.

voltadas às condições que determinarão a descendência gerada pelo casal, procura abster de qualquer atração com pontos de vista extremados e demasiado racistas,

"pois suas simpatias se limitam quasi exclusivamente às uniões entre as chamadas 'raças puras', como sendo catalogadas as raças nórdicas, tão somente; pois nas uniões que não são 'puras' neste sentido, em minha opinião, a diferença racial não é o elemento que irá criar dificuldades ao matrimônio (...) Por parte da diferença de nacionalidades, contudo, não há a temer nenhuma influencia desfavorável sôbre a descendência".<sup>109</sup>

O único empecilho visto pelo médico nesta questão das diferenças nacionais seriam as imposições da diversidade cultural, da tradição, ou da "maneira filosófica de encarar a vida", atestando sua preocupação com a homogeneidade social das relações, ao censurar tudo o que pudesse ameaçar a coesão da vida conjugal - condição primordial para a estabilização do matrimônio e para a abastança da vida em família.

O posicionamento sutil do doutor alemão demonstra, assim, uma intenção em se distanciar das noções eugênicas que dominaram as discussões sobre a purificação racial da população alemã. As bases conceituais da genética mendeliana e da biometria estabeleceram duras diretrizes de controle dos nascimentos, esterilização obrigatória e eliminação total dos elementos degenerativos que impossibilitavam a perfectibilidade da reprodução nos programas de natalidade da Alemanha, assim como da Grã - Bretanha e dos Estados Unidos.<sup>110</sup> A partir da década de 1940, com o fracasso das políticas raciais nazistas e sua condenação pela comunidade científica internacional, um movimento de "ruptura e reconstrução" da eugenia começa a se esboçar, segundo Nancy Stepan, "sob a pressão das mudanças na ciência e na política"<sup>111</sup> ocidentais. Desta maneira, a maioria dos intelectuais e cientistas antes engajados politicamente com as causas eugênicas das

---

<sup>109</sup> VELDE, Op. Cit. Pg. 318

<sup>110</sup> STEPAN. Op. Cit. Pg. 22

<sup>111</sup> Idem. Pg. 207

nações anglo-saxônicas procuraram se afastar de suas teorizações "falhas e simplistas", e investir na reconstituição de um "campo neutro de conhecimento", enfatizando uma reforma eugênica "mais científica, mas também mais liberal e progressista"<sup>112</sup>, longe dos fundamentos ideológicos do período anterior.

Embora a preocupação com a hereditariedade estivesse presente nos discursos dos médicos, as discussões sobre eugenia como procedimento de "homogeneização" do caráter biológico de uma população são quase inexistentes nas obras estudadas. A modo de explicação, o Dr. Van de Velde se propõe a esclarecer brevemente sobre o conceito de eugenia utilizado pela medicina de forma genérica, tratando-a como um ramo específico da higiene racial, cuja descrição sistemática não consiste no objetivo de seu livro. Deste modo, entre reflexões sobre informações genéticas da hereditariedade mendeliana, assim como das teorias lamarckistas ou darwinianas da transmissão hereditária das características biológicas, o médico alemão desconsidera a necessidade de tomar partido de tais contravenções, afirmando que sua tarefa "resume-se em investigar se de fato as influências prejudiciais externas (venenos, etc.) são capazes de modificar o plasma germinativo a tal ponto de ocasionar uma descendência mais ou menos profundamente atingida por ele."<sup>113</sup>

Assim, a apreensão com a descendência e os caminhos da hereditariedade assume, neste momento, até mesmo nos países anglo-saxões, um caráter muito mais vinculado à transformação do meio e das condutas individuais como forma de intervenção na saúde física e mental dos indivíduos. Uma política de hereditariedade que não poderia mais usar o radicalismo do termo "purificação", mas sim "transformação" através de medidas sociais que trariam o aperfeiçoamento coletivo através dos empenhos individuais, da moralização da família e da perfeita constituição de uma sociedade livre dos vícios e das doenças que provocam a sua destruição.

No caso específico do Brasil, as discussões sobre a eugenia se entrelaçavam em certos aspectos com as concepções higienistas e sanitaristas que emergiam nas primeiras décadas do século XX no país. Em suas "preocupações nacionais quanto ao estado de saúde,

---

<sup>112</sup> Ibidem

<sup>113</sup> VELDE. *Op. Cit.* Pg. 322

saneamento, higiene e situação racial da população"<sup>114</sup>, as reflexões eugênicas alicerçadas nos ideais da medicina social, partiam de convicções com "fundo neolamarckista" sobre a transmissão hereditária de caracteres adquiridos para formularem reflexões relativas à influência do meio social na saúde física e mental da população. Pegando carona com os princípios profiláticos do higienismo e os terapêuticos do sanitarismo científico, o papel da eugenia se converteria na urgência da regeneração racial do país. Percebida pela classe intelectual que lhe dava corpo como "a verdadeira ciência da hereditariedade"<sup>115</sup>, segundo Souza, o intuito fundamental das idéias eugênicas se concentrava no combate aos "males sociais" que se transformavam em "verdadeiros venenos raciais", ao levar a sociedade ao fastígio das degenerescências pela hereditariedade viciada de definhados e atrofiados de toda ordem. Desta maneira, as preocupações com o legado hereditário da população se pautavam na construção de um saber organizador de estratégias preventivas e saneadoras que pudessem intervir, discursivamente ou não, sobre a sexualidade dos indivíduos na ordem política e social.

São os discursos da evolução da vida sempre em mutação diante dos compromissos que cada momento apresenta. Num período em que não se pode mais mencionar os radicalismos ideológicos do racismo científico - traduzido na eugenia anglo-saxônica, mas ainda se inquieta com a moralização social e com a saúde dos indivíduos como medida Biopolítica, deve-se procurar outras maneiras de resolver os enigmas da hereditariedade, ainda existentes, como meio profilático de manutenção saúde dos indivíduos.

## Uma ciência para intervenção no corpo físico

Posso eu, no que diz respeito ás minhas condições de saúde (...), contrair matrimonio? E posso eu, encarando, igualmente, a questão do ponto de

---

<sup>114</sup> SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A Eugenia no Brasil: Ciência e Pensamento Social no Movimento Eugenista Brasileiro do Entre-Guerras*. In: XXIII Simpósio Nacional de História: Guerra e Paz, 2005, Londrina. Anais Suplementar do XXIII Simpósio Nacional de História, 2005. Pg. 01

<sup>115</sup> Idem. Pg. 04

vista da saúde, desposar a mulher que tenho em vista? “E eu, poderei desposar ‘aquele’ homem?” perguntará a mulher. Estas perguntas nos parecem lógicas a todo e qualquer candidato ao casamento, - se por acaso estes formulassem perguntas desta espécie.<sup>116</sup>

A admissão do saber médico sobre a sexualidade abre possibilidades à prescrição da medicina, em manobras práticas ou discursivas sobre o corpo das pessoas no intuito de garantir homens rijos, disciplinados, modelos aparentes de saúde, força e riqueza de espírito – virtudes individuais que, pelo melhoramento da espécie humana, visariam o aperfeiçoamento de toda a sociedade que comporta os indivíduos isolados.

A reflexão proposta pelo Dr. Van de Velde, no que infere à constituição física dos candidatos ao matrimônio, evidencia os intentos discursivos que propõem a prevenção e o arranjo terapêuticos que tendem à união conjugal. Numa articulação de conselhos que estabeleçam as precauções necessárias aos aspirantes ao casamento, percebe-se uma direção discursiva que, além disso, procura incutir nos sujeitos o seu autoconhecimento sobre as competências físicas num mundo permeado de relações sociais. Tudo gira em torno, portanto, de um jogo cuja finalidade deve conceber a auto percepção dos nubentes sobre as capacidades físicas de seu próprio corpo, para atestar suas habilidades frente às exigências que um novo estado social - o de recém casados – reclama para si.

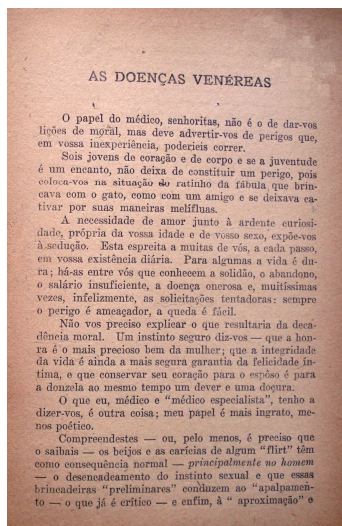


Fig. 02: As doenças venéreas - CARNOT, E. *A Serviço do Amor*. [s.d]

<sup>116</sup> Idem. Pg. 149

Nesta tensão, porém, complexa de discursos e práticas historicamente produzidos que instituem as maneiras do cuidado de si e do autoconhecimento individual, a experiência de si é construída num jogo duplo<sup>117</sup>, em que a verdade do sujeito não lhe é imposta de algo exterior ou de forma arbitrária, mas ao contrário, exige sua participação intensa na fabricação de uma verdade sobre si mesmo. O saber médico, neste caso - atuando de forma prescritiva em meio a determinações profiláticas que visam prevenir conseqüências degenerativas, ganha significado diante dos enigmas que partem do próprio corpo percebido como alvo. É a licença do indivíduo, portanto, que poderá situar a ação científica autorizada para resolver as dificuldades de um corpo pertencente ao grupo maior. Como afirma Maria Izilda Santos de Matos, diversos especialistas e campos de saber se dedicaram a construir, no início do século XX, esquemas de interpretação sobre o corpo e seu desenvolvimento, criando modelos e padrões. Assim, o modelo de corpo ideal centrou-se no corpo “jovem-saudável”, pela constituição de “modelos e normas do bom uso do corpo, valores normativos e reguladores: maneiras de se comportar, de combater, de se cuidar, se alimentar, (...), etc.”<sup>118</sup>

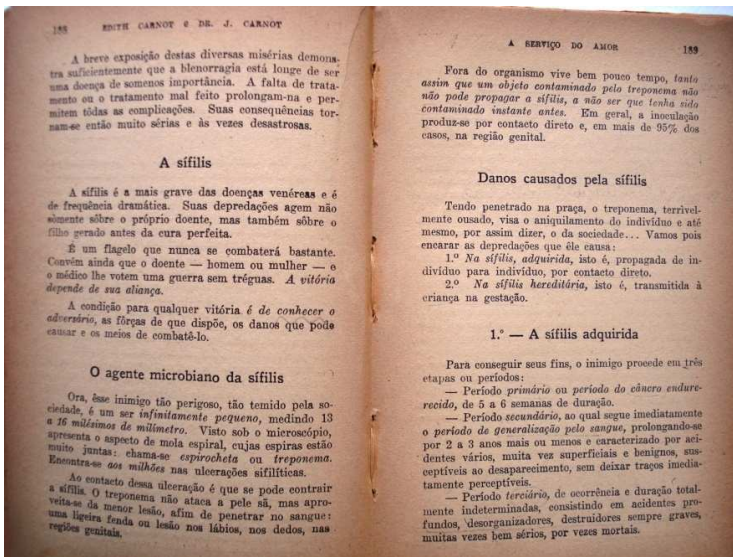
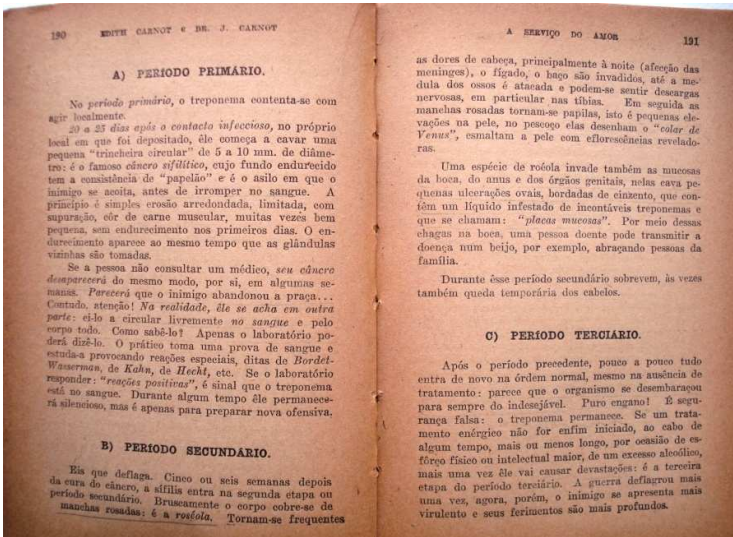
Uma completa descrição das deformidades que podem inviabilizar a constituição matrimonial, seguida de um sumário explicativo das doenças que assolam a capacidade sexual dos cônjuges, ao lado das considerações médicas sobre a idade ideal em que podem os nubentes se unirem no casamento - são alguns ex emplos destas apostas e articulações. Elementos que fundam métodos para designar cientificamente os caracteres aceitos à adaptação das qualidades reprodutivas no casal medicalizado. A descrição dos agentes causadores das moléstias degenerativas aparece para sentenciar a possibilidade da cura terapêutica, que deve ser alcançada também como meio de aprendizagem para que os erros não se repitam nos encargos com a prole.

---

<sup>117</sup> Cf. FOUCAULT, 1979. *Op.Cit.*

<sup>118</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de Emoções. Corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru, SP: Edusc, 2005. Pg. 39



Fig. 03: Descrição das doenças - CARNOT, Edith, *A Serviço do Amor*. [s.d.]Fig. 04: Descrição das doenças - CARNOT, E. *A Serviço do Amor*. [s.d.]

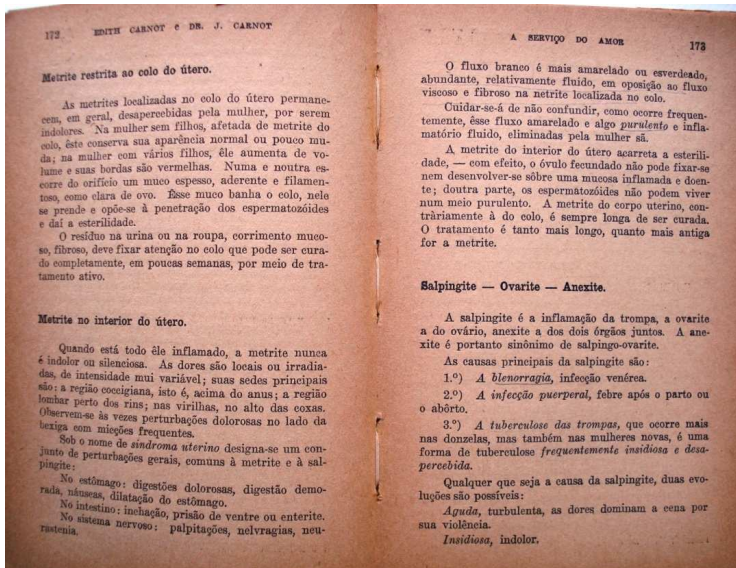


Fig. 05: Descrição das doenças - CARNOT, E. *A Serviço do Amor*. [s.d]

“Partindo deste ponto de vista, pode-se dizer boa ou má, a constituição do indivíduo. A má constituição nós chamamos de degeneração, e pode ser condicionada por influências herdadas ou pelo meio ambiente”.<sup>119</sup> Todas as extensões que promovem a má constituição do organismo podem ser vinculadas, de qualquer modo, àquelas determinadas pelo meio ambiente. Mesmo as consideradas de caráter hereditário são agenciadas pelos maus hábitos de saúde dos pais, o que denota a viabilidade de uma valorização da disciplina - a singular abertura para as condições exigidas que atestam as habilidades à concessão conjugal.

Em outras palavras, “a degeneração determinada pela influência do meio, pode iniciar-se na vida pré-natal da criança, se a nutrição do embrião é tolhida por doença da mãe, ou condições desfavoráveis da sua vida; ou se ele mesmo é atingido por bactérias e toxinas”.<sup>120</sup> Através da prevenção das doenças físicas, numa orientação

<sup>119</sup> VELDE. *Op. Cit.* Pg. 64

<sup>120</sup> Idem. Pg. 65

profilática dos indivíduos para que afastem as moléstias que ameaçam a saúde do corpo, os manuais de higiene - e primordialmente os que se voltam à constituição dos saberes médicos sobre o matrimônio - aconselham os indivíduos sobre como gerirem os cuidados com sua saúde, assim sobre como auxiliarem na conservação de sua integridade física, para deste modo garantir também a de seus filhos.

Uma concepção fisiológica da Medicina, de acordo com Maria Stephanou, passou a tomar posição preponderante nas primeiras décadas do século XX, no que tange aos discursos dos profissionais da saúde sobre as questões de prevenção e tratamentos dos males físicos dos indivíduos<sup>121</sup>. Neste entendimento, o papel do médico não se apresentaria no simples tratamento de uma lesão como isolada do corpo, mas na prevenção e correção das perturbações que prejudicariam o funcionamento total da atividade corporal como integrada e interdependente em suas diversas funções. Desta forma, a medicina preventiva se mostraria como um novo discurso direcionado aos espaços privados e públicos, no intuito de orientar a todos para a tarefa de combater os males antes mesmo de sua instalação direta no organismo.

Consonante a isto, “hoje em dia compreendeu-se enfim a necessidade de submeter a mulher grávida, durante o período da gravidez, a uma vigilância médica (...)”<sup>122</sup>, para realizar todos os exames de prevenção e correção de qualquer inconveniente ameaçador da perfectibilidade física da criança. A “determinação da data do futuro nascimento”, as preparações para o parto e para o período de “repouso

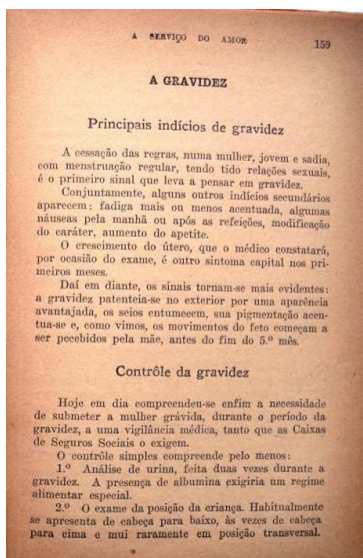


Fig. 06: Controle da gravidez - CARNOT, E. *A Serviço do Amor*. [s.d]

<sup>121</sup> Sobre a discussão teórica voltada às concepções orgânica e fisiológica da medicina cf. STEPHANOU, Maria. *Medicina e Discurso Científico Para a Educação*. In: 23ª Reunião Anual da Anped. Caxambu - RJ. 2000. CD ROM.

<sup>122</sup> CARNOT. *Op. cit.* Pg. 159

fisiológico” após a liberação de todos os elementos, tudo deve ser determinado pelas precauções médicas, que podem prever completamente a maioria das complicações e remediá-las antes ainda de chegado o momento do nascimento. Os cuidados com a higiene para evitar todos os tipos de infecção, o tempo mínimo de observação médica para que qualquer complicação pós-parto seja evitada. Tudo deve seguir os conselhos médicos, e nenhuma atitude deve ser adotada sem o seu consentimento. Alusões à figura da parteira são feitas em alguns momentos - na percepção do lento processo de difusão das licenças científicas como únicos métodos de condução da saúde da população.

Além das ocupações com a saúde do parto e do período da gestação, as atenções médicas se dirigem igualmente ao recém nascido, ao preceituar todas as atividades que o novo casal deve executar para garantir a integridade física do filho desde a primeira infância. “Os primeiros cuidados serão de banhar o bebê e de proceder o cuidadoso tratamento do *umbigo*, com compressas antissépticas e álcool a 60 graus”. Em seguida, voltar atenção à higiene dos olhos, à “limpeza do corpo” para dispensar os vestígios do parto, ao rápido aquecimento e acomodação do bebê, às precauções com os primeiros curativos do umbigo, e finalmente a frequência detalhada da alimentação, são exemplos da exatidão metodológica a que se procura conduzir a observação da mãe.

“Para controlar a boa ou a má alimentação é necessário anotar cada dia o peso do bebê e estabelecer uma rigorosa curva desse pêso”.<sup>123</sup> Tudo para que seja alcançada a perfeição física do pequeno indivíduo que se converterá no cidadão da nação que agrega sua força biológica. Neste sentido é que o sucesso da higienização seria conferido pelo acompanhamento médico desde a mais tenra infância, com os conselhos e atenções à família até principalmente os dois anos, e ao espaço escolar posteriormente à “primeira idade”.<sup>124</sup> A importância da educação física como atividade disciplinar do corpo igualmente receberá a atenção dos médicos pelas transformações e benefícios que oferece à saúde, permitindo o prolongamento da vida, a valorização e a correção de todos os atributos individuais, e por extensão, coletivos e sociais dos cidadãos.

As indicações profiláticas em relação às doenças encontram-se igualmente neste rol de apreensões que legitimam a intervenção

---

<sup>123</sup> CARNOT. *Op. cit.* Pg. 165

<sup>124</sup> COSTA, 1983. *Op. Cit.*

discursiva sobre o corpo dos que estão prestes a contrair matrimônio. Os danos causados por tais moléstias têm a capacidade de aniquilar uma sociedade inteira, por isto é preciso “conhecer melhor o mal para melhor evitá-lo”<sup>125</sup>, aprender a diagnosticar o seu aparecimento no caso de contágio, e desde o aparecimento dos primeiros sintomas, procurar “sem perda dum instante, um bom médico, porque o tratamento é tanto mais eficaz, quanto mais cedo for iniciado”.<sup>126</sup>

Quanto aos inconvenientes causados por tais enfermidades, entre os quais é destacada, sobretudo a incapacidade para o casamento, “a gravidez aparece, a mais das vezes, associada a uma tão significativa agravação da doença (tuberculose), que este perigo deve ser de antemão prevenido. Mesmo a interrupção cirúrgica da gravidez não pode, em muitos casos, deter o progresso fatal da doença”.<sup>127</sup> Pela demonstração dos riscos à própria vida que uma combinação da doença com o matrimônio pode gerar, o saber do médico não deixa dúvidas quanto às catástrofes que pode suscitar sua passagem na estrutura biológica do homem. Deste modo, as desordens internas do organismo constituem “obstáculo relativo ou absoluto ao matrimônio, conforme a maneira por que se tenha desdobrado”<sup>128</sup>, ou seja, de acordo com a atenção que o indivíduo dispensou às análises clínicas do médico e aos seus conselhos sobre a prevenção destes incômodos degenerativos.

---

<sup>125</sup> CARNOT. *Op. cit.* Pg. 178

<sup>126</sup> *Idem.* Pg. 181

<sup>127</sup> VELDE. *Op. Cit.* Pg. 93

<sup>128</sup> *Idem.* Pg. 91

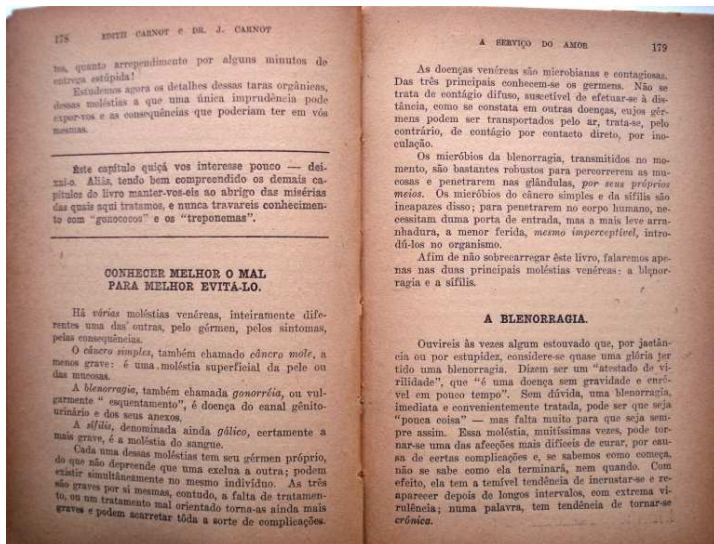


Fig. 07: Profilaxia - CARNOT, E. *A Serviço do Amor*. [s.d.]

E ao lado destas precauções, sobressaem-se do mesmo modo as indicações sobre como cuidar da higiene corporal para otimizar as funções do corpo - a julgar a manutenção do prazer e do apetite nas relações sexuais, e ao mesmo tempo a prevenção de moléstias provindas da imundície, como vermelhidões e inflamações que prejudicam o desempenho dos órgãos no seu efetivo emprego de rematar o ato gerador. "Você vai, minha filha, desde hoje, mandar instalar em sua casa um banheiro confortável onde principalmente não se deve esquecer o bidê. (...) Este aqui, vê você, é o móvel principal da casa".<sup>129</sup> O móvel principal para que o asseio corporal seja conservado, e o fato de a Dra. Andréee carecer de atribuir ênfase sobre a instalação do cômodo de limpeza pessoal na habitação, nos faz imaginar que tal prática ainda não estaria totalmente difundida nos centros europeus da primeira metade do século XX. Estas necessitariam, portanto, de um maior investimento pelos que visavam à implantação de uma política de saúde como pilar da

<sup>129</sup> ANDRÉE. *Op. Cit.* Pg. 83

sobrevivência e garantia do aperfeiçoamento da vida em sua materialidade.

No início do século XX no Brasil, “as ações médicas nas cidades foram múltiplas e intensas, desde a formulação de propostas de saneamento, passando pela análise de problemas como a constituição do tipo brasileiro, até a proposição de iniciativas de saúde”. Estas iniciativas possibilitaram a formação de uma “rede de espaços de intervenção sanitária, (...) assegurando a circulação dos discursos médicos no campo social”.<sup>130</sup> O trânsito dos profissionais da saúde se estabeleceu, portanto, pelos mais variados espaços da sociedade, perpassando do público ao privado suas atribuições e conselhos articulados pela palavra especializada.

A presença do saber médico demarca, portanto, um período em que a formalização de “verdades estabelecidas” se fazia necessária no intuito de corrigir as tendências que ameaçavam os impulsos higienistas. Independente da esfera social a que é lançado (se pública ou privada), o conselho médico se investe do poder da especialidade para se fazer presente, ouvido e respeitado no movimento de conscientização das novas condutas higiênicas e civilizadas aos indivíduos. Neste sentido, Maria Izilda Matos afirma que o corpo se constitui como resultado de um complexo processo de naturalização regulador de suas dinâmicas, que inclui os projetos Biopolíticos de organização social dos indivíduos, de acordo com a constituição de suas “funções sociais”.<sup>131</sup> Assim, ele se constrói como um sustentáculo de princípios éticos (contenção, disciplina, moderação) sobre os quais são edificados os estéticos (saúde, beleza, moral, higiene, sexualidade, prazer). Nas construções discursivas sobre o corpo, portanto, ele se desenvolve como uma “âncora de emoções” que suporta, em seus usos e práticas, o entrecruzamento das sensibilidades e percepções agenciadas por sua atuação subjetiva no mundo social.

No tocante aos atrativos do prazer sexual e às obrigações higienistas, as discussões sobre as deformidades físicas são basilares para uma compreensão mais concreta do que significariam os espaços da intervenção sanitária numa metodologia de cultivo dos corpos: “A beleza não é, por si mesma, um sinal de capacidade para o matrimônio.

---

<sup>130</sup> STEPHANOU, Maria. *Saúde, higiene e civilidade em manuais*. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação, 2004. Curitiba/PR. A Educação Escolar em Perspectiva Histórica. Curitiba/PR: Universitária Champagnat, 2004. Pg. 01

<sup>131</sup> Cf. MATOS, Op. Cit.

No entanto, é fácil de compreender que as deformidades capazes de afetar a simetria da figura, poderão reduzir a atração sexual de tal maneira que o indivíduo se verá inteiramente inapto para o matrimônio”.<sup>132</sup>

Mesmo que o defeito, como sinal de feiúra, não seja interpretado como uma perturbação da saúde, ele se constitui como obstáculo relativamente significativo na medida em que não contribui, ou até prejudica o curso da vida sexual em suas finalidades conjugais. Deste modo, é necessário corrigi-los, seguir as determinações que o médico apresenta e saná-los para adentrar na classe das habilidades e aptidões ao casamento. A beleza estética aliada à perfeita ordenação da saúde sexual são exigências imprescindíveis para garantir tais acomodações, ao abonar a atuação sexual do casal e lançar as bases do matrimônio perfeito para o futuro. Os mecanismos de intervenção na saúde dos indivíduos se espreitam aqui pela biologia, pela vida de um corpo físico que deve receber a ingerência médica que garante sua integridade, seja pela cura, seja pelo aperfeiçoamento. São as consignações de uma política de saúde para o aperfeiçoamento da vida, e por consequência, das artes de viver.

Em última instância, não se pode deixar de aludir às considerações acerca da idade idealizada para uma aproximação matrimonial eficaz dos parceiros. Nesta questão, o Dr. Van de Velde adverte que a estabilidade do casamento só é garantida por uma harmonia sexual durável, e a condição para isto sanciona uma certa correspondência na idade dos cônjuges, variável dentro de certos limites. Citando Sellheim, sua fonte de estabelecimento destes limites, com o qual concorda efetivamente, ele destaca:

“A aspiração natural, prestigiada pela civilização, é juntar um indivíduo jovem do sexo feminino a outro mais velho do sexo masculino, para constituir um todo, sexualmente falando, combinando numa harmoniosa união a juvenelidade á madureza masculina. Ele considera os vinte e um anos a idade normal para o casamento, quanto á mulher, e quanto ao homem, a dos vinte e sete anos, e experimenta determinar para os vários períodos da vida as

---

<sup>132</sup> VELDE. *Op. Cit.* Pg. 39



diferenças mais favoráveis de idade, com o fito de atingir a harmonia sexual. Tais são.”<sup>133</sup>

14, 21, 28, 35, 42, 49

18, 27, 35, 45, 54, 63

Toda vez, portanto, que ocorrer uma grande diferença entre estes números, as “bases do casamento não podem ser consideradas firmes”, pois “todo casamento entre uma mulher ainda jovem e um indivíduo de idade avançada, inspirado em motivos interesseiros, acaba em dissensão quasi sempre. A mulher (...) sente-se ludibriada ao constatar a limitada potencia sexual do marido e a sua falta de elasticidade, e arrepende-se de ter dado o passo.”<sup>134</sup> Mais uma vez, declinando das considerações de gênero que podem ser extraídas desta exposição, aqui nos deparamos com uma plena circunscrição da vida individual e biológica nas cotações da higiene matrimonial. Uma perfeita associação do equilíbrio etário por toda a vida conjugal é estabelecida, ainda que a idade ideal para dar início à união não escape às observações do médico: 21 anos para a moça e 27 anos para o rapaz. Período da vida em que ambos estariam preparados fisiológica e socialmente para os encargos e atrativos dos quais toda união conjugal toma parte.

Neste caso específico, contudo, é aceitável uma observação sobre pistas que nos levam a considerar outros intentos na abrangência dos assuntos conjugais, embora não estejam explícitos no comentário do médico. Em meio a toda esta vegetação de elementos degenerativos da sexualidade que devem ser enquadrados, impedidos e corrigidos, existem outros propósitos inseridos nos dispositivos de fabricação da sexualidade que mantém os corpos limpos, puros, perfeitos, intactos. Não é somente a força sexual que promove a atração mutua dos parceiros e possibilita a felicidade e a estabilidade conjugal tão aclamada por uma literatura que engendra estas exigências. Para a manutenção do laço matrimonial, de modo que não se desfaça tão facilmente, o discurso médico se lança também à valorização de “virtudes” que possam dar sentido a estas bases conjugais.

---

<sup>133</sup> Idem. Pg. 132

<sup>134</sup> VELDE. *Op. Cit.* Pg. 137

A criação das sensibilidades matrimoniais, dos sentimentos familiares que se ajustam no amor romântico entre marido e mulher, o amor filial que impõe mais um passo na manutenção dos rebentos, entre outras ponderações mais meditativas à construção de um conceito de família também permeado pelos apreços à materialidade corporal. Afinal, em meio a todos estes dispositivos para a fabricação de uma sexualidade que mantenha as afinidades no jogo da coesão conjugal e da procriação, o que asseguraria de forma mais objetiva - e ao mesmo tempo abstrata - toda esta cartografia dos corpos saudáveis e do sexo vantajoso aos propósitos do matrimônio?

### **Por uma construção das sensibilidades conjugais**

“O amor não é o contacto de duas epidermes; seria vergonhoso profanar esta palavra divina, conforme, aliás, é costume; seria vergonhoso supor que o amor consiste em sensações e não em sentimentos. CHAMFORT”.<sup>135</sup> O amor presente na relação matrimonial é aqui definido como o sentimento capaz de libertar o casamento da banal união dos corpos que exige somente o ímpeto das sensações físicas como forma de satisfação pessoal. Algo que de modo algum satisfaria o desejo de manutenção dos laços conjugais na promoção da felicidade e estabilidade do casal. Como assegura Paulo Mantegazza, ao discorrer sobre os pecados do amor: "quando há verdadeiro amor, não pode haver nunca luxúria; e, quando o amor falta, é lascívia até um beijo."<sup>136</sup>

A união de dois indivíduos em matrimônio se organiza em conceituações bastante profundas e possuem complexidade suficiente para legitimar a procriação e a manutenção da prole, a criação e a solidificação dos laços nupciais em torno do casamento. “No amor, a carne aniquila, caso o espírito não a vivifique”.<sup>137</sup> É este espírito, eminentemente humano, endemicamente passível da sensibilidade e da

---

<sup>135</sup> CARNOT. *Op. cit.* Pg. 15

<sup>136</sup> MANTEGAZZA, Paulo. *O amor*. Traduzido por Arlindo Varella. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1897.

<sup>137</sup> ANDRÉE. *Op. Cit.* Pg. 51

civilidade que diferenciam a condição do homem da do animal - besta irracional, que deve garantir a dedicação do casal aos nobres objetivos da harmonia doméstica. Diferenciar, portanto, os ordinários impulsos do desejo sexual na pura e simples atração física frente aos dignos e sublimes ditames do amor, seria primordial para ascender à consciência da condição humana, superior, inteligente, e dirigir a vontade individual para o caminho da perfeição coletiva. Aí é que se poderia condicionar uma sensível efetivação das técnicas de subjetivação na composição dos cuidados de si <sup>138</sup>.

Sobre este tema, a reflexão de Foucault acerca do investimento na austeridade sexual da antiguidade helênica como forma de intensificar os sujeitos na relação consigo, "pela qual o sujeito se constitui enquanto sujeitos de seus atos" <sup>139</sup>, auxilia na compreensão das tecnologias de si. Na constituição de uma "cultura de si", o incremento de uma estética da existência tinha como pressuposto, naquele contexto, a ocupação consigo mesmo, numa ativação da liberdade ética do indivíduo como ser livre e racional que atua em sua vida moral, sem ruptura com mundo e com a comunidade em que vive. A conduta racional dos homens adultos em uma moral sexual que ditava as artes de viver, estabelecia os critérios estéticos da existência que autorizavam um maior entendimento sobre o domínio de seus atos, na construção subjetiva que buscava intensificar as relações sociais pelo comportamento ético dos indivíduos. A moralização sexual como estética da existência exigia, assim, uma inscrição da vida no estreitamento da conjugalidade, no compartilhar da vida conjugal no casamento que possibilitaria também a manutenção dos jogos políticos do matrimônio e suas funções sociais mais amplas. Para além da interdição e da proibição, portanto, a inscrição dos domínios sexuais na conjugalidade é o que permitiria o "bom entendimento nas leis do coração", através da reciprocidade afetiva na qual o homem se constitui como "sujeito moral na relação de conjugalidade". <sup>140</sup>

A filosofia posterior da pastoral cristã medieval se apropriaria de muitos dos elementos antigos desta problematização sexual do helenismo, resignificando-os no remanejamento ético da "decifração da alma" por uma hermenêutica purificadora, na qual a renúncia de si propunha outra maneira de constituição subjetiva. A partir de uma

---

<sup>138</sup> Cf. FOUCAULT, 1985. Op. Cit.

<sup>139</sup> Idem. Pg. 47

<sup>140</sup> Ibidem. Pg. 87

reorganização renascentista, e mais efetivamente na moral burguesa dos séculos XVIII e XIX - longe de arriscar interpretar um retorno simplista e direto da moral sexual antiga - pode-se verificar uma maior proximidade dos ideais estéticos helênicos na ética conjugal. Em outras bases, construídas sob outros parâmetros e imperativos, porém, as mesmas técnicas de constituição de si parecem ser evocadas em uma ética burguesa da moral sexual como forma de inserir o indivíduo em sua condição de singularidade racional que conecta sua existência privada e sua atuação social num movimento de reciprocidade contínua e quase obrigatória.

Persuadir o homem de sua condição de “animal social” e político seria, assim, o essencial desígnio de uma consciência capaz de amar, retribuir, doar, dedicar sua vida a outrem e confiar a tudo isso uma reciprocidade automática. Excepcionalmente desta maneira seria possível garantir seu apego ao equilíbrio matrimonial. Equilíbrio este que mantém sua objetivação nas motivações sociais, e sua razão direta na moderação entre satisfação sexual e apreço afetivo pelo parceiro. Tais considerações exclusivas da inteligência humana tornariam reais, portanto, o desejo de ter filhos, de mantê-los, educá-los, protegê-los, amá-los. Prover a harmonia e a sustentação da família seria a exigência primordial para que fosse possível obter a reciprocidade deste ato no conceito substancial da felicidade. A felicidade no casamento conceituada como a satisfação dos desejos sexuais em uma relação afetiva profunda, na qual o sentimento amoroso poderia ser sublimado e realizado em seu espaço conjugal exclusivo de efetivação.

Ao refletir sobre "o matrimônio feliz na realidade", Fritz Kahn afirma que não é divertimento, mas uma realização. Portanto, "felicidade no matrimônio é o bom êxito dessa realização. A realização no matrimônio não é uma aventura celestial, mas terrestre. Não é a doce felicidade dos romances e do palco, é a felicidade árdua, (...) que é conquistada em penoso esforço. (...) A felicidade do matrimônio é a felicidade de ter realizado alguma coisa" <sup>141</sup> Não é o doce sonho do conto de fadas, mas a experimentação de uma vida real, com problemas e situações a resolver, de cujos êxitos dependerão o conhecimento do indivíduo, para sua perfeita atuação e alcance da fortuna conjugal. Assim, nos convencemos de que “a inteligência humaniza o homem. Um casamento, contratado e conduzido sem o controle da razão, pouca

---

<sup>141</sup> KAHN, Op. Cit. Pg. 342

diferença tem da vida em comum dos animais.”<sup>142</sup> Inteligência da qual o amor é o maior atributo. Atributo que tem a necessidade de ser oficializado, civilizado, ou seja, socializado sob a forma regulamentada do casamento.

Ademais, o coito, disperso, de certo modo, na era pré-histórica – sem que seja possível, por outro lado, determinar-se com certeza se a promiscuidade total constitui a regra de toda sociedade humana primitiva – o coito ou, antes, o hábito coital, se restringia aos machos e às fêmeas de u’a mesma horda, um mesmo clã.

Estabelecem-se, pela escolha, as uniões duráveis. Forma-se o casal estável, do qual deriva a família, tal como a compreendemos há séculos.

A importância do casal, origem da família, é tão grande, na sociedade, que vemos tôdas as organizações primitivas dessa sociedade procurar, mal sai do caos, reforçar por meio de sujeições, muitas vezes draconianas, como tôdas as leis das sociedades em seu início, os laços morais que unem o casal.

Esses legisladores, que são, ao mesmo tempo quase sempre os chefes, sentem que o clã, à frente do qual se encontram, será tanto mais forte quanto mais unidas forem as famílias que o compõem, e que não se pode conseguir tal união senão assegurando-se, de tôdas as maneiras possíveis, a estabilidade, quase a perenidade, do casal.

A instituição do casamento, na realidade, não tende a outra coisa.

O casamento é, em suma, uma associação para toda a vida, associação sancionada por leis, cercada, reforçada, o mais das vezes, por rituais religiosos, entre dois indivíduos de sexos diferentes.<sup>143</sup>

Esta detalhada análise quase sociológica das funções sociais do casamento como instituição regrada por leis e rituais religiosos, almeja

---

<sup>142</sup> VELDE. *Op. Cit.* Pg. 185

<sup>143</sup> FOUQUÉ. *Op. Cit.* Pg. 03

sancioná-lo na estabilidade conjugal que gera por conseqüência a constância e a harmonia da sociedade. A significação social do casamento obtida na sua regulamentação por leis e códigos judiciais, impõe-se como característica de sua integração a uma civilização na sua superioridade cultural. O casamento, em sua forma culturalmente legalizada, seguiu o curso da evolução humana e assim chegou juntamente com o homem civilizado a uma era em que se confirma como indispensável para a manutenção da sociedade em seu ápice de desenvolvimento. A humanidade, portanto, optou pelas uniões duráveis, pelo casal estável que garante a perenidade da família, e a instituição do casamento cumpre o papel de formalizar esta associação perante códigos que avalizam de forma autêntica a íntima união, bem como de dificultar de todas as maneiras a sua reversão.

### **O amor na família: técnicas de subjetivação**

Nesta fixação do casamento como formalização da união conjugal à formação da família, vale ressaltar a construção deste conceito num momento em que, mais do que nunca, ele merece se materializar em bases bem concretas para sustentar as sensibilidades que precisa fomentar, e das quais depende ao mesmo tempo a sua estruturação.

Em primeiro lugar, a família dá sentido à vida; não existe somente para si, mas para um outro, para todos. Crede-me, é isso uma transformação radical. (...) A família atua muito mais profundamente ainda sobre cada um de seus membros: dá-lhes confiança a si mesmo. Protege e desenvolve sua personalidade. (...) há apenas um único lugar no mundo em que sua pessoa é amada e desejada por ela mesma, onde são insubstituíveis: é sua família.

(...) “apenas naquela mansão de paz e de amor eles são realmente ‘alguém’ e não ‘alguma coisa’”.<sup>144</sup>

É na família que se constrói o amor em seu sentido extenso: o amor conjugal, hábil para manter a união perene dos companheiros, e o amor filial, incondicional aos olhos dos pais, gesto de gratidão no olhar dos filhos amados. Todo este amor é aglutinado por um sentimento de reciprocidade parental, que convence pelo apelo ao sangue, à ligação genética, hereditária, significada para justamente estabelecer a união desta família. Tudo isto é possível graças ao núcleo em que tudo se passa: constituído pela atuação exclusiva dos pais e dos filhos, onde decorrem as relações afetivas que consagram à família o princípio de “nuclear”.

A “família nuclear burguesa” representa, portanto, a conformação de uma norma familiar, engendrada pela ordem médica, que participa dos procedimentos e concebe técnicas de sanitização e otimização dos corpos dispostos a serviço do amor. A este respeito, Paulo Mantegazza se pronuncia na condenação da família patriarcal no final do século XIX, organizada em torno dos interesses financeiros que solapavam a exaltação do verdadeiro amor nas uniões conjugais. Ao militar sobre o fim das alianças financeiras entre as famílias tradicionais que arbitravam a organização dos casamentos, o médico italiano afirma que “eis aqui porque, enquanto só o amor deveria conduzir ao casamento, é, pelo contrário, o último convidado a êste contrato, em que o dinheiro, com o poderio de quem se diz invencível, julga e dá as ordens (...)”.<sup>145</sup> Mantegazza manifesta suas opiniões sobre o “problema do casamento” justamente em um momento em que a problematização sobre a modificação dos padrões familiares - pela aproximação da livre escolha entre os futuros cônjuges - possibilitará a realização afetiva dos indivíduos no amor burguês, o qual sustentará a estabilidade e a plena felicidade conjugal do casal.

Vejam como aparece a definição das condições para a realização do casamento no Código Civil Brasileiro de 1916, vigente

---

<sup>144</sup> CARNOT. *Op. cit.* Pg. 231

<sup>145</sup> MANTEGAZZA, 1925. *Op. Cit.* Pg. 29

ainda no momento em que todas as obras aqui analisadas são publicadas:

Art. 197. A celebração do casamento será imediatamente suspensa, se algum dos contraentes:

- I - recusar a solene afirmação da sua vontade;
- II - declarar que esta não é livre e espontânea;
- III - manifestar-se arrependido.<sup>146</sup>

É possível perceber que a organização legislativa do país já garantia o direito da livre escolha entre os cônjuges, para impedir qualquer coação ou compulsão na realização do ato matrimonial. No entanto, Jurandir Freire Costa, na discussão sobre a “Ordem Médica” como introdutora de uma “norma familiar burguesa” na sociedade brasileira, aponta sua divulgação em meio a práticas discursivas e não-discursivas como dispositivos para uma tecnologia de sujeição própria, sem a atuação coercitiva e punitiva da lei como ordem superior.<sup>147</sup> A norma, deslizando pelos saberes que se introduzem na produção de novos fatos e incentivando a criação de novos sentimentos, atua desta pela conquista da regulação dos caracteres sociais, corporais e sentimentais.<sup>148</sup> O século XIX “assistiu à invasão progressiva do espaço da lei pela tecnologia da norma” assim como a civilidade abriu possibilidades a uma nova lógica para a gestão populacional do século XIX no Brasil, ao lançar mão dos métodos coercitivos e facilitar a utilização da persuasão social pela transformação dos comportamentos e atitudes individuais.<sup>149</sup>

É no desenvolvimento de uma afetividade familiar absoluta que se incita também a responsabilização dos pais pela conservação dos filhos. A importância da estruturação da família na educação do caráter da criança vai se mostrar presente, também, nos textos divulgadores de

---

<sup>146</sup> Lei nº 3.071 – 01/01/1916. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Livro I: Do Direito de Família (Art. 180 a 484). Disponível em:

<http://www.soleis.adv.br/direitodefamiliacodocivil.htm>

<sup>147</sup> COSTA, 1983. *Op. Cit.* Pg. 49

<sup>148</sup> *Idem* Pg. 50

<sup>149</sup> Cf. PECHMAN, 2002. *Op. Cit.*



conselhos para o bom andamento da vida conjugal. Pelo compromisso do casal com os filhos, ao substanciar o cuidado com a prole, a escolha do cônjuge como forma de manutenção de uma união duradoura e estável pressupunha sua importância na criação de bons filhos, com sua convivência num bom ambiente familiar, propiciado pelo bom casamento. Philippe Ariès, ao dissertar sobre a constituição da família moderna na Europa a partir do século XVIII, atesta que um sentimento de família voltado às particularidades da infância entra em cena nos “tratados de educação para os pais”, que aconselhavam sobre “como fazer para corrigir as crianças, em que idade se devia começar a ensiná-lhes letras, e assim por diante.”<sup>150</sup> É através dos progressos da intimidade, pela constituição da família confinada a um espaço privado, que a conceituação de um núcleo familiar propiciará as noções de obrigação com o futuro dos filhos, pela garantia da educação e da saúde, diretamente vinculados aos preceitos da civilidade e da higiene tão caros ao discurso médico presente nas obras aqui analisadas.

Neste contexto, o Código Civil Brasileiro de 1916 estabelece os deveres de ambos os cônjuges ao assumirem as responsabilidades matrimoniais:

- Art. 231. São deveres de ambos os cônjuges:
- I - fidelidade recíproca;
  - II - vida em comum, no domicílio conjugal (...);
  - III - mútua assistência;
  - IV - sustento, guarda e educação dos filhos.<sup>151</sup>

No entanto, sabemos que os domínios da lei só obteriam sucesso através da construção das sensibilidades, que através de técnicas de subjetivação, promove a persuasão dos indivíduos acerca de suas obrigações legais no seio da família e da sociedade. Numa referência que melhor define o Amor no sentido em que deve ser compreendido em sua obra, Edith Carnot parece investir numa direção que aparentemente conceitua a relação conjugal na presença da

---

<sup>150</sup> ÀRIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2ª ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Editora JC, 1981. Pg. 254

<sup>151</sup> Lei nº 3.071 – 01/01/1916. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Livro I: Do Direito de Família (Art. 180 a 484). Disponível em: <http://www.soleis.adv.br/direitodefamilia/codcivil.htm>

reciprocidade, da dedicação e da “doação de si” como preceitos de satisfação mútua.

“Nesta concepção do amor, ‘eu te amo’ significa: ‘quero a tua felicidade como desejo que queiras a minha, (...). Quero que possamos juntos transmitir a vida a outros e realizar a nossa missão na família; quero que possamos juntos, exercer nossa influencia sobre os que nos cercarem e realizar assim a nossa missão na sociedade’. Será assim que, juntos, unindo intimamente nossas forças e visando um alvo comum, daremos sentido a nossas vidas, tudo isso por meio do amor.”<sup>152</sup>

O amor, por tal percepção, seria o sentimento capaz de aglutinar as motivações pessoais para alcançar o verdadeiro sentido da vida, figurado nas adequações da família ao o grupo maior: a sociedade. E a este conjunto de sentimentos e afetividades familiares também se acomodam os conceitos da fidelidade conjugal, que transformada em pratica social, garante a finalização de todos os gestos dedicados à constituição dos graves e irreversíveis laços da intimidade matrimonial. Neste sentido, Jurandir Freire Costa procura traçar a linha de construção das idéias sobre o sentimento amoroso para muito além das perspectivas involuntárias e idealizadas de uma "universalização emocional"<sup>153</sup>, ao identificá-lo como produto de uma invenção social, como uma crença que "pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida." O sentimento de amor deve ser assim percebido, em cada momento em que é pensado, como parte constituinte de uma gramática que procura classificar e dar significado aos seus componentes de acordo com as verdades que lhe convém em cada comento da história.

Assim, a palavra "amor" aqui discutida é conceituada nos manuais como um sentimento idôneo, universal e natural, condição para a máxima felicidade que só pode ser alcançada através da sinceridade e da pureza afetiva.

---

<sup>152</sup> CARNOT. *Op. cit.* Pg. 14

<sup>153</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998. Pg. 12

O amor, como um dom divino, idealizado em sua indubitável espontaneidade e simplicidade, não pode ser utilizado para artimanhas e cálculos sociais que tenham por finalidade o ajustamento de intenções interesseiras e individualistas. O atributo de racionalidade no amor romântico serve, neste caso, para atestar a superioridade dos seres acometidos por tal sentimento em sua grandeza e nobreza de límpidas emoções. Deve ser encarado, portanto, como elemento de distinção na altivez dos sentimentos humanos, capazes de afastar e eliminar o fogo irracional das paixões aterradoras, vinculadas ao puro prazer físico sem sentido social, e portanto, rebaixadas à condição da animalidade e da passividade pobre e inferior.

A infidelidade conjugal aparece - no mesmo quadro de demonização das fraudes que assolam os desígnios procriadores, em meio a um discurso moralizador que se desdobra em preocupações sobre a legitimidade dos nascimentos e a firmeza do núcleo familiar. No próprio rol de valorização das relações sexuais sadias e higienizadas que proporciona o prazer mantenedor dos vínculos conjugais, a fidelidade é tratada como produto e ao mesmo tempo agente destas apreciações domésticas tão aludidas.

Os esposos, quaisquer que sejam, precisam sustentar-se mutuamente através das dificuldades da vida: ora, é evidente que as relações íntimas podem servir para favorecer amplamente esse apoio – ao mesmo tempo, aliás, que tornam mais fácil mais fácil o domínio sobre o instinto e, por conseguinte, a fidelidade conjugal.<sup>154</sup>

O domínio do instinto. Tudo se arranja de forma a controlar esta impulsividade sexual tão inerente à materialidade do corpo, que deve ser canalizada para a otimização deste mesmo corpo físico no corpo social como todo. A caracterização da humanidade deve conhecer o equilíbrio entre impulso e civilidade para legitimar a sua performance no mundo social. A coesão do casal é ajustada na concretização de um “casamento modelo” pela repressão de todo prazer gratuito e irresponsável, e é também pautada no controle de sua própria sexualidade - numa

---

<sup>154</sup> CARNOT. Op. Cit. Pg. 136

regulação sexual que dê abertura à responsabilização da família em sua articulação entre os indivíduos e a sociedade.

Os perigos que ameaçam a estabilidade do lar são materializados, portanto, além da ausência do prazer sexual, também no exagero orgásmico que o dirige a um desequilíbrio de suas forças reguladoras. A moderação sexual é conquistada, então, através da prudência que mantém a sexualidade conjugal nos caminhos da atividade reprodutiva, e a família em seu legítimo papel de “microcosmos social”. Ao canalizar suas energias também à manutenção do lar, além da pura satisfação sexual que de nenhum modo pode ter algo de nobre ou eficaz, “o casal não se privava menos (...) das alegrias do leito... E mostrava-se equilibrado, normal, plácido (...)”<sup>155</sup>

Eis os atributos da normalidade. O amor sugere a regulação que fornece o equilíbrio normal. O equilíbrio entre os alentos mantenedores da família é o componente primordial que contém as propriedades da norma, e confere à família a sua caracterização de “normalizada”. Por esta regularidade, a condenação da promiscuidade na juventude antes do casamento se imbuí de um discurso moralizador que se propõe a homens e mulheres para educar suas vontades aos elevados desígnios do amor.

Nada desagrade à juventude de hoje... Nada é mais pernicioso para o equilíbrio sexual que as noites passadas em dancings e boites. O abraço apertado de certas dansas, em que os ventres e as coxas se encaixam uns aos outros, determina, na mulher, renovadas e quase continuas ereções do clitóris, as quais congestionam a bacia e fatigam todo o organismo.<sup>156</sup>

Tudo pela preservação da saúde, portanto. A saúde garantirá a performance do indivíduo no seio da família e habilitará a descendência profícua que pode regenerar a sociedade pelo aperfeiçoamento do caráter matrimonial. O desempenho sexual do jovem sadio deve ser, assim, dirigido para sua ação utilitária, e não poderá ser desperdiçado

---

<sup>155</sup> ANDRÉE. *Op. Cit.* Pg. 61

<sup>156</sup> FOUQUÉ. *Op. Cit.* Pg. 31

por gestos banais que ameacem sua integridade e a sua futura atuação no centro de uma família normal.

A castidade, guardiã do amor, é também o mais poderoso meio de aperfeiçoamento pessoal. Ela *tempera o caráter* quem é mais viril, aquele que se aproveita de cada ‘ocasião’, ou aquele que quer, pelo contrario, ser mais forte do que o cego instinto do desejo? A prática da castidade desenvolve o caráter, porque, de início, exige esforço de vontade; aliás, pouco a pouco as dificuldades diminuem e a castidade acaba por tornar-se fato de exercício.<sup>157</sup>

Os comportamentos acomodados pela temperança que desenvolve o caráter investem no aperfeiçoamento pessoal através da continência que educa as vontades acuradas pelo instinto cego e absorto na fascinação da novidade. “Preservai a pureza de nossos jovens”, bradam os aliciadores da moralização social. Mantenham a pureza do corpo, para que a candura da alma seja nutrida e para que conservada seja a família que se constrói a serviço do amor! Tal adaptação se ajusta na vigilância constante, na repelência a leituras e filmes que provoquem a fantasia demasiada e perigosa e aos “máus camaradas” que desviam as atitudes honestas próprias à pureza juvenil, enfim, na repugnância a tudo o que ameaça um futuro de alegrias e felicidades que só podem ser atingidas por meio da paciência e da espera indispensável. Apesar do reconhecimento da ação juvenil talhada para a ação, para a alegria, para a potência da vida, os conselhos insistem na busca por meios que preservem “essa castidade que fará mais tarde a segurança de vossa vida conjugal e gloria da maternidade”.<sup>158</sup> O cúmplice das tentações físicas é sempre o coração, que deve ser amansado, domado, para assegurar a espera de uma felicidade futura concretizada num lar feliz, o qual servirá amanhã de consolo para a tão pesada resistência aos encantos tentadores e desviantes da mocidade. A isto se detém igualmente a valorização do prazer sexual nas relações conjugais, como um atrativo ou convite à acomodação das aspirações joviais para o seio da família.

---

<sup>157</sup> CARNOT. *Op. cit.* Pg. 199

<sup>158</sup> *Idem.* Pg. 214

## Preceitos religiosos e os discursos da ciência

A Igreja Católica, como instituição religiosa sempre acusada de barrar os progressos da ciência médica como forma de profilaxia social, surge em alguns pareceres dos religiosos como entusiasta dos propósitos científicos, ao atestar que os objetivos da moralização social estão presentes na maior parte dos textos divulgados. Na apreciação do Revmo. Conêgo Viollet - diretor da Associação do Matrimônio Cristão – ao livro de Dr. J. Carnot,

(...) a obra termina com um hino ao amor e à vida. Com uma convicção de apóstolo, prega o autor a fecundidade e indica ao leitor a fonte onde pode haurir a força para cumprir o seu dever. Esta fonte é o amor de Deus. Mostra enfim toda a dignidade e toda a beleza que uma concepção religiosa da vida empresta ao amor.<sup>159</sup>

Por tais ajustes nos interesses entre médicos e religiosos, a motivação central dos dispositivos textuais visa à concretização da família medicalizada e moralizada, dirigida aos deveres do sagrado matrimônio, buscando força no amor que lhe é inculcado, e procurando sua fonte no próprio Criador que instituiu toda esta natureza da dedicação e da ternura familiar.

A encíclica *Casti Connubii*, promulgada pelo Papa Pio XI em 1930, teve como objetivo ressaltar a santidade do matrimônio cristão e proibir a utilização de qualquer forma artificial de controle da natalidade, além do aborto.<sup>160</sup> Advertiu também sobre a autoridade da Igreja Católica nas questões de moralidade social, procurando combater os "males da modernidade" que assolavam a sociedade e a família, e defendia a necessidade de uma mútua cooperação entre o poder civil e a Igreja no mundo cristão. Não foi sucedida até a publicação, em 1968, da encíclica *Humanae Vitae* pelo Papa Paulo VI, que procurou destacar a postura da Igreja em relação à regulação da natalidade, sobre as diversas

---

<sup>159</sup> Idem. Pp. 237-238

<sup>160</sup> Cf. Site oficial de documentos pontifícios do Vaticano: <http://www.vatican.va>

características da vida sexual humana como o aborto e a contracepção, fundamentalmente.<sup>161</sup> Neste contexto, pode-se inferir que a *Casti Connubii* foi utilizada como referência católica em assuntos matrimoniais ao longo de, no mínimo, quarenta anos na comunidade cristã, ainda que tenha sido publicada como uma atualização da *Arcanum Divinae Sapientiae*, divulgada em 1880 pelo Papa Leão XIII.

Ana Maria Magaldi, a este respeito, discute sobre a insatisfação dos grupos católicos em relação à laicização da sociedade essencialmente no tocante à educação escolar e à sexualidade da família.<sup>162</sup> Frente às modernizações do discurso científico que dava forma aos processos de modernização do país, intelectuais leigos e eclesiásticos se uniram em defesa de uma "recatolização" da sociedade para a constituição da "moderna nação brasileira", organizando instituições como a Liga Eleitoral Católica e Ação Católica, entre outros agrupamentos.<sup>163</sup> O governo Vargas, segundo a autora, forneceu um novo fôlego aos católicos, ao introduzir um entusiasta da Igreja como Ministro da Educação e da Saúde, Francisco Campos, que pode atender a algumas das pretensões dos grupos religiosos nas discussões da Assembléia Constituinte.

Muitos foram os intelectuais eclesiásticos que se engajaram nas discussões sobre o novo papel da Igreja na organização da sociedade brasileira, dedicando-se às publicações de suas reflexões como forma de atingir a um público mais amplo através da leitura. Entre eles, Magaldi ressalta a atuação do Pe. Leonel Franca como um intelectual que compreendia "sua função social de maneira bastante sintonizada com as palavras do Papa Pio XI"<sup>164</sup>, e se dedicou profundamente a uma obra voltada à "regeneração da família e da sociedade brasileiras" nos moldes da doutrina católica.<sup>165</sup> Em suas teorizações sobre uma renovação dos valores familiares como forma de moralização social, recorria muitas vezes aos discursos médicos e juristas, captando destas fontes os argumentos mais favoráveis à acomodação de suas idéias.

---

<sup>161</sup> Cf. Encíclica *Humanae Vitae*, em:

[http://www.vatican.va/holy\\_father/paul\\_vi/encyclicals/documents/hf\\_p-j\\_i\\_enc\\_25071968\\_humanae-vitae\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-j_i_enc_25071968_humanae-vitae_po.html)

<sup>162</sup> Cf. MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Lições de Casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007.

<sup>163</sup> Idem Pg. 100 - 101

<sup>164</sup> Idem. Pg. 103

<sup>165</sup> Ibidem

Com o mesmo procedimento, o padre canadense Marcel Marie Desmarais, em sua obra *O Amor na era atômica*, faz alusões à importância da saúde na adaptação matrimonial, e menciona a posição da medicina em relação a certos assuntos para legitimar em bases científicas a defesa de seus argumentos. A maioria de suas publicações são adaptações de palestras que proferiu em países de todo mundo - incluindo o Brasil em sua rota missionária - nas quais investe em alocações de cunho moralizador da sociedade frente aos valores cristãos da família ameaçados pelos males da modernidade. Cabe enfatizar que, no momento em que fala o Padre Desmarais - num cenário de intensas modificações sociais pelo contexto do pós II Guerra Mundial - o Papa em exercício Pio XII, não lançou nenhuma encíclica referente aos assuntos matrimoniais em específico. Podemos então entender que os princípios católicos defendidos pelo padre em seus escritos encontram-se sob a égide da *Casti Connubii* de Pio XI, publicada com 20 anos de antecedência. Ao tratar sobre a importância das qualidades físicas na escolha do cônjuge ideal, o padre é categórico na defesa da saúde normal para o matrimônio, alegando que "a êste propósito, a Igreja aconselha com insistência e com muita sabedoria, a troca de certificados de saúde entre os noivos. (...) Se o laudo médico for desfavorável, os noivos devem romper."<sup>166</sup> Mesmo deixando claro que não há proibições estritas sobre o casamento com pessoas doentes ou limitadas fisicamente,

Um outro ponto que não deve ser esquecido é o da hereditariedade. Nesse domínio, a ciência é ainda embrionária. Todavia, sabemos, de maneira positiva, que certas disposições passam de uma geração para outra. A alma não é afetada de maneira direta porque é imediatamente criada por Deus. Contudo, como a alma deve servir-se do corpo para tôdas as suas atividades, sua ação é melhor ou menos boa, segundo o estado do corpo que ela anima. (...)<sup>167</sup>

---

<sup>166</sup> DESMARAI, Marcel Marie. *O amor na Era Atômica*. Prefácio do Pe. Álvaro Negromonte. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1952. Pg. 33

<sup>167</sup> Idem. Pg. 34



Sua analogia acerca das funções do corpo e da alma, como se pode notar, são bastante próximas das que fazem alguns cientistas em seus tratados sobre a vida conjugal, essencialmente os que são elogiados e legitimados pelos atestados e comentários religiosos. No entanto, nem sempre os preceitos da religião são mencionados como meio fundamental de moralização social ao longo dos guias matrimoniais. Principalmente ao se levar em consideração a diversidade de posturas religiosas em que se incluem os autores aqui discutidos, por serem provenientes de diferentes países e regiões do continente europeu. De forma geral, é possível afirmar que a neutralidade ou o engajamento nas causas religiosas em relação aos aspectos matrimoniais, assim como as validações religiosas a respeito dos textos, variam de acordo com a procedência dos autores cujos títulos foram traduzidos para o Brasil. Sem a intenção de fazer classificações limitadoras ou tendenciosas de qualquer natureza, foi observado nos manuais uma diferença notável, em relação a tais temas, no posicionamento entre os cientistas de países predominantemente católicos de língua latina, especificamente o francês, e os majoritariamente protestantes de procedência anglo-saxônica.

Os manuais de língua francesa parecem visivelmente mais envolvidos com as opiniões da Igreja Católica sobre seus escritos ou sobre as questões matrimoniais de forma mais generalizada. O tom de respeito e as referências a expressões de cunho religioso como "obra divina", "Artista divino", "obras da Criação" são caracterizadamente freqüentes nestes textos, além de comentários e pareceres de figuras eclesiásticas com a finalidade de atestar religiosamente a validade de suas publicações, como no caso da obra de Edith Carnot, já citada acima:

(...) Li imediatamente certo número de páginas, e desde logo me propus de lhe agradecer e felicitá-lo mui cordialmente. (...) Só ontem pude terminá-la, e fiquei muito mais desejoso ainda de lhe exprimir toda minha satisfação pelo grande serviço prestado pela publicação. Recomendá-la-ei aos clérigos na minha crônica mensal na

Revista "Padre e Apóstolo" que tem mais de 20.000 leitores eclesiais...<sup>168</sup>

Curiosamente, o único exemplar de tonalidade religiosa disponível entre os aqui analisados é de autoria do dominicano canadense Pe. Marcel Marie Desmarais. Sendo proveniente da francófona Montreal, pode-se compreender o vínculo deste autor com as propostas católicas muito similares aos autores franceses aqui discutidos.<sup>169</sup> Vale ressaltar que, conjuntamente com os pareceres da Igreja, diversos médicos e homens da política se propuseram a autenticar positivamente as propostas publicadas pela obra "A serviço do Amor", demonstrando um caráter de certa consonância entre as idéias religiosas, científicas e políticas. Aparentemente num momento em que os preceitos do higienismo e da intervenção médica aparecem como necessariamente indispensáveis em todos os setores da sociedade.

Por outro lado, as publicações em línguas de origem anglo-saxônica - como o alemão, mais especificamente - cuja dominância religiosa é protestante, com a Igreja Luterana na Alemanha, possuem um tom notadamente mais reservado em relação aos assuntos de ordem religiosa nas questões matrimoniais. Com a clara intenção de demonstrar uma "neutralidade científica" que analisa, diagnostica e propõe recomendações, estes textos se referem geralmente aos assuntos religiosos somente em casos em que as diferenças culturais e de princípios devotos devem ser ponderadas para não dificultarem a convivência conjugal e não impedirem a harmonia cotidiana no casamento. As referências à religião, neste caso, são consideradas na coexistência conjugal dos indivíduos, como princípios filosóficos observados à distância, e não tratados com algum tipo de estima pessoal.

Sob este ponto de vista, teremos de examinar seriamente o problema do casamento entre adeptos de religiões diferentes, de estabelecer os perigos que ele traz consigo, possibilidades de conflitos, dificuldades para a vida, se quisermos reconhecer, em toda a sua extensão, quais as causas que dificultam a felicidade ou a harmonia

---

<sup>168</sup> CARNOT, Op. Cit. Pg. 240

<sup>169</sup> Cf. DESMARAIS, Op. Cit.

completa do casal, ou o desenvolvimento psíquico da sua descendência. Aqui devemos deixar, de antemão, bem claramente estabelecido, que não desejamos formar nenhum juízo prévio desfavorável ás uniões colimadas com semelhantes desigualdades, pois estamos fartos de constatar a existência de casamentos em que as aparências dissidentes teriam antes concorrido para a harmonia do casal. Contudo não podemos deixar e acentuar que tais discordâncias exigem uma força moral e uma capacidade de renúncia aos esposos, á altura das quais nem todos se achariam. (...)<sup>170</sup>

Neste trecho é possível perceber que a advocacia moral do médico alemão se dirige à harmonização do casamento por meio de esforços que devem, sobretudo, serem observados nas disposições religiosas dos nubentes como condições para manterem a estabilidade do laço conjugal. Nenhuma defesa explícita a qualquer postura religiosa é feita no livro, de modo que os diferentes princípios são descritos como reflexão acerca das diversas combinações e suas implicações na convivência cotidiana do casal. Sobre o mesmo tema, o Dr. alemão Fritz Kahn se pronuncia:

Deve haver harmonia nas idéias religiosas. Pessoas de grande caráter também podem conviver e ser felizes mesmo quando têm idéias diferentes, como a católica Yvette Guilbert com o judeu Maxim Schiller, ou o livre-pensador judeu Heine, que assinava jocosamente "Real Ateísta Prussiano", mas que, de seu leito enfermo fitava comovido o vulto ajoelhado da "piedosa criança" que êle fizera sua espôsa. Mas disso só são capazes pessoas de grande caráter. O homem comum, medíocre, não suporta que o outro não leve a sério sua religião.<sup>171</sup>

Já a Dra. Marie Stopes profere de forma defensiva, fazendo alusões ao caráter complementar entre as coisas divinas e as

---

<sup>170</sup> VELDE, Op. Cit. Pg. 337

<sup>171</sup> KAHN, Op. Cit. Pg. 307

mundanas, alegando que não são opostos e inimigos os preceitos da ciência e da religião, mas que devem se unir para a busca da perfeição humana de corpo e alma no terreno material em que vivem os homens.

A Sciencia e a Religião ha tanto tempo têm sido cultuadas por diversas, ou mesmo oppostas, correntes humanas, que é talvez difficil para um fervoroso crente comprehender que estou annunciando novos tempos em que a Sciencia e a Religião se fundirão em um só corpo. Não é porque me sentisse principalmente presa entre as limitações da Materia e do Tempo que escrevi este livro e, especialmente, o capitulo IX, e sim porque é forte e persistente a minha consciencia de que são factores eternos os sobre que expendi meu modo de pensar. (...) O que entendo é que ha de ser vontade de Deus melhor realizarmos Seu plano da Creação, agora que começamos a aprender melhor o modo de o fazer.<sup>172</sup>

Como resposta aos ataques feitos por figuras de posições religiosas "filiadas a vários credos", a médica procura elucidar sua intenção em dignificar a alma por meio do aperfeiçoamento do corpo, e fazer com que os homens cumpram melhor o seu papel de exaltar sua existência no mundo através dos conhecimentos adquiridos com os instrumentos da ciência. O capítulo IX a que se refere a autora tem como título "Os Filhos", no qual faz uma intensa defesa do controle da natalidade como meio de valorização da maternidade e dos cuidados com a saúde da mulher, e como consequência, da prole gerada pelo casal. As prescrições sobre os intervalos entre as gestações, as condenações da falta de conforto e liberdade que conferem à mulher as gestações muito frequentes, assim como a observação das condições da família e o número de filhos aconselhados, são alguns dos exemplos, já trabalhados acima, dos argumentos da Dra. Stopes em relação a este tema.

A vida sexual do casal, que inclui o controle da natalidade, a castidade dos nubentes e a abstinência sexual, assim como a discussão sobre o divórcio são os principais temas geradores de conflitos entre

---

<sup>172</sup> STOPES, Op. Cit. Pg. 18 - 19

médicos e eclesiásticos nestas obras.<sup>173</sup> Passemos a uma breve observação sobre os posicionamentos teóricos de alguns dos títulos analisados acerca do último tema: o divórcio como ameaçador da estabilidade conjugal.

De início, vale ressaltar que nem todos os autores se dispuseram a refletir sobre tal tema, talvez por não encontrarem necessidade - visto que o objetivo seria discutir assuntos de profilaxia e terapia conjugal, e não o fim do casamento.<sup>174</sup> Entre os que se dedicaram a esta questão, apesar das diferentes tonalidades no tratamento do assunto, aparece um unânime descontentamento em relação à prática, seja na reprovação das leis que autorizam o divórcio em alguns países europeus, seja na exaltação dos valores da família que são ameaçados pelas facilidades da separação dos corpos.

O médico alemão Dr. Fritz Kahn, apesar de estabelecer um tom aparentemente moderado nas suas considerações sobre o problema, acaba por avaliar a “banalização” de uma atitude que, de certo modo, intimida a maioria de suas proposições sobre a concretização da felicidade conjugal na união matrimonial. Analisando a frequência das dissoluções conjugais pelos modismos do divórcio, descreve-o como:

Divórcio - *questão de moda*. A moda é um dos fatores mais banais, mas também dos mais poderosos, na história de tôdas as épocas. Começam a usar penas de avestruz - logo tôdas as mulheres se exibem pelas ruas com penas de avestruz, como se fossem indígenas extravagantes. (...) Divorciam-se muito mais casais que o necessário, pois não chegam a existir tantos casamentos infelizes e desesperançados quanto os dissolvidos pelo divórcio.<sup>175</sup>

Apesar de, no entanto, reprovar os usos exagerados das novas possibilidades jurídicas em relação ao casamento, não deixa de se

---

<sup>173</sup> De forma geral, sobre a contracepção e as diferentes posturas científicas dos autores, algumas considerações foram feitas ao longo deste capítulo. Sobre a castidade, como na maioria dos posicionamentos as diferenças de gênero não passam despercebidas, ficará para outra parte esta discussão, em que tais características poderão ser mais bem exploradas.

<sup>174</sup> Deste modo, a Dra. Marie Stopes, o Dr. Theodor Van de Velde e o Pe. Marcel M. Desmarais estão entre os que se abstiveram de tais reflexões.

<sup>175</sup> KAHN, Op. Cit. Pg. 657

amparar em uma imparcialidade científica que não comete julgamentos explícitos ou críticas acaloradas sobre o tema. Expõe as estatísticas, os números mais recentes e constrói seus conselhos ao leitor sobre como proceder nestes casos com base nos dados atualizados que expõe. Mesmo sabendo a imparcialidade objetiva praticamente inexistente, e que toda escolha de posicionamento possui engajamentos políticos ou culturais que norteiam as interpretações intelectuais, a finalidade de expor as "intenções imparciais" do autor servem para sinalizar o tom do tratamento em suas apreciações teóricas sobre o assunto.

Já o médico italiano Paulo Mantegazza, ao tratar sobre o tema, posiciona-se de forma militante a favor do divórcio como a salvação moral dos indivíduos afundados e presos na infelicidade do casamento perdido. Em pleno final do século XIX, ao interpretar a autorização legal do divórcio como sinal do progresso moral dos tempos, o Dr. Mantegazza condena a hipocrisia que corrói a felicidade das famílias e dos indivíduos na manutenção mentirosa de um casamento falido, cujas expressões do amor e da honestidade já não se pode mais resgatar. Deste modo, "(...) quando os dois seres, que vivem em comum, se tornaram carrascos um do outro, entendo que a lei deve cortar com a espada do divórcio a cadeia que os une e restituir-lhes a liberdade"<sup>176</sup>. Somente assim se poderá salvar a humanidade da hipocrisia corrosiva, e libertar os indivíduos para o exercício do bem, da beleza e da felicidade do amor. Veja-se, no entanto, o que apontava o Código Civil Brasileiro de 1916 a respeito do assunto:

**Art. 315. Revogado pela Lei n.º 6.515, de 26.12.1977:**

Texto original: A sociedade conjugal termina:

- I. Pela morte de um dos cônjuges.
- II. Pela nulidade ou anulação do casamento.
- III. Pelo desquite, amigável ou judicial.

Parágrafo único. O casamento valido só se dissolve pela morte de um dos cônjuges, (...)

---

<sup>176</sup> MANTEGAZZA, Op. Cit. Pg. 11

**Art. 317. Revogado pela Lei n.º 6.515, de 26.12.1977:**

Texto original: A ação de desquite só se pode fundar em algum dos seguintes motivos:

- I. Adulterio.
- II. Tentativa de morte.
- III. Sevicia, ou injuria grave.
- IV. Abandono voluntário do lar conjugal, durante dois anos contínuos.<sup>177</sup>

Apesar da concessão do desquite como permissão da dissolução da sociedade conjugal, com o término das obrigações conjugais, esta somente seria delegada por meio da análise dos motivos necessários para a autorização do juiz. A dissolução da validade do casamento, contudo, só se efetivaria diante da morte de um dos cônjuges, o que foi revogado pela Lei nº 6.515 de 1977 que instituía o divórcio como escolha pessoal de qualquer um dos cônjuges, permitindo a dissolubilidade do casamento e a possibilidade de uma nova união matrimonial legal.

Entre os manuais franceses, a obra de Edith Carnot é organizada de forma acalorada em relação à discussão sobre o divórcio. Seus comentários, interpretações, diagnósticos e conselhos, porém, condenam explicitamente a nova prática social, argumentando de forma lógica e convincente sobre as razões de sua disposição. Nas suas primeiras apreciações sobre o novo costume, afirma que "não se precisa temer de afirmá-lo: tal qual foi elaborada - com todas as facilidades que proporciona essa lei do divórcio constitui um grave erro que faz à família um mal incalculável, sob a aparência de a favorecer."<sup>178</sup> Utilizando-se de números e estatísticas recentes sobre o aumento de casais separados após a aprovação da nova lei, a autora conclui que as facilidades atribuídas pelas conveniências de dar um fim ao problema ao invés de resolvê-lo, acabam por lançar muitos casais à desistência de

---

<sup>177</sup> Lei nº 3.071 – 01/01/1916. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Livro I: Do Direito de Família (Art. 180 a 484). Disponível em: <http://www.soleis.adv.br/direitodefamilia/codcivil.htm>

<sup>178</sup> CARNOT, Op. Cit. Pg. 218 - Segundo nota de rodapé na própria obra, os elementos discutidos referem ao contexto social do ano de 1946, na França.

empenhar esforços na indissolubilidade dos laços matrimoniais, preferindo ver o fim da família a se sacrificar para mantê-la e protegê-la:

A própria idéia do divórcio deixará toda a amplitude ao desejo que, pouco a pouco, se tornará irresistível. A antiga felicidade será esquecida e a violência da nova paixão rugirá em breve como um furacão: "Por que renunciar a um bem mais sedutor do que o conhecido até o presente? Posso estar livre amanhã..."<sup>179</sup>

Deste modo, ressalta também a deficiência da temperança e do domínio das paixões que tal "sensação de liberdade" pode oferecer, prejudicando a manutenção da fidelidade conjugal e concorrendo para uma dificuldade cada vez maior em incutir nos esposos sua responsabilidade em relação à manutenção dos valores da família e da vida matrimonial. Na mesma direção, a Encíclica *Casti Connubii* de Pio XI, enfatiza a importância da indissolubilidade dos laços da família, e as dificuldades que as facilidades do divórcio impõem sobre a manutenção da união matrimonial pelos princípios da família cristã:

Mas o que sobretudo impede a restauração e perfeição do matrimônio estabelecido por Cristo Redentor é, como já advertimos, veneráveis irmãos, a sempre crescente facilidade dos divórcios. De facto, os defensores do neopaganismo, nada tendo aprendido com a triste experiência, vão sempre atacando com ardor a sagrada indissolubilidade do casamento e as leis que lhe são favoráveis e pretendem dever declarar-se lícito o divórcio, para que uma nova lei humana venha substituir as leis antiquadas e obsoletas.<sup>180</sup>

---

<sup>179</sup> Idem. Pg. 223

<sup>180</sup> Encíclica *Casti Connubii*, Parágrafo 32. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/pius\\_xi/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_31121930\\_casti-connubii\\_en.html](http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121930_casti-connubii_en.html).



De fato, os intuitos restauradores de um discurso católico que interpreta a degeneração da sociedade laicizada na modernidade são perceptíveis nas elocuições pontifícias, assim como o amplo esforço de alguns autores, primordialmente os católicos franceses, em manter a consonância de suas propostas com os princípios cristãos da Igreja, é igualmente visível nas considerações aqui apreciadas. Contudo, no contexto brasileiro de publicação destas traduções européias, a lei do divórcio ainda não havia sido aprovada<sup>181</sup>, e a circulação deste tipo de discurso em manuais europeus poderia ser interpretada como uma estratégia para problematizar o assunto à população, demonstrando suas desvantagens pelo testemunho dos povos que vivenciam, no cotidiano, as mazelas da dissolução matrimonial.

A desagregação da família com a solubilidade dos laços conjugais transforma o casamento numa instituição instável que acaba por comprometer a coesão social, já que a indissolubilidade do matrimônio é apontada pela maioria dos agentes discursivos como a “caução da estabilidade familiar e conseqüentemente da coesão da nação”.<sup>182</sup> Tais exposições são observadas nos argumentos do Padre Leonel Franca, quando afirma que “(...) a união monogâmica indissolúvel é a consciência de toda vida social humana”<sup>183</sup>, atribuindo à família perene e inabalável o papel de harmonizar a sociedade pela condição humana da racionalidade que promove toda a estabilidade da vida em comunidade. E neste caminho, determina a Dra. Andréa sobre a importância dos sacrifícios e das concessões como meio de atingir o grande objetivo da união duradoura e infundável, condição para o alcance da felicidade pessoal que promove a inclusão da vida individual nos planos maiores de uma sociedade coesa e bem estruturada:

Fisicamente, psiquicamente, essas duas metades, para formarem o todo, o casal, célula fundamental de toda sociedade, não se justapõe. Confundem-se. E, quanto mais passam os anos, mais essa fusão deve tornar-se

---

<sup>181</sup> Foi instituída oficialmente somente em 1977 com a aprovação de uma ementa à Constituição de 1969, permitindo a dissolução do vínculo matrimonial após cinco anos de desquite ou sete anos de separação de fato. Cf. *A trajetória do divórcio no Brasil*, em: <http://www.ibdfam.org.br/?noticias&noticia=2989>

<sup>182</sup> MAGALDI, Op. Cit. Pg. 109

<sup>183</sup> FRANCA, Pe. Leonel. O divórcio. Rio de Janeiro: Agir, 1955. Apud MAGALDI, Ibidem.

íntima. Dessa fusão, efetuada ou não, há de depender a força ou a fraqueza da família oriunda do casal<sup>184</sup>

Com o dever de cuidá-la, preservá-la, valorizá-la como meio de estimar, nas amarras do afeto e do prazer, a propagação e a perpetuidade da própria espécie. O dever de conservar a própria condição humana, pela garantia de sua função como indivíduo no seio sociedade, através da família.

Assim sendo, nós nos permitimos concluir, repetindo as palavras de encorajamento ao matrimônio, já acima expressas: Deveis casar-vos e ser homens! Deveis casar-vos e ser m ulheres! Deveis afirmar, um ao outro, a vossa sexualidade. Deveis crescer-vos da substância um do outro, prosperar e fazer medrar a vossa perfeição. Pois só no matrimônio a mulher pode se completar pelo homem, em toda a extensão exigida. E o homem pela mulher.<sup>185</sup>

---

<sup>184</sup> ANDRÉE, Op. Cit. Pg. 117

<sup>185</sup> VELDE. *Op. Cit.* Pg. 420

## CAPÍTULO 2

### MULHERES ESPOSAS, HOMENS MARIDOS SEUS ESPAÇOS NA FAMÍLIA

*"Estavam casados, pelo amor de  
Deus, e ela  
o encorajava, incitava-o, doída  
para que ele assumisse o  
comando."*

*Ian McEwan, Na praia.*

As mais das vezes, [...] os desejos se dirigem para o tipo de mulher, já aludido, de 'companheira de lutas', ou para o de 'MÃE devotada'.

As mulheres visam mais frequentemente o homem altamente colocado, intelectual ou moralmente falando.<sup>186</sup>

Estas são as constatações do Dr. Van de Velde, ao questionar jovens moças e rapazes em idade de casar sobre suas preferências em relação às características do futuro cônjuge. Sem dúvida, devido à inclinação deste médico à exploração de detalhes e ressalvas no que diz respeito ao comportamento humano, existem observações diferenciadas acerca de tais informações, principalmente no que concerne às modificações dos padrões culturais no período pós Primeira Guerra Mundial - o momento em que tece suas conclusões. Contudo, o que cabe aqui compreender, especialmente pela circulação do discurso no momento estudado no Brasil, são as pistas que as próprias palavras do especialista nos dão sobre a frequência das preferências ao enlace matrimonial.

Por que motivo, na maioria das vezes os rapazes desejam a "companheira de lutas" ou a "MÃE devotada" que garantirá a estabilidade de sua família? Do mesmo modo, o que induz o desejo feminino às expectativas acerca do alto posicionamento moral e

---

<sup>186</sup> VELDE, Th. H. Van de. *Capaz ou incapaz para o casamento?* Coleção Biblioteca de Educação Sexual. Tradução de Matheos Lima. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1953. Pg. 17

intelectual do parceiro? Seriam mesmo os desejos reais e sinceros de jovens imersos em perspectivas culturais que os fazem desejar o mais freqüentemente solicitado? Ou tais enunciados talvez não nos proporcionem mais do que a legitimação e o reforço de um discurso recorrente e já naturalizado, além das percepções de seu sentido social?

### **Família e trabalho, educação e autonomia feminina**

Diversos historiadores e historiadoras já se dedicaram a reflexões sobre os processos de legitimação e redefinição dos padrões família e das funções de gênero ao longo da primeira metade do século XX no Brasil. Marina Maluf e Maria L. Mott, ao tratar sobre os recônditos do mundo feminino<sup>187</sup> nas três primeiras décadas do século XX, discutiram sobre o posicionamento dos intelectuais brasileiros em relação às ameaças que as mudanças no comportamento das mulheres significavam no receio de uma desestruturação da ordem social estabelecida. A definição das atuações sociais de homens e mulheres que estruturavam tal ordem estariam sob a iminência das corrosões que as transformações urbanas das cidades em espaços "cosmopolitas e metropolitanos" proporcionavam em uma nova circunstância de redefinição das sociabilidades entre seus habitantes. Tal situação exigia um esforço dos conservadores em disciplinar as ameaças numa afirmação dos valores da família, percebida como o "mais importante 'suporte do Estado' e a única instituição capaz de represar as intimidades vagas da 'modernidade'".<sup>188</sup>

Inclinada a um recorte temporal posterior, Carla Bassanezi pondera que a diminuição das distâncias entre homens e mulheres em suas práticas sociais cotidianas, possibilitada pelas transformações políticas e culturais na década de 1950, não impediu que as distinções entre as funções femininas e masculinas continuassem nítidas e asseguradas na sociedade brasileira. Os processos de modernização, as aspirações à emancipação feminina, entre outras agitações que tais modificações sociais impunham, permitiram que o país aderisse a um movimento de campanhas internacionais que, com o fim da Segunda

---

<sup>187</sup> MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do mundo feminino*. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil*. Vol 03. São Paulo: Cia das Letras, 1998. Pg. 368

<sup>188</sup> Idem. Pg. 372

Guerra Mundial, pregavam o retorno das mulheres ao lar e aos "valores tradicionais da sociedade."<sup>189</sup>

Nesta recorrência da construção de valores e verdades sobre a família ideal em diferentes momentos, observa-se uma necessidade de afirmação das inclinações e características naturais que formavam a essência do comportamento feminino e masculino em suas distintas atribuições no ambiente social. À mulher estaria reservada, portanto, a responsabilidade pela manutenção do lar e suas ocupações domésticas, inscritas no espaço privado preconizado à pureza e à doçura de seu caráter frágil e vulnerável. A rigidez e a racionalidade masculina circunscreviam o homem, ao contrário, no âmbito público do trabalho, marcado pelas hostilidades e desafios que o cotidiano lhe oferecia em suas atribuições constantes.

O marido provedor e a esposa administradora do lar. Estas são as imagens muito conhecidas quando são apontados os padrões culturais dos momentos a que nos referimos no Brasil. O que nos levaria a pensar, portanto, que se o reforço de tais ideais para o comportamento masculino e feminino era tão necessário e evidente, os elementos que rematariam a perfeita organização social tão almejada pelo discurso da época poderiam evidenciar algum desequilíbrio com relação às propostas moralizadoras. Vale perceber de que forma foram organizadas as disposições sobre as funções masculinas e femininas na instituição legal do casamento no Código Civil Brasileiro de 1916, atentando para a modificação e a supressão de vários incisos pelas Leis 4.121 de 1962 e 6.515 de 1977, ao passo que este código vigorou, em suas modificações e concessões, até o ano de 2003 no Brasil.

-> Art. 233. O marido é o chefe da sociedade conjugal, função que exerce com a colaboração da mulher, no interesse comum do casal e dos filhos (...). **(Redação da Lei nº 4.121, de 27.8.1962)**

Compete-lhe:

I - a representação legal da família; **(Redação da Lei nº 4.121, de 27.8.1962)**  
(...)

---

<sup>189</sup> BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos Anos Dourados*. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. Pg. 608

**IV - Inciso suprimido pela Lei nº 4.121, de 27.8.1962:**

*Texto original: O direito de autorizar a profissão da mulher e a sua residência fora do teto conjugal (...)*

**IV - prover a manutenção da família, (...)  
(Inciso V renumerado e alterado pela Lei nº 4.121, de 27.8.1962)**

-> Art. 240. A mulher, com o casamento, assume a condição de companheira, consorte e colaboradora do marido nos encargos de família, cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta. *(Redação dada pela Lei nº 6.515, de 26.12.1977)*

-> Art. 242. A mulher não pode, sem autorização do marido (...): *(Redação dada pela Lei nº 4.121, de 27.8.1962)*

I - praticar os atos que este não poderia sem o consentimento da mulher (...); *(Redação dada pela Lei nº 4.121, de 27.8.1962)*

II - alienar ou gravar de ônus real os imóveis de seu domínio particular, qualquer que seja o regime dos bens (...); *(Redação dada pela Lei nº 4.121, de 27.8.1962)*

(...)

**IV - suprimido pela Lei nº 4.121, de 27.8.1962:**

*Texto original: Aceitar ou repudiar herança ou legado.*

**V - suprimido pela Lei nº 4.121, de 27.8.1962:**

*Texto original: Aceitar tutela, curatela ou outro múnus público.*

**VI - suprimido pela Lei nº 4.121, de 27.8.1962:**

*Texto original: Litigar em juízo civil ou comercial, (...)*

**VII - suprimido pela Lei nº 4.121, de 27.**

*Texto original: Exercer a profissão (...)*<sup>190</sup>

Com as modificações e supressões, principalmente na década de 1960 sobre os direitos e deveres das esposas e dos maridos na sociedade conjugal, as mulheres obtiveram a concessão da sua capacidade e autonomia civil, ao conseguirem administrar sua vida financeira e profissional sem a necessidade da permissão do marido. Contudo, no momento em que os guias matrimoniais aqui analisados são publicados no Brasil, tais transformações ainda não haviam ocorrido, mas estariam provavelmente em vias de discussão tanto na sociedade civil quanto entre os governantes que a legitimariam. Apesar de a liberação feminina ter sido concretizada com as revogações de sua coação doméstica anterior, pode-se notar que, ainda assim, o marido se apresentava legalmente como responsável pela família e pela esposa, que continuaria sendo sua colaboradora na tarefa de direção da família, ficando responsável pela direção e pela manutenção do lar.

No entanto, sobre a posição da mulher diante da vida e amor ao longo da década de 1950, a Dra. Marion Hilliard impõe uma firme opinião profissional que possivelmente circulou no Brasil no mesmo momento:

Quando eu era adolescente e vivia em Morrisburg, Ontário, costumava cantar uma canção que dizia, a certa altura: 'Os homens dever trabalhar e as mulheres devem chorar'. O resto da canção fugiu à minha memória, mas aquele trecho desde então me persegue. Acredito que a coisa mais importante que sei acêrca das mulheres é que as mulheres não devem chorar, devem trabalhar.<sup>191</sup>

Sua disposição em discordar sem grandes dificuldades de um padrão de comportamento que, em sua opinião deve ser superado, pode dar uma noção do embate entre os distintos arranjos de um discurso que

---

<sup>190</sup> Lei n° 3.071 – 01/01/1916. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Livro I: Do Direito de Família (Art. 180 a 484). Disponível em:

<http://www.soleis.adv.br/direitodefamiliacodecivil.htm>

<sup>191</sup> HILLIARD, Op. Cit. Pg. 137



propõe a definição da correta atuação dos indivíduos no meio social. Principalmente na sua percepção em meio à maioria dos manuais inclinados a aspirações conservadoras, a presença do texto da obstetra canadense sugere que suas idéias tenham sido compartilhadas por uma parcela estimável de indivíduos divididos entre diferentes propostas. Suas pretensões da “liberação feminina”, no entanto, não se propunham a negar a maioria das proposições em relação aos espaços da família e da maternidade, quando demonstra a consonância de seu discurso com as linhas de valorização dos intentos maternais e da manutenção dos filhos no seio da família.

Quando as crianças ficam mais velhas, acredito que ganham por ter tido uma mãe que trabalha. Aprendem melhor a responsabilidade, assim. [...] se compreender que aquela é sua contribuição para a família, e que ela é participante ativa no maquinário que faz eficiente o trabalho de todos ali, raramente haverá dificuldade.<sup>192</sup>

Defender a liberdade das mulheres e sua inserção no espaço público sem, contudo, desestruturar as bases que solidificam o conjunto social. Ao contrário, afirmando sua perfeita conformação nas vantagens que a flexibilidade das funções femininas pode proporcionar aos arranjos da família e das tarefas da maternidade. Aliás, a maternidade possui fases em que suas emoções e recompensas são manifestadas de forma espaçada e gradual, e segundo a Dra. Hilliard, é preciso que a mulher saiba preencher estes "espaços de monotonia e estagnação" como atividades edificantes que tenham ao mesmo tempo caráter terapêutico. Uma conveniente acomodação entre a imagem da "mulher trabalhadora e a moral social"<sup>193</sup> discutida por Margareth Rago ao tratar sobre as definições da sexualidade da mulher brasileira em meio às condições de trabalho no início do XX.

Nestes intentos, a historiadora Ana Maria Magaldi destaca, através de diversos guias matrimoniais publicados por diferentes autores nacionais, a circulação das obras de Julia Lopes Almeida, uma

---

<sup>192</sup> Idem. Pg. 150

<sup>193</sup> RAGO, Margareth. *Trabalho feminino e sexualidade*. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. Pg. 585

importante educadora e literata que atuou no início do século XX no Brasil. Entre suas obras de maior destaque, Magaldi enfatiza "O Livro das Noivas", publicado em meados de 1900, que tinha como propósito educar as moças para a vida matrimonial. Entre os diversos conselhos sobre como gerir a vida de casada no momento em questão, os temas sobre o trabalho feminino não fugiam às atenções da autora, ressaltando sempre que sua aceitação na sociedade dependia estritamente da competência feminina em saber adequar suas atividades públicas e seus afazeres domésticos de esposa e mãe ajustada e dedicada. Procurava, sempre, ressaltar a colaboração do marido e aos apoios de seu lar tranqüilo e bem conduzido na produção de suas obras. Deste modo, em meio aos conflitos discursivos sobre a permissão do trabalho feminino no Brasil, dona Julia se mostrava como mulher ilustrada, coerente e atenta às modernizações do progresso eminente, porém sem nunca esquecer as funções essenciais da imagem feminina na sociedade. Assim, "(...) Julia Lopes de Almeida mostrava uma postura afinada com o que era esperado de uma mulher-artista da época. Mulher que deveria subordinar sua arte à rotina prioritária do lar, (...) ao dar detalhes sobre o processo cotidiano de criação de seus romances."<sup>194</sup>

O médico brasileiro Afrânio Peixoto, em seu ensaio sobre a educação feminina intitulado "Eunice ou a educação da mulher", discute de igual maneira a importância e as condições do trabalho feminino no Brasil e nos países europeus no início do século XX. Afirma que o século XIX foi o que "viu passar a dogma social a igualdade da mulher ao homem, diante do trabalho"<sup>195</sup>, dando fim a um longo tempo de reclusa feminina à "sombra do lar" em sua análise sobre as posições da mulher nas mais variadas sociedades em todo mundo, desde a antiguidade até a contemporaneidade de suas publicações. Nas alusões sobre a recente ascendência do trabalho da mulher, faz uma dura crítica à desvalorização dos postos de ocupação feminina, à disparidade dos salários entre homens e mulheres e a falta de condições em que trabalham muitas operárias em fábricas insalubres que arruinam sua saúde e a de seus filhos, tanto durante a gravidez como depois do

---

<sup>194</sup> MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Lições de Casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007. Pg 28

<sup>195</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Eunice ou a educação da mulher*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Editores, 1944. Pg. 233

nascimento, ao freqüentarem cotidianamente o ambiente de trabalho das mães.

Declara que a Constituição Brasileira de 1934 proibira a desigualdade de tratamento dos diferentes sexos diante do trabalho, conferindo igualdade, ao menos no que concerne aos salários, a homens e mulheres que ocupam cargos semelhantes em qualquer setor. Entre as diversas motivações e argumentos que o levam à defesa do trabalho feminino e das perfeitas condições de equidade entre mulheres e homens no mercado de trabalho, o médico discorre sobre a importância do trabalho como instrumento de moralização das mulheres, ao evitar proximidade com a prostituição e outros meios de depravação física e moral, e ao mesmo tempo permitir sua redenção através de meios honestos para ganhar a vida em casos de dificuldade econômica.

A chaga da sociedade, de todos os tempos, foi, e é, a prostituição: é principalmente causada pela procura masculina, egoísta e mal educada, e pela oferta feminina, que determina o desejo de luxo, de prazeres, de conforto, na incapacidade de prover a isso pelo trabalho. São as más condições econômicas do sexo, em 90% dos casos, os motivos da prostituição (...). O trabalho feminino é, sob este aspecto, uma redenção.<sup>196</sup>

Deste modo, advoga sobre o imperativo da educação intelectual da mulher como único meio de promover a igualdade cultural entre os diferentes sexos. A co-educação seria, neste caso, o elemento fundamental que possibilitaria uma perfeita educação profissional, prática, utilitária, para atender às suas orientações vocacionais voltadas às objetividades do mundo do trabalho.

---

<sup>196</sup> PEIXOTO. Op. Cit. Pg. 243 - Com exceção da obra de Afrânio Peixoto, que não se apresenta como um manual de civilidade, pouco se fala das famílias necessitadas nos manuais dos outros autores. A maioria dos guias matrimoniais trata a questão do trabalho feminino quase sempre como uma opção da mulher, diante das discussões sobre suas funções sociais no momento em que circulam. Tal situação pode de certa forma sinalizar para um determinado público alvo na maioria dos textos (burguesia ou classes médias, com a imagem do homem provedor da família), embora alguns determinem suas disposições discursivas a um público mais amplo de leitores.

Educação geral que cultive e desenvolva o espírito; a inteligência que decifra e resolve as dificuldades da vida e a quota instrutiva de conhecimentos que se utilizam para conseguir e facilitar isso. As vocações femininas são centenas já nas escolas técnicas, nos liceus, faculdades, universidades. (...) Orientação escolar, na escola, para maior rendimento espiritual, pragmaticamente útil; orientação vocacional, técnica ou científica, artística ou educativa para maior rendimento econômico. E não haverá nem presunções, nem ridículos.<sup>197</sup>

Para tanto, seria necessária uma reforma do ensino feminino, para que a segregação sexual deixasse de prejudicar as mulheres em programas de ensino específicos que as "bestializavam" para o lar privado desde a infância, privando-as das urgentes aprendizagens sobre "as utilidades mais imediatas da vida".<sup>198</sup> Vencer os preconceitos, reivindicar paridades na preparação, no tratamento profissional e nos salários do mercado, eram propostas centrais na obra do Dr. Peixoto, que procuravam elevar a valorização das posições femininas no espaço público da sociedade, essencialmente pela verificação das condições brasileiras em relação ao tema. Contudo, em suas conclusões sobre a importância da inserção feminina no âmbito público, não é somente por compaixão ou percepção das injustiças sociais que o Dr. Peixoto defende a inteligência feminina, mas por perceber que da educação e da felicidade feminina depende a felicidade do mundo. Através da educação, a mulher educará os filhos, trará frutos ao lar, e de geração em

---

<sup>197</sup> Idem. Pg. 282

<sup>198</sup> Em 1942 é regulamentada a Lei Orgânica de Ensino Secundário no Decreto 4.244 de 9 de abril de 1942, pelo Ministro da Educação Gustavo Capanema, cujas finalidades se voltam ao estímulo da segregação sexual nas escolas secundaristas do país. Sem, no entanto, instituir a proibição da co-educação, sugere que a educação feminina seja desenvolvida em classes especiais, exclusivamente para mulheres. A medida teria relações com o fato de o ensino secundário ser, na época, o único a permitir o ingresso direto dos estudantes nos cursos superiores, o que poderia de forma taxativa desviar as atenções femininas de suas preparações para a missão a cumprir no lar. Cf. CORRÊA, Denise A. *A educação física escolar nas reformas educacionais do ensino secundário no governo de Getúlio Vargas*. In: VIII Congresso Nacional de Educação - Educere: Formação de Professores edição internacional, 2008, Curitiba. Anais do Evento. Curitiba : Champagnat, 2008. v. 1. p. 221-234.

geração sentiremos os benefícios que a inteligência feminina poderá proporcionar por suas competências de mulher educada para educar! Suas atribuições profissionais no meio público, portanto, não devem roubar o papel fundamental de esposa e mãe no seio da família, já que a justificativa principal de sua educação cíclica se volta à natureza maternal para a procriação e criação do mundo.

Neste sentido, a ênfase na importância das diferenças nas aptidões e funções sociais entre os sexos não ficava ausente das preocupações com a harmonização social pela estabilização da família. A igualdade de condições e o tratamento público na sociedade não deveria ser confundida com comparações levianas e imprudentes entre o feminino e o masculino. Ao discorrer sobre o equívoco em que caem os que não compreendem os objetivos de tal proposta, o médico alerta:

Não é 'macaquear' o homem, imitá-lo, contrafazê-lo que deve ser a reivindicação feminina. Igualdade diante da lei seja; igualdade intelectual, econômica, sentimental, política, sim. Mas não como homem. Como mulher. Iguais, mas diferentes. Cada um como a natureza o fez. Os homens não se orientam profissionalmente? Não há vocações? Há preferências masculinas, e preferência de cada homem. Por que não haverá preferências femininas, e preferências de cada mulher? (...) Só o exercício da vida irá profissionalmente discernindo as melhores profissões, menos para o sexo, do que para as pessoas que o compõem, que são diferentes entre si.<sup>199</sup>

Igualdade, portanto, aos diferentes! Personalidades e biologia distintas, aptidões e habilidades específicas, que devem ser respeitadas em suas considerações intelectuais, política e sociais com as mesmas condições. As diferenças individuais devem ser vistas, assim, como ainda mais relevantes do que as sexuais. Estas existem, mas somente demarcam diferenças, preferências nos caminhos tomados, e não hierarquias, divisões entre superiores e subordinados. Como assinala Maria Bernardete Ramos Flores, "para Afrânio Peixoto, o dimorfismo sexual, biológico e fisiológico, é um estágio evoluído da espécie. Com

---

<sup>199</sup> PEIXOTO. Op. Cit. Pg. 281

base no darwinismo, explica as determinações do sexo pela seleção natural. 'O dimorfismo é útil à espécie.'<sup>200</sup>

No mesmo propósito, o alemão Fritz Kahn disserta sobre o alcance da harmonia e da complementaridade matrimonial através das diferenças de gênero, alertando sobre o perigo que a confusão entre igualdade política e igualdade biológica pode representar à estabilidade conjugal dos casais.

Devemo-nos esforçar por ver no matrimônio uma comunhão vitalícia de dois representantes de sua espécie, (...) por celebrarmos, antes mesmo de irromper a guerra, um tratado de paz permanente. Quando a mulher deixa o homem ser homem e o homem deixa a mulher ser mulher, está aplanado o terreno para a edificação de um casamento feliz.<sup>201</sup>

O casamento feliz se manifestaria, assim, na garantia da estabilidade matrimonial que só é permitida e desenvolvida mediante à perfeita complementaridade da vida conjugal. Uma perfeita conjugalidade que se constitui, portanto, na consignação das funções relativas a cada membro da família, fundamentalmente o marido e a esposa em suas faculdades masculinas e femininas.

### **Leituras direcionadas e as vozes autorizadas**

Nos manuais dedicados à educação para o matrimônio, além dos exemplares dedicados à leitura comum de homens e mulheres, nos quais as diferenciações específicas dos assuntos são dispostas nos índices, a maioria é organizada de forma particular e segregada em edições femininas e masculinas. A maior parte das edições apanhadas para esta pesquisa constitui-se, a saber, de publicações dirigidas às

---

<sup>200</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Tecnologia e Estética do Racismo: Ciência e Arte na política da Beleza*. Chapecó: Argos, 2007. Pg. 229

<sup>201</sup> KAHN. Op. Cit. Pg. 289

“moças casadouras e ainda mais para as mulheres casadas”<sup>202</sup>, com ênfase na abordagem de assuntos que tratam sobre “o que toda mulher não tem o direito de ignorar”<sup>203</sup>. São exemplos desta clave de textos, títulos como *A mulher e a vida conjugal*<sup>204</sup>, de autoria da Doutora Andréé e parte integrante de uma coleção organizada pelo Dr. Charles Fouqué; *A Serviço do Amor*<sup>205</sup>, publicado pelo médico francês Dr. Jean Carnot e Mad. Edith Carnot; além de *A mulher diante da vida e do amor*<sup>206</sup> da Dra. Hilliard, acima citado.

Neste empenho em marcar as divisões de gênero como procedimento da construção das sensibilidades femininas e masculinas, em suas especificidades, alguns autores propõem seus intuítos já na própria elaboração dos enunciados que se disponibilizarão a informar as mulheres. Nada melhor do que uma mulher para informar suas "irmãs" sobre suas obrigações muito específicas e restritas. Afinal, o que sabe um homem sobre a formação dos dotes domésticos e conselhos, e como poderá oferecer a uma moça conselhos sobre suas tarefas no lar após contrair matrimônio? Como pode um homem se meter em tais domínios, se não é este o seu papel, e já tem tarefas suficientes a cumprir na esfera que lhe foi destinada? Aliás, o papel essencial do macho no âmbito familiar é bem outro, e se souber desempenhar com sucesso, sua esposa ficará constantemente agradecida...

Ao convidar a esposa de um amigo para elaborar um texto destinado à formação das futuras esposas e mães, em todos os seus aspectos na atuação em seu lar, o Dr. Fouqué é questionado e sabe prontamente responder:

- Por quê Andréé? Pela mesma razão com que um chefe de Governo avisado acerta, para dirigente do Exército, na escolha feliz de um general. O seu lar, bem o sei, é um lar *feliz*. O seu marido é um espôso *feliz*. Você é uma esposa *feliz*. E toda essa felicidade é obra sua; disso não tenho a menor dúvida.<sup>207</sup>

---

<sup>202</sup> CARNOT, *Op. Cit.* Pg. Rosto.

<sup>203</sup> ANDRÉE, J. *Op. Cit.* Pg. Rosto.

<sup>204</sup> Idem.

<sup>205</sup> CARNOT. *Op. Cit.*

<sup>206</sup> HILLIARD. *Op. Cit.*

<sup>207</sup> FOUQUÉ, *Op. Cit.* Pg. 05

Andrée, como um primoroso exemplo de esposa que abdicou de sua formação acadêmica em medicina para se dedicar à exitosa família que possui, não poderia ter substituído à altura para tratar sobre a realidade matrimonial em suas vicissitudes e resoluções, auxiliando na formação de inumeráveis mocinhas para que enfrentem o cotidiano da família com as suficientes informações que tornarão possível o seu pronto desempenho no lar a ser administrado. Pois excelentes esposas são, em seus domínios, como excelentes generais que sabem coordenar com firmeza o exército que se lhe foi confiado! E sim, a esposa pode ser comparada a um general, pois sua atuação no lar é tão importante quanto à do mais graduado estadista, para que seja mantido o equilíbrio social que só é possível no completo desempenho de cada indivíduo em suas atribuições específicas.<sup>208</sup>

E neste rol de conjunções, o Dr. Jean Carnot recorre igualmente à sua filha Edith para que se pronuncie mais eficazmente às donzelas que se preparam para atuar na vida em família, como ela mesma orgulhosamente anuncia na apresentação da obra:

[...] êle julgou preferível que a resposta às jovens donzelas fosse dada por uma mulher e mãe de família. Eis aí as razões porquê me pediu que fizesse uma adaptação de seu primeiro livro, reservado-se para si a redação de algumas páginas médicas.<sup>209</sup>

---

<sup>208</sup> Vale ressaltar que estas estratégias de leitura definidas nos espaços de gênero não eram exclusivas destes guias matrimoniais, mas estavam presentes também em diversos romances dirigidos ao público feminino na primeira metade do século XX. Exemplos disto são as obras de M. Delly, publicadas pela coleção Biblioteca das Moças entre 1930 e 1960 no Brasil, cuja autoria foi por muito tempo interpretada como de Madame Delly, ao passo que se tratava de um pseudônimo utilizado por um casal de irmãos franceses, Frédéric e Jeanne-Marie Petitjean de La Rosière. A apropriação do pseudônimo pelo público com alcunha feminina pode sugerir uma “necessidade social” das aproximações de gênero entre o autor e o público, principalmente por se tratarem de obras recomendadas por educadores e religiosos na divulgação de normas e códigos de conduta, para a construção das subjetividades femininas. Cf. CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da Sedução. Os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999.

<sup>209</sup> CARNOT. Op. Cit. Carta de apresentação.



Situação contrária ocorre na descrição do livro da Dra. Marie Stopes como "dedicado aos homens recém - casados e aos que vão casar por amor."<sup>210</sup> Neste caso, porém, as considerações inovadoras da cientista em relação às igualdades no tratamento mútuo entre marido e mulher, publicadas no Brasil em plena década de 1920, dirigiam-se, principalmente, às necessidades fisiológicas da mulher por meio da importância de sua satisfação sexual.

Além da preocupação em informar os futuros maridos sobre as especificidades de personalidade e as urgências de liberação intelectual da esposa após o casamento, todas as informações sobre a fisiologia feminina são descritas criteriosamente de acordo com as descobertas científicas arroladas até o momento. Assim, ao longo da leitura da obra são notados diversos pontos que sugerem um interesse muito maior de informação feminina do que masculina. E por tais sinais, é bem possível que a obra tenha sido destinada pela autora a ambos os interessados, mas nos espaços reservados à moralização da família no Brasil, do início do século XX, a publicação deste tipo de literatura não traria vantagens em seu contato com os olhares femininos.

### **Mulheres esposas, mães e amantes. O casamento é seu.**

A espôsa é rainha de seu domicílio; ela manda nele sem que ninguém ouse contrariá-la, - ao passo que seu marido, estando o dia todo no trabalho, entre pessoas estranhas, deve sofrer, aceitar, dobra-se às exigências dos superiores ou dos fregueses.<sup>211</sup>

Portanto, senhoritas - poderia continuar a autora - não se queixem por terem seu tempo tomado pelos afazeres domésticos após o casamento, e não poderem sair à rua para se distrair, como seus maridos que passam o dia todo fora e somente à noite regressam ao lar. A rua não é lugar para distrações. É, sim, um ambiente hostil, competitivo, hierarquizado, e pobres dos maridos que precisam enfrentar estes

---

<sup>210</sup> STOPES, Op. Cit. Apresentação.

<sup>211</sup> CARNOT. Op. Cit. Pg. 72

desafios diariamente para manter o conforto de sua amada família que descansa aconchegadamente no abrigo da casa, para onde ele deve querer voltar depois de um dia exaustivo de trabalho. O lar é seu! É você quem reina soberana no seio da família. Quem administra, quem cuida, quem governa. Você é amada por todos, porque reconhecem sua importância para a manutenção daquela felicidade. Então para que pensar no que existe na rua? Por que imaginar que lá garantirá o espaço de igualdade com seu marido, se é em casa que ele a admira, respeita, venera a sua superioridade de esposa e mãe amada e protegida?

Estas não são citações literais de nenhum dos manuais dos quais nos referimos, mas é neste tom que os autores e autoras se dirigem às leitoras ainda inexperientes: Não se deixem levar por discursos liberalistas e perturbadores, ame a sua casa, a sua família, sinta-se orgulhosa em manter a sua harmonia e felicidade, cuide para que seu marido seja ali bem tratado e amado, pois ele não tem a sua sorte de poder reinar em um ambiente tão afável e calmo quanto o que está reservado para você. Longe de descrições sobre afazeres domésticos, como a arrumação da casa, da cozinha, das roupas, os autores encaravam a esposa como uma comandante que deveria se empenhar em chefiar todo o funcionamento da casa e da família. O investimento dos discursos não está, no entanto, dirigido à formação dos dotes caseiros para a realização do serviço da casa, mas assim para a concepção mais genérica dedicada à responsabilidade feminina na família. Discussões sobre limpeza, organização, culinária, assim como a quem estão reservadas tais atividades, são constantemente ignoradas pelos autores, e quando aparecem, estão dissolvidas em outras preocupações. Assim, são fornecidas às leitoras as bases para a construção de valores familiares, como o amor íntimo extensivo a todos os membros e desenvolvido mutuamente por eles – pais e filhos – e as relações cotidianas no seio familiar, ressaltando a mulher como o principal agente fomentador e mantenedor destes princípios da família. O que pode cunhar a direção da leitura a um grupo de mulheres pertencentes ao paradigma de família que se procura reforçar: esposas burguesas na família nuclear.

Deste modo, é a esposa quem deve cuidar para que a felicidade do marido seja garantida no espaço doméstico, ao passo que fora da casa as pressões e os desafios são constantes e exaustivos. Ademais, sua felicidade já está garantida somente por ter o privilégio de estender suas horas, todo o seu tempo com os cuidados da família e da casa - o abrigo

que todos procuram quando encontram problemas - e este espaço é seu por natureza, é produto do seu cuidado e do seu zelo diário. Portanto, nem só de belezas é composta a vida da mãe de família, que não deve ser encarada como um sonho cor-de-rosa, fantasioso e facilmente dirigível. É necessário ter firmeza e coragem para saber comandar os seus e não permitir que a felicidade desmorone. Sua felicidade depende de sua eficiência, pois a família é responsabilidade sua.

Neste caminho de pretensões, a figuração da mulher que aqui se observa é a da mãe e esposa instruída, educada para engendrar a conservação de um lar feliz, estável<sup>212</sup>, voltado aos seus objetivos e finalidades primordiais: a procriação e os cuidados essenciais com sua prole. Assim é que se compreenderiam os apelos de uma norma familiar, em todo um aparato que procura absorver a leitora em prescrições e conselhos para uma efetivação dos propósitos de moralização e normalização das condutas sociais através da 'célula fundamental' da sociedade: a Família<sup>213</sup>. E nestas intenções a mulher não parece precisar se convencer de sua inferioridade, submissão e resignação ao marido. Ao contrário, deve se regozijar por tantos privilégios, admirações, venerações e amor dos seus pupilos.

Diante das dificuldades, dos problemas inumeráveis que teria de enfrentar na realidade do casamento, era disto que deveria se lembrar, e lutar para que a união da família fosse mantida e esta felicidade sempre conservada. Esta manutenção produzida pelo zelo da exclusividade feminina deixaria afastado o perigo desagregador das famílias: a separação. Todos os esforços deveriam se voltar ao impedimento desta tragédia, que dependia essencialmente das atenções femininas. "Abdicar... Sim... Mas o mais tarde possível."<sup>214</sup> Isto demonstra que o mais importante é a construção da felicidade verdadeira, real, palpável, e não aparente ou "de fachada". A mulher, por seus esforços de manutenção da família, tinha deste modo o direito de ser, e não a obrigação de se mostrar feliz.

---

<sup>212</sup> Cf. BASSANEZI, 2004. Op. cit.

<sup>213</sup> Cf. DONZELOT, Jacques. *A Policia das Famílias*. 2ª ed. Tradução de M. T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

<sup>214</sup> ANDRÉE. Op. Cit. Pg. 107

## Prazer sexual como direito de mulher

Apesar do tom mais reservado e contido na abordagem dos problemas sexuais expostos pelas edições femininas, o destaque na instrução da mulher acerca das questões sexuais no matrimônio é comumente observado. Nestas edições, a função da iniciação sexual é quase sempre dirigida ao homem, encarregado dos cuidados introdutórios à moça ainda pura e inexperiente, mas as menções ao prazer e à felicidade sexual do casal é sempre conduzida a ambos, tendo o marido a função de iniciar e a esposa a função primordial de equilibrar as delícias da nova vida com as responsabilidades cotidianas do lar em seu todo.

A historiadora Carla Bassanezi, ao discorrer sobre as imagens da mulher nos “anos dourados”, afirma que “os manuais instrutivos mais popularizados e os artigos de revistas femininas que tratavam do tema não falavam em prazer, mesmo para as mulheres casadas [...]”.<sup>215</sup> Isto pode se verificar, de certo modo, nas revistas que ela menciona. Contudo, os discursos observados nos manuais analisados aqui são bastante dissonantes de sua afirmação. Do mesmo modo, a também historiadora Maria Izilda Santos de Matos, ao discutir sobre a construção dos corpos femininos e masculinos no discurso médico do início do século XX, assegura que “construíram o modelo da mãe-esposa, frágil, sensível, dependente e assexuada, em confronto com o da mulher degenerada, pública, sexuada, (...) prostituta.”<sup>216</sup> Atentando para a diferença do momento em que se pronunciam estes médicos, assim como para o tipo de literatura que a autora observa, de circulação estrita na comunidade científica, pode-se notar as discrepâncias na discussão da sexualidade feminina entre um momento e outro, ao se observarem aqui manuais dedicados à divulgação científica ao público leigo.

Sem dúvidas, nestas obras dirigidas especificamente às mulheres, o foco da instrução sexual e da experimentação do prazer sexual fica diluído na constituição da esposa como a “Guardiã do Lar”<sup>217</sup> e conselheira do marido, protetora incondicional da integridade

---

<sup>215</sup> BASSANEZI, 2004. Op. Cit. Pg. 620

<sup>216</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de Emoções. Corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru, SP: Edusc, 2005. Pg. 37

<sup>217</sup> CARNOT, Op. Cit. Índice

física e moral dos filhos, assim como na percepção de seu “desabrochar natural” diante da maternidade. Você pode ser feliz no leito, minha filha, mas

“[...] isso não quer dizer que o seu único papel consista em se entregar às delícias da vida nova, que o esposo acaba de lhe revelar. [...] O lar não se apóia tão-somente na alcova e a existência do casal não gravita em torno do leito [...] Na existência cotidiana do casal – célula inicial de toda sociedade – existe o dia e existe a noite.”<sup>218</sup>

No entanto, as alusões ao prazer feminino existem, e mesmo que sutis ou reservadas, no caso das edições femininas, fornecem à mulher as condições de se persuadir sobre seu direito aos prazeres mais secretos da existência conjugal, e provar a felicidade do casamento em todos os sentidos e atribuições. Sobre a necessidade do prazer feminino, deste modo, a Dra. Stopes, discorre de forma detalhada e atenta sobre sua complexidade e peculiaridade em relação ao do homem, observando o imperativo de sua adaptação - não muito freqüente - nas práticas do leito conjugal.

(...) Quando é perfeita a mutua adaptação, a mulher também atinge a um apogeu da sensação muito semelhante ao d'elle. Esta coincidência do orgasmo é extremamente importante, mas em muitos casos vem tão depressa o paroxysmo de prazer do homem, que antecipa o da mulher, que vem menos rápido, privando-a de sentir o mesmo. (...)<sup>219</sup>

Para que tal situação deixe de ser corriqueira e seja resolvida, como forma de sanar os problemas do prazer da mulher, a médica atenta para a seriedade dos estudos dos problemas femininos, relegados à obscuridade da ciência, e contribuindo para a má compreensão das características femininas, ignoradas por seu desconhecimento. Neste

---

<sup>218</sup> Idem Pp. 46, 47.

<sup>219</sup> STOPES, Marie. Op. Cit. Pg. 93

Ínterim, procura apresentar os pormenores dos ritmos e das oscilações do prazer feminino, guiados pela secreção dos hormônios que caracterizam também as variações de todo o comportamento e do organismo da mulher.

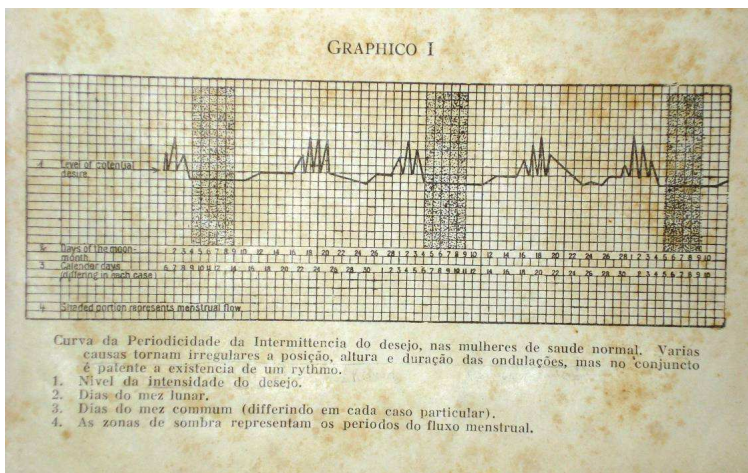
Existe, entre nós, um bom numero de ligeiras variações no espaço de tempo que medeia entre dois periodos catameniaes successivos, podendo ascillar de tres a cinco semanas, mas a maioria das mulheres tem um mez lunar de vinte e oito dias, durante o qual apparece uma vez o fluxo da menstruação. Se elaborarmos um graphico de periodos sucessivos (...), podemos formular esta pergunta: 'Quando é que, neste período, surge em uma mulher de saude normal o desejo ou outra manifestação de sexualidade?' <sup>220</sup>

Nas explicações de diversos médicos e cientistas citados pela autora, as poucas afirmativas realizadas sobre a questão, como ela mesma denota, são vagas e reservadas. Alguns inferem que o desejo feminino se aguça logo após o período menstrual, enquanto outros, como Havellock Ellis, dizem ser o desejo mais forte antes e depois da menstruação, parecendo acreditar na natureza da coincidência entre o desejo e as "regras". Diante desta confusão científica - decorrente de estudos ainda muito recentes sobre o assunto, e através de suas minudenciadas investigações, chega a doutora à conclusão de que tais conflitos nas observações se devem "à grande quantidade de variações existentes entre diferentes indivíduos", assim como à grande variedade de causas externas de estímulo ou inibição presentes "no viver contemporâneo." <sup>221</sup> Deste modo, apresenta e explana sobre dois gráficos que procuram demonstrar em esquema de ondulações as variações do ritmo do desejo sexual das mulheres. Baseado na observação de um grupo de mulheres, as informações foram, segundo a autora, isoladas das influencias externas e superficiais que estimulam as sensações, para que fosse garantida a máxima objetividade no decorrer do estudo científico (Fig. 08 e 09).

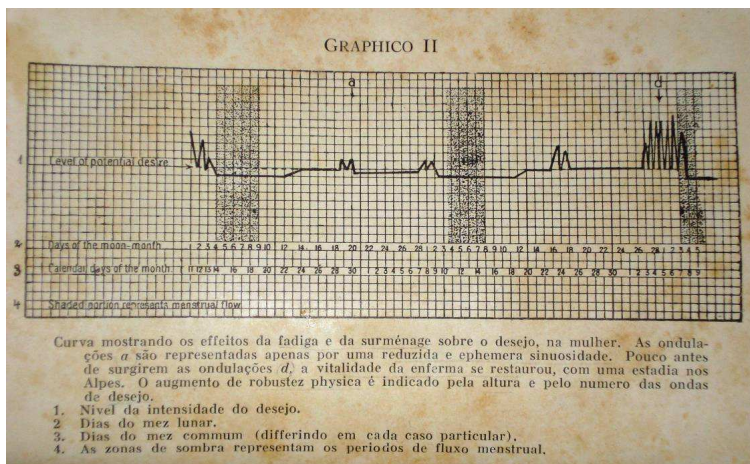
---

<sup>220</sup> Idem. Pg. 64

<sup>221</sup> Ibidem. Pg. 65



**Fig. 08:** Gráfico I demonstrativo das variações hormonais femininas. STOPES, M. Amor e casamento, 1928.



**Fig. 09:** Gráfico II demonstrativo das variações hormonais femininas. STOPES, M. Amor e casamento, 1928.

Pela percepção de tais peculiaridades, portanto, a Dra. Hilliard se propõe, excepcionalmente, a entregar à mulher a tarefa da busca e da manutenção de seu êxito e sua felicidade sexual:

E, contrariamente à opinião popular, é a mulher, e não o homem, quem determina se o ato do amor irá enriquecer sua vida ou ser para ela uma maldição. O varão, invariavelmente, chega ao casamento com a convicção de que as relações amorosas nada mais representam do que a busca simples e sem rodeios de determinada realização. Ele é construído de uma forma que, embora a atmosfera das relações amorosas possa variar consideravelmente, seu gôzo é relativamente constante. A mulher, por outro lado, fica profundamente dependente, para seu gôzo, da atmosfera, que deve ser justa, sem distrações, sem momentos dissonantes.<sup>222</sup>

Perante tais injunções, a autora afirma, assim, que a educação sexual dirigida à mulher deve ser conduzida para além das informações estritamente fisiológicas sobre o andamento de seu organismo ao longo da vida conjugal. Deve-se também incentivá-las à valorização de suas sensibilidades e intuições femininas que desconhecem a maioria dos homens, e que devem ser "cultivadas e nutridas para enriquecer o ato do amor. Sem eles, tal coisa pode tornar-se uma experiência infrutífera para a mulher."<sup>223</sup>

Vale ressaltar que, além das especialistas mulheres se posicionarem na defesa do direito ao prazer sexual feminino, diversos médicos homens também se dirigiam às sensibilidades femininas como cruciais no desenvolvimento da união conjugal. Entre eles, principalmente o Dr. Charles Fouqué e o Dr. Fritz Kahn estabeleciam a importância da satisfação sexual feminina, ao delegar sempre aos homens maridos a tarefa de promovê-la.

Roselane Neckel, ao refletir sobre o tratamento público da sexualidade no discurso das revistas femininas da década de 1970 no Brasil, afirma que é somente a partir deste momento que a divulgação

---

<sup>222</sup> HILLIARD. Op. Cit. Pg. 78

<sup>223</sup> Idem. Pg. 79



do discurso médico nos periódicos vai assinalar a preocupação com o orgasmo feminismo. A investigação científica acerca prazer sexual da mulher se basearia, entretanto, em publicações de obras sobre o assunto em um período anterior - como exemplos, o *Relatório Kynsey* e os estudos sexuais de Master e Johnson, publicados nas décadas de 1940 e 1950 nos Estados Unidos.<sup>224</sup>

Estas inclinações de valorização do prazer feminino, contudo, mais do que a compaixão dos especialistas aos desejos femininos sempre abafados, podem sugerir também uma estratégia de estabilização dos laços conjugais, em medidas que permitem e ao mesmo tempo regulam e moralizam o sexo, diante da percepção de que não é mais possível anulá-lo ou renegá-lo na convivência matrimonial. Neste propósito é que a vulgarização científica pela educação sexual se pronuncia. A construção das sensibilidades conjugais, como a experimentação do prazer sexual e da afetividade amorosa, aparece nestes guias como estratégias de normalização social, nas descobertas científicas que são divulgadas em materiais de popularização, como dispositivos que promovem a subjetivação individual frente aos valores sociais oferecidos pela leitura.

### **Maternidade como alvo do prazer**

Uma das principais táticas de moralização deste sexo tão necessário à conjugação da felicidade seria resolvida, portanto, na valorização de sua função primordial: a procriação, e por consequência, para a mulher, a maternidade. O sexo praticado com este fim tem, assim, muito mais sentido, o orgasmo tem seu prazer inebriante multiplicado por dois, e aquela felicidade momentânea da "alcova" será perenizada pelas alegrias de ver sua família se multiplicar e prosperar através de seus atos de amor.

---

<sup>224</sup> Cf. NECKEL, Roselane. *Pública Vida Íntima. A sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969 - 1979)*. Doutorado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2004.

E um prazer mais profundo, mais intenso, mais misterioso, tão psíquico quanto fisiológico, e que corresponde ao verdadeiro orgasmo, análogo ao orgasmo masculino, com o qual, teóricamente, deve sincronizar-se - é o orgasmo reprodutor. A mulher descarrega... A sua vagina se inunda de um líquido que isotona o esperma, ejaculado, no mesmo instante, pelo macho.<sup>225</sup>

E no mesmo caminho, o Dr. Fouqué não hesita em tecer comparações e analogias entre a mulher e a maternidade, o sexo e a procriação, nos seus comentários sobre a felicidade conjugal para leituras mais estritamente masculinas.

A mulher que acaba de ser possuída e a mulher que acaba de dar á luz se parecem como duas irmãs. Têm a mesma tranqüilidade na fisionomia, o mesmo aspecto de beatífica felicidade, o mesmo sorriso amortecido. Ambas se encontram, nêsse momento, sob a égide de duas deusas antigas da fecundidade: Lucina e Cibele... sob o poderoso esplendor em que repousa a perenidade do mundo.<sup>226</sup>

Sabemos que, principalmente ao longo da década de 1950, os casais mais especificamente nas classes média e alta, estavam mais receptivos às práticas de controle da natalidade através de métodos "naturais" como o coito interrompido, *Ogino-Knauss* e outras tentativas de conter a frequência dos nascimentos nas famílias mais planejadas. Carla Bassanezi, ao discorrer sobre isto, afirma não ter percebido nenhuma menção a este respeito nas revistas femininas de circulação nacional no momento.<sup>227</sup> Entretanto, nos manuais observados nesta pesquisa, as discussões sobre a contracepção se mostram presentes e constantes. Para condenar, na maioria das vezes. Ressaltando que, em alguns pontos de vista, o discurso sobre o planejamento familiar é neutro, e até mesmo favorável quando as intenções enfocam a

---

<sup>225</sup> ANDRÉE. Op. Cit. Pg. 58

<sup>226</sup> FOUQUÉ. Op. Cit. Pg. 21

<sup>227</sup> BASSANEZI, 2004. Op. Cit. Pg. 633

manutenção da saúde da mulher. Contudo, ter filhos e fazer crescer a família é assunto notável de forma genérica em todos os materiais, seja qual for a intenção do discurso produzido.

Para controlar ou inventivar, para convencer a mulher de seus deveres ou seus direitos, o investimento na construção do "amor materno" como algo natural, dado, inato e apropriado para a mulher é discurso ressonante entre os autores. Tendo um ou dez filhos, a mulher nasceu para a maternidade, e deverá estar consciente dos seus deveres de cuidar, educar, manter e preservar a integridade de seus rebentos, proporcionando as melhores condições de vida ao ser que pôs no mundo e que, portanto, é responsabilidade sua. Tal tarefa está em sua alçada por um simples motivo: "A evolução do instinto materno. Sigâmo-la alternativamente na menina, na irmã mais velha, na moça, na recém casada e na jovem mãe. [...] A mulher, por mais criança que seja, espontâneamente descobre que tem uma alma de mãe."<sup>228</sup> A consolidação, portanto, de um "mito do amor materno"<sup>229</sup> que agora servia para moralizar o prazer sexual, mas que outrora foi criado para convencer a mulher da importância com o cuidado de seus rebentos, para a diminuição da mortalidade infantil que exterminava milhares de recém nascidos na ausência dos cuidados maternos.

Felicidade por todos os lados. Esta seria a ordem do momento. É para ser feliz que se casa, e para manter esta felicidade é que se trabalha constantemente na construção da vida em matrimônio. A natureza reservou a felicidade para a mulher, que a merecerá desde que siga seus apelos e não entrave suas atribuições inatas, que revelam igualmente seus deveres na sociedade. Para ser feliz, deve ser mulher, e para ser mulher, deve ser completa. A completude que só encontrará no matrimônio, como única instituição capaz de promover

O desabrochar da mulher. A maternidade.

A constituição física da mulher, da mesma forma que os dotes morais e intelectuais que emanam de seu coração, predispõem-na para a maternidade. Portanto, ela é destinada FÍSICA e MORALMENTE para ser espôsa e mãe. A maternidade é a expansão normal da mulher.

---

<sup>228</sup> CARNOT. Op. Cit. Pg. 48

<sup>229</sup> Cf. BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

Fundando uma família, ela cumpre o seu destino, obedece ao apêlo da Natureza e entra de cheio no caminho da Felicidade.<sup>230</sup>

### **Pudor virginal e moral feminina**

A mulher como mãe e esposa devotada deve, no pleno gozo de seus direitos ao prazer, esforçar-se para manter o pudor virginal que a consagra quase santificada na condição maternal da transmissão da vida pelo ato sexual. A moderação, portanto, seria o componente de equilíbrio entre a posição de esposa e mulher, que usufrui de seus direitos no leito mas não esquece de suas atribuições na manutenção dos laços matrimoniais. Ademais, a própria moderação das atividades sexuais apresenta-se nos manuais como elemento de conservação do apetite e do desejo do marido, que sustentará sua vontade de posse pela curiosidade que certas "carências" da esposa pode causar. Tudo o que se tem demais, perde a graça! É preciso ser precioso para ser querido!

Minha amiga, desde o começo do casamento, não se deixe sensualizar em demasia. Desde que sinta aparecer em você o prazer sexual, não se lance perdidamente a êle, com toda força da carne. Não o detenha, não o entrave, não o faça parar deliberadamente. Mas esteja atenta a essa infiltração, como uma pequena prudente. (...) não se deve perder o pudor ao perder-se a virgindade. Para nós, o pudor é um dos elementos do nosso 'sex-appeal'. Ele dá aquilo que nós concedemos um valor excepcional.<sup>231</sup>

A respeito de uma "cultura virginal" como pressuposto de cultura da Nação brasileira no início do século XX, discute a historiadora Maria B. R. Flores sobre as definições científicas e populares do masculino e do feminino como uma "dualidade

---

<sup>230</sup> CARNOT. Op. Cit. Pg. 28

<sup>231</sup> ANDRÉE. Op. Cit. Pg. 54-55

complementar" na construção da sociedade no momento.<sup>232</sup> O culto da "Mariologia" como preceito de identificação feminina aos propósitos da família, onde ficaria circunscrita sua função social, procurava sacralizar a atuação da mulher em suas dedicações privadas, na espiritualização de seu corpo, nas afeições aos filhos e ao marido e na santificação da mulher cujas propriedades sexuais se voltam a desígnios nobres e maiores para a felicidade comum da coletividade nacional.

Tanto mais valem estas recomendações para as mulheres solteiras, principalmente ao considerarem alguns autores a gravidade da força da sexualidade feminina vivente nas mulheres. Sendo o desejo sexual algo incontrollável em certas situações também nas mulheres, e não somente nos homens, esta condição feminina selvagem deve ser suavizada por uma conduta moralizada. Essencialmente diante de todas as ocasiões que a vida moderna proporciona, é preciso evitar, segundo a autora, determinadas situações que conduzam aos caminhos inevitáveis e tentadores da perdição pelos desvios da moralidade social.

Por essa razão uma mulher precisa salvaguardar-se com um padrão de conduta que pode parecer estranho ou arcaico. A liberdade que a jovem moderna concede a si própria é uma ilusão, pois não lhe dá liberdade de escolha, absolutamente. (...) Uma jovem promíscua é devastada pela sua própria e amarga consciência: sua maior tragédia não é a perda da reputação - é a perda do seu respeito próprio.<sup>233</sup>

Como reflete Mary Del Priore sobre as imagens dos atrativos femininos nas moças solteiras, com relação aos discursos sociais da primeira metade do século XX no Brasil, as investidas no pudor feminino eram fundamentais para a manutenção da atração masculina tanto antes como durante a vida no casamento. O namoro, como expressão das novas práticas e relações sociais decorrentes da sublimação amorosa no casamento - que aprovava a livre escolha do futuro cônjuge pelos indivíduos, também consistia em um alvo da moralização social. Principalmente em relação às moças, os perigos do

---

<sup>232</sup> Cf. *O Mito de Adão e Eva revisitado*. In: FLORES, 2007. Op. Cit.

<sup>233</sup> HILLIARD. Op. Cit. Pg. 119

contato e da aproximação com o homem, deixavam em alerta as famílias para a preservação moral de suas filhas. "A longa espera, as dificuldades, a recusa em nome da pureza eram os ingredientes que atraíam o sexo masculino".<sup>234</sup> Assim, as decepções do amor desperdiçado acabavam com os mistérios que "prendiam" os homens durante a preparação para o casamento, o que justificava a preocupação das moças em não gastarem todas as suas munições no período do noivado, fazendo assim suas reservas para o longo futuro da vida a dois que deveria ser garantido pela dedicação da mulher na preservação cotidiana dos júbilos conjugais.

Os conselhos da Dra. Hilliard, no entanto, não se dirigem somente às jovens moças solteiras, mas também às senhoritas de mais idade que não contraíram e nem contrairão matrimônio em suas vidas. Independentemente da idade que tem, a mulher deverá sempre manter seu pudor virginal, com ou sem uma vida sexual ativa que precisa se manter discreta no matrimônio e, sobretudo, fora dele. Embora não seja explicitamente proibido em claras palavras pela autora, é tacitamente não aconselhável, e deve ser mantido em extrema regulação caso seja inevitável em que caso for. Os intentos da moralização da sociedade aparecem, com ênfase e sem rodeios, no incentivo unânime da circunscrição sexual no casamento - como a instituição legítima para a acolhida do ato sexual e suas implicações: o prazer, o desejo, e principalmente a procriação.

E nos imperativos da moralização social aparece a demonização do adultério feminino como um dos elementos fundamentais de tal intento. Descrito como loucura, como atitude impensada e insensata, é visto como extremamente mais grave que a traição masculina, por ser considerado como um atentado à honra e à masculinidade do marido. Caso ocorra, a mulher jamais deverá expor seu erro, sob pena de mutilar a existência do equilíbrio conjugal, cujas maiores conseqüências morais cairão, sem sombra de dúvida, sobre si mesma. Portanto, o segredo será seu fardo eterno! "Ah, o segredo será terrivelmente pesado de suportar... Será o seu castigo, minha amiga."<sup>235</sup> E castigo implicitamente bem merecido por seu desatino irresponsável de ameaçar a constância da vida matrimonial.

---

<sup>234</sup> DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005. Pg. 283

<sup>235</sup> ANDRÉE. Op. Cit. Pg. 106

Entretanto, como última e derradeira alternativa para manter a harmonia do casamento, são apontados pela Dra. Andréé alguns casos em que a mulher tem o direito à infidelidade, mas apenas como opção menos absurda que o divórcio, ou seja, em ocorrência de impotência ou enfermidade do marido. Como ambos não são motivos suficientemente aceitáveis para o divórcio, o emprego da traição feminina deve ser encarado mais como um sacrifício pela manutenção da família do que uma oportunidade egoísta para satisfazer seus secretos desejos de amor. Ao considerar a força dos anseios e do desejo feminino como dignos de atenção e satisfação, a autora declara: "A mulher, nas condições que eu acabo de encarar, e caso os seus sentidos clamam demais por concupiscência, tem o direito restrito ao amante."<sup>236</sup>

Sem esquecer, porém, do esforço para manter a estabilidade do casamento e a harmonia da vida em matrimônio, que não somente pelas alegrias da vida conjugal é determinada. O cuidado, a prudência, o zelo pela discricção, são atitudes aconselhadas para justamente moralizar uma maneira "desonesta" de proceder, mas que, em última instância, é preferível à dissolução do matrimônio. Vale, portanto, como mais um sacrifício que fará a esposa para conservar a permanência do laço matrimonial.

### **Homens maridos... homens amantes. O dever do júbilo sexual.**

É ele, repito mais uma vez, quem deverá conduzir todo o jôgo, levando em conta o temperamento de sua mulher, sua conformação anatômica e fisiológica, seu caracter e as reações coitais observadas nela.<sup>237</sup>

Há que se considerar, neste momento, a não exclusividade da direção dos discursos à figura feminina, posto que o interesse das prescrições sobre a família e suas objetivações é dirigido também aos homens, maridos, na preocupação de um (re) ordenamento das condutas entre os membros constituintes do padrão familiar que se espera.

---

<sup>236</sup> Idem. Pg. 102

<sup>237</sup> FOUQUÉ. Op. Cit. Pg. 42

Exemplo disto pode ser evidenciado na publicação da Dra. Marie Stopes – *Amor e casamento*, na qual a autora volta suas atenções a reflexões sobre os desejos do coração, a mútua adaptação do casal, o ritmo fundamental da vida a dois, a abstinência sexual e a vida em comum – com os filhos e na sociedade.

Nas prescrições acerca da vida sexual dos cônjuges, os motivos da iniciação feminina pelo homem, substanciando a natureza da experiência masculina como algo dado e definido, conjugam a tônica discursiva dos manuais aqui observados. Ao tratar sobre as considerações especiais observadas na noite de núpcias, por exemplo, o Dr. Fritz Kahn assinala que “cabe ao noivo, desde o início, assumir a direção. Ele deve ser compreensivo e não se precipitar com a noiva na alcova nupcial e ali ‘torná-la sua’, como se lê nos romances populares.”

<sup>238</sup> Do mesmo modo, é categórico na classificação desta como a “Noite da Noiva”, evidenciando que “a primeira noite dos recém-casados deve ser dedicada à noiva e não ao noivo. Este deve tratá-la como se fosse sua noiva, não sua esposa. Nessa noite não devem dominar os instintos, mas o amor. (Assim deve ser toda a tua vida matrimonial).” <sup>239</sup>

As frequentes considerações sobre os “deveres” sexuais da esposa e os “direitos” sexuais do marido<sup>240</sup>, quando se pensa em convenções matrimoniais do início do século XX até a década de 1950, são aqui, ao que parece, invertidas pela total responsabilização do marido em relação à satisfação sexual do casal. Através de suas liberdades concedidas na solteirice, admitida por sua “disposição natural” para os prazeres físicos, é o homem quem deverá cuidar para que a harmonia sexual seja garantida no matrimônio, na medida em que, por concessões sociais ou instintivas, é ele quem chega à lua de mel sempre mais experiente e confiante.

Quantas chamadas luas de mel durante as quais surge, quase sem ruído, entre os esposos, uma dessas aversões profundas que solapam a felicidade do casal. A mulher teme o homem, pela tortura que lhe foi infligida. O homem causou á mulher essa repulsa que adivinha e que

---

<sup>238</sup> Idem. Pg. 443

<sup>239</sup> Ibidem. Pg. 444

<sup>240</sup> Cf. MALUF; MOTT,1998. Op. Cit.



atribui a causas não físicas, mas a razões morais que procura inútilmente descobrir.<sup>241</sup>

Por este motivo deve ser instruído, para que suas experiências práticas nas artes de amar não favoreçam somente o seu instinto egoísta de sentir prazer, deixando a mulher relegada a somente contemplar a sua satisfação e se resignar por não poder compartilhar do momento tão fundamental para a estabilização da harmonia conjugal. Assim, a Dra. Stopes disserta sobre a importância de o homem estudar sua esposa e suas peculiaridades femininas, e coloca o marido na frente das tarefas de compreensão das necessidades conjugais. Isto porque, segundo a autora, a educação tradicional submerge a espontaneidade feminina e, embora seja necessário mudar tal situação, é fato que ainda no momento em que fala, as mulheres não possuem condições de discernir as exigências de uma vida sexual ao chegar recentemente no casamento. Portanto,

Os homens (aliás muito numerosos) que se queixam da falta de ardor de suas boas mulheres, são em geral a causa exclusiva d'esse facto. Quando a mulher é solicitada nos períodos em que não acha prazer espontâneo na união sexual, nem é esta colorida com uns toques de sentimentalismo, esse acto restringe sua vitalidade e propende a aniquilar sua faculdade de gozar, quando voltar de novo a quadra do amor.<sup>242</sup>

A educação feminina tradicional é talhada para os deveres de esposa, muito mais do que para os direitos de mulher. Aprecia a ignorância da noiva como amostra de inocência, aplaude a estupidez com que a maioria das meninas chega ao altar no dia do casamento, e não se vale das decorrências da noite de núpcias nebulosa e dificultosa que arranca malabarismos dos maridos, e ameaça a felicidade e, por conseguinte, a harmonia do futuro conjugal e matrimonial dos recém casados. Entretanto, não é culpa da noiva tal estado de coisas, e carecerá o homem de todo o cuidado e zelo no tratamento de sua esposa para que esta felicidade conjugal seja obtida e aperfeiçoada.

---

<sup>241</sup> FOUQUÉ. Op. Cit. Pg.45

<sup>242</sup> STOPES. Op. Cit. Pg. 59

Respeitar os momentos e as dificuldades da mulher, suas vontades, suas razões, seu domínios. Cortejá-la sempre, e cuidar para que seja prazerosa sua experiência sexual, da qual depende a felicidade do casal, é a Lei que impõe a todos os homens, maridos, a Dra. Marie Stopes. Esta é, portanto, a sua responsabilidade no seio da família. Cuidar para que a harmonia sexual auxilie os componentes que promovem a felicidade, gerando assim a estabilidade e perpetuidade dos laços matrimoniais. Para tanto deverá instruir-se, estudar a esposa, conhecer a fisiologia feminina, reconhecer a mulher como sua parceira no casamento, que deve ser valorizada em sua posição de igualdade nos direitos de lucrar com a satisfação pessoal, e não utilizada como um objeto para seu contentamento próprio e egoísta - que pode gerar a desestabilização matrimonial, pela infelicidade de ambos os indivíduos que não se agradam mutuamente. Do mesmo modo, da sua eficiência na iniciação feminina depende a sua própria satisfação no casamento. Ensine sua mulher a amar, e ela saberá lhe garantir a recompensa nos longos anos de felicidades que compartilharão!

Neste caminho, a historiadora Roselane Neckel assinala que, ainda na década de 1970 o homem era tratado nos conselhos sexuais dos periódicos impressos como "especialista em amor" e, por conseguinte, o único encarregados na condução das mulheres ao prazer nas relações sexuais. Aponta, deste modo, que em todas as revistas trabalhadas e analisadas em sua tese de doutoramento, em nenhuma foram encontradas descrições sobre o prazer masculino ou sobre os meios necessários para alcançá-lo, "mas em relação às mulheres haviam verdadeiros roteiros de como 'dar o máximo de prazer a uma mulher'"<sup>243</sup> Tal reflexão pode demonstrar a longa caminhada das fixações de gênero em todas as acepções das relações sexuais entre homens e mulheres, que procuraram sempre demarcar a atuação de cada personagem no centro da vida conjugal, auxiliando na construção das verdades conjugais que assentaram quase sempre o homem na condição de condutor do prazer na vida íntima do casal.

Precedendo o forte odor genital, invade antes as narinas o odor complexo da pele humedecida... o odor da garganta, dos seios das axilas, que o esposo aspira com delícia,

---

<sup>243</sup> NECKEL, Op. Cit. Pg. 125.

como o jardineiro o seu pomar, mais perfumado pela aproximação da tempestade.<sup>244</sup>

E assim o homem se orgulha de lançar sua fêmea nos segredos do amor. Orgulha-se por ter sido aquele a quem ela agradecerá eternamente pelas descobertas da nova vida. Orgulha-se por saber que outro desejo não passará pela cabeça de sua esposa, que não seja o de viver o resto de sua vida ao lado de quem lhe faz tão feliz. Orgulha-se por saber dirigir tão bem no quarto as alegrias conjugais, do mesmo modo que sua esposa conduzirá com eficiência os subsídios necessários para promover a felicidade de toda a família no meio social. Eis o casal feliz! Eis a família feliz! A mulher que administra a casa enquanto o homem conduz as tarefas do leito. Eis a perfeição do casamento proporcionada pelo afinamento nas divisões entre as funções que a cada um estão reservadas.

São os intentos da normalização do prazer como possibilidade de moralizar o sexo na família. Circunscrever toda a atividade sexual no âmbito do casamento será algo imaginável pela constância do prazer que, ensinado pelo marido, será praticado pela esposa na perpetuidade da mútua satisfação sexual. Cada qual, homem e mulher, na elaboração de seu papel no âmbito do lar. A esposa que sabe amar com sensualidade e ao mesmo tempo é feminina, honesta, doce, sutil. O homem, na doçura de seus ensinamentos, sabe gozar de suas alegrias conjugais diante do quadro de felicidade que, por sinal é, obra de sua autoria.

e assim vai desenrolar-se todo o ato copulatório, com todas as variantes que uma imaginação amorosa possa inspirar. Se Monsier é um bom diretor da orquestra, tais variantes serão infinitas numa única posição, independentemente das mudanças de posição de que trataremos em outro capítulo.<sup>245</sup>

---

<sup>244</sup> FOUQUÉ. Op. Cit. Pg. 12

<sup>245</sup> FOUQUÉ. Op. Cit. Pg. 14

No manual da Dra. Marion Hilliard, porém, não somente nas ocupações do leito são solicitados os homens na conjugalidade cotidiana. São os maridos também responsabilizados nas contribuições para o bom andamento da vida em matrimônio, auxiliando sua esposa na construção da felicidade diária do casal, além da cama. Segundo a autora, a manutenção dos laços da família pelo casamento é tarefa de ambos, e não somente da mulher:

Mas a construção de um casamento sólido não é inteiramente uma tarefa feminina. Alguns maridos nada levam para o casamento, a não ser o pão, que sustenta a vida, mas não a alegria. (...) Mais tragicamente ainda, milhares de maridos jamais compreendem as necessidades de suas esposas nas relações amorosas.<sup>246</sup>

Deste modo, urge chamar o marido aos encargos da manutenção do matrimônio, nas múltiplas atividades da família que exigem sua presença, a qual é fundamental para garantir a alegria de sua esposa, incentivando-a a amar e zelar sempre mais pela família que ambos constroem juntos. Entre seus deveres, o mais essencial e fundamental para garantir sua participação como homem na casa em que mora: apoiar a esposa no nascimento de todos os filhos, durante todo o processo de gestação e parto.

Penso que todo pai tem o dever de estar ao lado de sua esposa, volte ela da sala de partos com seu primeiro ou com seu décimo bebê. (...) As mulheres sofrem de depressão, depois, mesmo num parto fácil. Precisam o conforto de seus maridos. Não tenho grande consideração pelos homens que valorizam mais uma noite de sono ininterrupto do que a satisfação de suas mulheres.<sup>247</sup>

---

<sup>246</sup> HILLIARD. Op. Cit. Pg. 98

<sup>247</sup> Idem. Pg. 109

Neste processo de afirmação aos maridos sobre as vantagens da valorização de suas mulheres em todos os domínios da vida conjugal, denota-se uma intenção de moralização dos homens ao circunscrevê-los nos deveres de conservação do casamento e da família a que pertencem. Seja pelo dever de construir o desejo de sua mulher, seja pela tarefa de auxiliar a esposa na conservação do casamento, é ao lar privado que se chama o marido, para convencê-lo de sua participação na família, além do simples sustento financeiro da mulher e dos filhos.

### **Reprovações da libertinagem masculina**

Ao valorizar e exercitar sua esposa, não necessitará o homem recorrer ao "amor comprado", ao comércio da carne tão ameaçador à estabilidade e à moralidade da família. A prostituição é aqui algo a ser evitado, e disto dependem os esforços tanto femininos quanto masculinos. Não terá motivos nem desculpas para recorrer às prostitutas o homem que tem felicidade na cama de seu próprio lar. Toda a moralidade e a nobreza do ato sexual perdem-se neste tipo de atividade. É preciso que o homem perceba as graças do amor na sensualidade de sua mulher, que se transformará na doce, feminina e honesta mãe e esposa que lhe agradará durante o dia também por outros meios. Utilizando uma citação de Augusto Forel, a Dra. Stopes discorre sobre esta chaga da sociedade que destrói as possibilidades de felicidade sexual conjugal, e por consequência, feminina. Pois as mulheres honestas não têm outro meio de explorar sua sexualidade.

O commercio com prostitutas torna a meudo os homens incapazes de compreender a psychologia feminina, pois as decahidas são pouco mais que automatos amestrados em agradar os machos. Se os homens as observam para estudar a psychologia feminina, ver-se-ão nellas apenas a si mesmos, como se estivessem em frente de um espelho.<sup>248</sup>

---

<sup>248</sup> STOPES. Op. Cit. Pg. 52

Nos mesmos propósitos, o higienista italiano Paulo Mantegazza condena de forma contundente as práticas de libertinagem masculina que ameaçam a moralidade social pela depravação da família pelos homens estúpidos que promovem a infelicidade de suas esposas na crença de seus direitos à devassidão. No final do século XIX o médico atenta para esta preocupação que intimida os esforços higienistas na inscrição da família burguesa às propostas de regeneração e moralização social do momento. Em sua obra, ao discutir sobre a "arte de escolher marido", apresenta às moças casadouras, diversos conselhos em forma de uma "carta de um pai à sua filha", alertando-a para saber como se afastar dos maus maridos, numa descrição pormenorizada de suas características, tratando de forma equivalente as constituições dos bons maridos, a quem a moça deve voltar suas preferências.

Em seus julgamentos sobre as razões da libertinagem masculina, o autor responsabiliza a educação falida e desigual reservada a homens e mulheres em uma sociedade hipócrita, cheia de falsas moralidades que impedem a concretização de uma coletividade justa e coerente. Portanto, contrariamente às inclinações ignorantes que acusam as mulheres pelas vicissitudes sociais, incluindo o comportamento masculino, Mantegazza aconselha a filha para que elimine as chances do pretendente vil que certamente não possui intuítos honestos ao querer contrair matrimônio. Sobre a situação da descoberta do libertino por se engraçar à criada da casa nas visitas à moça, o autor sentencia que "deves fechar a porta àquele pretendente e dizer sempre que estás fora de casa, quando êle te visita. Procure outra noiva e vá abraçar outra serva. Quanto a ti, debes de qualquer maneira fazer-lhe compreender que a êle se aplica o verso: *Lasciate ogni speranza...*"<sup>249</sup>

E nesta capacitação dos homens ao lar da família, o tema da virgindade masculina é, com frequência, discutido e constituído como assunto muito mais dirigido aos rapazes do que às moças nas reflexões dos guias matrimoniais, assim como o adultério é assunto de maior importância para se tratar com as mulheres. Provavelmente pela assiduidade nos tratamentos sobre tais assuntos a uns e outros como naturalizações de gênero, que precisam em certos aspectos e por

---

<sup>249</sup> MANTEGAZZA, Paulo. *O Problema do Casamento*. 5ª Edição. Tradução por Cândido Figueiredo. Lisboa: Empresa Literária Fluminense Ltda, 1925. Pg. 261 Tradução do verso em italiano: *Abandone toda a esperança...*

determinadas razões, serem restauradas e ampliadas a outras discussões menos constantes.

Sobre a importância da castidade como preparação para o matrimônio, a autora francesa Edith Carnot defende de forma decisiva a sua permanência na juventude anteriormente ao casamento. Entre os prós da pureza virginal ela destaca a temperança do caráter na resistência das paixões e no domínio sobre seu próprio corpo, além de afirmar que este é o único meio seguro de escapar às doenças venéreas - tema de preocupações extremas num momento em que, principalmente, a prostituição era apontada como o central agente de depravação da juventude e dos casamentos modernos. Disserta sobre as falácias que procuram convencer os jovens acerca dos prejuízos da continência à saúde, alegando com argumentos científicos, atestados em diversos autores que tais considerações são falsas e sem fundamento. Para que as moças exijam igualdade no comportamento de seus noivos e namorados, e procurem observar estas características no processo de escolha do futuro esposo.

Futuras espôsas, não admitais pois que haja duas morais, uma para o homem e outra para a mulher, uma para vossos companheiros, a outra para vós mesmas; a primeira tôda indulgente, até a cumplicidade, a segunda (a que toca a vós), total intransigência e severidade. Fazei saber claramente em vosso redor que pretendais ser paga na mesma moeda que vós empregais e que, se vos conservais intatas, é para aquele que virá, êle próprio, em toda sua juventude.<sup>250</sup>

E do mesmo modo a Dra. Hilliard defende a aceitação da virgindade por parte dos rapazes, como forma de equilibrar a pureza moral e física do casal e garantir a equidade das relações conjugais dentro da higiene médica proposta.

Parece-me curioso que a admissão de virgindade seja tão altamente desejável na mulher, mas levemente patética e

---

<sup>250</sup> CARNOT. Op. Cit. Pg. 206-207

efeminada num homem. Por essa razão desarrazoada, muitos homens, aproximando-se do casamento, têm vergonha de pedir conselhos. Quando seus amigos gracejam com ele em linguagem licenciosa, responde com um risinho velhaco, destinado a dar a impressão de que desde os doze anos ele vem entrando e saindo de quartos de dormir femininos. (...)<sup>251</sup>

No entanto, a necessidade de conhecer as questões conjugais por meio da leitura, dos conselhos e das informações médicas é tão urgente para ele quanto para ela. Há que se refletir, ainda, acerca do paradoxo existente nos manuais que defendem a virgindade masculina pré-marital e aconselham, ao mesmo tempo, a iniciação da moça pelo marido, numa crença evidente das faculdades masculinas naturalmente dirigidas às questões da vida sexual humana. No caso da Dra. Hilliard, contudo, através de uma crítica consistente à educação machista dos rapazes, a autora propõe uma menor valorização da virilidade, atestando que a promiscuidade masculina é muito mais um sinal de fraqueza e fracasso do que uma prova do ardor da atividade sexual. Nos imperativos do conhecimento sobre os assuntos sexuais, o domínio dos impulsos também é regra fundamental para a garantia da felicidade amorosa no casamento. Já Maria Bernardete Ramos Flores pondera sobre a interpretação de alguns médicos e cientistas brasileiros da década de 1920, entre eles o Dr. José de Albuquerque, que defendiam de forma concisa a não continência masculina entre os preceitos higiênicos sexuais no casamento e fora dele. E pouco mais de duas décadas à frente, cientistas europeus traduzidos no Brasil se lançam à defesa da continência e abstenção de ambos os sexos como meio de higienização e moralização da vida conjugal. Tal situação denota os arranjos e modificações existentes nas discussões recorrentes sobre as verdades do sexo, que, mesmo em momentos e locais diversos, com interpretações semelhantes ou diferentes, dedicam-se às mesmas inquietações: a construção de preceitos delimitadores para a vida conjugal dos casais contemporâneos.

Pregando a igualdade no tratamento mútuo entre os cônjuges como possível forma de moralização dos homens na sociedade, pela

---

<sup>251</sup> HILLIARD, Op. Cit. Pg. 104



família, o Pe. Marcel M. Desmarais lança seus entendimentos acerca da vida sexual dos futuros maridos na solteirice. Ao tratar sobre a perfeição moral dos "rapazes esplendidamente puros", ele aconselha as moças na escolha de seus maridos:

Moças, escolham seu futuro esposo dentre os bravos rapazes que são puros ou que lutam para se tornarem puro. Graças a Deus, o número deles não deixa de aumentar. Uma coisa lhes garanto: não são anormais, como certos imbecis por aí afora. São rapazes de esplêndida masculinidade. (...)<sup>252</sup>

Assim como a Dra. Hilliard, portanto, o padre atrela a pureza física dos jovens às demonstrações de força e coragem para a dominação dos impulsos selvagens que bestializam a vida sexual humana. Homens fortes, bravos e másculos são os que valorizam suas aptidões sexuais, e não os que se deixam levar pelas fraquezas da carne que o entregam a todo tipo de vício e devassidão, desregulando suas capacidades vitais que servem para a sustentação da felicidade e da harmonia conjugal na vida a dois.

O matrimônio, e por conseqüência, a família, seriam nesta conjuntura os pontos de apoio de uma intenção moralizadora da sociedade. Num momento em que tais bases se diluem nas características de uma vida moderna repleta de conveniências que distanciam sempre mais os indivíduos de suas posições essenciais, a organização social e política em alicerces concretos e bem definidos deve se pautar em dispositivos que promovam o retorno dos indivíduos às suas funções efetivas no meio social. Tais dispositivos: os conselhos e discursos destinados aos personagens da vida matrimonial. As posições essenciais: a família, em sua vida privada e íntima que fornece as bases para a possível realização de uma governamentalidade bem fundamentada nos estáveis alicerces da felicidade conjugal.

---

<sup>252</sup> DESMARAIS. Op. Cit. Pg. 31

## Quadro comparativo dos principais temas abordados nas obras

Manual	Gênero	Vida sexual	Virgindade	Contraceção	Aborto	Vida conjugal Fidelidade	Divórcio	Autonomia feminina	Postura Religiosa	Postura Científica
<i>A mulher e a vida conjugal</i>	Feminino	- Valorização do prazer feminino - Inclinação à concepção - Iniciativa masculina - Moderação no casamento	- Feminina - Homem viril, condutor - Pudor feminino	- Abordagem tênue, sem descrições de métodos ou táticas - Cuidados masculinos	- Antinatural - Reprovação incondicional	- Responsabilidade feminina- Reprovação infidelidade feminina – tolerada em casos extremos <sup>3</sup> - Infidelidade masculina natural	- Reprovação - Tolerado em casos extremos <sup>4</sup>	- Sem abordagem direta sobre vida profissional - Educação geral necessária	- Católico moderado <sup>6</sup>	- Higienismo - Sanitarismo <sup>9</sup>
<i>A Serviço do Amor</i>	Feminino	- Importância do prazer para concepção - Moderação no casamento	- Masculina - Feminina - Pudor em ambos	- Reprovação dos métodos artificiais <sup>1</sup>	- Não abordado	- Responsabilidade feminina - Fidelidade conjugal não abordada	- Reprovação incondicional	- Trabalho em casos de necessidade econômica - Necessidade conciliação com vida doméstica	- Católico entusiasta <sup>7</sup>	- Higienismo - Sanitarismo - Exposição densa da profilaxia conjugal
<i>O amor na Era Atômica</i>	Ambos	- Sexo lícito no casamento - Finalidade procriação - Prazer não abordado	- Masculina - Feminina - Pudor em ambos	- Reprovação dos métodos artificiais <sup>1</sup>	- Condenação divina	- Responsabilidade feminina - Marido compreensivo - Infidelidade masculina iminente	- Sem menções diretas - Casamento eterno, como sacramento	- Sem menções ao trabalho ou educação feminina - Perigos da vida moderna <sup>5</sup>	- Católico entusiasta	- Higienismo
<i>Nós dois e o sexo</i>	Masculino	- Valorização do prazer feminino - Iniciativa masculina	- Feminina - Homem viril, condutor	- Reprovação dos métodos artificiais <sup>1</sup>	- Reprovação incondicional	- Manutenção da fidelidade feminina pelo prazer sexual	- Não abordado	- Não abordado	- Católico moderado	- Higienismo - Sanitarismo
<i>A mulher diante da Vida e do Amor</i>	Feminino	- Valorização prazer feminino - Iniciativa masculina e feminina	- Masculina - Feminina	- Não abordada	- Não abordado	- Responsabilidade de ambos	- Não abordado	- Defesa do trabalho feminino como meio de realização pessoal	- Cristão protestante moderado	- Higienismo - Sanitarismo
<i>Amor e Felicidade no casamento</i>	Ambos	- Incitação ao prazer além da procriação - Importância da harmonia sexual - Iniciativa masculina, participação feminina	- Exigência apenas moral - Dificuldades físicas para atenuar instintos naturais	- Realização ética da civilização atual - Defesa do planejamento familiar - Densa descrição de todos os métodos existentes	- Descrição dos procedimentos e casos de necessidade - Atenção aos perigos - Aconselha contraceção como precaução	- Responsabilidade feminina (altruísmo) - Natureza masculina polígama - Conseqüências físicas e psicológicas da infidelidade feminina	- Descrição dos modos e processos - Reprovação do modismo e da futilidade nas motivações	- Incentivo à educação feminina para o lar - Descrição dos prós e contras do trabalho feminino, sem defesas ou censuras	- Neutralidade religiosa <sup>8</sup>	- Higienismo - Exposição densa da profilaxia conjugal
<i>Amor e casamento</i>	Masculino	- Valorização do prazer feminino	- Sem menções diretas - Críticas ao excesso de pudor feminino	- Defesa do planejamento familiar	- Defesa em casos de necessidade <sup>2</sup>	- Responsabilidade de ambos	- Não abordado	- Defesa da educação sexual feminina para o casamento	- Cristão protestante moderado	- Higienismo - Sanitarismo
<i>Capaz ou incapaz para o casamento?</i>	Ambos	- Valorização da harmonia no prazer sexual para concepção e felicidade conjugal - Iniciativa masculina	- Importância apenas moral, em determinadas situações, sem relevância no aspecto físico (feminina)	- Reprovação dos métodos artificiais <sup>1</sup>	- Reprovação em casos de ausência de necessidade	- Reprovação da infidelidade de ambos – promove instabilidade na união	- Abordagem tênue - Admitido em casos extremos <sup>4</sup>	- Desaconselha trabalho feminino - Se necessário, somente profissões compatíveis com vida doméstica	- Neutralidade religiosa	- Higienismo - Exposição densa da profilaxia conjugal
<i>O Problema do Casamento</i>	Ambos	- Sexo legítimo no casamento - Crítica ao amor irresponsável, irracional - Responsabilidade masculina na moralização sexual	- Não abordada	- Não abordada	- Não abordado	- Responsabilidade feminina - Crítica adultério masculino e prostituição – chagas sociais	- Defesa - Crítica hipocrisia, moralismo social	- Defesa da educação sexual feminina para o casamento	- Neutralidade religiosa	- Higienismo

## Notas do quadro

1 - Avaliados como os que impedem artificialmente a concepção no momento do coito. Exemplo: *coitus interruptus* (ou onanismo conjugal), e masturbação. Método de planejamento aceito: Ogino Knauss (abstenção periódica), que consiste na observação do período fértil da mulher para evitar a concepção com ausência de atividade sexual em tais dias.

2 - Exemplo: má - formação fetal, riscos à saúde da mãe e do bebê.

3 - Exemplos: impotência sexual ou enfermidade do marido, as quais não consistem em justificativa para divórcio.

4 - Exemplos: impossibilidade financeira grave do marido, violência doméstica, insanidade mental do marido.

5 - Influências das modificações sociais da modernidade (a partir da II G.M.) na vida cotidiana dos jovens nas grandes cidades. Exemplos: maior proximidade pelo namoro, emancipações femininas, atrativos da modernidade, como cinema, carros, bebidas, e outros modismos.

6 - Assume posição católica nos comentários, sem reflexões missionárias ou apostólicas.

7 - Assume posição católica e realiza comentários de cunho religioso e evangelista.

8 - Explana sobre a função social da religião na união conjugal, sem assumir uma posição determinada ou defender alguma inclinação ou crença particular.

9 - No Brasil, as duas denominações serviram para designar, no final do século XIX e início do XX, a introdução de uma postura nas discussões científicas em relação à saúde da população e seus hábitos de higiene e saneamento. Tal postura se traduziu em um movimento dedicado ao enfrentamento das impurezas sociais através de dispositivos profiláticos ou estratégias terapêuticas de cura e saneamento. A distinção nos termos aqui se apresenta como uma escolha metodológica que busca a sinalização da existência de investimentos profiláticos - como higienistas e/ou terapêuticos - como sanitaristas, nos discursos dos autores analisados.

## **CAPÍTULO 3**

### **ALÉM DO DISCURSO LIVROS E EDITORES, AUTORES E REFERÊNCIAS**

Os anos 1920, e mais enfaticamente o período entre - guerras (1929 - 1938), são considerados como o momento da introdução e do florescimento de uma nascente "sexologia" no Brasil<sup>253</sup> como campo de saber, numa prolifera divulgação de inúmeros trabalhos escritos sobre as "questões sexuais" no país. Com publicações de autores brasileiros, e principalmente através de traduções de obras dos autores mais reconhecidos na Europa e nos Estados Unidos, as discussões sobre os "problemas sexuais" começaram, já desde o final do século XIX, a circundar as apreensões da medicina brasileira - percebida como o principal campo de articulação destes discursos especializados sobre o sexo na ocasião. Observado pela historiografia brasileira como um período de evidentes preocupações intelectuais e governamentais com um projeto de superação dos traços imperiais pelas investidas na formação da identidade nacional, este momento também conhecido como "República Velha", designou os imperativos de uma transformação da sociedade brasileira, em todos os sentidos. Segundo os antropólogos Sérgio Carrara e Jane Russo, podemos observar a discussão sobre a "questão sexual" permeada igualmente pelo estatuto da "questão social"<sup>254</sup>, na delimitação da população e seus problemas como foco da invenção de um Brasil moderno<sup>255</sup>, matizando as normalizações necessárias para que o combate aos males sociais fosse eficaz num processo de regeneração social.

---

<sup>253</sup> CARRARA, S. L.; RUSSO, J. A. *A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda*. Revista História, Ciências, Saúde . Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9 (2): 273-290, maio - ago. 2002.

<sup>254</sup> Idem. Pg. 274

<sup>255</sup> Cf. HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Aberto M. [Orgs.] *A invenção do Brasil Moderno. Medicina, Educação e Engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Entre tais propostas, o intenso debate eugênico lançado nas duas primeiras décadas do século XX pode sugerir a inclinação do discurso médico aos problemas sobre o sexo e a sexualidade da população. A Eugenia como ramo da ciência dedicado ao aperfeiçoamento da espécie humana, emerge no Brasil em meio às preocupações políticas sobre saúde, saneamento, higiene e aspectos raciais da população.<sup>256</sup> Em meio a feições particularmente lamarckistas<sup>257</sup>, as diferentes orientações acadêmicas da comunidade médica desenrolaram as discussões sobre o assunto em um panorama de propostas sanitaristas e higienistas como pontos de convergência aos propósitos da eugenia social no país.<sup>258</sup> Pela congruência entre as bases da eugenia e os ideais de saneamento e higiene para a população, estabelecia-se a crença da medicina social como um instrumento que a ciência apresentava para instituir uma nova ordem ao mundo, sobretudo para orientar o Brasil nos trilhos do progresso e inseri-lo na sintonia tão desejada com as nações civilizadas. Deste modo, a harmonia com o movimento sanitarista articulou o debate eugênico com as necessidades de transformação em todo o ambiente social, fazendo crer que a regeneração racial da população seria possível através do melhoramento nas influências que o meio exerceria sobre a saúde dos indivíduos. O aperfeiçoamento do corpo e da espécie seria imaginável, portanto, diante de toda uma modificação na estrutura social que teria vínculo desde o meio ambiente até os hábitos das pessoas - reforçando igualmente a exigência de um processo civilizatório na atuação dos indivíduos em sociedade.

Em meio a tais debates intelectuais, foi na constituição do saber médico sobre o sexo, por meio da sexologia como especialização médica nascente no período - assim como através de outras disciplinas - que uma gama de higienistas, ginecologistas, eugenistas e psicanalistas fizeram ascender um prolífero debate sobre o assunto nas três primeiras décadas do século XX. Não obstante as investigações sobre a anatomia e fisiologia dos órgãos sexuais com uma "aura de cientificidade" que a conferia legitimidade, o caráter vanguardista e militante da nova

---

<sup>256</sup> Cf. SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A Eugenia no Brasil: Ciência e Pensamento Social no Movimento Eugênico Brasileiro do Entre-Guerras*. In: XXIII Simpósio Nacional de História: Guerra e Paz, 2005, Londrina. Anais Suplementar do XXIII Simpósio Nacional de História, 2005.

<sup>257</sup> As correntes lamarckistas constituíam as considerações mais recorrentes no pensamento eugênico brasileiro do momento. Cf. SOUZA, Idem.

<sup>258</sup> Cf. STEPAN, Nancy Leys. *A Hora da Eugenia. Raça, Gênero e Nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

disciplina demonstrava o investimento sobre "um conjunto de reformas sociais que envolviam a defesa de intervenções" necessárias para uma modificação da mentalidade geral sobre a sexualidade da população como todo.<sup>259</sup>

Deste modo, o discurso da sexologia se desenrolaria muito além de um estudo apurado sobre o corpo, seus instintos naturais, ou as descobertas recentes sobre as glândulas secretoras dos hormônios sexuais. De diferentes modos e sob diversas inclinações políticas ou acadêmicas, os cientistas que se lançavam, nesta época, como sexólogos que se empenhavam num complexo projeto de intervenção social disposto à afirmação de verdades sobre o sexo, em meio às problemáticas que do campo político e social em relação aos problemas da população na sociedade como todo. Numa breve circunscrição do início de uma divulgação "sexológica" no Brasil, primordialmente a partir dos registros das publicações de que dispomos sobre o assunto, pode-se apontar, ainda, o surgimento da psicanálise como área afim nas constatações sobre os problemas do sexo e da sexualidade.

### **Breves observações sobre uma "perenidade" das publicações**

No final dos anos 1920 é publicada no Brasil *A questão sexual* do psiquiatra e neurologista suíço Augusto Forel<sup>260</sup>, que obteve um "êxito editorial sem precedentes" como se pode ler na orelha do exemplar de 1939, ao anunciar a marca do 70º milheiro na 9ª edição portuguesa do título. O êxito editorial anunciado pela Editora Civilização Brasileira (CB) pode ser confirmado pela observação - na pesquisa realizada em um site hospedeiro de sebos virtuais brasileiros<sup>261</sup> - da publicação de uma edição ainda em 1957, passando por pelo menos mais oito tiragens ao longo das décadas de 1940 e 1950.

Além de Augusto Forel, outro proeminente sexólogo europeu - que figura entre os exemplares do acervo disposto para este estudo, o ginecologista alemão Theodor Van de Velde, tem alguns títulos publicados no Brasil, no mesmo período. *O Matrimônio Perfeito*

---

<sup>259</sup> CARRARA; RUSSO, 2002. Op. Cit.

<sup>260</sup> CARRARA; RUSSO, 2002. Op. Cit. Pg 281

<sup>261</sup> [www.estantevirtual.com.br](http://www.estantevirtual.com.br) - Todas informações técnicas sobre as obras presentes nesta discussão foram retiradas deste site hospedeiro de sebos virtuais de todo o país.

lançado em 1933 também pela editora CB tem no mínimo mais sete edições publicadas até o ano de 1985, passando com uma em 1934, três pela década de 1940 e duas nos anos de 1950, no mesmo site de sebos on-line. Segundo Carrara e Russo, a obra foi publicada na Alemanha em 1926, e durante este momento fez estrondoso sucesso neste país e em boa parte da Europa e dos Estados Unidos. Na descrição da publicação de 1985, a apresentação do livro na loja virtual não deixa de ressaltar uma provável máxima da Editora Record no objeto impresso: "Este livro é um clássico e na sua quase totalidade ainda não foi superado", atestando a justificativa para o longo desempenho editorial de uma obra lançada ainda no início do século XX. Na mesma época foi publicada *Aversão ao casamento*, em 1937, na mesma coleção da obra anterior pela editora CB. Foi encontrado também um exemplar do mesmo título, publicado em 1953 no site de sebos virtuais. O título do autor que figura no acervo desta pesquisa é *Capaz ou Incapaz para o casamento*, datado em 1953. O livro não possui informações sobre número de edição, mas outros quatro exemplares foram encontrados em sebos virtuais, todos contendo a mesma data de publicação, o que pode sugerir que o título tenha sido lançado provavelmente em meados do ano divulgado.

Outro autor que compõe o *corpus* material disponível para este estudo é o autodenominado sexologista francês Dr. Charles Fouqué, que elaborou uma "Coleção de Estudos psico-sexuais" publicada pela editora CB provavelmente na década de 1950. A busca por informações sobre a publicação de tal coleção na Europa e até mesmo sobre a atuação e chegada de suas traduções no Brasil ainda não obteve respostas, mas com as informações angariadas nos sites de sebos on-line conseguimos obter alguma perspectiva do fluxo de suas obras no Brasil. Os títulos componentes de nosso acervo são: *Nós dois e o sexo - o que todo casal deve saber*, com data de 1951, e *A mulher e a vida conjugal - o que toda mulher não tem o direito de ignorar*, datado de 1958. O segundo livro possui a informação da 2ª edição, ao contrário do primeiro, que não divulga nada além da data de publicação. Desta maneira, pela recorrência do mesmo caso no exemplar do Dr. Van de Velde, podemos supor que a publicação de 1951 se trate da 1ª edição impressa, já que no site de sebos on-line é percebida a existência de dois exemplares de *Nós dois e o sexo* com data de 1958, também sem informações sobre a edição referida. Quanto ao segundo título, além da presença de exemplares da 2ª edição de 1958, são notados outros datados em 1952. Sem a existência de mais datas, muito menos informações sobre a



edição, portanto, pode-se imaginar que o ano de sua 1ª edição esteja próximo ou se trate de 1952.

Além dos títulos aqui apresentados, são referenciados nas obras de Fouqué ainda outros volumes que compõem a mesma coleção, em notas de rodapé ou no texto, colocadas pelo autor e pelos tradutores. São algumas: *Os sentidos e o sexo*, *Maternidade Amorosa*, *Esposa e Amante*, entre as citadas nos livros, além de inúmeras outras que compõem o acervo dos sebos virtuais visitados em todo país. Como exemplos destas: *O amor e a ciência*, *Amor e virgindade*, *O amor negro*, *Homossexualismo*, *A mulher nua*, *O ato essencial*, *Ensaio sobre o Amor* - todos com datas de publicação inseridas na década de 1950. Entre estes, *As medicinas diferentes*, em exceção, aparece como publicação da Editora Três, e pela datação dos exemplares observados, provavelmente tenha sido publicado na década de 1970, com reedições nos anos de 1980.

A paleobotânica escocesa Marie Carmichael Stopes compõe, do mesmo modo, a lista de títulos desta investigação com a obra *Amor e Casamento*, em sua 1ª edição publicada pela Companhia Editora Nacional. *Married Love*, divulgado inicialmente na Inglaterra em 1918, seria considerado um dos textos mais aclamados naquele país, como proposta de uma campanha em prol da educação sexual, do controle da natalidade e da valorização do sexo no casamento.<sup>262</sup> De acordo com o acervo virtual de sebos já citado, neste mesmo ano temos a publicação de *Radiante Maternidade e Procriação Racional* - este último com um exemplar verificado ainda em 1960 pela mesma editora, sem informações sobre o número da edição. Além destes, constam duas edições francesas não datadas de *Amor e Casamento*, e uma alemã publicada em 1952. Chama também atenção uma edição britânica de *Contraception - Birth Control* [Contracepção – Controle da Natalidade] publicada em 1941 pela editora Putnam, contendo na descrição do livro o apontamento como "The revised and enlarged fifth edition of the first manual on the subject; with new methods, data and illustrations." O que promove a percepção de uma inovação dos investimentos no tema proposto, ao ser apontado como "o primeiro manual sobre o assunto, com novos métodos, dados e ilustrações", em sua quinta edição revista e ampliada.

Em 1940, segundo os antropólogos Carrara e Russo, é publicada pela editora Civilização Brasileira a 1ª edição de *Nossa Vida*

---

<sup>262</sup>CARRARA; RUSSO, 2002. Op. Cit. Pg. 283

*Sexual*, dividida em três tomos, escrita pelo ginecologista alemão Fritz Kahn. Sem informações sobre a época em que foi publicada na língua original, temos no site de sebos virtuais uma riquíssima listagem desta obra ao longo de suas inumeráveis edições na tradução para o português, que se estendem desde a década de 1940 até a última edição registrada no ano de 1982, pela Editora Itatiaia, sendo que a 26ª edição está apresentada na publicação de 1978, novamente pela CB. São diversas as editoras que investiram neste título, estando a Civilização Brasileira com os direitos de publicação ao longo das décadas de 1940, 1950 e 1960, notoriamente. Nas edições que aparecem nas décadas de 1970 e 1980, as publicações se dividem entre as editoras Egéria, Rideel e Civilização Brasileira, em meio a razoavelmente poucos exemplares listados.

*Amor e Felicidade no Casamento* - dividida em três volumes, é o título deste autor que figura no acervo dos manuais analisados neste estudo. Sem datação no exemplar disponível em mãos, recorreremos mais uma vez à listagem dos sebos virtuais para verificar a datação mais remota das edições existentes, que consta de 1961, publicada pela editora Boa Leitura. Com uma imensidade de exemplares listados não datados pelo mesmo selo, a Boa Leitura acompanha as edições deste título até o início da década de 1970, até que em 1973 surja uma publicação da obra pela editora Hemus. Entre outras divulgações médicas do mesmo propósito sobre os problemas sexuais, são notadas ainda no site de sebos as obras: *O Coito Humano*, em 1949 pela Companhia Editora Nacional e a *Enciclopédia da Nossa Vida Sexual* - também dividida em três volumes, publicada na década de 1970 pelas editoras Boa Leitura e Novo Brasil. Do mesmo modo, distintos títulos de divulgação científica deste autor, ainda que de outra natureza dentro dos assuntos médicos, recebem igual investimento de diferentes editoras. São alguns exemplos: *O Átomo* em 1926, chegando até a década de 1960 pela Melhoramentos; *O Corpo Humano*, nas décadas de 1940 e 1960 entre a Civilização Brasileira e a Companhia Editora Nacional, além de outros diversos como a *Enciclopédia da Natureza* em três volumes, sem datação pela Melhoramentos, e o *Livro da Natureza* na década de 1960 pela mesma editora.

Ainda em nosso rol dos autores e manuais discutidos neste trabalho, a obra de Edith Carnot intitulada *A Serviço do Amor - Edição feminina* merece nota pela quantidade de exemplares postos à venda em sebos de todo o Brasil. O exemplar contido no acervo desta pesquisa não tem datação, mas a 1ª edição brasileira da obra foi encontrada nos sebos

on-line com publicação no ano de 1950 pela Livraria Catedral - mesma companhia de edição do exemplar aqui estudado. Numa imensidade de edições não datadas na listagem, são notados alguns exemplares com data de publicação compreendida entre 1955 e 1969, todos pela Livraria Catedral. A apresentação da obra feita pela própria autora traz informações sobre a publicação da 1ª edição masculina na França em 1939, afirmando que a edição feminina se apresenta como um adendo da anterior exigido pela grande popularidade adquirida em sua divulgação. Não há dados pormenorizados sobre a publicação da edição feminina. Porém, a julgar pela data da 1ª edição brasileira, seu lançamento na Europa ocorreu em meados da década de 1940, possivelmente.

A obstetra canadense Marion Hilliard é autora de mais um dos manuais que integram o acervo do estudo aqui analisado. *A mulher diante da Vida e do Amor* foi uma de suas duas obras traduzidas para o português<sup>263</sup>, e editadas pela Cultrix a partir do final dos anos 1950 até meados da década de 1970 no Brasil. O exemplar disponível em mãos foi impresso em 1960, e na lista dos sebos virtuais temos registros sobre a produção deste título com datações entre os anos de 1958 e 1976 no país. *Como evitar a fadiga* é o outro título traduzido e publicado pela Cultrix no ano de 1960, diante do registro das datações contidas na lista dos sebos on-line investigada.

O único manual de autoria de um religioso, como exceção ao *corpus* documental de procedência científica aqui analisado, é a obra intitulada *O Amor na Era Atômica*, escrita pelo padre canadense Marcel Marie Desmarais e publicada no Brasil pela José Olympio Editora em 1952. O exemplar que integra a listagem discutida é datado em 1952, sem informações sobre número de edição. No site de sebos virtuais visitado, o exemplar mais remoto encontrado deste título possui a mesma datação, sem qualquer dado sobre a edição referida, o que permite supor que a primeira edição da obra esteja próxima ou se trate de 1952. Foram encontrados ainda dois exemplares deste manual datados em 1955, publicados pela mesma editora e igualmente sem informações sobre número de edição.

Na pesquisa realizada nos sebos virtuais, foram verificados diversos títulos do autor traduzidos para o português, em edições que se estendem desde a década de 1940 até a de 1980 no país. Compreendem, em geral, obras dedicadas a auto-ajuda, de caráter psicologizante,

---

<sup>263</sup> Como afirma a tradutora no prefácio da obra. HILLIARD, Marion. *A mulher diante da Vida e do Amor*. 2ª Ed. Tradução de Nair Lacerda. São Paulo: Editora Cultrix, 1960.

missionário e catequista. Os manuais intitulados *Curso prático de psicologia experimental*, publicado pela Fundação Cásper Líbero, e *Católicos de Hoje* pela Editora Agir, consistem nos exemplares de datação mais remota entre os existentes na lista dos sebos, datados em 1947. Em 1949, o primeiro título é reeditado pela Editora Sesi. Neste mesmo ano, a Cásper Líbero investe na publicação de *Sansão e Dalila na Era Atômica*, título com diversos exemplares presentes nos sebos de todo país. Contudo, os títulos campeões em presença nas listas dos sebos são: *Amanhã será melhor*, com edições que se estendem de 1951 a 1955, passando pela Cásper Líbero e pela José Olympio Editora no último ano; *A Vida em "aspiral"*, entre 1954 e 1957, novamente pela Cásper Líbero e tomada pela José Olympio no último ano; e *Pílulas de otimismo*, desde 1969 até 1982 pela Editora Vozes, abarcando pelo menos cinco edições neste período. Outros títulos estão presentes, como: *A Felicidade essa desconhecida*, de 1966 pelas edições Paulistas; *A Vida num mar de rosas*, de 1956 pela José Olympio; e *Clinica do coração*, em 1977 pela Vozes. Destaque para a obra *Adão e Eva no mundo de hoje*, publicada em 1959 pela José Olympio, contendo mais de vinte exemplares na listas dos sebos virtuais.

Já o higienista italiano Paulo Mantegazza, que figura entre os manuais analisados com a obra *O problema do casamento*, traduzida para o português no final do século XIX, tem a maioria de suas traduções importadas de Portugal para o Brasil até meados da década de 1950, pelo que foi verificado nos sebos pesquisados. Nenhuma obra com edição ou tradução brasileira foi encontrada na listagem observada, que mostra somente a presença de editoras portuguesas, como a Clássica, Santos e Vieira, e a Empresa Literária Fluminense, majoritariamente. Todas instaladas em Lisboa. A obra aqui estudada é datada em 1925, na 5ª edição publicada pela Empresa Literária Fluminense. Percebemos, além disto, no site pesquisado, a ocorrência de dois exemplares com data de 1898, um com edição da Santos e Vieira e outro editado pela Tavares Cardoso e Irmão, também portuguesa. Outros dois exemplares do mesmo título foram encontrados, publicados em 1925, pela mesma Empresa Literária Fluminense. Nenhum possui informações sobre o número da edição referida.

Dezenas de títulos diversos do autor são observados na listagem dos sebos, com destaque para *O século Tartufo*, com aproximadamente vinte exemplares presentes nas prateleiras dos sebos. Entre edições que se estendem desde 1911, pela Santos e Vieira editora, passando por 1924, com a Empresa Literária Fluminense e chegando até a década de

1950 com a participação da Fluminense e da Livraria Progresso Editora, também portuguesa. Entre seus demais escritos, os mais presentes nos sebos pesquisados são *Fisiologia do Amor*, com números que vão de 1924 até 1957 na mesma editora Clássica, passando por, no mínimo, quatro edições; *Fisiologia do Belo*, publicado em 1911 pela Santos e Vieira, e tomado em 1917 pela Empresa Literária Fluminense que o divulga até 1926; além de *Fisiologia da Mulher*, com seis exemplares datados em 1946, todos editados pela Clássica. Além disto, aparecem *A arte de escolher marido*, de 1935 pela editora Clássica e *A arte de ser feliz*, desde 1914 com a Santos e Vieira, investido pela Fluminense na década de 1920 e adquirido na década de 1940 pela Clássica. Outros títulos como *Elogio da Velhice*, *Bom senso*, *Fisiologia do Ódio*, *O Bem e o Mal*, *O Livro das Melancolias*, *Os Caracteres Humanos*, *Uma página de amor*, compõem os mais de 160 exemplares de Paulo Mantegazza existentes nos diversos sebos brasileiros observados, todos com as mesmas características dos já descritos: circulando entre as mesmas editoras e com publicações que se estendem da década de 1910 até meados de 1950 nas traduções importadas para o Brasil. A recorrência dos temas nos títulos - fazendo alusões à fisiologia e aos problemas do casamento e do amor, com discussões sobre o masculino e o feminino nestes assuntos - sugere o caráter científico e higienista das obras que se desdobram aos problemas das uniões conjugais e seus problemas no momento em que falava.

Já entre os autores brasileiros que se dedicaram às discussões sobre o problema sexual nos inícios do século XX, não se pode deixar de ressaltar alguns distintos nomes como Gastão Pereira da Silva, com *Educação sexual da criança* de 1939 e *Tabu da virgindade* de 1943 e Octavio Domingues, com seu *Hereditariedade e Eugenia* de 1936, todos publicados pela editora José Olympio. Pode-se apontar, ainda, os médicos Hernani de Irajá e José de Albuquerque com os dois primeiros proeminentes sexólogos brasileiros, que se comprometeram em sua atuação profissional e na divulgação de trabalhos escritos sobre o tema, efetivamente em prol da educação sexual da população leiga no momento. Destes nomes temos publicações de títulos como a *Educação Sexual* de Albuquerque, em 1934 pela editora Calvino; além de *Sexualidade e amor* em 1930 e *Psicopatologia da sexualidade* em 1931 de Irajá, ambos com a editora Freitas Bastos.<sup>264</sup> Não poderia faltar aqui também referência a dois dos mais discutidos autores brasileiros em

---

<sup>264</sup> Cf. CARRARA; RUSSO, 2002. Op. Cit.

relação aos estudos sobre as questões e os problemas da sexualidade no país, a saber, o eugenista Renato Kehl e o higienista Afrânio Peixoto. Entre a grande diversidade de obras produzidas pelos dois médicos sobre o assunto, pode-se destacar, respectivamente, *Sexo e civilização: novas diretrizes* em 1933, da editora Francisco Alves e a *Sexologia Forense* de 1934 com a Guanabara.

Por uma possível ambientação dos discursos moralizadores da família em meio a períodos deslizantes, percebemos a complexidade das perspectivas que procuravam relacionar as condutas individuais e os propósitos da união conjugal. As fontes aqui apresentadas estariam vinculadas, assim, a uma incidente proposta de construção da felicidade conjugal em meio às adaptações sociais ao período estudado e suas exigências culturais: a percepção dos direitos ao prazer sexual, ao controle da natalidade, às convocações da felicidade individual no seio coletivo da família. Tudo muito verdadeiro.

Porém, como refletir sobre obras que se desenvolvem em um período voltado às questões da eugenia, da hereditariedade, das preocupações com uma política do aumento da natalidade, e obtém uma vida editorial muito mais ampla, que avança na produção em períodos em que teoricamente tais apreensões não seriam mais centrais? Talvez os assuntos recorrentes não estejam tão fora de questão como pensamos, dadas as exigências da longa continuidade em suas publicações. Ao mesmo tempo, não se pode esquecer que as leituras e as percepções dos discursos são sempre reinventadas, resignificadas e adaptadas, e nem sempre enquadradas no momento em que são divulgados.

Do mesmo modo, como resolver o investimento na publicação de obras estrangeiras cujos discursos são desenvolvidos originalmente em momentos anteriores ao de sua chegada ao Brasil, sendo que, apesar das variações na interpretação, não se pode rejeitar a recorrência dos enunciados, e muito menos correr o risco de enquadrar explicações forçadas em momentos redondamente definidos para uma análise historiográfica. Enfim, como anunciar, sem deixar nas margens ou relegar a puras oscilações discursivas fora do momento, os pontos que divergem da maioria das elocuções divulgadas? Peculiares? Atípicos? Ou manifestações que demandam maior flexibilidade nas interpretações?

A exaustiva e necessária descrição acima sobre a produção e publicação contínua do material impresso, analisado em diferentes momentos políticos, sociais e culturais da sociedade brasileira não se desenvolveu sem motivo. Um motivo talvez pequeno, mas que exigiu

fôlego para expor o enfrentamento de problemáticas diferenciadas que se estabeleceram ao longo desta pesquisa. Os entraves enfrentados nesta pesquisa se ligam, principalmente, à circularidade dos mesmos discursos e das mesmas obras em momentos diferentes, o que exige diversas possibilidades de colocação da problemática para a análise das fontes. Como guias matrimoniais europeus publicados no Brasil, em sua maioria, nas décadas de 1940 e 1950, demonstram nas prateleiras dos sebos de todo o Brasil a longevidade de suas edições, fazendo-nos pensar sobre as motivações de uma perenidade de discursos e propostas que, em determinados momentos, não teriam mais razão de circular. Este ponto se apresenta como uma questão que, talvez em futuras pesquisas, terá muito ainda a ser trabalhada, e muito ainda a ser discutida.

### **Os problemas do casamento no mercado editorial brasileiro**

Não se pode investir em observações discursivas presentes em objetos impressos, sem transpor uma análise das condições do surgimento e da constituição destes no mundo social. Aliás, qualquer investigação sobre termos de "cultura material" na historiografia não poderá adquirir o mínimo de aprofundamento e articulação sem passar por esta etapa na pesquisa. Com o livro não é diferente. A apreciação de seus discursos, o exame sobre os períodos em que circulam, as considerações sobre os autores e suas aspirações profissionais como um dos "pivôs" de suas publicações; todas estas abordagens ficariam como que pendentes sem a observação de determinadas características dos domínios editoriais em que se desenvolveram e circularam. Não que se tenha aqui a intenção de constituir um estudo completo e sem lacunas sobre a problemática em questão. Muito longe desta missão impossível. Mas obter o máximo de informações disponíveis sobre o objeto estudado (quando são atingíveis) auxilia de forma muito eficaz uma compreensão mais aprimorada acerca da questão a que se propõe debater. Diante destas motivações, portanto, é que se procurará tratar aqui, mesmo que brevemente, sobre alguns aspectos da organização do mercado editorial brasileiro, mais efetivamente entre as décadas de 1940 e 1950, sobretudo no que diz respeito aos seus empreendimentos nas literaturas de civilidade voltadas às questões sexuais como implicações da vida conjugal no matrimônio.

Através da leitura de algumas das bibliografias que se dedicam a questões editoriais no Brasil em suas diferentes configurações, foi possível notar que, entre as editoras que lançaram os manuais aqui discutidos, merece destaque por sua produção e investimento no tema a editora Civilização Brasileira.<sup>265</sup> Não apenas por este motivo, mas igualmente por ter publicado a metade dos exemplares utilizados neste trabalho.

Em 1932, o proprietário da Companhia Editora Nacional (CEN) - fundada em 1925, em sociedade com Monteiro Lobato - Octalles M. Ferreira adquire o selo editorial da Civilização Brasileira, que havia sido inaugurada em 1929, no Rio de Janeiro. Devido ao posicionamento da CEN como a mais exitosa editora de São Paulo durante a década de 1930, obtendo a liderança nacional em publicações no início da década 1940, a Civilização Brasileira assume a partir de então a função de filial da CEN admitindo tal posto até o ano de 1963, quando Ênio Silveira assumiria o controle total das ações e direitos de publicação da empresa.<sup>266</sup> Segundo Laurence Hallewell, no início deste período de aglutinação das duas editoras, a Civilização Brasileira não teve um política editorial própria, passando a fornecer seu sinete para parte das publicações não didáticas e de ficções da empresa majoritária, que caracterizava seu catálogo basicamente com coleções didáticas e pedagógicas.<sup>267</sup> Somente a partir de 1951, portanto, Ênio Silveira adotaria a administração da subsidiária aberta no Rio de Janeiro e se tornaria responsável pela abertura de uma definição própria da linha editorial da CB, inserindo-a nesta década entre as principais editoras do país.

Desde o início dos anos 1930, segundo Carrara e Russo, esta editora se dedicaria à organização de coleções para acomodar suas publicações, e como parte delas, destacam duas das que acolheriam o tipo de literatura que cabe aqui interpretar. A *Biblioteca de Educação*

---

<sup>265</sup> Outra investida foi a procura de menções e referências a este tipo de publicação nas linhas de publicidade dos periódicos de circulação nacional no momento estudado. Porém, a busca não teve êxito, e a presença exclusiva de revistas da época, relegando a existência dos jornais que não os de circulação estadual nas bibliotecas públicas de Florianópolis, contribui para o fracasso da intenção. Isto porque as editoras das revistas nacionais investiam unicamente na publicidade de seus livros, naturalmente, e as literaturas de que se trata aqui eram divulgadas por empresas que, em sua maioria, não se dedicavam à publicação de periódicos de qualquer natureza.

<sup>266</sup> Cf. HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil. Sua História*. São Paulo: Ed. USP, 1985.

<sup>267</sup> Idem. Pg. 446



*Sexual*, assim como a *Biblioteca de Estudos Psico-Sexuais*<sup>268</sup> incluem, além de algumas das obras componentes do acervo da pesquisa, uma infinidade de outros títulos de autores nacionais e estrangeiros que demarcaram o campo dos discursos sobre o sexo e o matrimônio durante um bom período no Brasil. Além dos já citados Augusto Forel, Charles Fouqué, Jean e Edith Carnot, Theodor Van de Velde, Fritz Kahn, cujas obras foram descritas acima, as referidas coleções trouxeram para o Brasil traduções de outros intelectuais europeus como o sexólogo inglês Havelock Ellis, com *A seleção sexual no homem* em 1935, e *O pudor, a periodicidade sexual, o auto-erotismo em 1936*.<sup>269</sup> De acordo com Heloísa Pontes, em seu texto "Retratos do Brasil", as coleções de obras viabilizadas pelas principais editoras das décadas de 1930, 1940 e 1950 eram consideradas por seus editores como "fontes de prestígio" intelectual, e como lugar de consagração para os autores editados. Interpretadas como "uma porta de entrada para a compreensão do universo intelectual e cultural dos anos 30, 40 e 50"<sup>270</sup>, caracterizavam-se essencialmente pela edição de autores representativos do período e pela reedição de autores nacionais e estrangeiros, no cumprimento de uma "função cultural" de difusão e consolidação da cultura brasileira que o país lhes exigia no momento. Assim, as coleções eram valorizadas no mundo intelectual das publicações como o espaço privilegiado para a divulgação desta missão, sendo os símbolos de distinção que sinalizavam as diferenças entre os próprios editores.

Já Companhia Editora Nacional, em relação a esta esfera de obras, integra o acervo aqui discutido apenas uma de suas publicações: *Amor e Casamento* da doutora em fisiologia Marie C. Sopes, com a primeira publicação impressa em 1929 no Brasil. Pelo menos outros dois trabalhos seus seriam publicados, como se verificou na exposição acima, pela mesma editora, com edições que chegariam até o final dos anos 1950 no país. Contudo, Carrara e Russo comentam sobre vários textos da autora lançados anteriormente a 1933 pela Civilização Brasileira sem, no entanto, citar suas referências.<sup>271</sup> Além disto, nos

<sup>268</sup> CARRARA; RUSSO, 2002. Op. Cit. Pg. 281

<sup>269</sup> Cf. Idem. Entre outros nomes encontrados por Carrara e Russo, aparecem o psicólogo Gilbert Van Tassel Hamilton com a tradução de *A Research in marriage* e Wilhem Stekel com *A mulher fria* noticiada em 1940.

<sup>270</sup> PONTES, Heloísa. *Retratos do Brasil: Editores, Editoras e "Coleções Brasileira" nas décadas de 30, 40 e 50*. In: MICELI, Sérgio [org]. *História das Ciências Sociais no Brasil*. Volume 01. São Paulo: Vértice, 1989. Pp. 386 - 387.

<sup>271</sup> Idem. Pg. 283

sebos virtuais visitados não foram encontrados exemplares da autora publicados pela última editora. Vale citar que a CEN dividiu com a Civilização Brasileira algumas publicações do inglês Havellock Ellis, abrigadas na coleção *Estudos de Psicologia Sexual*.<sup>272</sup> Entre estas, foram citadas *A inversão sexual*, *A educação sexual* e *O instinto Sexual*, todos lançados no ano de 1933, anteriormente, portanto, às obras divulgadas pela editora filial.

A editora Cultrix também figura na lista dos manuais aqui analisados, com a publicação da obra da Dra. Marion Hilliard *A Mulher diante da vida e do amor*, datada em 1960. Com tradição na linha editorial voltada à divulgação de livros infantis em sua maioria, foi o gerente Edgard Cavalheiro quem introduziu uma série de traduções literárias em suas publicações a partir de 1955. Logo depois passou a lançar obras científicas e técnicas<sup>273</sup> - entre as quais é compreendida a obra acima citada - ingressando entre as grandes editoras brasileiras ao longo da década de 1960. Outra editora que merece destaque nesta apresentação é a Livraria José Olympio Editora, como responsável pela publicação de *O Amor na Era Atômica* em 1952, de autoria do padre canadense Marcel Marie Desmarais.<sup>274</sup> Carrara e Russo comentam sobre o enorme prestígio de que gozava a "Livraria da Rua Ouvidor", devido ao seu catálogo constituído "pelos maiores nomes do que havia de mais moderno na literatura nacional da época", e através da manutenção de grandes envolvimento com esses autores "a editora José Olympio tornou-se uma grife que indicava por si só a qualidade da obra publicada."<sup>275</sup>

Fundada na década de 1930, como o primeiro empreendimento editorial do proprietário que lhe deu seu nome, a livraria e editora inaugurou suas publicações com investimentos já nos primeiros anos em uma literatura de "psicologia à la Sigmund Freud"<sup>276</sup>, lançando em 1932 a obra *Conhece-te pela psicanálise* do americano Joseph Ralph. Em relação às obras divulgadoras dos problemas sexuais, no entanto, a editora demonstra sua preferência pelos autores católicos na publicação

<sup>272</sup> Idem. Pg. 282

<sup>273</sup> HALLEWELL, 1985. Op. Cit. Pg. 265

<sup>274</sup> Os investimentos nos textos do padre Desmarais surgiram, no entanto, com a observação do sucesso editorial de suas obras inicialmente publicadas pela Fundação Cásper Líbero - complexo de comunicações que reunia igualmente a rádio Gazeta, onde eram pronunciadas as palestras e conferências do dominicano, as quais se transformavam posteriormente em publicações impressas. Cf. informações no site da fundação: <http://www.fcl.com.br>

<sup>275</sup> CARRARA; RUSSO, 2002. Op. Cit. Pg. 285

<sup>276</sup> HALLEWELL, 1985. Op. Cit. Pg. 350

dos títulos referentes ao assunto, agregados pela coleção *A Ciência Hoje*, a partir de 1940. Como exemplos, Carrara e Russo destacam, entre outros, *Você e a sexualidade* de Amran Scheinfeld em 1948, *Sexo, vitaminas e nutrição (o corpo humano)* de Loyoan Clendening em 1944, em 3ª edição, e *O sexo na vida diária* de Edward F. Griffith em 1949, sempre prefaciados e comentados por religiosos ou autores brasileiros ligados às tendências católicas ao tratarem de tais questões sexuais.<sup>277</sup> Prova disto é o prefácio do padre brasileiro Álvaro Negromonte anunciado já na capa do trabalho traduzido de Desmarais. Uma editora com as mesmas disposições é a Livraria Catedral, responsável pela tradução de *A Serviço do Amor*, com autoria de Edith Carnot supervisionada por seu pai, o ginecologista francês Jean Carnot, em 1950. Do mesmo modo que os livros divulgados pela José Olympio, este exemplar contém diversas recomendações de autoridades religiosas da França e do Brasil, na intenção de atestar o caráter moralizador distante da permissividade sexual de que se distanciavam as duas editoras.

Laurence Hallewell, ao tratar sobre o estatuto das traduções e dos tradutores na indústria editorial brasileira, anuncia que anteriormente à década de 1940, não havia uma grande disponibilidade de tradutores com proficiência em outras línguas que não francês e o espanhol, o que forçava os editores a publicarem quase prioritariamente traduções indiretas destas duas línguas, no caso dos autores de outras nacionalidades. O aumento da influência norte americana sobre o país nas décadas de 1940 e 1950, no entanto, permitiu que a editora Civilização Brasileira promovesse a iniciativa de introduzir também a prática da tradução indireta através da língua inglesa, como outra alternativa para publicar obras estrangeiras no Brasil.<sup>278</sup> Isto poderia trazer algumas pistas sobre a presença maciça das traduções de obras européias das mais diversas nacionalidades, como as que formam o objeto deste estudo, nas décadas de 1940 e 1950 no Brasil.

Anteriormente à Primeira Guerra Mundial, segundo o mesmo autor, a facilidade dos contatos entre editores brasileiros e portugueses estimulava os primeiros a recorrerem constantemente a traduções portuguesas que eram publicadas diretamente no país. Tal situação pode ser presenciada ainda após a década de 1930, diante da informação que nos trazem Carrara e Russo sobre a 10ª edição da *Questão Sexual* de

---

<sup>277</sup> CARRARA; RUSSO, 2002. Op. Cit. Pg. 286

<sup>278</sup> HALLEWELL, 1985. Op. Cit. Pg. 320

Forel, em 1957<sup>279</sup>, ao passo que temos em mãos a 9ª edição portuguesa autorizada da obra, impressa em 1939 no Brasil. Como foi discutido acima, sabemos que as obras do médico italiano Paulo Mantegazza também chegavam ao Brasil em traduções portuguesas importadas diretamente de Lisboa, desde o final do século XIX até meados da década de 1940, em sua maioria. Algumas edições portuguesas foram verificadas ainda na década 1950 nos sebos brasileiros, mesmo que em menor número.

Mario de Carvalho, ao discutir sobre os 180 anos de história da indústria gráfica no Brasil, afirma que devido ao controle republicano sobre a circulação das idéias do meio cultural impresso, além do crescimento da inflação que afetou o setor cultural de forma aguda, os custos de produção tipográfica no Rio de Janeiro chegavam ao dobro dos europeus no início do século XX.<sup>280</sup> Prova disto seria a ocorrência de muitas obras de sucesso na literatura nacional serem impressas na França e em Portugal neste período. Alguns exemplos: Dom Casmurro, de Machado de Assis, Os Sertões, de Euclides da Cunha, Canaã, de Graça Aranha, entre outras. Conta Camargo que algumas importantes editoras internacionais chegaram até mesmo a instalar filiais no Rio de Janeiro, tamanha era a vantagem empresarial das impressões de obras nacionais naquele momento. Com o advento da Segunda Guerra Mundial, contudo, a crescente curiosidade do público brasileiro em relação aos assuntos e novidades vindos da Europa e dos Estados Unidos promoveu um rápido aumento no número de autores estrangeiros traduzidos para o português. O que culminou em uma significativa melhora na qualidade das traduções efetivadas na década de 1940, promovida especialmente pela evolução da situação dos tradutores brasileiros, cujo trabalho passou a ser acomodado em melhores condições, além de o serviço passar a contratações permanentes<sup>281</sup>, com renda fixa e reconhecimento de comentários assinados pelos profissionais na apresentação dos livros.

Neste período, Heloísa Pontes afirma que a indústria editorial brasileira do período conheceu um novo surto de expansão “acompanhado por uma ênfase crescente nos autores estrangeiros e por uma diminuição do interesse pela literatura nacional, que já não possuía

---

<sup>279</sup> CARRARA; RUSSO, 2002. Op. Cit. Pg.281

<sup>280</sup> CAMARGO, Mario de. *Gráfica: Arte e indústria no Brasil. 180 anos de história*. 2ª Ed. São Paulo: Bandeirantes Gráfica, 2003. Pg. 46 - 47

<sup>281</sup> HALLEWELL, 1985. Op. Cit. Pg. 415

o florescimento dos anos 30".<sup>282</sup> A comodidade anterior das importações, de acordo com Mário de Camargo, foi prejudicada durante a II GM, "pois os países fornecedores de bens industriais e de consumo mobilizavam todo o seu parque produtivo em favor do esforço bélico".<sup>283</sup> Desta forma, as editoras brasileiras descobriram e passaram a utilizar de forma intensa a estratégia da compra dos direitos de tradução dos países envolvidos no conflito, o que contribuiu para o amadurecimento da indústria editorial brasileira, já que as dificuldades de importação em todos os setores forçaram de certa forma, o fortalecimento do parque industrial no Brasil.

Como consequência da abertura da economia ao capital estrangeiro no período pós-guerra, contudo, o declínio da indústria editorial - juntamente com a indústria nacional em sua totalidade - gerou uma inevitável retração das traduções na atividade editorial brasileira, na medida em que a importação de livros voltou a se mostrar com vantagens superiores aos custos de produção e tradução das obras publicadas no país. Isto porque o crescimento da atividade industrial brasileira não foi acompanhado pelo desenvolvimento tecnológico do parque industrial no país. Tal situação seria revertida somente sob o governo do presidente Juscelino Kubitschek, que se interessou pela situação da indústria editorial e acelerou a modernização do parque gráfico com a importação do maquinário europeu, além de isentar o setor livreiro de grande parte da carga tributária relativa a toda a esfera de produção de livros, invertendo a situação das traduções brasileiras no período de 1953 a 1958, através de tais medidas protecionistas.<sup>284</sup> Esta circunstância ajudaria a explicar a presença da maioria significativa das literaturas aqui em questão durante toda a década de 1950, quando incorremos a visitas em sites de sebos virtuais, como se pode verificar na descrição anterior sobre a produção destas obras no país.

No que diz respeito à distribuição demográfica das obras, Laurence Hallewell comenta sobre o desequilíbrio no recebimento das publicações pelas livrarias brasileiras até a década de 1970.<sup>285</sup> Além de outros fatores, a precariedade das opções no transporte - sendo o rodoviário praticamente a única - concentrava até este momento a venda dos livros basicamente no eixo Rio - São Paulo, onde eram publicados.

---

<sup>282</sup> PONTES, Op. Cit. Pp. 377 - 378.

<sup>283</sup> CAMARGO, 2003. Op. Cit. Pg. 77

<sup>284</sup> HALLEWELL, 1985. Op. Cit. Pg. 443

<sup>285</sup> Idem. Pg. 516

Mario de Camargo comenta que, no período de 1955 a 1962 a produção brasileira de livros praticamente triplicou, mas o número de editoras no país não aumentou diante desta estatística. Além disto, ocorreu também a concentração desta produção no eixo Rio - São Paulo, onde se encontrava efetivamente o capital de investimento sobre todo o setor industrial do país.<sup>286</sup> Assim, a criação do Grupo Executivo da Indústria do Livro (GEIL) em 1959 - com a participação dos Ministérios da Educação, da Fazenda e dos Transportes - se fez necessária para tentar resolver as dificuldades existentes nas áreas da produção e distribuição dos impressos no Brasil. O grupo atuou até 1971, quando foi absorvido pelo Instituto Nacional do Livro (INL).<sup>287</sup>

Deste modo, diante da verificação dos manuais nos muitos sebos on-line já consultados, a distribuição das obras aparece de alguma maneira equilibrada pelo território brasileiro, sendo notados sebos vendedores destas literaturas em diversos estados do país. Entre estes são destacados Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e outros estados no nordeste, como Bahia, Rio Grande do Norte e Paraíba. Apesar da aparente democracia em uma circulação contemporânea destas obras, a grande maioria ainda se concentra na região compreendida por São Paulo e Rio de Janeiro, sem dúvida. Talvez este modesto "equilíbrio" observado na circulação dos manuais através dos sebos brasileiros seja fruto de alguns dos investimentos e discussões realizadas pelos órgãos responsáveis pelo setor cultural do país, os quais até os dias de hoje são visados pelos representantes de editoras, autores, indústrias e distribuidoras de livros para a melhoria das condições neste espaço empresarial. Nada se pode afirmar com absoluta certeza, tanto pela falta de investigações mais concretas e aprofundadas no assunto, quanto pelo embasamento em apenas uma ferramenta - embora muito importante - de pesquisa, como o site hospedeiro dos sebos virtuais citado acima.

A forte presença destes materiais nos diversos sebos de todo o país pode ser interpretada, no entanto, como um indício da presença deste tipo de literatura nas estantes de diversas famílias em muitas das regiões brasileiras. Contudo, não é o suficiente para garantir tal suposição, de modo que as obras poderiam ter chegado, também, por outros meios ou posteriormente ao período de sua publicação. Além disto, nada se pode expressar acerca das leituras efetivadas ou dos

---

<sup>286</sup> CAMARGO, 2003. Op. Cit. Pg. 108.

<sup>287</sup> Idem. Pg. 106.

leitores nesta etapa do trabalho, mesmo porque não é este o objetivo deste estudo. Sendo possível ou não tecer afirmações mais pontuais acerca das ocorrências apontadas, a investigação virtual nos sebos hospedados em site da internet possibilitou o encontro e a verificação de muitos dados sobre as fontes aqui utilizadas, além de apontar a presença significativa de milhares de exemplares do mesmo gênero ao longo de todo o território brasileiro. As razões destas ocorrências, contudo, assim como as inumeráveis dúvidas e dificuldades a serem sanadas neste trabalho, são motivos para futuras pesquisas que vejam como possibilidade a utilização da busca virtual, aliada a outros meios, para investigações vindouras sobre a história dos livros ou a história da leitura no Brasil.

### **De autores, tradutores e referências. Enunciados recorrentes entre estrangeiros e brasileiros**

Distinguir os autores, saber mais sobre seus contatos, suas relações de troca e as referências que guiam seus trabalhos, pode auxiliar de forma muito eficaz uma compreensão mais apurada acerca da recorrência de discursos que, em determinados momentos, se dirigem aos mesmos propósitos. Do mesmo modo, perceber, além das linhas editoriais que permitiam a produção de seus trabalhos, como se dava a acolhida de tais obras por entre os intelectuais brasileiros que traduziam, prefaciavam e comentavam a publicação dos discursos científicos voltados às construção das sensibilidades conjugais.<sup>288</sup>

A cientista Marie C. Stopes (1880 - 1958) é observada em meio aos autores cujos textos possuem maior riqueza de referências, comentários, prefácios, citações. Um exemplo, portanto, bem completo dos dispositivos empenhados por diversos sujeitos sociais como meio de promover a aceitação e confirmação de sua circularidade no meio social de que participa. Tal comentário não sugere que estas estratégias sejam apenas meios de uma manipulação tendenciosa das publicações

---

<sup>288</sup> Diante da falta de informações sobre muitos dos aspectos que se pretende abordar nesta parte do trabalho, alguns dos objetivos ficaram em suspenso, abrindo possibilidades apenas a um esboço das idéias que se pretende aqui abordar. Entre os subsídios apanhados, portanto, a discussão sobre os autores, seus suportes referenciais e comentadores não se apresentará de forma homogênea, devido especialmente às dificuldades de alcance sobre alguns nomes mais remotos ou menos populares que figuram nas citações dos investigados.

referidas, mas que sejam também atestados nos possíveis engajamentos profissionais, teóricos e pessoais de intelectuais envolvidos com a construção dos discursos pelos autores publicados.

Tendo crescido em um ambiente de constantes estímulos políticos e científicos através de seus pais intelectualmente engajados nestes temas, a formação e a vida intelectual de Marie Stopes ganha sentido em sua constante atividade nas propostas inovadoras em relação ao estatuto social do meio científico europeu no início do século XX.<sup>289</sup> Já na capa de rosto da edição brasileira de *Amor e Casamento*, considerada como uma "nova contribuição para a solução do problema sexual"<sup>290</sup> em 1929, aparecem estampados os títulos acadêmicos alcançados pela cientista até o momento. Como "Doutora em Ciências, Londres; Doutora em Philosophia, Munich; Socia da Universidade de Londres; Socia da Real Sociedade de Literatura e do Lyceu da Sociedade Geographica, Londres; Presidente da Sociedade C. B. C. e de Eugenia"<sup>291</sup>, a jovem médica esteve sempre voltada à integração dos trabalhos científicos para a modificação e melhoria do meio social que notava.

Durante a Primeira Guerra Mundial iniciou a escrita de *Married Love*, tendo dificuldades para encontrar uma editora que aceitasse suas "avançadas" propostas sobre a igualdade nos relacionamentos entre homens e mulheres na conjugalidade, além da plena condenação da limitação intelectual feminina nas instituições do casamento tradicional imposto socialmente. Após diversas rejeições editoriais, finalmente uma pequena empresa resolve assumir os riscos da publicação de seu discurso e, em 1918, é lançada a obra que teria obtido sucesso imediato ao vender 2.000 exemplares ainda na primeira quinzena de circulação,<sup>292</sup> apesar de sua reprovação por diferentes instituições que a consideraram ameaçadora dos valores morais da sociedade.

No prefácio da Dra. Jessie Murray, ao discorrer sobre a formação dos "tabus sociais" diante da ignorância em tais assuntos íntimos, afirma que somente os espíritos fracos poderiam maliciar a franqueza científica tão necessária acerca das coisas reais sobre a vida biológica que os esclarecimentos científicos de Stopes pretendem abordar sob "uma luz totalmente nova". Assim, as informações trazidas

---

<sup>289</sup> Breve biografia no site de pesquisas escolares  
<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/Wstopes.htm>

<sup>290</sup> STOPES, Op. Cit. Pg. Capa de rosto.

<sup>291</sup> Idem.

<sup>292</sup> Cf. <http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/Wstopes.htm>



no livro poderão auxiliar, através da orientação adequada que pretende evitar as ruínas promovidas pela ignorância e pelo silêncio, a tornar "o aviário das futuras gerações cheio da beleza e da harmonia que podem resultar do amor dos cônjuges e de seu mútuo conhecimento."<sup>293</sup> Deste modo, a informação e a educação como formas de iluminar a nobreza do caráter que promove a felicidade, são atestadas pela legitimação científica de outra médica, que procura sustentar a necessidade da produção de tais enunciados em meio aos caracteres sociais que passam a exigir tal investimento.

Da mesma maneira, a carta do Professor Ernesto H. Starling, "Doutor em medicina e Cirurgia, Membro da Sociedade Real, Professor de Physiologia da Universidade de Londres" que abre as apresentações da referida edição procura certificar as intenções educativas da obra, assim como sua importância para esclarecer de forma eficaz e objetiva a consciência dos novos casais que formarão as famílias do futuro. "E não há dúvida de que neste caso é melhor adquirirmos em tempo estes conhecimentos necessários, por meio de livros como este, do que pela experiência própria, de efeito degradante, quase sempre, e podendo acarretar risco para a saúde do indivíduo e da família."<sup>294</sup> Com a tradução de Godofredo Rangel, um importante escritor mineiro da época e amigo de Monteiro Lobato<sup>295</sup>, o caráter científico e atualizado da obra procura se afirmar através de citações e referências dos mais famosos cientistas que se dedicavam igualmente aos esclarecimentos sobre a vida biológica em seus processos de formação social e cultural. Assim, os constantes diálogos com outros autores, como o psicanalista Havellock Ellis, o neurologista Augusto Forel, o físico e psiquiatra Thomas Clouston, o cirurgião Arbuthnot Lane davam o mote de seus nobres intuítos civilizadores e educadores com a certificação do estatuto da Ciência, além de nos apresentar os caminhos a que se dirigia para a construção de seus discursos em suas publicações.

Da mesma maneira em que no trabalho de Marie Stopes não se encontra nenhum comentário de intelectuais brasileiros que se envolveram com sua publicação e tradução, nas obras estudadas do Dr. Charles Fouqué, nenhuma intervenção crítica dos tradutores Julio Fraga (*Nós dois e o sexo*, 1951), ou Ferdinanda Monteiro (*A mulher e a vida conjugal*, 1958) é percebida ao longo do texto, a não ser por pequenas

---

<sup>293</sup> STOPES, Op. Cit. Pg. 10

<sup>294</sup> Idem. Carta de apresentação.

<sup>295</sup> Breve biografia em <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/8/09.htm>

observações de vínculo exclusivamente gramático. Na contracapa do segundo título citado, é encontrada uma breve definição das intenções do Dr. Fouqué ao elaborar uma coleção de estudos sexuais para envolver o tipo de literatura a que se dedica, sem, porém, qualquer informação sobre autoria no texto. Se parte da iniciativa dos editores ou dos tradutores, o pequeno texto de apresentação procura evidenciar o caráter informativo de uma literatura que nos esclarece "em palavras simples e sensatas, quais os perigos que temos a evitar, quais os caminhos a seguir para alcançar a realização plena de uma vida sem complexos ou frustrações."<sup>296</sup> A informação profilática da população se tornaria, portanto, o nobre intuito que anularia as acusações de imoralidade destas publicações. Apesar da inclusão bem mais facilitada desta obra em relação à da Dra. Stopes, ao se considerar o momento de circulação de uma obra e outra, a certificação da moral dos conteúdos é exigida de forma recorrente em todos os exemplares, na efetivação pelos mais diversos sujeitos envolvidos em sua atuação na sociedade.

Para a publicação de uma obra dirigida ao público feminino, o Dr. Fouqué convida a colaborar, portanto, uma amiga médica que, apesar dos conhecimentos de área proporcionados pela formação acadêmica, o abandono da profissão para se dedicar à família atesta sua intensa experiência mais ainda nos assuntos matrimoniais. Todas as referências à sua competência para o trabalho solicitado são atestadas pelo próprio Dr. Fouqué, que apresenta a Dra. Andrée como particularmente mais apta do que ele ao tratamento de assuntos tão específicos, que somente a experiência cotidiana de uma esposa eficaz poderia desempenhar. No texto de *Nós Dois e o Sexo*, concretizado por ele próprio, aparecem de forma mais constante as citações e referências de alguns dos nomes que guiam sua elaboração discursiva. O médico Theodor Van de Velde é notado na citação científica mais respeitável, ao se referir a passagens de sua afamada obra *O Matrimônio Perfeito*. As alusões mais freqüentes no texto de Fouqué se aproximam, portanto, às suas tendências de "sexologia romaneada", ao mencionar poetas e literatos como o polêmico Pierre Loys<sup>297</sup>, por exemplo.

No trabalho do médico alemão Fritz Kahn (1888 - 1968) *Amor e Felicidade no casamento*, são encontradas inúmeras citações e menções literárias aos mais diversos intelectuais dedicados a todos os gêneros literários. Estas citações são encontradas, mais especificamente,

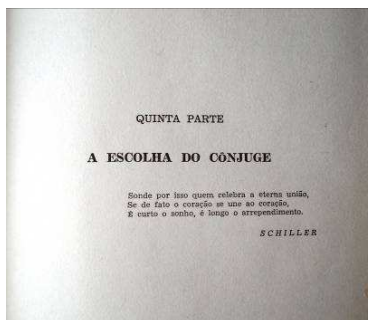
---

<sup>296</sup> ANDRÉE, Op. Cit. Contracapa.

<sup>297</sup> Poeta francês conhecido por tratar de temas da sexologia pagã em suas obras.

nas páginas de abertura de cada parte do livro que inaugura um novo tema na sua discussão. Nomes como Winston Churchill, Yvete Guilbert, Walt Whitman, Ashley Montagu, Balzac, Napoleão e Sócrates são encontrados ao longo da obra, como estratégia de autenticação intelectual de suas hipóteses no trabalho. Além disto, as notas de rodapé "com observações do advogado Paulo Cardoso de Siqueira sobre aspectos brasileiros do direito de Família"<sup>298</sup> são abundantemente presentes ao longo do texto, numa iniciativa editorial dedicada à atualização e ambientação das propostas à realidade brasileira no momento de sua publicação. O tradutor Guttorm Hansen, que trabalhou diretamente no original em alemão, não deixou intervenções pessoais no texto.

O médico, formado em Berlim e tendo iniciado sua carreira de ginecologista na mesma cidade após sua formatura em 1912, publicou, além de obras sobre "ciência no cotidiano"<sup>299</sup>, escritos sobre Astronomia e Aviação - os quais compuseram os seus primeiros trabalhos como cientista. Ao se instalar em Nova Iorque no início da década de 1940, iniciou sua produtiva e popular carreira como escritor de obras de Medicina e Biologia, as quais foram traduzidas para muitos idiomas. Além disto, ministrou palestras em universidades e programas de rádio, que auxiliaram na divulgação das questões médicas e científicas que propunha expor ao público leigo por meio de suas obras. Alguns comentários existentes sobre sua magnífica atuação como ilustrador<sup>300</sup> - em suas representações do corpo humano como uma máquina super hábil e eficiente - sugerem que os desenhos explicativos presentes em sua obra sejam do próprio Kahn.



<sup>298</sup> KAHN, Op. Cit. Folha de rosto.

<sup>299</sup> Aspectos biográficos em <http://findingaids.cjh.org/?pID=121518>

<sup>300</sup> Cf.: <http://historiasdamedicina.blogspot.com/2008/11/o-corpo-mquina-de-fritz-kahn.html>

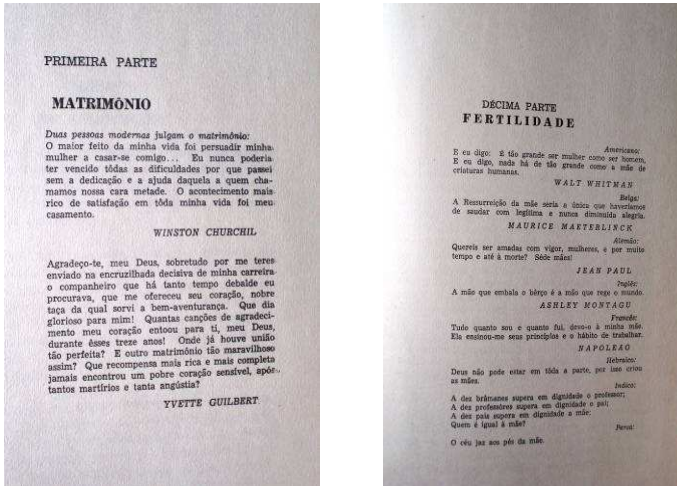


Fig. 10: Exemplos de citações no texto - KAHN, F. *Amor e Felicidade no casamento*, [s.d]

Já na obra do médico italiano Paulo Mantegazza (1831 - 1910), *O problema do casamento* (1925), o tradutor português Cândido de Figueiredo não deixa de elaborar, em 1898, uma breve Notícia Biográfica sobre o autor no início do livro, na qual, além dos aspectos da vida intelectual de Mantegazza, tece comentários sobre suas publicações como cientista. Portanto, como

"médico, professor de antropologia, senador do reino da Itália, e, na atualidade, um dos mais fecundos, originais e aplaudidos escritores italianos [...] é considerado o primeiro higienista da Itália, e os benefícios que, a tal respeito, o seu país lhe deve, tem sido difundidos pelos seus livros, e pela sua palavra em notáveis conferencias, pois que

Mantegazza é, além de tudo, primoroso orador".<sup>301</sup>

Terminando sua série de aclamações intelectuais com uma listagem de sua vasta obra como homem de ciências, e fazendo alusões à necessidade de se traduzirem mais obras do "artista", diante da preciosidade de seus discursos e da urgência de seus ensinamentos para todo o mundo. Cândido de Figueiredo foi um escritor e filólogo português, autor do Novo Dicionário da Língua Portuguesa, lançado em 1899.<sup>302</sup> Publicou diversas obras de ficção e crítica, atuando em colunas de periódicos portugueses no início do século XX. Atuou como tradutor de inúmeras obras, especialmente sobre filologia e linguística, além de ter sido sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras. Por ter circulado nos postos políticos de Portugal como diretor de Ministérios e governador civil de vilas, é compreensível a importância que atribui aos feitos políticos do autor comentado em seu texto. As alusões aos benefícios oferecidos pelas obras do médico à construção da nação italiana aparecem como um apelo ao seu país para que introduza tais leituras salvadoras e edificantes ao povo português com urgência.

Chegando à obra do Dr. Theodor Van de Velde (1873 - 1937), *Capaz ou incapaz para o casamento* (1953), a tradução de Matheos de Lima se estende à introdução de notas sobre o Direito de Família brasileiro incluído no Código Civil de 1916. Como forma de contextualizar a obra nas condições sociais brasileiras do momento de publicação, a intervenção do tradutor para uma "atualização do texto" demonstra a finalidade que o andamento deste tipo de literatura pretendia atingir. De nada serviriam proposições científicas europeias sem as analogias que a possam inserir no meio social em que circula.

O pronunciado "ex-diretor da Clínica ginecológica de Harlem"<sup>303</sup> também não deixa de dialogar com uma imensidade de cientistas que participavam do mesmo campo intelectual europeu no momento em que se expressa. Para embasar teoricamente os processos fisiológicos que discute, figuram menções aos trabalhos dos

---

<sup>301</sup> MANTEGAZZA, 1925. Op. Cit. Notícia Biográfica.

<sup>302</sup> DELA-SILVA, S. C. *A língua portuguesa no Jornal do Comércio: as colunas de Cândido de Figueiredo*. In: XXI Encontro Nacional da Anpoll - Domínios do saber: histórias, instituições, práticas, 2006, São Paulo. Comunicações do Grupo de Trabalho em Análise de Discurso da Anpoll, 2006.

<sup>303</sup> VELDE, Op. Cit. Capa de rosto.

psicanalistas Freud e Steckel, juntamente aos dos geneticistas Kretschmer e Mendel, além do sempre citado Augusto Forel. Como se dirigia igualmente ao desenvolvimento sócio cultural nas relações conjugais, são notadas referências a pensadores ligados a humanidades, como Friedrich Nietzsche, Dante Alighieri e Johann Goethe. Uma sintonia entre processos fisiológicos e sociais marca a inscrição da vida biológica nas preocupações políticas e culturais, e envolve a dedicação desta e das demais obras numa articulação do autor com a participação de outros sujeitos na elaboração do objeto livro que divulga as suas propostas.

Um procedimento semelhante é observado na obra da Dra. Marion Hilliard (1927 - 1958), *A mulher diante da Vida e do Amor* (1960), na qual a tradutora Nair Lacerda se dedica ao prefácio, comentando os principais aspectos e fazendo apologias aos sentidos e necessidades do texto explanado. A obstetra canadense, autora da obra, dedicou parte de sua vida profissional a escrever também artigos e palestras sobre os problemas da vida feminina, frente às dúvidas e questões que suas clientes expunham freqüentemente em seu consultório.

Nair Lacerda foi cronista antes de se dedicar exclusivamente à carreira de tradutora, tendo publicado como primeiro trabalho a crônica *A mulher paulista e o voto feminino*, em meados da década de 1930.<sup>304</sup> Através de suas crônicas e contos voltados às discussões sobre participação feminina e sufrágio universal, não é difícil compreender a aproximação de suas considerações com as proposições de Hilliard, em meio a elogios, recomendações e indicações sobre a leitura da obra traduzida. "O livro da Dra. Hilliard é o septuagésimo que traduzo. [...] E nunca tive entre as mãos [...] livro mais simples e mais humano, mais útil e mais inspirador que este."<sup>305</sup> Demonstrando sua experiência e seu vasto contato com obras da literatura universal, a cronista se empenha em afirmar a necessidade do contato com este tipo de leitura que visa o esclarecimento de dificuldades cotidianas enfrentadas por mulheres pertencentes às mais diversas fases da vida, classes sociais ou posições culturais. Além disto, procura relativizar alguns conceitos expostos pela autora, reconhecendo que alguns "ainda não se enquadram bem dentro

---

<sup>304</sup> Aspectos biográficos em <http://www.novomilenio.inf.br/cultura/cult039.htm>

<sup>305</sup> HILLIARD, Op. Cit. Pg 10

de nossos hábitos e costumes, mas, considerados os rumos que nossa sociedade vai tomando, não tardarão a chegar para nós".<sup>306</sup>

Deste modo, uma visível articulação entre as propostas dos intelectuais brasileiros e estrangeiros envolvidos com a publicação deste tipo de literatura em diversos momentos e espaços, indica um processo que mostra mais do que apenas uma inclinação à importação de discursos europeus de forma unilateral e verticalmente imposta. Nesta exposição de alguns dos diversos nomes incluídos no conjunto de traduções e comentários sobre obras estrangeiras, é possível notar certos componentes de produção e das elocuições dispostas à normalização dos comportamentos para a "civilização de uma população". Além disto, a recorrência dos conteúdos nas referências e citações utilizadas em um processo quase circular e contínuo entre os cientistas discutidos, sugere a construção dinâmica de um campo intelectual dedicado a tais propostas discursivas em vários espaços e determinados momentos em uma "comunidade científica" do mundo ocidental.

Entretanto, nem todas as obras possuem as mesmas estratégias na exploração das referências e intervenções discursivas no texto como forma de legitimação científica ou intelectual. Bem ao contrário, as ações são diversas e heterogêneas, demonstrando as diferenças do desempenho textual dos autores em suas exposições ao público. Além disto, cabe aqui ressaltar que, ao se tratar das contribuições de outros intelectuais em pareceres, prefácios e apresentações nas obras em geral, deve-se atentar principalmente para as táticas de publicação das editoras. Estas sempre utilizaram meios para legitimar suas obras e atrair as leituras de acordo com o público a que dirigem os textos - incluindo intervenções em seus dispositivos textuais e materiais para direcionar a leitura e criar os sentidos que definirão os espaços ou as comunidades a que se quer atingir.

### **Dispositivos textuais. "O texto entre o autor e o editor"**<sup>307</sup>

Além dos enunciados presentes nos textos analisados, dos meios do investimento na produção, e dos diversos sujeitos envolvidos

---

<sup>306</sup> Idem. Pg. 11

<sup>307</sup> Subtítulo referenciado ao historiador da leitura Roger Chartier, na obra: CHARTIER, Roger. *A Aventura do livro. Do leitor ao navegador*. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

no desenvolvimento destes discursos, é necessário também atentar aos modos de organização textual e aos elementos presentes na tessitura dos textos em cada manual discutido. A forma como cada autor desenvolve a organização discursiva - na escolha do tom adequado às suas propostas, no estilo lingüístico que utilizará na fabricação do texto, na diferenciação de tratamento dos assuntos de acordo com a direção que pretende dar à leitura (gênero, faixa etária, classe social) - são dispositivos textuais eleitos pelo autor que comanda o texto de acordo com a abrangência da leitura que almeja alcançar.

Tais procedimentos são caracterizados por Roger Chartier como *mise en texte*, ou desenvolvimento do texto, ao declarar que "autores não produzem livros - e sim textos. Tomam parte na criação do livro"<sup>308</sup>, mas contam com a colaboração insubstituível de diversos agentes envolvidos. Tanto na constituição do objeto livro em sua materialidade - como veremos mais a frente, quanto na introdução de dispositivos textuais essenciais para a construção do sentido na leitura, ativando o que Chartier denomina como *mise en livre*, ou desenvolvimento do livro como objeto de leitura.

Os dispositivos denominados como "protocolos de leitura", inseridos no texto em forma de notas explicativas, prefácios, pareceres, índices, gravuras, são primordiais nas apropriações do texto pelo leitor, cuja relação dependerá igualmente de outros fatores, de acordo com os usos, as convenções e as competências dos sujeitos leitores das obras.<sup>309</sup> No caso deste tipo de elementos, contudo, não é possível determinar a mesma classe de intervenção pessoal em todos os materiais. Em cada texto observado, a análise dependerá das formas de apresentação dos itens e dos indícios explicativos que poderão estar presentes no documento, para que seja possível supor se a interferência foi do editor ou até mesmo uma decisão do próprio autor. Contra a idéia de uma "abstração dos textos", considerando a complexa gama de relações entre textos e seus componentes, autores e agentes auxiliares na comunicação do texto, tentaremos aqui observar de que formas os textos se comportam entre as intervenções do autor e do editor, e como tais procedimentos ocorrem em algumas das obras que são objetos deste estudo.

---

<sup>308</sup> CHARTIER, Roger. *Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Tradução de Maria L. M. Matencio. Campinas: Mercado de Letras, 2003. Pg. 9

<sup>309</sup> Cf. Idem.



Ao fazer referência à organização discursiva das obras aqui analisadas, uma primeira questão é destacada como ponto de convergência e unanimidade entre todos os textos, como "guias matrimoniais" que se apresentam: a tendência da vulgarização das discussões científicas para a população leiga nas especificidades em tais assuntos. A preocupação em tornar o texto acessível, com a utilização de uma linguagem clara, simples, objetiva, sem investimento em detalhes e pormenores das especialidades científicas, é vigente no discurso de todos os autores. Como afirma a Dra. Marie Stopes: "Este pequeno livro é menos a exposição concisa e técnica dos resultados de observações científicas do que uma tentativa de apresentar em forma limpidamente compreensível as conclusões depuradas e cristalizadas de longas e difíceis investigações."<sup>310</sup>

Contudo, quando se trata da disposição textual destes discursos consonantes, algumas diferenças no tratamento dos temas e na utilização dos dispositivos de leitura sempre acabam por aparecer. Na maioria dos textos lidos, a escolha pelo estilo da escrita e pelo tom das narrativas é semelhante. São, em geral, redigidos com propostas, conselhos, descrições e reflexões sobre situações a enfrentar, em alguns casos com a utilização do tom verbal imperativo para atestar a autoridade do especialista que expõe seus conhecimentos profissionais ao público leigo. Organizados em capítulos geralmente enumerados, são estes seguidos de subtítulos que delimitam os temas e assuntos afins a serem expostos de forma mais pontual e direta, como é o caso dos textos dos Drs. Charles Fouqué, Theodor Van de Velde, Paulo Mantegazza e das Dras. Marie Stopes, Marion Hilliard e Edith Carnot, já mencionados acima.

Diferentemente dos demais, o texto da Dra. Andrée inicia com uma narrativa em forma de romance, criada pela autora com a finalidade de descrever situações hipotéticas a serem enfrentadas, e utiliza sua personagem fictícia Françoise como ponto de partida para seus comentários posteriores sobre a história concebida - que seguem o mesmo estilo de organização discursiva e textual do restante dos manuais. Nestes comentários, a autora procura estabelecer conselhos para a vida conjugal das leitoras, mesclando as situações ocorridas na vida da protagonista Françoise com os eventos reais que poderão surgir à frente de todas as mulheres recém casadas. Já o manual do Dr. Fritz Kahn se apresenta com infindáveis subdivisões em pequenos tópicos

---

<sup>310</sup> STOPES. Op. Cit. Pg.13

extremamente pontuais e informativos ao longo de todo o texto, sem muito envolvimento reflexivo, e com poucos incrementos narrativos no decorrer de sua obra.

No que concerne ao tratamento dos temas e assuntos discutidos por cada autor, são sentidas algumas diferenças quando se tratam, principalmente, de edições distintamente caracterizadas como femininas ou masculinas. No caso das edições femininas, o investimento discursivo se dirige, de forma geral, às questões do cotidiano familiar e do andamento da vida conjugal, mais do que às sexuais. Alusões à vida sexual no casamento, bem como à importância do prazer feminino nas relações carnais são feitas com frequência, mas com um tom bem mais reservado e moralizado do que no discurso para os homens. Nos textos da Dra. Andréé, e primordialmente no manual de Edith Carnot, é desenvolvido de forma intensa o ensino da profilaxia conjugal, com um completo curso sobre fisiologia, higiene matrimonial, assuntos de concepção e fertilidade, entre outros temas da mesma natureza (Fig. 19). No manual da Dra. Hilliard, contudo, as discussões de caráter biológico são suprimidas para ressaltar os problemas sociais e culturais do cotidiano feminino no casamento.

As edições masculinas, como as do Dr. Fouqué e da Dra. Stopes, exclusivamente, procuram destacar de forma sensível os problemas sexuais do casamento, com discussões como a valorização do prazer feminino, além de informações sobre contracepção e a complexidade da constituição fisiológica e psicológica da mulher para as relações sexuais. Questões de caráter social e cultural sobre o casamento na sociedade são desenvolvidas com maior atenção no texto de autoria feminina - como o da Dra. Stopes. No texto do Dr. Fouqué, o tom romancado e erótico de sua escrita deve ser ressaltado, ao fazer referências a autores de literatura erótica e utilizar termos sensuais e impudicos nas reflexões que desenvolve. É provável que tal posicionamento se deva ao fato de dirigir suas discussões ao público masculino, na elaboração de conselhos e propostas aos futuros maridos, ao treiná-los em descrições sobre como procedem os verdadeiros e bons amantes:

Insinuantes, as mãos do esposo deslisam sob a camisola da esposa. Os dedos, frementes de alegria, correm sobre a pele, dirigindo-se para o grande polo da atração extra-genital - os seios. E eis um dêles

empalmado pela mão. [...] Ele o apalpa, encerra-o na mão. Rápido, afasta a boca cujos lábios ela saboreia e coloca-a sobre o mamilo róseo como a flor do pessegueiro ou moreno como as trufas... Acaricia-o com beijos rápidos, chupa-o como que em pequenos sorvos, suga-o, morde-o. Fá-lo rolar, com a ponta da língua sobre as arcanas dentais...<sup>311</sup>

Nos manuais de leitura "mista", direcionados a leitores de ambos os gêneros, os temas discutidos são de interesse geral, construídos com divisões dos assuntos em partes e capítulos bem definidos para destacar a ordem da matéria a ser tratada. A obra do Dr. Van de Velde é dividida em três partes: do ponto de vista biológico, psicológico e social, tratando sobre questões genéricas que podem ser dirigidas à leitura de homens e mulheres com a mesma finalidade (Fig. 20). De outra forma, o texto do Dr. Fritz Kahn já dedica atenções aos interesses de gênero bem definidos, os quais são sinalizados nos subtítulos trabalhados, como "a psicologia do homem; a psicologia da mulher; a educação do menino; a educação da menina", possivelmente como meio de direcionar a leitura de forma pontual e eficaz aos interesses de cada um (Fig. 21). Igualmente, o trabalho do Dr. Paulo Mantegazza se divide em duas partes nitidamente dirigidas aos interesses de gênero: "A arte de escolher esposa e A arte de escolher marido", cada uma com tendências semelhantes às das edições exclusivamente femininas e masculinas no que se refere ao tratamento dos assuntos e temas discutidos. Outra obra de leitura "mista" é a do Pe. Marcel Marie Desmarais, na qual são tratadas questões de caráter essencialmente social, cultural e religioso, de forma genérica e facilmente dirigida à leitura comum de homens e mulheres. Neste texto, os temas relativos à sexualidade no casamento praticamente inexistem, exceto nos momentos em que discute sobre a procriação e o comportamento sexual do marido e da esposa na família.

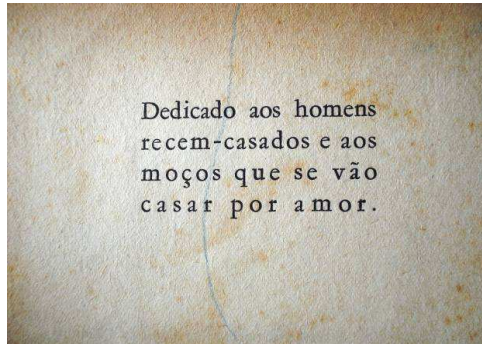
Em alguns dos materiais, são encontradas advertências, assinaladas pelo autor ou pelo editor, cuja finalidade se define na direção da leitura ao público específico a que se quer atingir: feminino,

---

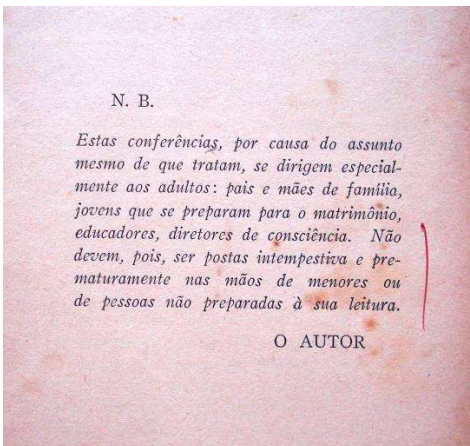
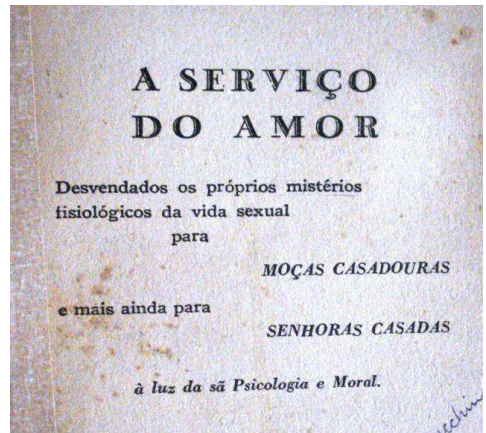
<sup>311</sup> FOUQUÉ. Op. Cit. Pg. 11

masculino, e especialmente, adulto. Estes dispositivos textuais que servem para precaver, lembrar a leitura autorizada, são empregados de forma a tornar a leitura eficiente e impedir que sejam desviadas dos propósitos sempre reiterados: educar e instruir os jovens na preparação para o casamento... quando chegado o momento para tal ação. Logicamente, os indivíduos já casados também são alvo da instrução matrimonial anunciada.

**Fig. 11: Advertência - STOPES,**  
**M. Amor e casamento, 1929.**



**Fig. 12: Advertência - CARNOT,**  
**E. A Serviço do Amor. [s.d]**



**Fig. 13: Advertência - DESMARAIS,**  
**M. O Amor na Era Atômica, 1953**

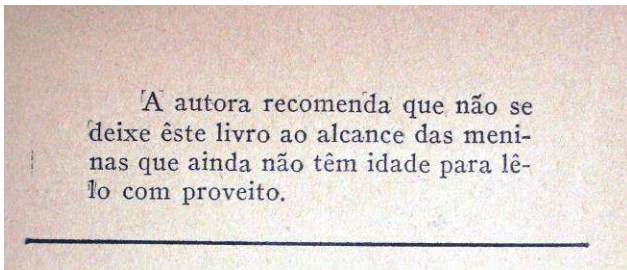


Fig. 14: Advertência - CARNOT, E. *A Serviço do Amor.* [s.d]

No que concerne aos dispositivos presentes no texto como protocolos de leitura destinados a dinamizar as operações do leitor, uma série de estratégias e táticas editoriais são introduzidas em todas as obras para este fim: notas, prefácios, pareceres, apresentações, índices, gravuras, etc. As notas explicativas, colocadas em rodapé ou em quadros expositivos no corpo do texto, podem ser elaboradas pelo autor, pelo tradutor, ou pelo editor, dependendo da finalidade a que se dirige na obra. Todos os manuais em questão possuem este elemento em seus variados formatos apresentados.

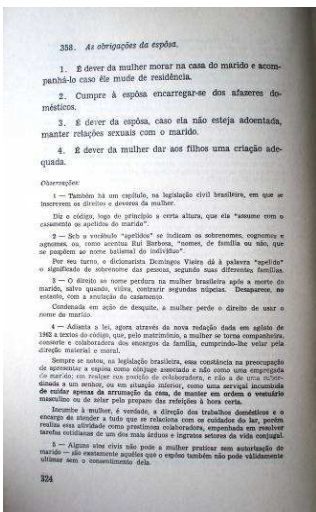
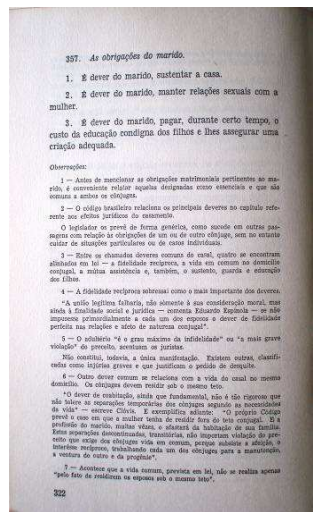
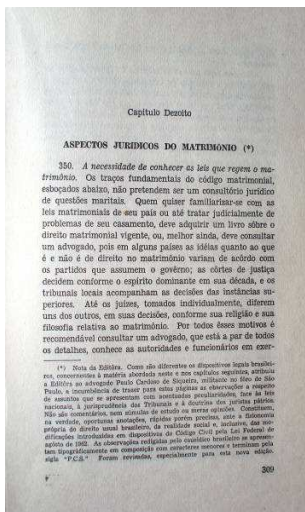


Fig. 15: Notas de rodapé - KAHN, F. *Amor e felicidade no casamento.* [s.d]



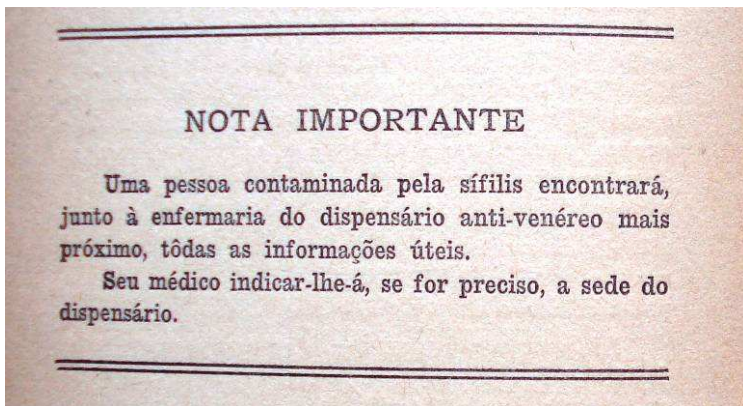


Fig. 16: Nota - CARNOT, E. *A Serviço do Amor*. [s.d]

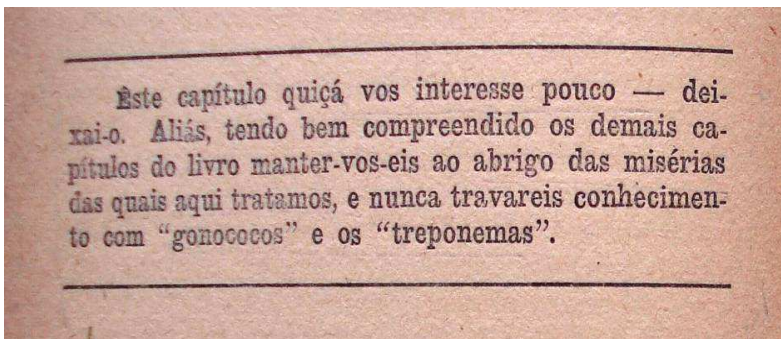


Fig. 17: Nota - CARNOT, E. *A Serviço do Amor*. [s.d]

Os índices são estratégias editoriais presentes em todos os materiais impressos, e facilitam o reconhecimento da obra pelo leitor, bem como permitem a escolha dos temas a serem lidos na ordem preferida por cada indivíduo. Presentes no final ou início das obras, podem ser mais ou menos detalhados de acordo com as intenções de cada editor. Alguns dos manuais possuem índices concisos, objetivos, apontando as partes de divisão do livro, os capítulos quando existentes,

relegando as infindades de subtítulos que a obra possui. Outros editores investem no detalhamento pormenorizado deste componente nos livros, como é o caso do manual do Dr. Fritz Kahn, cujo índice possui 26 páginas, numa descrição completa de todas as partes, capítulos, subtítulos e tópicos existentes em toda a sua obra.

ÍNDICE	
★	
Prefácio do tradutor .....	5
Prefácio da autora .....	7
PRIMEIRA PARTE	
Para melhor compreender o Amor .....	11
O Desabrochar da mulher .....	28
A Maternidade — desabrochar da mulher .....	48
A Guarda do Lar .....	71
SEGUNDA PARTE	
Fisiologia sexual dos seres inferiores .....	97
Fisiologia feminina .....	104
Fisiologia masculina .....	115
União conjugal .....	123
Fecundidade, Gravidez, Parto .....	150
Esterilidade .....	167
Doenças Venéreas .....	175
Juventude Casta .....	199
TERCEIRA PARTE	
O Divórcio — inimigo do amor .....	218
A Família ao Serviço do Amor .....	230
Apêndice, com Apreciações .....	234
Índice .....	243

**Fig.18: Índice - CARNOT, E.**  
*A Serviço do Amor* [s.d]

ÍNDICE	
★	
Introdução .....	7
PRIMEIRA PARTE	
<i>Respostas sob o ponto de vista biológico á pergunta:</i>	
POSSO?	
CAPS.	13
I — Por que é que as pessoas se apaixonam? .....	15
II — Deformidades, etc. ....	38
III — Constituição e aptidão para o matrimónio .....	61
IV — Doenças e aptidão para o matrimónio .....	91
V — Capacidade procriadora .....	112
VI — Idade e aptidão para o matrimónio .....	130
VII — Algumas conclusões práticas .....	149
SEGUNDA PARTE	
O LADO PSICOLÓGICO: QUERO?	
CAPS.	161
VIII — Razão .....	163
IX — Sentimento .....	186
X — As forças latentes do matrimónio .....	215
XI — Sobre os desvios do impulso sexual .....	234
XII — O desejo de ter filhos .....	259
XIII — Como se pode reconhecer a aptidão ou o impedição psíquica para o matrimónio .....	276
TERCEIRA PARTE	
O PONTO DE VISTA SOCIAL: OUSO?	
CAPS.	295
XIV — Considerações prévias .....	297
I — Leis, Família, Raça — I Leis .....	302
II — Família — Raça — Questões de Hereditariedade .....	307
Problemas sociais e morais .....	325
XV — Religião e educação .....	333
XVI — Questões materiais .....	370
XVII — Profissão e Matrimónio .....	370
XVIII — A consulta matrimonial .....	388
(CONCLUSÃO)	
DEVO?	400

**Fig. 19: Índice - VELDE, T.** *Capaz ou Incapaz para o casamento?* 1953.





140	Índice Geral	140
141	Índice de nomes de pessoas	141
142	Índice de nomes de lugares	142
143	Índice de nomes de obras	143
144	Índice de nomes de instituições	144
145	Índice de nomes de eventos	145
146	Índice de nomes de pessoas (cont.)	146
147	Índice de nomes de lugares (cont.)	147
148	Índice de nomes de obras (cont.)	148
149	Índice de nomes de instituições (cont.)	149
150	Índice de nomes de eventos (cont.)	150
151	Índice de nomes de pessoas (cont.)	151
152	Índice de nomes de lugares (cont.)	152
153	Índice de nomes de obras (cont.)	153
154	Índice de nomes de instituições (cont.)	154
155	Índice de nomes de eventos (cont.)	155
156	Índice de nomes de pessoas (cont.)	156
157	Índice de nomes de lugares (cont.)	157
158	Índice de nomes de obras (cont.)	158
159	Índice de nomes de instituições (cont.)	159
160	Índice de nomes de eventos (cont.)	160
161	Índice de nomes de pessoas (cont.)	161
162	Índice de nomes de lugares (cont.)	162
163	Índice de nomes de obras (cont.)	163
164	Índice de nomes de instituições (cont.)	164
165	Índice de nomes de eventos (cont.)	165
166	Índice de nomes de pessoas (cont.)	166
167	Índice de nomes de lugares (cont.)	167
168	Índice de nomes de obras (cont.)	168
169	Índice de nomes de instituições (cont.)	169
170	Índice de nomes de eventos (cont.)	170
171	Índice de nomes de pessoas (cont.)	171
172	Índice de nomes de lugares (cont.)	172
173	Índice de nomes de obras (cont.)	173
174	Índice de nomes de instituições (cont.)	174
175	Índice de nomes de eventos (cont.)	175
176	Índice de nomes de pessoas (cont.)	176
177	Índice de nomes de lugares (cont.)	177
178	Índice de nomes de obras (cont.)	178
179	Índice de nomes de instituições (cont.)	179
180	Índice de nomes de eventos (cont.)	180
181	Índice de nomes de pessoas (cont.)	181
182	Índice de nomes de lugares (cont.)	182
183	Índice de nomes de obras (cont.)	183
184	Índice de nomes de instituições (cont.)	184
185	Índice de nomes de eventos (cont.)	185
186	Índice de nomes de pessoas (cont.)	186
187	Índice de nomes de lugares (cont.)	187
188	Índice de nomes de obras (cont.)	188
189	Índice de nomes de instituições (cont.)	189
190	Índice de nomes de eventos (cont.)	190
191	Índice de nomes de pessoas (cont.)	191
192	Índice de nomes de lugares (cont.)	192
193	Índice de nomes de obras (cont.)	193
194	Índice de nomes de instituições (cont.)	194
195	Índice de nomes de eventos (cont.)	195
196	Índice de nomes de pessoas (cont.)	196
197	Índice de nomes de lugares (cont.)	197
198	Índice de nomes de obras (cont.)	198
199	Índice de nomes de instituições (cont.)	199
200	Índice de nomes de eventos (cont.)	200
201	Índice de nomes de pessoas (cont.)	201
202	Índice de nomes de lugares (cont.)	202
203	Índice de nomes de obras (cont.)	203
204	Índice de nomes de instituições (cont.)	204
205	Índice de nomes de eventos (cont.)	205
206	Índice de nomes de pessoas (cont.)	206
207	Índice de nomes de lugares (cont.)	207
208	Índice de nomes de obras (cont.)	208
209	Índice de nomes de instituições (cont.)	209
210	Índice de nomes de eventos (cont.)	210
211	Índice de nomes de pessoas (cont.)	211
212	Índice de nomes de lugares (cont.)	212
213	Índice de nomes de obras (cont.)	213
214	Índice de nomes de instituições (cont.)	214
215	Índice de nomes de eventos (cont.)	215
216	Índice de nomes de pessoas (cont.)	216
217	Índice de nomes de lugares (cont.)	217
218	Índice de nomes de obras (cont.)	218
219	Índice de nomes de instituições (cont.)	219
220	Índice de nomes de eventos (cont.)	220
221	Índice de nomes de pessoas (cont.)	221
222	Índice de nomes de lugares (cont.)	222
223	Índice de nomes de obras (cont.)	223
224	Índice de nomes de instituições (cont.)	224
225	Índice de nomes de eventos (cont.)	225
226	Índice de nomes de pessoas (cont.)	226
227	Índice de nomes de lugares (cont.)	227
228	Índice de nomes de obras (cont.)	228
229	Índice de nomes de instituições (cont.)	229
230	Índice de nomes de eventos (cont.)	230
231	Índice de nomes de pessoas (cont.)	231
232	Índice de nomes de lugares (cont.)	232
233	Índice de nomes de obras (cont.)	233
234	Índice de nomes de instituições (cont.)	234
235	Índice de nomes de eventos (cont.)	235
236	Índice de nomes de pessoas (cont.)	236
237	Índice de nomes de lugares (cont.)	237
238	Índice de nomes de obras (cont.)	238
239	Índice de nomes de instituições (cont.)	239
240	Índice de nomes de eventos (cont.)	240
241	Índice de nomes de pessoas (cont.)	241
242	Índice de nomes de lugares (cont.)	242
243	Índice de nomes de obras (cont.)	243
244	Índice de nomes de instituições (cont.)	244
245	Índice de nomes de eventos (cont.)	245
246	Índice de nomes de pessoas (cont.)	246
247	Índice de nomes de lugares (cont.)	247
248	Índice de nomes de obras (cont.)	248
249	Índice de nomes de instituições (cont.)	249
250	Índice de nomes de eventos (cont.)	250
251	Índice de nomes de pessoas (cont.)	251
252	Índice de nomes de lugares (cont.)	252
253	Índice de nomes de obras (cont.)	253
254	Índice de nomes de instituições (cont.)	254
255	Índice de nomes de eventos (cont.)	255
256	Índice de nomes de pessoas (cont.)	256
257	Índice de nomes de lugares (cont.)	257
258	Índice de nomes de obras (cont.)	258
259	Índice de nomes de instituições (cont.)	259
260	Índice de nomes de eventos (cont.)	260
261	Índice de nomes de pessoas (cont.)	261
262	Índice de nomes de lugares (cont.)	262
263	Índice de nomes de obras (cont.)	263
264	Índice de nomes de instituições (cont.)	264
265	Índice de nomes de eventos (cont.)	265
266	Índice de nomes de pessoas (cont.)	266
267	Índice de nomes de lugares (cont.)	267
268	Índice de nomes de obras (cont.)	268
269	Índice de nomes de instituições (cont.)	269
270	Índice de nomes de eventos (cont.)	270
271	Índice de nomes de pessoas (cont.)	271
272	Índice de nomes de lugares (cont.)	272
273	Índice de nomes de obras (cont.)	273
274	Índice de nomes de instituições (cont.)	274
275	Índice de nomes de eventos (cont.)	275
276	Índice de nomes de pessoas (cont.)	276
277	Índice de nomes de lugares (cont.)	277
278	Índice de nomes de obras (cont.)	278
279	Índice de nomes de instituições (cont.)	279
280	Índice de nomes de eventos (cont.)	280
281	Índice de nomes de pessoas (cont.)	281
282	Índice de nomes de lugares (cont.)	282
283	Índice de nomes de obras (cont.)	283
284	Índice de nomes de instituições (cont.)	284
285	Índice de nomes de eventos (cont.)	285
286	Índice de nomes de pessoas (cont.)	286
287	Índice de nomes de lugares (cont.)	287
288	Índice de nomes de obras (cont.)	288
289	Índice de nomes de instituições (cont.)	289
290	Índice de nomes de eventos (cont.)	290
291	Índice de nomes de pessoas (cont.)	291
292	Índice de nomes de lugares (cont.)	292
293	Índice de nomes de obras (cont.)	293
294	Índice de nomes de instituições (cont.)	294
295	Índice de nomes de eventos (cont.)	295
296	Índice de nomes de pessoas (cont.)	296
297	Índice de nomes de lugares (cont.)	297
298	Índice de nomes de obras (cont.)	298
299	Índice de nomes de instituições (cont.)	299
300	Índice de nomes de eventos (cont.)	300

SEGUNDA PARTE	
O DIA FELIZ DO CASAMENTO	
301	1. O dia feliz do casamento
302	2. A cerimônia do casamento
303	3. A recepção
304	4. O dia seguinte
305	5. O dia seguinte
306	6. O dia seguinte
307	7. O dia seguinte
308	8. O dia seguinte
309	9. O dia seguinte
310	10. O dia seguinte
311	11. O dia seguinte
312	12. O dia seguinte
313	13. O dia seguinte
314	14. O dia seguinte
315	15. O dia seguinte
316	16. O dia seguinte
317	17. O dia seguinte
318	18. O dia seguinte
319	19. O dia seguinte
320	20. O dia seguinte
321	21. O dia seguinte
322	22. O dia seguinte
323	23. O dia seguinte
324	24. O dia seguinte
325	25. O dia seguinte
326	26. O dia seguinte
327	27. O dia seguinte
328	28. O dia seguinte
329	29. O dia seguinte
330	30. O dia seguinte
331	31. O dia seguinte
332	32. O dia seguinte
333	33. O dia seguinte
334	34. O dia seguinte
335	35. O dia seguinte
336	36. O dia seguinte
337	37. O dia seguinte
338	38. O dia seguinte
339	39. O dia seguinte
340	40. O dia seguinte
341	41. O dia seguinte
342	42. O dia seguinte
343	43. O dia seguinte
344	44. O dia seguinte
345	45. O dia seguinte
346	46. O dia seguinte
347	47. O dia seguinte
348	48. O dia seguinte
349	49. O dia seguinte
350	50. O dia seguinte
351	51. O dia seguinte
352	52. O dia seguinte
353	53. O dia seguinte
354	54. O dia seguinte
355	55. O dia seguinte
356	56. O dia seguinte
357	57. O dia seguinte
358	58. O dia seguinte
359	59. O dia seguinte
360	60. O dia seguinte
361	61. O dia seguinte
362	62. O dia seguinte
363	63. O dia seguinte
364	64. O dia seguinte
365	65. O dia seguinte
366	66. O dia seguinte
367	67. O dia seguinte
368	68. O dia seguinte
369	69. O dia seguinte
370	70. O dia seguinte
371	71. O dia seguinte
372	72. O dia seguinte
373	73. O dia seguinte
374	74. O dia seguinte
375	75. O dia seguinte
376	76. O dia seguinte
377	77. O dia seguinte
378	78. O dia seguinte
379	79. O dia seguinte
380	80. O dia seguinte
381	81. O dia seguinte
382	82. O dia seguinte
383	83. O dia seguinte
384	84. O dia seguinte
385	85. O dia seguinte
386	86. O dia seguinte
387	87. O dia seguinte
388	88. O dia seguinte
389	89. O dia seguinte
390	90. O dia seguinte
391	91. O dia seguinte
392	92. O dia seguinte
393	93. O dia seguinte
394	94. O dia seguinte
395	95. O dia seguinte
396	96. O dia seguinte
397	97. O dia seguinte
398	98. O dia seguinte
399	99. O dia seguinte
400	100. O dia seguinte

Fig. 20: Parte do índice - KAHN, F. *Amor e Felicidade no casamento*. [s.d]

Já no que diz respeito aos prefácios, apresentações, pareceres, introduções e gravuras, alguns são de interesse do autor - como a introdução, para uma delimitação geral do conteúdo da obra, e até mesmo o prefácio e a apresentação, que podem surgir através de convites a colegas para apresentar um panorama do trabalho no início do livro. Nem todos os manuais possuem estes elementos, como o exemplo dos trabalhos do Dr. Fouqué e do Dr. Fritz Kahn, nos quais não são encontradas nem mesmo a introdução, sendo a leitura inaugurada já com o primeiro capítulo a ser discutido. O manual da Dra. Hilliard, assim como o do Dr. Paulo Mantegazza, possuem uma apresentação redigida pelos tradutores, como uma provável iniciativa editorial para apresentar a obra aos leitores. No restante dos materiais, contudo, há sempre a ocorrência de uma introdução, um prefácio ou uma apresentação por colegas de profissão. Em alguns são encontrados até mesmo mais de um elemento, como o manual Dra. Stopes, que possui, além de dois prefácios, a sua introdução no início da obra. Da mesma forma, o trabalho de Edith Carnot, além da introdução no início, possui mais de cinco pareceres de leitores ilustres, como médicos, autoridades religiosas e políticas, numa visível iniciativa das editoras para atestarem a aceitação social conferida às propostas apresentadas pela obra em todas as suas traduções.

## Um público leitor como "alvo" dos discursos

Nas considerações sobre um "público alvo" destes discursos educativos para a vida em matrimônio, é comum a afirmação de que são dirigidos essencialmente às classes sociais letradas, mais abastadas, que possuem condições para a aquisição deste tipo de objeto cultural e para a "reprodução" do padrão de família aludido nas obras. Desta forma, as classes populares ficariam totalmente alheias a esta categoria de discurso, tanto no contato com os impressos e sua leitura, quanto na aproximação com suas propostas e os conselhos por eles divulgados. Porém, quando se trata do mundo dos impressos escritos, das apropriações e das formas possíveis da leitura nas "comunidades específicas" <sup>312</sup> a que podem chegar, é preciso tomar cuidado com definições demasiado restritas e enquadramentos redutores e limitados.

Sobre este aspecto, Carlo Ginzburg em sua obra "O queijo e os vermes" <sup>313</sup>, tece uma magnífica discussão sobre a possibilidade de textos produzidos por uma "classe dominante" circularem e serem recebidos nos meios populares. Ao descrever as leituras de Menocchio nas obras que teoricamente pertenceriam somente aos meios culturais superiores, o autor nos oferece um panorama acerca das invenções e apropriações que a cultura escrita pode sofrer nas diferentes comunidades interpretativas em que circula. São estas práticas de leitura distintas que contribuem para tal deslocamento das obras a públicos diferenciados, e muitas vezes distantes das "direções do autor". <sup>314</sup>

Nas literaturas de civilidade, não são todos os autores que se propõem a declarar um público específico para a recepção de suas obras, mas nas elaborações da maioria, é possível sugerir uma inclinação ao público alvo pelos indícios implícitos nos conceitos e nas idéias então desenvolvidas. Nas pistas, nos sinais que o olhar histográfico procura

---

<sup>312</sup> CHARTIER, 1999. Op. Cit. Pg. 94

<sup>313</sup> Cf. GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as histórias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>314</sup> A respeito das práticas de leitura trabalhadas por Ginzburg, Chartier procura estabelecer algumas ressalvas, na medida em que estas não deveriam ser caracterizadas de forma tão estanque e limitada a cada setor cultural em que são determinadas. As práticas de leitura que definem apropriações e usos populares podem conter, em muitos casos, continuidades em relação às cultura letrada, e vice versa. Cf. CHARTIER, 2003. Op. Cit. Pg. 163.

nas entrelinhas do discurso, podem-se estabelecer análises sobre certas inclinações teóricas que os investimentos discursivos pretendem alcançar. Roger Chartier, neste caminho, discute sobre a construção de um "saber social", espontâneo e partilhado, que "constitui uma das convivências mais fortes entre o autor e seu público", o qual compreende os valores e os conceitos presentes no discurso como naturalizações nutridas pela contemporaneidade do texto.<sup>315</sup> O trabalho do Dr. Paulo Mantegazza, contudo, é elucidativo nas táticas discursivas que buscam explicitar de forma clara o público leitor de suas propostas:

Nem o príncipe nem o proletário precisam dêste meu livro. O primeiro casa-se pior que nenhum cidadão do seu reino, sem amor e sem simpatia: é a razão dinástica que o leva ao casamento. Para êle o trono está em primeiro lugar, e depois a família; primeiro a aliança das bandeiras, e depois, se lhe fica tempo, os ósculos do amor. [...] A arte de escolher espôsa é para êle um contrasenso. Mais feliz que o príncipe, o proletário pode receber a mulher que ama e esclarecer-se na sua escolha com os conselhos daqueles que muito amaram ou pecaram, mas não lê livros, porque são caros; e ainda que seu nome fôsse pela lei expungido da estatística dos analfabetos, não tem tempo pra ler, subjugado como é pela tirania do pão. Não escrevo pois para o príncipe nem para o proletário, mas para tôda essa multidão humana, que se agita e vive entre os pólos extremos da sociedade moderna e constitui o nervo essencial duma nação.<sup>316</sup>

Pela observação dos padrões sociais de seu tempo, numa alusão direta aos valores aristocráticos ou aos proletários como totalmente distintos dos propósitos de sua obra, o médico italiano procura enfaticamente enquadrar a recepção do livro a uma classe provável de interessados como "alvo" do seu discurso. Direcionando e apontando os leitores que procura atingir, busca assim delimitar o foco do seu trabalho como forma de aperfeiçoar seus usos, no cultivo de uma leitura competente e eficaz.

---

<sup>315</sup> Idem.

<sup>316</sup> MANTEGAZZA. Op. Cit. Pg. 27

A maior parte dos autores estudados, no entanto, dirige implicitamente seus discursos aos padrões médios da população. Mesmo sem fazer referência explícita a um público leitor designado, apontam as especificidades do "saber social" que compartilham com o momento e com o meio social em que efetivamente circulam.

Um número muito pequeno dos manuais encontrados menciona a preocupação com uma popularização ou difusão de maior alcance dos preceitos oferecidos. Entre eles, o exemplo da obra do Dr. J. Carnot, que em parceria com sua filha Edith, procurou e “conseguiu conciliar o rigor das explicações científicas com os limitados recursos do vocabulário popular. Repisando uma célebre expressão, êle soube vulgarizar sem rebaixar”<sup>317</sup>, para citar o parecer de um Cônego nas páginas finais, dando as impressões de sua leitura. A inclinação do texto às classes populares se evidencia também nas alusões que a autora faz aos “perigos da promiscuidade” existentes nos espaços de trabalho coletivo, às “moças que trabalham” nos ambientes públicos, principalmente nas fábricas, indústrias e outros meio operários.

Tudo arranjado para tentar a conciliação entre uma moral burguesa que pretendia sua difusão na totalidade do espaço social, e um ambiente de recepção visado por um movimento urgente de moralização. Este, porém, jamais se realizaria de forma vertical e arbitrária, mas seria possível somente mediante as manobras capilares do poder em processos constantes de adaptação, invenção e ajuste das necessidades provindas de todos os pontos deste processo.

Apesar de não se intentar aqui observar o público específico atingido por tais obras, alguns apontamentos sobre as taxas de alfabetização da população brasileira nas décadas de 1940 e 1950 seriam interessantes para supor de certa forma a abrangência dos materiais impressos no meio social em que foram produzidos. Na década de 1940, aproximadamente 40% da população masculina e 30% da população feminina eram alfabetizadas. Já na década de 1950, a mudança destes números é quase imperceptível: aproximadamente 15% dos homens e 39% das mulheres estavam incluídos no universo da cultura escrita brasileira.<sup>318</sup> Contudo, mesmo que a leitura metódica e

---

<sup>317</sup> CARNOT. *Op. cit.* Pg. 238

<sup>318</sup> Informações prestadas em relatório do IBGE para o Ministério do Planejamento, orçamento e gestão, realizado em 2002. Cf. BELTRÃO, Kaizô I; NOVELLINO, Maria Salet.

*Alfabetização por raça e sexo no Brasil: evolução no período 1940-2000* - Rio de Janeiro:

Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2002. Disponível em

[http://www.ence.ibge.gov.br/publicacoes/textos\\_para\\_discussao/textos/texto\\_1.pdf](http://www.ence.ibge.gov.br/publicacoes/textos_para_discussao/textos/texto_1.pdf)

sistematizada seja imaginada somente no contato direto com leitores potenciais, letrados e alfabetizados, não se pode deduzir a abrangência dos discursos propostos por tais obras como circunscrita apenas neste círculo de pessoas. Ao se considerar as leituras compartilhadas, divididas em conversas, em palestras proferidas por leitores a um público não leitor, em discussões nas escolas, hospitais, instituições de assistência social, devemos supor igualmente uma gama de indivíduos que se aproximaram destes materiais por meios diversos - diferentes até mesmo daqueles que entendemos como leitura oficial e propriamente dita.

Longe de tentar perceber os espaços em que circulavam estes materiais no momento estudado - já que este não consta entre os objetivos deste trabalho- estas considerações sobre um possível público leitor apontado pelos autores procuram somente sinalizar para as distinções entre a produção dos discursos e as práticas sociais efetivadas pelo público que ele encerra. As diferenças entre discurso e prática estariam, neste caso, relacionadas tanto com a circulação quanto com a recepção destes textos nas diversas finalidades que propunham operar. Em meio às comunidades de leitura e aos indivíduos que a contém, é necessário sempre atentar para as diferentes apropriações e formas de ler<sup>319</sup> que produzem sentidos e conferem significações relacionadas sempre com o momento, o meio e os formatos em que a leitura é apresentada.

### **Objetos que comunicam. Livros como suporte dos discursos**

Ao se considerar a produção dos sentidos efetivados pela leitura, quando tratamos da observação de materiais impressos em sua generalidade, deve-se tomar em conta a essencial contribuição das

---

<sup>319</sup> Observações sobre a recepção e a significação atribuída pelos leitores às obras também não constituem o objetivo deste estudo, de modo que para isto, seria necessário percorrer de forma consistente o caminho trilhado por esses leitores e leituras decorrentes dos manuais. Para tanto, a existência de intervenções dos leitores nos objetos seria um dos requisitos necessários para realizar a tarefa. Vale ressaltar que, neste aspecto, as únicas marcas deixadas pelos leitores nos manuais verificados consistem basicamente em assinaturas de nomes e datas nas páginas de rosto.

formas de apresentação material do texto analisado. Informações detalhadas quanto às capas, lombadas, contracapas, dimensões, diagramação, qualidade do papel, folhas de rosto e anúncios presentes em orelhas e contracapas, são primordiais para uma percepção mais apurada dos objetos que comunicam o texto analisado, ao se compreender os livros como suportes de leitura que contribuem de modo significativo para a constituição de sua apropriação.

Para isto, uma breve discussão, mesmo que pontual, sobre o universo da produção gráfica na indústria editorial brasileira da primeira metade do século XX, faz-se aqui necessária. De acordo com Mário de Camargo, o investimento gráfico na produção dos materiais impressos brasileiros no início do século XX cresce acompanhado pelo aumento na produção de livros, em face à demanda do número de leitores que aumenta nas cidades.<sup>320</sup> Deste modo, aumenta a oferta de produtos e serviços em anúncios publicitários, como cartazes e folhetos, que contribuem igualmente para o aperfeiçoamento das técnicas de projeção gráfica dos materiais impressos em geral, mesmo que a maioria dos estabelecimentos tipográficos ainda tivessem máquinas obsoletas e pouco modernizadas para tais atividades. Contudo, ao se referir aos projetos gráficos para ilustração das capas de livros até a década de 1930 no Brasil, Camargo aponta para os padrões clássicos de composição das mesmas, que não recebiam ilustrações e muito menos intervenções coloridas, tendo espaço somente para o nome do autor, o título e a editora envolvida na publicação.

De outro lado, Rafael Cardoso, ao trabalhar com o "início do design de livros no Brasil", no começo do século XX, rebate uma opinião da maioria dos historiadores do livro que afirmam ter sido a década de 1920 um período pouco significativo na história do comércio de livros nas capitais do país.<sup>321</sup> Discute, portanto, sobre o desenvolvimento de um "surto" editorial no período imediatamente posterior à Primeira Guerra Mundial, com a substituição das importações que promoveu um aquecimento no mercado editorial brasileiro, e impetrou o surgimento de novas editoras, assim como o avanço do parque gráfico industrial. Este surto possibilitou a ocorrência de um breve período de *boom* editorial em que a renovação das práticas

---

<sup>320</sup> CAMARGO, 2003. Op. Cit. Pg. 41

<sup>321</sup> Cf. CARDOSO, Rafael. *O início do design de livros no Brasil*. In: CARDOSO, Rafael [org]. *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870 - 1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

mercadológicas contribuiu para o surgimento de uma nova "estratégia de promoção de vendas, como o uso sistemático de capas ilustradas e popularização das edições"<sup>322</sup>. Deste modo, uma transformação na concepção do livro como objeto gráfico industrial é sentida na consideração do objeto livro como todo, quando se fala em design de impressos. Todos os seus elementos passariam à atenção da produção, desde o tamanho, o papel, a encadernação, até sua impressão, diagramação e ilustração.

Entretanto, nas intervenções gráficas sobre as ilustrações da capa dos livros, eram desenvolvidos, nas editoras, diferentes projetos de apresentação visual. Nem sempre as ilustrações eram alvo de projetos tipográficos e diagramáticos bem definidos. Na maioria dos casos, estas serviam, nos livros, mais como atrativo contido nas dimensões da capa "para tornar mais atraentes principalmente as edições mais baratas em brochura", com a intenção de se distanciar do "tradicional culto ao livro como objeto de luxo, bem encadernado, com bom papel e acabamento artesanal".<sup>323</sup> Em alguns dos manuais desta pesquisa foi observado, assim, que os que contêm ilustração na capa (caso das edições da década de 1950), obtiveram menor investimento na qualidade do material da brochura, ao passo que a única obra publicada na década de 1920 partilha das características das edições de luxo descritas por Rafael Camargo. Neste contexto, vale descrever aqui alguns deles, para percebermos a ocorrência dos elementos gráficos que compõem sua materialidade.<sup>324</sup>

O manual da Dra. Marie C. Stopes, publicado em 1929 pela Companhia Editora Nacional, foi objeto de um projeto gráfico não muito elaborado na apresentação da capa. Contudo, um excelente projeto de diagramação do texto é dedicado ao interior do livro, contando com margens muito amplas, espaçamento arejado entre as linhas, mancha tipográfica justificada nos dois lados, notas de rodapé bem definidas, oferecendo equilíbrio visual da tipografia em todo o interior do livro. A encadernação da brochura com material de capa dura e lombada de couro na capa e contracapa é apresentada com pequenas figuras geométricas coloridas em quatro cores - verde, azul, vermelho e branco - arranjadas em blocos de quatro elementos que formam um

---

<sup>322</sup> Idem. Pg. 169.

<sup>323</sup> Ibidem. Pg. 77

<sup>324</sup> As descrições serão, no entanto, pouco analíticas no que consiste às características gráficas das obras, por não se tratar aqui de um trabalho específico da área, mas somente uma tentativa de demonstrar a materialidade dos livros como suporte do discurso que comunicam.

quadrado maior. No entanto, a qualidade do material da capa não é estendida ao interior do livro, cujo papel utilizado apresenta baixa gramatura e por este motivo, encontra bem claros os sinais do tempo nas páginas amareladas e desgastadas. Com dimensões de 18 x 13 cm, possui uma folha de rosto com todas as informações referentes à edição, autora e editora, após duas páginas de proteção da capa no início do livro. A lombada feita em couro marrom recebe as informações do título e o nome da autora - ausentes na capa - em letras douradas enquadradas por duas finas linhas de mesma cor. Este exemplar, de acordo com suas descrições, parece estar bem próximo das edições de luxo descritas como padrão para apresentação de livros até a década de 1920 no Brasil.

Diante das obras publicadas em um período posterior - década de 1950 - são percebidas, na maioria observada, estratégias editoriais de publicação bem semelhantes entre uma e outra. A respeito dos dois manuais publicados pela Civilização Brasileira - de autoria da Dra. Andrée em 1958 e do Dr. Theodor Van de Velde em 1953, além do livro lançado pela José Olympio em 1952 escrito pelo Pe. Marcel Marie Desmarais, todos possuem o mesmo formato (aproximadamente 20 x 14 cm) e os modos de apresentação visual das capas e do interior são bem próximos um do outro. O papel utilizado no interior do livro é de baixa gramatura, estando as páginas já bastante amareladas e desgastadas pela ação do tempo. O material destinado à confecção das capas é também semelhante - com gramatura um pouco mais alta que a do interior, mas bem longe da qualidade existente na capa do livro da Dra. Stopes na década de 1920. A diagramação dos textos da Dra. Andrée e do Pe. Desmarais tem bastante semelhança - com margens amplas, entrelinhas generosas, fontes grandes e mancha tipográfica justificada nos dois lados, demonstrando o equilíbrio visual tipográfico ao longo da obra como todo. Já no caso da obra do Dr. Van de Velde, as diferenças em relação aos outros dois estão no tamanho da fonte - bastante miúdo, e no espaçamento das entrelinhas - apertado e sem arejamento tipográfico. Os três possuem folhas de rosto com informações sobre edição, autor e editora, e os projetos gráficos das capas, assim como o uso das contracapas e das orelhas, quando existentes, parecem ter os mesmo objetivos.

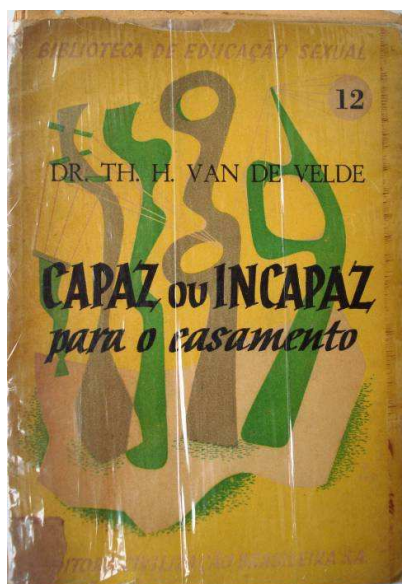
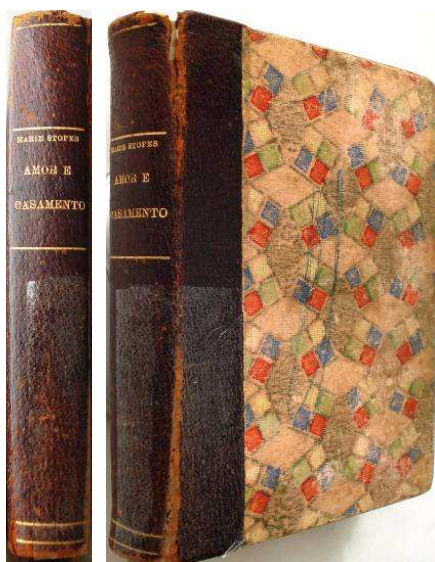
Quanto às capas - todas ilustradas e coloridas, parecem ter recebido um investimento gráfico razoavelmente bem elaborado para os padrões da época. A capa do Dr. Van de Velde é ilustrada com figuras aleatórias e distorcidas, coloridas em verde e cinza, e dispostas sobre um fundo amarelado que finaliza a composição do visual. De forma similar,



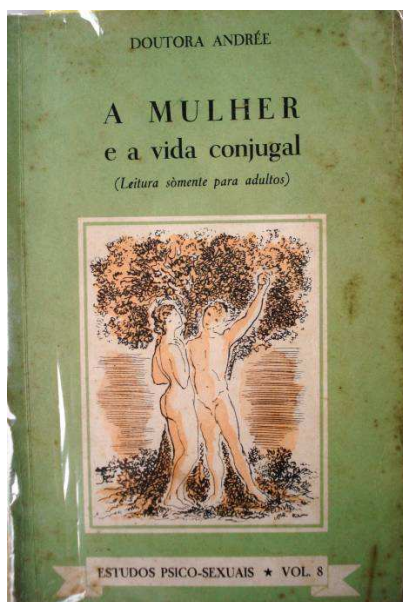
a capa da obra do Pe. Desmarais apresenta na ilustração uma ampla figura em forma de retângulo vertical, colorida em azul e vermelho, com extensões de algumas das bordas para o lado esquerdo. Já o manual da Dra. Andréé é colorido em toda extensão da capa na cor verde, recebendo uma gravura de forma retangular, colorida em branco e salmão, apresentando um casal despido disposto em pé em frente a uma macieira - numa provável alusão a Adão e Eva e a vivência de sua franca sexualidade como casal. Os três exemplares possuem, ao longo do espaço da capa e sobre as ilustrações, a presença do título centralizado ou no alto, do nome do autor, da editora e da coleção referida, quando existente. Vale destacar também a utilização da contracapa nos três livros para divulgação publicitária de outras publicações da editora, sendo estas de autores diferentes ou do mesmo autor da obra em questão. É também digna de nota a presença de orelhas em dois dos manuais, utilizadas com a mesma finalidade das contracapas.

O padrão das capas de livros dos materiais impressos ao longo da década de 1950 demonstra, contudo, certa continuidade com o padrão de capas inaugurado na década de 1920. Pode-se inferir tal conjectura de acordo com o que foi descrito acima pelas reflexões de Rafael Cardoso, juntamente com a proximidade da apresentação gráfica das capas de 1950 e da imagem do projeto gráfico de um manual de conduta sexual elaborado em 1934 por Di Cavalcanti, publicado pela editora Guanabara.

**Fig. 21: Capa e lombada. STOPES, M. *Amor e casamento*, 1929**



**Fig. 22: Capa - VELDE, T. *Capaz ou incapaz para o casamento?* 1953.**



**Fig. 23: Capa - ANDRÉE. *A mulher e a vida conjugal*, 1958.**



Fig. 24: Capa - DESMARAIS, M.  
*O Amor na Era Atômica*, 1952.

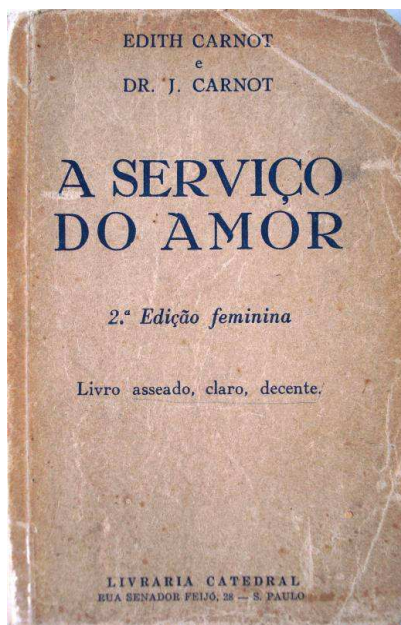


Fig. 25: Capa - CARNOT E.  
*A Serviço do Amor*, [s.d]

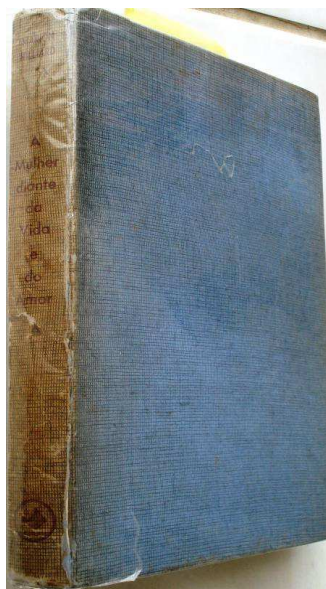


Fig. 26: Capa e lombada - HILLIARD, M.  
*A mulher diante da Vida e do Amor*, 1960.

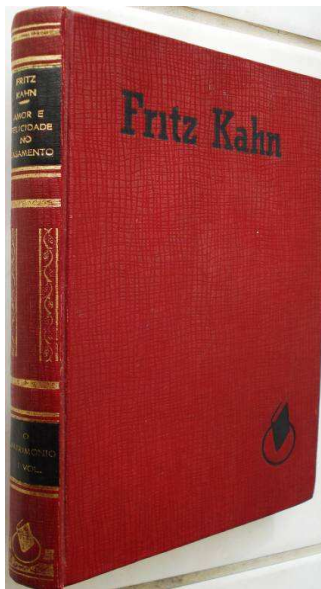
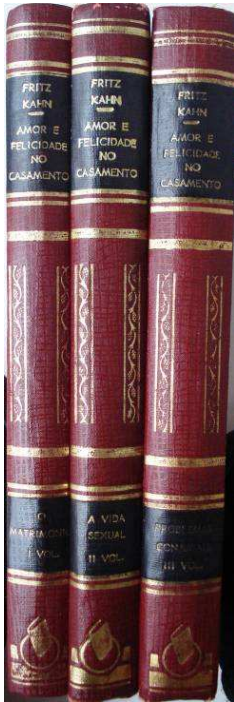


Fig. 27: Capa e lombada - KAHN, F.  
*Amor e Felicidade no Casamento*, [s.d]



**Fig. 28: Lombadas 3 Volumes - KAHN, F.**  
*Amor e Felicidade no Casamento*, [s.d]

Entre as obras publicadas na década de 1950, contudo, o manual de autoria de Edith Carnot, editado pela Livraria Catedral apresenta algumas disparidades notáveis em relação aos descritos acima, principalmente no que se refere às dimensões do livro e à apresentação de sua capa. Com o tamanho bem próximo à obra da Dra. Marie Stopes (18 x 12,5 cm), não apresenta qualquer investimento gráfico na exposição da capa, a qual recebe somente o título centralizado, o nome da autora e as informações sobre edição e editora. Quanto à qualidade do material utilizado nas páginas interiores e na capa e contracapa, a descrição é a mesma das demais obras da década de 1950. A diagramação do texto é semelhante à da obra do Dr. Van de Velde, com um bom projeto de justificação tipográfica, mas com fonte miúda e entrelinhas apertadas e pouco arejadas. Não apresenta orelhas, mas o espaço da contracapa é utilizado para detalhar conhecimentos maiores sobre a

obra publicada, expondo as intenções do autor nas edições feminina e masculina de mesmo título.



Fig.29: Contracapa - ANDRÉ DE FREITAS. *A mulher e a vida conjugal, 1958.*

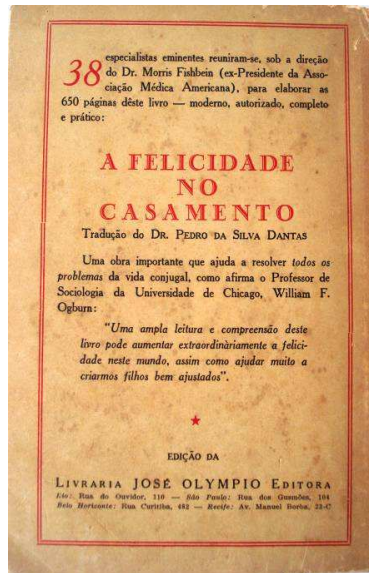


Fig.30: Contracapa - DESMARAIS, M. *O Amor na Era Atômica, 1952.*

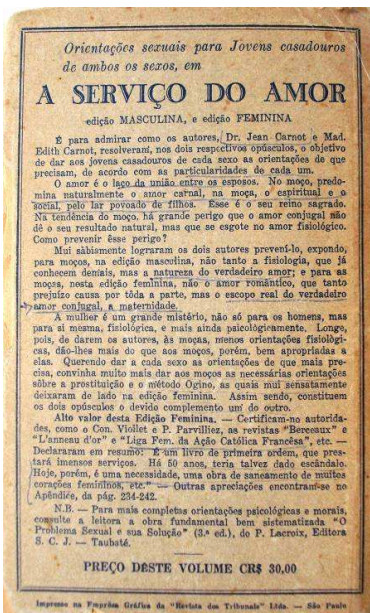


Fig. 31: Contracapa - CARNOT, E. *A Serviço do Amor, [s.d]*

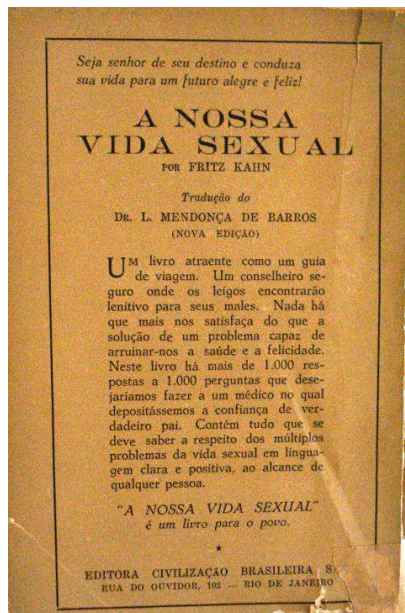


Fig. 32: Contracapa - VELDE, T. *Capaz ou incapaz para o casamento? 1953*

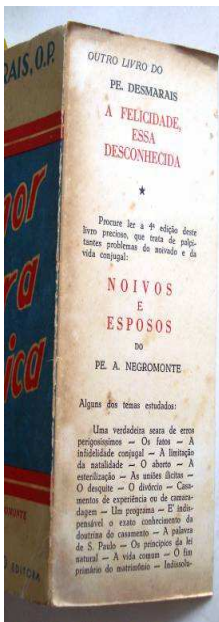
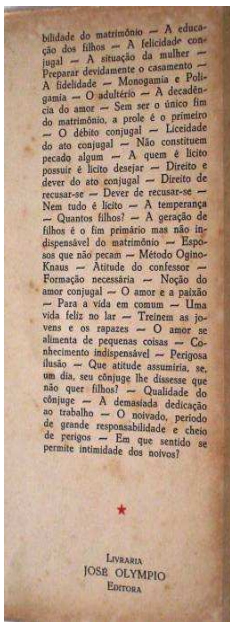
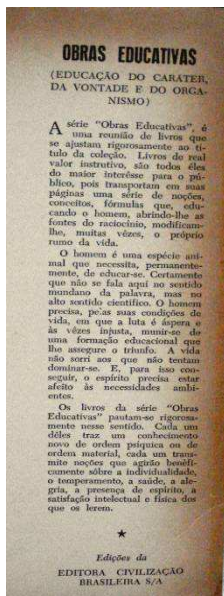
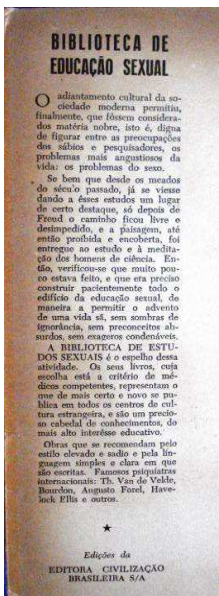


Fig. 33: Orelhas - DESMARAIS, M. O Amor na Era Atômica, 1952.

Fig. 34: Orelhas - VELDE, T. Capaz ou Incapaz para o casamento? 1953



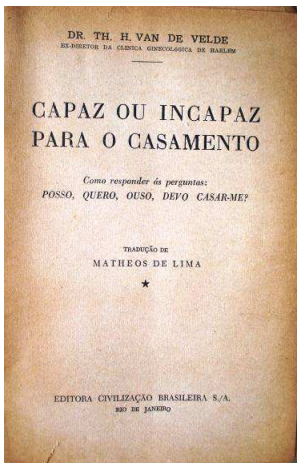
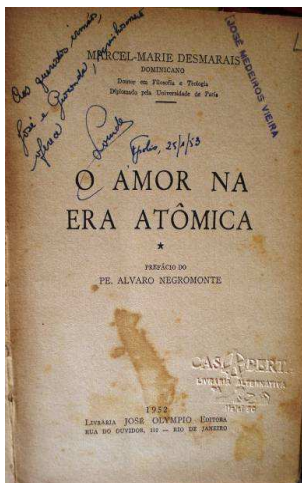
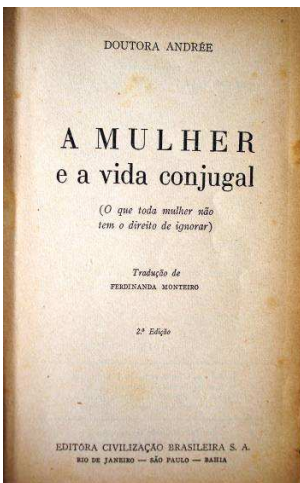
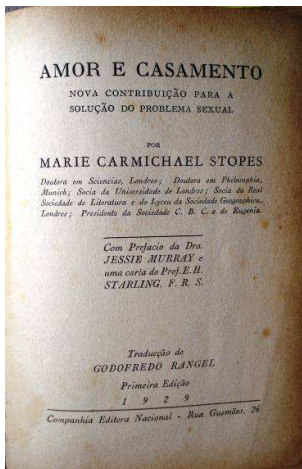
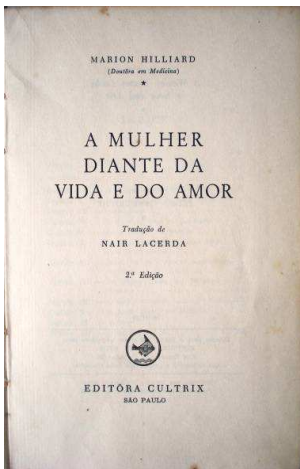


Fig. 35: Capas de rosto.

Em relação aos materiais publicados no início da década de 1960, diferenças evidentes são sentidas em vários aspectos na apresentação do objeto impresso. A começar pelas dimensões empregadas na obra do Dr. Fritz Kahn (23,5 x 16,5 cm), editada pela Boa Leitura, e no manual da Dra. Marion Hilliard (21,5 x 15 cm), publicado pela Cultrix. A qualidade do papel utilizado nas páginas interiores de ambas as publicações é bem superior à dos materiais impressos na década de 1950. Além da gramatura mais alta, as páginas recebem um projeto de diagramação também mais elaborado, com margens ainda mais amplas, fontes generosas e espaçamento múltiplos entre linhas, modificando o espaço existente entre as linhas de um mesmo parágrafo e de parágrafo diferentes. O material destinado à confecção das capas é de alta qualidade, apresentados os dois manuais em capa dura com revestimento em papel camurçado no da Dra. Hilliard, e em corino sintético no do Dr. Fritz Kahn. Porém, o que mais chama atenção em relação aos materiais descritos acima, produzidos na década de 1950, é a ausência total de um projeto gráfico na apresentação das capas nas duas obras.

O manual da Dra. Hilliard é todo revestido com o mesmo tipo de papel de cor azul, contendo pequenas nervuras em forma de xadrez ao longo da capa, que não possui nenhuma informação sobre título, autor ou editora, estando todas estas presentes na lombada. A mesma situação ocorre na obra do Dr. Kahn, que é dividida em três tomos - cada um representando um volume, sendo todos revestidos com o mesmo material em cor vermelho escuro, com pequenas nervuras em forma de xadrez ao longo da capa - a qual possui somente o nome do autor centralizado no alto do espaço, deixando as informações restantes sobre título, editora e volume para o espaço das lombadas. Estas sim, bem trabalhadas com detalhes em preto e dourado, e contendo dois filetes dourados no centro com finalidade ilustrativa. Com a produção e os detalhes muito semelhantes, os dois manuais não possuem orelhas, nem qualquer outro tipo de informação com motivos publicitários nas contracapas observadas.

No entanto, a modernização do parque gráfico industrial na década de 1960, juntamente com a consolidação de associações destinadas a materializar a atuação do setor no mercado, deu início a um novo padrão de apresentação gráfica dos impressos produzidos a partir desta época no Brasil. A Editora Civilização Brasileira inaugura neste momento, por iniciativa de Ênio Silveira, uma renovação do aspecto físico dos livros, que passaram a conter "desenhos em quatro cores



ocupando toda a área das capas e projetos visuais com maior generosidade dos espaços em branco<sup>325</sup>, fixando um novo padrão gráfico destinado a vigorar por muitos anos. Além disto, esta editora se fez notar também nas estratégias de venda, ao recorrer à propaganda para apoiar o lançamento de seus livros, tanto em periódicos de circulação nacional quanto nos espaços das próprias publicações que lançava<sup>326</sup>. Apesar de pioneira nestas ações editoriais, diversas empresas iriam seguir estas estratégias de publicidade, que se tornariam cada vez mais comuns ao longo da década de 1960 no Brasil.

Cabe aqui também destacar que, de todos os materiais analisados neste estudo, somente o do Dr. Fritz Kahn possui a inserção de gravuras e ilustrações explicativas ao longo do texto. São ilustrações de cunho didático que procuram representar os detalhes dos órgãos reprodutivos do corpo humano. Extremamente detalhadas - embora impressas em preto e branco - denotam o "realismo" das representações que pretendem alcançar. A maior parte dos desenhos é acompanhada por textos explicativos indicados por meio de setas enumeradas e ligadas a cada parte do órgão caracterizado. Por não apresentarem nenhum indício de assinatura artística, e não ter sido encontrada informação alguma sobre a autoria dos desenhos, pode-se afirmar que estes dispositivos sejam de iniciativa do próprio médico. Ademais, diante de alguns aspectos biográficos encontrados sobre este autor na internet, o ginecologista alemão foi descrito como exímio desenhista,<sup>327</sup> utilizando este mecanismo na maioria significativa de suas publicações.

O investimento gráfico nos impressos brasileiros a partir da década de 1920, no entanto, sempre se afirmou com maior visibilidade na produção dos periódicos do que na confecção de livros. Segundo Mario de Camargo, as poucas máquinas modernas de composição tipográfica que se instalaram no país no início do século XX, "eram exclusividade das empresas que editavam os jornais e as revistas mais importantes. Durante esta época, "a maioria dos livros impressos no Brasil saía das oficinas dos jornais ou das revistas"<sup>328</sup>, tendo a editora do Estado de São Paulo até mesmo uma "seção de obras" para imprimilos. A este respeito, Rafael Cardoso também reflete sobre o senso de

---

<sup>325</sup> CAMARGO, 2003. Op. Cit. Pg. 108.

<sup>326</sup> Idem. Pg. 110 O autor ressalta também que, embora Monteiro Lobato já tivesse utilizado esta fórmula no início da década de 1920, no final da década 1960 quase metade das editoras de São Paulo e do Rio de Janeiro careciam de orçamento para publicidade de suas obras.

<sup>327</sup> Cf.: <http://historiasdamedicina.blogspot.com/2008/11/o-corpo-mquina-de-fritz-kahn.html>

<sup>328</sup> CAMARGO, 2003. Op. Cit. Pp. 48 - 50

modernidade tecnológica e cultural que se difundia nas inovações gráficas das revistas, as quais se estabeleceram como um grande canal de expressão da modernidade cultural na mídia impressa desde então. Entre as revistas mais destacadas, o autor cita algumas como *O Tico-Tico* (1905), *Fon-Fon!* (1907), *Revista do Brasil* (1916), *A maçã* (1922), *O Cruzeiro* (1928), alertando também para a longevidade na produção de muitas delas, como é o caso, por exemplo, da *Fon-Fon!* e da *O Cruzeiro*, que estenderam seu período de ação para além da década de 1950.<sup>329</sup>

Neste sentido, além da descrição sobre a materialidade das obras estudadas, foi necessária também uma apreciação, mesmo que breve, sobre o cenário sócio cultural que envolveu a caracterização dos elementos apresentados nos materiais impressos dos diferentes momentos estudados. As condições de produção, o investimento na estrutura gráfica e industrial das editoras, algumas políticas de incentivo e colaboração no mercado editorial, todos são aspectos importantes para que se possa conceber de alguma maneira o universo cultural que envolvia a publicação destas obras. Como artefatos constituintes de uma cultural material a ser investigada, quanto maior o investimento na nos processos de sua produção e constituição física, maiores serão as possibilidades de compreender as suas significações, e maiores as dúvidas e curiosidades levantadas para abrir caminhos a outras investigações.

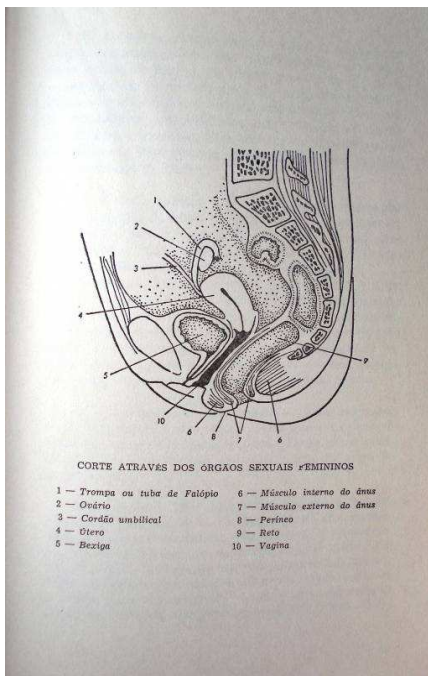
Pois, para finalizar esta reflexão com as declarações de Roger Chartier, todo leitor diante de uma obra "a recebe em um momento, uma circunstância, uma forma específica e, mesmo quando não tem consciência disso, o investimento afetivo ou intelectual que ele nela deposita está ligado a este objeto e a esta circunstância".<sup>330</sup> Por este motivo, no mundo dos objetos lidos e das impressões da leitura que eles acarretam, "é a concepção do texto que vai ser modificada e que carregará, desde o momento do processo de sua criação, os vestígios dos usos e interpretações permitidos pela suas diferentes formas"<sup>331</sup> de apresentação no universo cultural em que é inserida.

---

<sup>329</sup> CARDOSO, 2005. Op. Cit. Pg. 170.

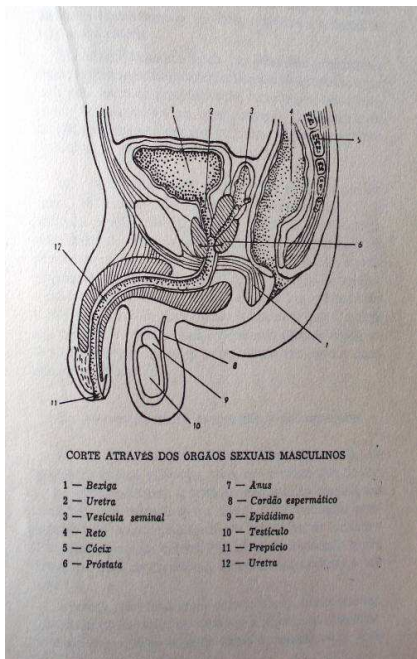
<sup>330</sup> CHARTIER, 1999. Op. Cit. Pg 70

<sup>331</sup> Idem. Pg. 72



CORTE ATRAVES DOS ÓRGÃOS SEXUAIS FEMININOS

- |                               |                             |
|-------------------------------|-----------------------------|
| 1 — Trompa ou tubo de Falópio | 6 — Músculo interno do ânus |
| 2 — Ovário                    | 7 — Músculo externo do ânus |
| 3 — Cordão umbilical          | 8 — Períneo                 |
| 4 — Útero                     | 9 — Reto                    |
| 5 — Bexiga                    | 10 — Vagina                 |



CORTE ATRAVES DOS ÓRGÃOS SEXUAIS MASCULINOS

- |                      |                        |
|----------------------|------------------------|
| 1 — Bexiga           | 7 — Anus               |
| 2 — Uretra           | 8 — Cordão espermático |
| 3 — Vesícula seminal | 9 — Epidídimo          |
| 4 — Reto             | 10 — Testículo         |
| 5 — Cólica           | 11 — Prepúcio          |
| 6 — Próstata         | 12 — Uretra            |

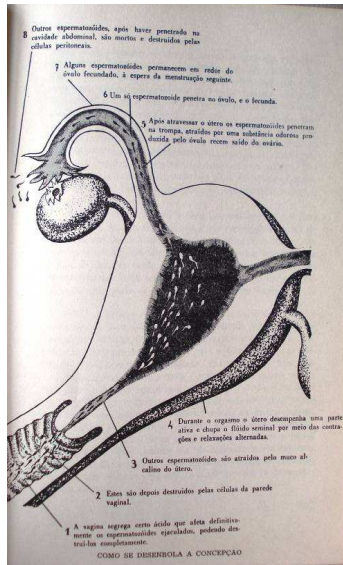
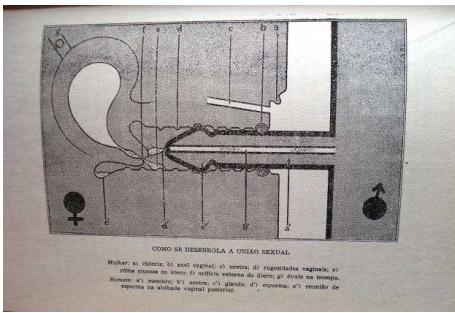
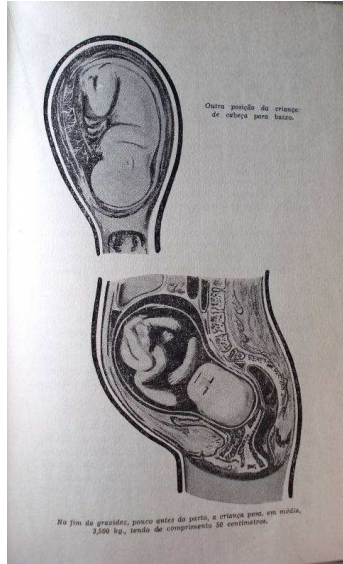
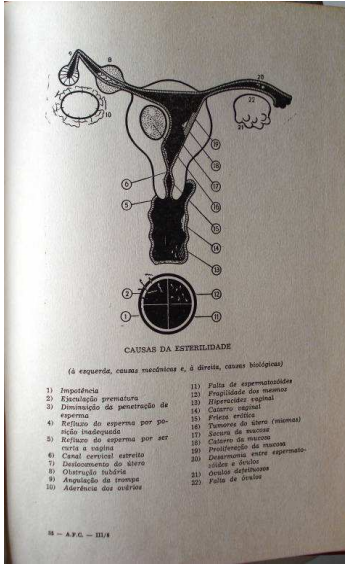


Fig. 36: Exemplos de ilustrações / gravuras - KAHN, F. *Amor e Felicidade no casamento*. [s.d]

**NORMAS PELA LEITURA**  
**GUIAS MATRIMONIAIS COMO DISPOSITIVOS DE SUBJETIVAÇÃO**  
*(À guisa de considerações finais)*

*"Agora, aí estava por fim o início do desejo, preciso e estranho, mas claramente seu; e mais além, como que suspenso acima e atrás dela, quase fora de vista, o alívio de ser como todo mundo."*

*Ian McEwan, Na praia.*

É muito difícil a modelação social de indivíduos de acordo com a estrutura do processo civilizador que hoje chamamos de ocidente. A fim de ser razoavelmente bem-sucedida, ela requer, dada a estrutura da sociedade ocidental, uma diferenciação muito alta, uma regulação muito intensa e estável das paixões e sentimentos, de todas as pulsões humanas mais elementares. [...] A resistência à adaptação aos padrões que prevalecem na civilização, o esforço que essa adaptação, essa transformação profunda de toda a personalidade custa ao indivíduo, é sempre considerável. E só mais tarde, por conseguinte, do que em sociedades menos complexas é que o indivíduo no Mundo Ocidental adquire, com sua função social de adulto, a constituição psicológica do adulto, a emergência da qual assinala, via de regra, a conclusão do processo civilizador individual.<sup>332</sup>

Norbert Elias, ao discutir sobre a constituição das civilidades no mundo ocidental, estabelece considerações sobre o grau de diferenciação social necessário para que seja possível o processo civilizatório nas condutas individuais. A regulação das condutas, o autocontrole, a veia disciplinar das paixões e das pulsões como

---

<sup>332</sup> ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. Formação do Estado e Civilização*. Volume 2: Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. Pg. 206

empregos do comportamento polido serão tão mais necessários e mais complicados de se efetivar quanto maior for a complexidade da sociedade em questão. Nas relações de interdependência cada vez mais pujantes entre os indivíduos, um agenciamento das condutas será indispensável para uma performance social capaz de garantir a perfeita atuação dos sujeitos na coletividade, que manterá sua coesão e funcionamento pela soma das ações individuais diferenciadas em funções cada vez mais específicas e exclusivas. Deste modo a civilidade é solicitada, tanto em favor do desempenho individual na sociedade quanto em benefício da própria estruturação social, que não seria possível sem uma regulação das condutas pessoais. No entanto, como se realizaria esta inscrição do indivíduo no meio social? De que forma seriam as pessoas incluídas nestes projetos civilizatórios na constituição das sociedades ocidentais? Através de que meios seria possível a eficiência do desempenho individual para os propósitos do grupo coletivo? Diante da repressão, da sujeição arbitrária e coercitiva, dificilmente se obteria êxito. Pois a força impositiva da regra e da lei não será internalizada na constituição complexa da subjetividade humana, que jamais poderá ser programada ou coagida para a execução das atividades no mundo.

Para tanto, "o discurso da disciplina é alheio ao da lei e da regra enquanto efeito da vontade soberana. As disciplinas veicularão um discurso que será [...] o da regra natural, quer dizer, da norma; definirão um código que não será o da lei mas o da normalização."<sup>333</sup> Assim explica Foucault que a composição da verdade dos sujeitos se desenrola em meio às manobras de poder que promovem a constituição própria dos corpos e gestos individuais. No entanto, o indivíduo não seria o "outro" do poder, um alvo a ser atingido de forma vertical e unilateral, mas seria um de seus primeiros efeitos, e simultaneamente, seu centro de transmissão. O poder, desta maneira, cruza através e depende das ações do sujeito constituído por e com ele. A norma construtiva no lugar da lei destruidora. Deste modo a normalização coloniza a lei, na medida em que permite a auto constituição dos sujeitos no processo de afirmação de suas próprias verdades, por meio de diversos dispositivos de ação. Esta normalização, que só é possível na compleição das subjetividades humanas.

---

<sup>333</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Pg. 189

Produzir a própria subjetividade, auto constituir-se como sujeito se define para Foucault como uma atitude ética, que resolve a soberania de si adversamente à soberania da lei sobre si. A liberdade individual da escolha sobre a conduta a ser seguida através da vigilância da alma possibilitava, na antiguidade clássica, um regime de intensificação da cultura e dos cuidados de si.<sup>334</sup> Ser ético, neste contexto, seria sinônimo de "ter-se", "possuir-se", através da ocupação de si que permitiria a vida política do homem pela razão que guiava suas escolhas e governava sua existência. O vínculo entre o sujeito e a política se constituiria, portanto, na ação pessoal, no ato político que só seria realizado pela razão que gerava o seu auto governo. A atividade política seria, assim, a própria vida, através das leis individuais que tornavam o sujeito "artesão de sua própria moralidade". "Tratava-se de elaborar uma ética que permitisse constituir o próprio sujeito enquanto sujeito moral em relação a essas atividades sociais, cívicas e políticas, nas diferentes formas em que elas podiam se revestir e a qualquer distância que delas se tomasse."<sup>335</sup> A construção desta moralidade seria permitida por meio de exames de consciência que motivavam a auto reflexão e, por conseguinte, o autoconhecimento do sujeito nos procedimentos de sua própria constituição.

O sujeito político como senhor de sua conduta, construiria a moralidade de suas atividades públicas como a finalização de uma arte da existência, de sua arte de viver. A superioridade sobre si seria o vínculo entre a vida privada e a vida pública, política - na medida em que gerava o autodomínio privado que garantiria a moderação e a otimização de sua vida no todo coletivo, em puras relações de reciprocidade social. Neste caminho, a arte de governar-se seria requisito para a arte de governar, já que o governo de homens racionais não consiste na repressão, mas em mostrar-lhes o que é útil para que assim possam construir seu próprio *ethos* e conduzir de maneira eficaz a sua existência. Os conselhos úteis para a vida inauguraram, nesta ética da antiguidade clássica, uma nova maneira de viver baseada na reflexão consigo que, elaborando princípios para a prática e para a ação de si, sustentam "a cada instante o bom regime da vida."<sup>336</sup> A politização da vida, a realização da vida política do sujeito entraria desta forma, no

---

<sup>334</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Volume 03: O Cuidado de si. Tradução de Maria. T. C. Alburquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

<sup>335</sup> Idem. Pg. 100

<sup>336</sup> Ibidem. Pg. 107



caminho da normalização efetivada pela subjetivação que ativa sua consciência e sua individualidade no mundo social em que atua. A vida politizada é a implicação da inscrição do sujeito no projeto de uma Biopolítica, que tem como pressuposto a qualificação de sua vida individual no campo coletivo, social - território da intervenção soberana por excelência.

Contudo, como nos alerta Giorgio Agamben, a forma de intervenção pura do poder soberano só é admissível sobre a vida nua: não qualificada, sem valor político.<sup>337</sup> Esta intervenção soberana - sempre pela forma da dominação, da repressão que se interpõe na violência do ato interventor, só é realizada pela determinação da lei - a forma máxima de legitimidade do poder. A vida nua, porém, indiferente às investidas do poder por não estar qualificada na sociedade política, converte a lei soberana em pura potência - sem significado político na apatia prescritiva à única forma vivente que a traria sentido. Deste modo, a lei como legitimidade da soberania que só teria efetivação na vida nua, paradoxalmente confirma, frente a esta, a sua nulidade na indiferença que a esvazia de sentido e significado político.<sup>338</sup> A lei se define no mundo, assim, como pura potência, como "poder de não", na medida em que sua consumação por qualquer ato individual ou coletivo como expressão de subjetividade consentiria em seu próprio esgotamento, ou em sua simples transgressão. Isto porque todo ato subjetivo é político, e como a lei só pode circunscrever a vida nua como passível de sua violência e repressão, qualquer atitude política que a estimular esgotará sua inoperância essencial, e determinará sua transgressão imediata.

Desta forma, uma "passagem da potência ao ato" seria o esgotamento fatal que anularia toda possibilidade da intervenção arbitrária do poder soberano na vida, que, nua ou politizada, escapa a todas as suas investidas, sendo eficazmente "penetrada" somente pelos mecanismos subjetivos da norma. Sendo assim, a vida como objeto político só pode ser politizada através dos "processos de subjetivação"

---

<sup>337</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. Pp. 57 - 69

<sup>338</sup> Segundo Agamben, a vida nua está indiferente às legitimações do poder por não estar qualificada politicamente. No entanto, esta é a única forma de vida a que o poder da lei pode investir, na medida em que a vida politizada, por ser constituída subjetivamente pela normalização, não é alcançável pela soberania arbitrária da lei. Assim, a lei, que só pode investir na vida nua, permanece em pura potência inoperante diante de sua indiferença política à forma de vida não qualificada e por isto, sem valor político. Cf. AGAMBEN, Idem.

que permitem a (auto) constituição do sujeito cuja existência será qualificada como apta a permanecer no mundo. Aí se encontraria o paradoxo da modernidade que, para Agamben, transforma em regra o que seria exceção<sup>339</sup>, e inclui a constituição do eu, ou a politização da vida inevitavelmente no domínio soberano. A norma, portanto, entra na exceção, já que a vida politizada é constituída, por si mesma, no centro das decisões soberanas - as quais constroem os procedimentos de politização da vida, que será normalizada pelos dispositivos de subjetivação espalhados no campo Biopolítico da coletividade.

Mesmo que a Biopolítica tenha nascido como uma modalidade estatal de governo da vida, os projetos de politização desta vida só têm sentido e só poderiam ser realizados, sobretudo no mundo capitalista contemporâneo, ao se disseminarem em técnicas de auto-gestão, pautadas por valores individuais e particulares, e por demandas pela otimização do desempenho constante, quando o indivíduo torna-se um empreendedor de si, na construção de sua própria verdade subjetiva. Por este motivo, Francisco Ortega define como Política a criação e a experimentação humanas, interpretando-a nas atividades subjetivas de transformação da vida pela percepção de sua existência no mundo.<sup>340</sup>

Para tanto, as "políticas de subjetivação" discutidas por Sueli Rolnik são fundamentais na gestão das subjetividades que compõem a dimensão micropolítica da educação das sensibilidades sociais.<sup>341</sup> Esta "potência do sensível" que abarca a construção dos sentidos individuais no mundo é instrumentada pela construção das "imagens", ou "valores" sociais, como matérias de expressão disponíveis para a auto constituição da verdade subjetiva. Estas subjetividades, porém, serão sempre flexíveis, já que as "políticas de subjetivação mudam em função da instalação de qualquer regime, pois estes dependem das formas específicas de subjetividade para sua viabilização no cotidiano de todos

---

<sup>339</sup> A supressão arbitrária dos direitos políticos de cidadão que merece viver, na qual a lei repressiva poderia alcançar o indivíduo. Na suspensão dos direitos da vida, esta se insere imediatamente no domínio soberano, que pode exclusivamente decidir se será qualificada ou desqualificada como politizada (*biós*) o nua (*zoé*), ou seja, se merece (ou deve) viver ou deve morrer. Agamben utiliza o exemplo do campo de concentração nazista como paradigma da Biopolítica moderna, para fazer analogia aos diversos espaços contemporâneos em que a vida política é também nua, já que se inclui qualificadamente no foco das decisões governamentais das Políticas de Estado. Cf. AGAMBEN, *Ibidem*.

<sup>340</sup> Cf. ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade. Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009.

<sup>341</sup> ROLNIK, Sueli. *Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina - UFRGS, 2006. Pg. 12

e de cada um, onde ganham consistência existencial e se concretizam."<sup>342</sup> Pois, como nos assegura Peter Gay, “chamar o homem de ‘animal cultural’ equivale a enfatizar que ele é por natureza um animal que aprende a partir da experiência, ainda que por vezes aprenda as lições erradas”.<sup>343</sup>

Assim, o projeto Biopolítico se apresenta nos artifícios que constroem as subjetividades de acordo com a necessidade social de cada momento, na medida em que depende da experiência subjetiva dos cidadãos para que seja consolidado no mundo em que é efetuado. Esta flexibilização das subjetividades segue, portanto, uma lógica "antropofágica", na qual a apropriação das matérias de expressão disponíveis no mundo é primordial para a construção do desejo e do sentido social ou cultural do sujeito. Desta maneira, territórios afetivos são constantemente construídos e desconstruídos, em processos deslizantes que dependem dos gestos para se legitimarem socialmente. Estes gestos ganham sentido somente através da passagem dos afetos, que só é admissível na percepção subjetiva que se liga a todas as matérias de expressão presentes no mundo: valores, princípios, padrões sociais e culturais. Territórios existenciais são constituídos, assim, pela capacidade de afetar-se, de deixar os afetos colarem e descolarem nas transformações subjetivas que dão sentido aos gestos (ações, performances) na vida. Esta vida é então agenciada pelo duplo movimento de constituição dos afetos, vinculado à sensibilização dos objetos e das imagens impelidas no mundo como dispositivos Biopolíticos, ou de subjetivação. Entre estes dispositivos, todas as imagens e conceitos disponibilizados pelos discursos sociais, políticos e culturais podem ser considerados. O teatro, a literatura em todos os gêneros<sup>344</sup> - abrangendo a mídia impressa - o cinema, a televisão - incluindo a mídia falada, são todos dispositivos geradores de imagens que são recebidas e apropriadas pelos sujeitos no duplo movimento de sua constituição subjetiva. São todos dispositivos de subjetivação agenciados por instituições fundadoras dos discursos convencionais, como a Igreja, a Medicina, o Direito, a Pedagogia, a Psicologia e a Publicidade. Em nosso cotidiano contemporâneo, os telejornais, as telenovelas e outros programas televisivos, as revistas e jornais

---

<sup>342</sup> Idem. Pg. 13

<sup>343</sup> GAY, Peter. *GAY, Peter. A Experiência Burguesa da rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. Tradução Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Pg. 19.

<sup>344</sup> Cf. CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da Sedução. Os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999.

impressos, assim como as literaturas de toda espécie, são veículos primordiais para os discursos padronizados por tais instituições que atuam constantemente nos projetos Biopolíticos das sociedades ocidentais.<sup>345</sup>

Ao refletir sobre o papel normalizador e subjetivista da literatura em suas várias formas, Maria Teresa Santos Cunha ponderou sobre os códigos de conduta presentes nos romances de leitura feminina de M. Delly, que faziam parte da coleção Biblioteca da Moças publicada entre as décadas de 1930 e 1960 no Brasil. Nestes textos, eram apresentados modelos de conduta que construam imaginários acerca do universo feminino burguês da época, através de seus diversos dispositivos textuais e materiais para a leitura da obras. Como leituras autorizadas e objetos de distinção para uma classe privilegiada, estes livros compunham uma série de estratégias reguladoras do comportamento socialmente desejado para um público especificamente selecionado: as jovens de classe média que se tornariam futuras esposas e mães de família, com uma importante função social a seguir e a manter no seio de seu grupo cultural.

Neste ínterim, os guias matrimoniais aqui analisados podem ser considerados igualmente como dispositivos de subjetivação, na medida em que oferecem discursos de padronização social para os comportamentos individuais - neste caso, para os casais legitimados dentro da família. A individualização subjetiva, ativada pela apropriação de tais discursos, seria intensificada assim pela leitura que proporciona a elaboração do auto conhecimento e da auto reflexão sobre a vida em sua função no mundo social. Uma intervenção da palavra especializada dos médicos e estudiosos da sexualidade para a constituição das verdades nos sujeitos, através de uma "transformação interior" que acolhesse o

---

<sup>345</sup> A pesquisadora Ilana Feldman reflete sobre o fenômeno dos *reality shows* nas sociedades capitalistas contemporâneas como dispositivos Biopolíticos, na medida em que divulgam imagens, valores e princípios agenciadores da vida nos procedimentos de auto-gestão subjetiva sempre operados por estes mecanismos. Entre os diversos programas audiovisuais deste gênero citados pela autora, presentes nas transmissões televisivas de todo o mundo, decide por tomar a versão brasileira do Big Brother como objeto central de suas análises. De maneira semelhante a outras espécies de programas televisivos, os *reality shows* são dispositivos cuja temática comum consiste em disponibilizar discursos e exemplos de performance individual geradores de expectativas e reverberações sociais nos sujeitos espectadores de suas produções. O ensaio desenvolvido por Feldman integra um número da revista eletrônica "Cinética" denominado: "Estéticas da Biopolítica. Audiovisual, política e novas tecnologias", cujo objetivo é reunir trabalhos que discutam as várias dimensões da reflexão sobre o pensamento Biopolítico nas sociedades contemporâneas. Cf. FELDMAN, Ilana. *Reality Show: um dispositivo biopolítico*. In: Revista Cinética. v.1, p. 1-30, 2008.

indivíduo na percepção de suas problemáticas individuais. Longe de querer aqui abarcar os resultados do empenho intelectual dos leitores, ou mesmo a abrangência de tais discursos sobre a população em meio à qual circularam, o objetivo desta discussão enfocou com maior interesse a veiculação dos conhecimentos arquitetados e lançados como centro de um projeto Biopolítico que procurou, e procura sempre, regularizar os comportamentos individuais para aprimorar as ações coletivas e sociais. Uma possível regulação destes comportamentos - diferente da manipulação, do adestramento arbitrário e vertical - só é alcançada, como vimos acima, pelas vias da subjetivação que proporciona a internalização voluntária dos preceitos indicados. Neste contexto é que a urgência da informação pela educação sexual é promovida: para atender a concepções de abrangência política através de planos indicadores sobre os caminhos legítimos do comportamento individual. Neste caso: o comportamento sexual e afetivo.

Através dos materiais problematizados aqui como dispositivos Biopolíticos de subjetivação, sugere-se mais exatamente o que Jacques Rancière procurou definir como a relação entre Política e Arte, que na construção das "ficções" literárias, isto é, dos "rearranjos materiais dos signos e das imagens"<sup>346</sup>, promovem a partilha do sensível, na medida em que a arte é vinculada ao trabalho, ou à vida, que é o próprio sentido da arte. Assim, uma "revolução estética" da revalorização do banal, do ordinário, ao mesmo tempo em que dissolveu as comparações entre ficção e falsidade, promoveu a criação de novos modos de inteligibilidade da vida. Na nova relação estabelecida entre literalidade e historicidade, por uma reeducação estética do homem na partilha sensível das atividades do mundo,

"os enunciados políticos ou literários fazem efeito no real. Definem modelos de palavra ou de ação, mas também regimes de intensidade sensível. Traçam mapas do visível, trajetórias entre o visível e o dizível, relações entre os modos do ser, modos do fazer e modos do dizer. Definem variações das intensidades sensíveis, das percepções e capacidades dos corpos. (...) O homem é um animal político porque é um animal literário, que se deixa desviar de sua destinação 'natural' pelo poder das

---

<sup>346</sup> RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível. Estética e política*. Trad. de Monica Netto. São Paulo: Editora 34, 2005. Pg. 59

palavras. Essa literalidade é ao mesmo tempo a condição e o efeito da circulação dos enunciados 'propriamente ditos'. (...) <sup>347</sup>

Deste modo, ao se tratar os guias matrimoniais como impressos divulgadores de uma cultura escrita normalizadora (pela civilização) da sociedade, cabe sempre apontá-las como textos ou produções discursivas que não significam a imposição ou a manipulação pela vontade disciplinante que procuram indicar. A intenção de normalizar não pode ser entendida como a normalização efetiva, assim como o intuito de civilizar não pode ser considerado exitoso por seus arranjos discursivos. Nesta direção, Homi K. Bhabha debate a construção das identidades no discurso colonial como instituída nos interstícios culturais, pela hibridização cultural organizada nos “entre-lugares” em meio ao colonizador e o colonizado, ativada por processos de negociação dos princípios, adaptação de ambas as partes, e reorganização dos valores na ambivalência dos discursos <sup>348</sup>. Assim, as intenções normalizadoras evidenciam sua ineficácia perante uma interpretação “mimética defeituosa” que supõe apropriação, representação e deslocamento do subordinado frente à palavra imposta como dominante.

No mesmo propósito, as reflexões de Stuart Hall sobre os processos de codificação e decodificação entre as transmissões e as leituras das mensagens, podem auxiliar no entendimento do debate sobre as teorias da recepção <sup>349</sup> ligadas aos materiais aqui são observados. A despeito de suas investigações específicas nas pesquisas em comunicação, o que aqui nos interessa são as críticas do autor ao modelo do circuito comunicativo como uma dimensão linear e unilateral - emissor => mensagem => receptor - nas trocas de mensagens, alertando para uma concepção mais complexa destas relações em seus diferentes momentos de ação. Assim, os discursos ‘prescritivos e doutrinantes’ dos manuais analisados não se estabeleceriam pela simples via codificante da transmissão, nem mesmo pela recepção subversiva que desviaria os signos essenciais pela decodificação resistente. Para

---

<sup>347</sup> Idem. Pg. 59 -60

<sup>348</sup> Cf. BHABHA, Homi. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2001.

<sup>349</sup> Cf. HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.

além disto, os significados das obras serão articulados por ambos os momentos do processo de comunicação: o da escrita e o da leitura.<sup>350</sup>

Desta maneira, o investimento dos autores no casamento se atribui ao aprimoramento da vida conjugal, com a legitimação de uma abertura ao prazer sexual e à felicidade afetiva que possibilitam a manutenção da beleza e da prosperidade na vida em família. A felicidade individual resolvida no casamento é estimulada, entretanto, por procedimentos que estimam a moralização da família através de valores como, primordialmente, a procriação. As nobres finalidades da procriação servem como um pilar moralizador da sexualidade estimulada e valorizada no casamento, em uma manobra para centralizar a atividade sexual - a partir de então prazerosa e convidativa - no seio da vida em família em todas as suas atribuições. Assim, o ideal social que circula neste projeto é abarcado pela noção da coerência coletiva que estrutura a base da coesão social. Dentre as estratégias discursivas dos autores, apesar de uma gama diversificada de posicionamentos e crenças políticas e sociais, emerge em meio a uma polifonia de discursos e idéias um mesmo projeto político: o da construção das sensibilidades conjugais pela leitura de guias matrimoniais. Projeto no qual o amor romântico, íntimo e privado da burguesia assume a forma de "uma moeda forte da felicidade junto com o sexo e o consumo", na medida em que sua associação com a vida privada burguesa o transformou "em um elemento de equilíbrio indispensável entre o desejo de felicidade individual e o compromisso com os ideais coletivos"<sup>351</sup>.

Além destes objetos impressos como divulgadores dos preceitos para a vida em família, a função que a imprensa escrita exerceu conjuntamente também deve ser considerada, principalmente em relação aos periódicos - revistas e jornais - de circulação nacional. Por meio de

---

<sup>350</sup> A proposta metodológica de Hall sugere a interpretação do processo comunicativo como uma "complexa estrutura em dominância, sustentada através da articulação de práticas conectadas, em que cada qual, no entanto, mantém sua distinção e tem sua modalidade específica, suas próprias formas e condições de existência"<sup>350</sup>. Sua conexão com um método de análise ajustado aos guias matrimoniais se verificaria, portanto, na percepção da leitura para além da subjetivação decodificadora e subversiva dos códigos dominantes e divulgados verticalmente. Mas sim num entendimento sistêmico dos processos de recepção dos discursos e mensagens pelo rearranjo constante entre as relações que os diferentes signos estabelecem entre si em qualquer ocorrência discursiva - além da dominação e muito longe da subordinação. Cf. Idem.

<sup>351</sup> COSTA, Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

colunas, seções e crônicas narrativas<sup>352</sup> dirigidas a públicos especificamente selecionados, estes materiais procuraram, em diversos momentos, ressaltar a divulgação de códigos de conduta social, incluindo o que concerne à vida conjugal e em família. Nas décadas de 1940 e 1950, primordialmente, as revistas femininas difundiam como tônica os princípios de uma conduta honesta da juventude, com a classificação das funções de gênero para a perfeita atuação do futuro casal no desígnio essencial da humanidade: o casamento.<sup>353</sup> Conselhos sobre o comportamento exato das moças no período de preparação para o casamento (namoros, *flirts*), assim como dicas sobre como proceder diante das atitudes "naturalmente masculinas" eram constantes nestes discursos. Em algumas revistas brevemente investigadas<sup>354</sup>, de circulação na década de 1940 no Brasil, foi observada a ocorrência freqüente de colunas permanentes e crônicas variáveis que traziam conselhos, situações e discussões diversas sobre sexualidade, vida conjugal, maternidade, além de anúncios publicitários dos manuais que circulavam simultaneamente e conduziam os mesmos discursos<sup>355</sup>.



Fig. 37: Coluna Evangelho das Mães, Revista Jornal das Moças, Outubro de 1942.

<sup>352</sup> São apresentadas em espaço reservado ao colunista para o tratamento crítico de temas livres e variáveis, publicados em formato de narrativa, geralmente em diversos segmentos distribuído por toda a revista.

<sup>353</sup> Sobre revistas e colunas femininas que se dedicavam ao cotidiano de jovens solteiras e casadas, podemos citar os trabalhos de: BASSANEZI, Carla. *Virando as Páginas, Revendo as Mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. CAMPOS, D. Q.; CECCHIN, C. *A Civilidade em Traços e Letras: preceitos de civilidade na coluna Garotas, de O Cruzeiro, nos anos dourados (1950-1964)*. In: 13º Encontro da Associação Sul - Rio - Grandense de Pesquisadores em História da Educação, 2007, Porto Alegre. Anais do Simposio - CD ROM, 2007.

<sup>354</sup> Como exemplos: O Cruzeiro, Jornal das Moças, A Cigarra, mais atentamente.

<sup>355</sup> Estes anúncios, que constituíram o objetivo principal da investigação nos periódicos, no entanto, não eram freqüentes nas revistas desta época. Em todos os exemplares pesquisados, somente um anúncio foi encontrado na Revista *O Cruzeiro*, referente a uma obra da mesma editora da revista.



Fig. 38: Coluna Fatos, Idéias e Opiniões  
Revista O Cruzeiro, Abril de 1949.

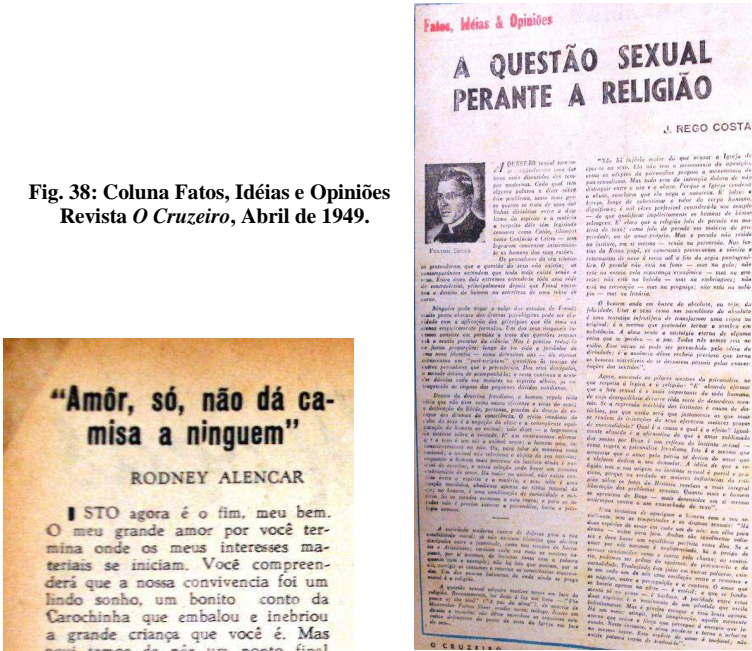


Fig. 39: Segmento de crônica da Revista  
Jornal das Moças Outubro de 1942.

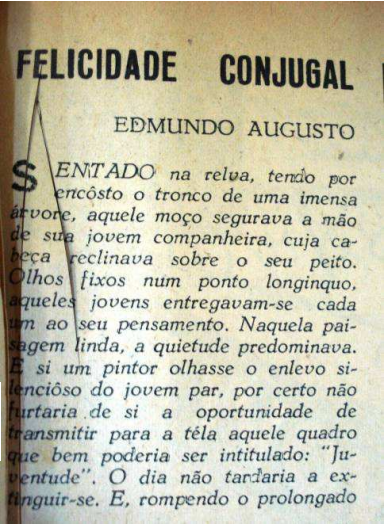


Fig. 40: Segmento de crônica da Revista  
Jornal das Moças, Outubro de 1942.



Fig. 41: Segmento de crônica da Revista *Jornal das Moças*, Outubro de 1942.



Fig. 42: Anúncio publicitário na Revista *O Cruzeiro*, Abril de 1932.



Fig. 43: Anúncio publicitário na Revista *O Cruzeiro*, Junho de 1949.

Em um caminho semelhante, Roselane Neckel, ao refletir sobre a sexualidade em revistas brasileiras femininas e masculinas durante a década de 1970,<sup>356</sup> verificou nestes impressos o mesmo investimento político na otimização da sexualidade no casamento, apesar de ter percebido uma alteração no foco de subjetivação pela leitura destes impressos. Acentuadamente na substituição das apreensões com a felicidade da família por excelência (nós), pela preocupação com a satisfação individual (eu) numa nova cartografia de convenções e sensibilidades afetivas a serem construídas e experimentadas. A valorização da felicidade pessoal tornaria viável, assim, o término do vínculo indispensável entre o prazer sexual e a procriação, além de abrir o leque de possibilidades à realização das aspirações individuais em detrimento da total e completa dedicação à manutenção da família - principalmente para as mulheres. Isto não significa, contudo, que a felicidade no casamento estivesse inteiramente suprimida pela individualização moderna, posto que ainda se apresentava como ideal social e pessoal, especialmente ao perturbar as escolhas femininas entre a satisfação pessoal e "a procura de uma comunicação cada vez maior no relacionamento entre homens e mulheres"<sup>357</sup>. O êxito conjugal ainda se constituía como objetivo para os sujeitos que tinham direito ao prazer, mas este direito, ou o deleite do contentamento subjetivo se expunha, agora, com maior gravidade no bojo das relações sociais e suas transformações no campo dos afetos e da sexualidade.

Em meio a estas "permanências e modificações", os territórios deslizantes iriam acomodar as expectativas e ansiedades dos sujeitos na conciliação de todas as possibilidades da felicidade individual. Diante da liberação de novas formas de prazer e satisfação pessoal, surgiam também novas convenções para delinear os códigos legítimos da performance individual, na criação de outras normas de conduta no mundo social. A partir de então, a obrigatoriedade da satisfação sexual pelo orgasmo, que deveria ser indispensavelmente atingido como meio de exultação da própria sexualidade, assim como a necessidade do maior

---

<sup>356</sup> Como exemplos, estão as revistas *EleEla*, *Nova*, *Cláudia*, *Pais&Filhos*, *Homem - a revista do homem*, *Playboy - a revista do homem* e *Homem - a revista do playboy*. Cf. NECKEL, Roselane. *Pública Vida Íntima. A sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969 - 1979)*. Tese de Doutorado em História. Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 2004.

<sup>357</sup> Idem. Pg. 140

empenho possível para a satisfação sexual do parceiro, consistiriam nos novos ideais de uma demanda pelo máximo desempenho da sexualidade, cada vez mais imperiosa na constituição da verdade dos sujeitos em sua busca pelo prazer.

Além dos discursos da revistas como fonte de informação e orientação sexual, Neckel cita em seu trabalho os manuais sexuais que, sugeridos como leitura essencial pelas próprias revistas, apresentavam os mesmos temas e assuntos debatidos por estas em relação aos problemas sexuais. A autora comenta que, a partir da década de 1970, foi registrado um aumento significativo das vendas deste tipo de publicação pelas revistas que refletiam sobre os textos destes materiais - especificamente os manuais sexuais para mulheres.<sup>358</sup> Com lições para o aperfeiçoamento da vida sexual feminina - efetivamente conjugal, para "seduzir e agradar aos homens"<sup>359</sup>, a descrição dos exercícios de "erotismo e sedução" consistiam nas novas práticas e estratégias femininas para manter o equilíbrio e a felicidade do casamento que, como se pode notar, persistia como paradigma de felicidade afetiva e individual. Ocorrência que se pode notar em discursos que, ainda hoje, condenam aspirações à reprodução independente, autorizam e incitam o controle da natalidade como estratégia de estabilização familiar, além de super valorizarem a infância, cujo desenvolvimento sadio e normal deve ser provido pela responsabilização do casal, preferencialmente dentro do casamento, desde que estável e feliz.

Embora não mais obrigatório, e muito menos apresentado como centro da resolução amorosa dos indivíduos, a instituição matrimonial prosseguia como padrão de união afetiva e sexual em meio a esta efervescência das novas maneiras de amar divulgadas pelos discursos impressos como dispositivos políticos, nas modernas

---

<sup>358</sup> Alguns títulos referenciados pela autora: POMEROY, Wardell B. *Guia Sexual da moça moderna*. Portugal: Publicações Europa América, 1975; GENDRON, Lionel. *O homem e a arte de amar*. Portugal: Publicações Europa América, 1975; ambos da Coleção Biblioteca do Homem e da Mulher. Note-se que, nestes títulos, o foco da sexualidade aparece independente da idéia de casamento, ao passo que no período estudado (1940 - 1950) as discussões sobre a sexualidade estavam quase sempre contidas em manuais com títulos alusivos à instituição matrimonial. É válido ressaltar aqui também alguns títulos semelhantes publicados ainda nos dias de hoje, como: DY CEBOLA, Eliana. *Sexo - o poder da mulher*. São Paulo: Quatrucci, 2000; BERMAN, Maggie, ANDERSON, Dan. *Dicas de sexo para mulheres - por um homem gay*. Pinheiros: Editora Jaboticaba, 2003; GAIL, Sheehy. *O sexo e a mulher madura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. Todos encontrados no site hospedeiro de sebos virtuais: [www.estantevirtual.com.br](http://www.estantevirtual.com.br)

<sup>359</sup> Ibidem. Pg. 242

transformações que surgiam. Entre estas alterações, é possível notar com destaque uma nova moral delimitadora de comportamentos e atitudes das mulheres que, a partir de então, passariam a empregar outros métodos de sustentação da felicidade e do equilíbrio em seu cotidiano conjugal. O que anteriormente era tarefa masculina - a condução do jogo sexual na vida a dois, agora torna a se legitimar como mais uma ocupação feminina para prover a conservação da vida conjugal no casamento moderno. A mulher, que tem direito à liberação de seus desejos para a sua satisfação sexual, passa a ter o dever de utilizar suas habilidades recém conquistadas para a manutenção da felicidade em comum, obrigatória e imperativa, concretizada pela sexualidade inserida e realizada na vida conjugal. Como afirma Neckel a este respeito, "o discurso liberador assumia dessa forma o caráter normatizador que o discurso chamado 'repressivo' tinha anteriormente. É uma 'nova moral' travestida de liberação, ou seja, um conjunto de ordens cuja intensidade dos discursos sobre o sexo é indicativo de um dispositivo de poder que, ao mesmo tempo que libera, também define comportamentos e atitudes."<sup>360</sup>

Dentre estas "pressões da liberdade" que incitam certa obrigatoriedade à experimentação máxima da satisfação sexual, tanto por homens quanto por mulheres, pode-se perceber, ainda hoje, uma constância no investimento de toda espécie sobre a sexualidade humana. Os discursos de subjetivação arrolados em dispositivos como a literatura, a televisão, o cinema, o teatro - nas mais variadas formas, procuram instituir e reforçar valores sociais e culturais a serem seguidos como padrões de conduta e comportamento aos indivíduos contemporâneos. O alcance da felicidade e do prazer sexual, o desempenho máximo da sexualidade vivenciada em todas as formas possíveis e disponíveis no mundo, aliados às preocupações com a saúde do corpo e sua manutenção pelo controle médico da sexualidade - são todos princípios a serem seguidos pelos sujeitos na composição de suas verdades sobre o sexo. Dentro deste jogo de definições da subjetividade, o casamento parece não estar isolado do que se considera como paradigma da felicidade na contemporaneidade, ainda que esta felicidade esteja muito mais vinculada aos problemas da satisfação

---

<sup>360</sup> Ibidem. Pg. 247

sexual e amorosa puramente pessoal e individual do que à necessidade da organização da família como "base fundamental" da sociedade.<sup>361</sup>

Pela observação constante de diversas mensagens divulgadas pela mídia impressa e televisiva, como pela literatura em suas diferentes faces e outros dispositivos de subjetivação, presenciamos nos últimos anos do século XXI um certo "retorno" - mesmo que acanhado e totalmente resignificado - dos "atrativos" do casamento como padrão da união conjugal. Seja pelo charme e encanto da cerimônia, sejam pelas conveniências de uma viagem de lua de mel que pode "temperar" a relação, os protocolos das cerimônias matrimoniais cada vez mais pomposas nos mais pormenorizados detalhes estão a cada dia mais solicitados por casais de todas as classes sociais e credos religiosos no Brasil. A despeito da crença habitual de que o casamento tradicional selado pela cerimônia clássica passa por uma fase *démodé*, é só observarmos o crescimento do setor econômico de organização de festas de casamento nos últimos anos no Brasil e nos Estados Unidos, além de programas televisivos no formato de *reality shows*, que demonstram a intenção explícita em indicar padrões e normalizar as condutas conjugais do público espectador. Em alguns exemplos, estão: "Operação Casamento", "Casamentos Espetaculares", "Recém-casados, recém-brigados", "Uma semana para salvar seu casamento", "A super babá"<sup>362</sup>, entre outros formatos elucidativos dos códigos divulgados ao público como meio de construir protótipos de comportamento e desejos a serem alcançados no cotidiano em que vivemos.

Neste contexto, as telenovelas brasileiras, cujo sucesso de audiência é notável na transmissão diária pelos canais da televisão aberta, são também veículos de divulgação das mensagens e discursos que buscam padronizar as aspirações do público espectador. Os diálogos

---

<sup>361</sup> Francisco Ortega, neste sentido, aponta críticas ao modelo da família como padrão rígido de conduta na organização política de nosso tempo. Ao se desenvolver o paradigma da "vida em comum" como base dos relacionamentos afetivos, a busca por identificação, relações de afinidade e homogeneização dos comportamentos subjetivos promovem um esvaziamento do político pela exclusão de tudo o que se considera como diferente, dinâmico, desviante do comum. Por este motivo, o autor propõe a procura das sensibilidades afetivas para além da proposta matrimonial, no abandono das formas rígidas dos grupos identitários que desvirtuam a liberdade e a promoção da ação, configurada na própria definição da existência humana como indicação política da vida. Cf. ORTEGA, Op. Cit.

<sup>362</sup> Todos são programas produzidos nos Estados Unidos da América e na Inglaterra, e transmitidos no Brasil em canais de televisão por assinatura. Algumas franquias são importadas por canais de televisão aberta no Brasil, que transmitem a versão estrangeira ou produzem modelos semelhantes adaptados para o cotidiano sócio cultural do país.

intermináveis sobre a vida afetiva, amor e sexualidade na vida conjugal, manutenção da vida em família pelas heroínas protagonistas, as cenas felizes dos casamentos no final da trama, são todos procedimentos pedagógicos de construção dos ideais sociais a serem perseguidos pelos indivíduos. De forma semelhante, a produção de séries permanentes como a "Malhação" na rede Globo de televisão, procura delinear os princípios da moralidade social a serem valorizados na atuação de personagens virtuosos e honestos, assim como nas atitudes a serem rejeitadas dos vilões corruptos e desmoralizados nas histórias trabalhadas. Nesta série específica, a função pedagógica de que certas mensagens são incumbidas na divulgação para o público adolescente são facilmente perceptíveis nas discussões sobre sexualidade, amor, saúde, comportamento afetivo, educação, entre outros tópicos sempre investidos pelos autores destes roteiros.

Do mesmo modo, os diversos títulos disponíveis nos "guias matrimoniais" contemporâneos que tratam sobre o tema, como *Casamento e Família*, de Adriana Wagner, editado pela Nau em 2001; *Da sedução ao casamento: o livro do Amor*, escrito por Ailton da Silva e publicado pela Caras em 2002; e *Antes do sim: tudo o que a mulher precisa avaliar para o casamento*, de Adriana Costalunga e lançado pela editora Idéia e Ação em 2009, são elucidativos de uma permanência destes ideais que, ainda em nossos dias, continuam sendo divulgados e trabalhados de forma constante e ativa, ainda que redefinidos pelos anseios contemporâneos de felicidade pessoal e individualizada.

Com outros objetivos e finalidades bem diversas dos manuais analisados - nos sacrifícios da "doação social" que o casamento impunha como etapa obrigatória na vida de um indivíduo, ou no casamento eterno e indissolúvel como compulsão do sucesso individual, hoje a união conjugal se manifesta muito mais como um meio de satisfação e realização pessoal, ou até mesmo como o próprio atributo da felicidade individual.<sup>363</sup> São sensibilidades que já os guias matrimoniais da primeira metade do século XX procuravam fomentar, e que hoje persistem com uma roupagem distinta daquele momento. O que denota a permanência de um discurso que apresenta também

---

<sup>363</sup> É necessário ressaltar aqui as diversas modalidades do que se considera como união conjugal no mundo contemporâneo, diferentemente do matrimônio judicialmente legalizado aludido nos guias matrimoniais estudados. Nos dias de hoje, além da oficialização matrimonial pelos protocolos tradicionais tão valorizados pelos casais, há que se considerarem igualmente outras formas de união, como a união estável conjugal, tanto heterossexual como homossexual, para citar exemplos mais recorrentes.

rupturas na própria resignificação de suas concepções nos diferentes momentos. As sensibilidades afetivas, a construção do amor romântico e privado que dá corpo e sentido à união conjugal, a ampliação do prazer sexual como propriedade da satisfação individual, são todos componentes de um imaginário formado pelos anseios de uma "uniformização" dos comportamentos, como um projeto político que compreende a vida no centro de suas ações. Um plano Biopolítico que, através de propósitos e procedimentos diversificados<sup>364</sup>, aciona a sustentação da vida como pilar fundamental dos intentos coletivos, e mais especificamente, ocidentais, nos diferentes momentos em que opera e na arquitetura de seus intuítos sociais.

---

<sup>364</sup> Entre os propósitos oriundos do investimento no casamento tradicional como padrão de conduta social, estão a preocupação com a regulação da saúde dos indivíduos na vida conjugal, assim como a acomodação social dos sujeitos em atitudes com finalidades coletivas nas "obrigações" individuais – sobre o período estudado neste trabalho. Na reflexão sobre os desdobramentos contemporâneos destes planos coletivos, pode-se pensar nas necessidades capitalistas que ampliam e desenvolvem um setor da economia social atual: o da preparação das cerimônias matrimoniais, que abarca uma rede de atividades comerciais pela qual a economia é reforçada, podendo conservar o anseio sempre ampliado do "casamento dos sonhos" de quase todos os casais.



## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AREND, Silvia. *De exposto a menor abandonado: uma trajetória jurídico social (Brasil, 1828 – 1927)*. In: VENANCIO, Renato P. Filhos da Piedade. Uma história dos expostos no Brasil e em Portugal. No prelo.

ÀRIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2ª ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Editora JC, 1981.

BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

BELTRÃO, Kaizô I; NOVELLINO, Maria Salet. *Alfabetização por raça e sexo no Brasil: evolução no período 1940-2000* - Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2002

BHABHA, Homi. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2001.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre interpretes do Brasil*. São Paulo: EdUNESP, 2005.

BURKE, Peter. *O que é Historia Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CAMARGO, Mario de. *Grafica: Arte e indústria no Brasil. 180 anos de história.* 2ª Ed. São Paulo: Bandeirantes Gráfica, 2003.

CARDOSO, Rafael [org]. *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870 - 1960.* São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CARRARA, S. L. e RUSSO, J. A. *A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda.* Revista História, Ciências, Saúde. Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9 (2): 273 - 290, maio - ago. 2002.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer.* Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. *Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação.* Tradução de Maria L. M. Matencio. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

\_\_\_\_\_ *A Aventura do livro. Do leitor ao navegador.* Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

CORRÊA, Denise A. *A educação física escolar nas reformas educacionais do ensino secundário no governo de Getúlio Vargas.* In: VIII Congresso Nacional de Educação - Educere: Formação de Professores edição internacional, 2008, Curitiba. Anais do Evento. Curitiba : Champagnat, 2008. v. 1. p. 221-234.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Medica e Norma Familiar.* 2ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

\_\_\_\_\_. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da Sedução. Os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. *Tenha Modos! Manuais de Civilidade e Etiqueta na Escola Normal. (1920-1960)*. In: Comunicação Coordenada: De cor e salteado para ver e viver: lições em manuais do século XIX e XX. VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Uberlândia – MG. 17 – 20 de Abril de 2006.

DELA-SILVA, S. C. *A língua portuguesa no Jornal do Comércio: as colunas de Cândido de Figueiredo*. In: XXI Encontro Nacional da Anpoll - Domínios do saber: histórias, instituições, práticas, 2006, São Paulo. Comunicações do Grupo de Trabalho em Análise de Discurso da Anpoll, 2006.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004

DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de prazer. A sexualidade através da leitura no início do século*. Campinas: Editora Unicamp, 1999.

DONZELOT, Jacques. *A Policia das Famílias*. 2ª ed. Tradução de M. T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

DUARTE, André. *Sobre a biopolítica: de Foucault ao século*. In: Revista Cinética, v. 1, p. 1-16, 2008.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização*. Vol. 02. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

FELDMAN, Ilana. *Reality Show: um dispositivo biopolítico*. In: Revista Cinética. v. 1, p. 1-30, 2008.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A medicalização do sexo ou o amor perfeito*. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. (Orgs) Falas de Gênero. Florianópolis: Mulheres, 1999.

\_\_\_\_\_ *Tecnologia e Estética do Racismo: Ciência e Arte na política da Beleza*. Chapecó: Argos, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_ *História da Sexualidade I: A vontade de Saber*. Tradução de Maria Thereza C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_ *A História da Sexualidade II: O uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_ *História da Sexualidade III: O Cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_ *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Tradução de Andrea Daher. Rio de Janeiro: Horge Zahar Editora, 1997.

\_\_\_\_\_ *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GAY, Peter. *A Experiência Burguesa da rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. Tradução Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as histórias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil. Sua História*. São Paulo: Ed. USP, 1985.

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Aberto M. [Orgs.] *A invenção do Brasil Moderno. Medicina, Educação e Engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Tradução de Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1986.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Lições de Casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de Emoções. Corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

MCEWAN, Ian. *Na Praia*. Trad. de Bernardo C. Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NECKEL, Roselane. *Pública Vida Íntima. A sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969 - 1979)*. Tese de Doutorado em História. Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 2004.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade. Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009.

PECHMAN, Robert Moses. *Cidades estreitamente vigiadas: o detective e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

PEIXOTO, Afrânio. *Eunice ou a educação da mulher*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Editores, 1944.

POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Edusp, 2003.

MICELI, Sérgio. [org.] *História das Ciências Sociais no Brasil. Volume 01*. São Paulo: Vértice, 1989.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A distinção e suas normas: leituras e leitores dos manuais de etiqueta e civilidade – Rio de Janeiro, século XIX*. In: Acervo: Revista do Arquivo Nacional. Vol. 8. Nº 01/02. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça, Janeiro/ Dezembro 1995.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível. Estética e política*. Tradução de Monica Netto. São Paulo: Editora 34, 2005. Pg. 59

ROLNIK, Sueli. *Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina - UFRGS, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil*. Vol 03. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A Eugenia no Brasil: Ciência e Pensamento Social no Movimento Eugenista Brasileiro do Entre-Guerras*. In: XXIII Simpósio Nacional de História: Guerra e Paz, 2005, Londrina. Anais Suplementar do XXIII Simpósio Nacional de História, 2005.

STEPAN, Nancy Leys. *A Hora da Eugenia. Raça, Gênero e Nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

STEPHANOU, Maria. *Medicina e Discurso Científico Para a Educação*. In: 23ª Reunião Anual da Anped. Caxambu - RJ. 2000. CD ROM.

\_\_\_\_\_. *Saúde, higiene e civilidade em manuais*. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação, 2004. Curitiba/PR. A Educação Escolar em Perspectiva Histórica. Curitiba/PR: Universitária Champagnat, 2004.

TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor. A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VIEIRA, Renato Luiz. *Consagrados e Malditos. Os intelectuais e a Editora Civilização Brasileira*. Brasília: Thesaurus, 1998.

**Documentos:**

Papa Pio XI. Carta Encíclica *Casti Connubii*. Roma, Santa Sé: 31/12/1930.

Papa Paulo VI. Carta Encíclica *Humanae Vitae*. Roma, Santa Sé: 25/06/1968.

Lei nº 3.071 – 01/01/1916. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Livro I: Do Direito de Família. (Art. 180 a 484)

**Periódicos:**

Revista semanal *O Cruzeiro* – Abril a Junho de 1932

Revista semanal *O Cruzeiro* – Abril a Junho de 1949

Revista semanal *Jornal das Moças* – Outubro a Dezembro de 1949

**Sítios da Internet:**

- <http://www.estantevirtual.com.br>
- <http://www.answers.com/topic/marie-stopes>
- <http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/Wstopes.htm>
- <http://www.filologia.org.br>
- <http://www.novomilenio.inf.br>
- <http://www.vatican.va>
- <http://www.ibdfam.org.br>
- <http://www.fcl.com.br>
- <http://findingaids.cjh.org>
- <http://historiasdamedicina.blogspot.com>
- <http://www.soleis.adv.br>